

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

LUIZ FERNANDO FERREIRA

**Tempo e aspecto na expressão de contrafactualidade:  
Uma análise a partir de línguas de sistemas temporais distintos**

São Paulo

2022



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

LUIZ FERNANDO FERREIRA

**Tempo e aspecto na expressão de contrafactualidade:  
Uma análise a partir de línguas de sistemas temporais distintos**

**Versão Corrigida**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lucia de Paula Müller

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F383t      Ferreira, Luiz Fernando  
            Tempo e aspecto na expressão de  
            contrafactualidade: uma análise a partir de línguas  
            de sistemas temporais distintos / Luiz Fernando  
            Ferreira; orientadora Ana Müller - São Paulo, 2022.  
            424 f.

            Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
            Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
            Departamento de Linguística. Área de concentração:  
            Semiótica e Linguística Geral.

            1. Contrafactualidade. 2. Tempo. 3. Aspecto. 4.  
            Línguas Indígenas. 5. Tipologia Linguística. I.  
            Müller, Ana, orient. II. Título.

Nome: FERREIRA, Luiz Fernando  
Título: Tempo e aspecto na expressão de contrafactualidade: Uma análise a partir de línguas de sistemas temporais distintos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovado em 24 de março de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr.	Marcelo Ferreira
Instituição:	Universidade de São Paulo
Julgamento:	Aprovado
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup>	Luciana Sanchez Mendes
Instituição:	Universidade Federal Fluminense
Julgamento:	Aprovado
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup>	Brenda Laca
Instituição:	Universidad de La República de Uruguay
Julgamento:	Aprovado



Dedico este trabalho às minhas irmãs Fernanda e Tatiana por todo incentivo que me deram e que, sem elas, não estaria aqui.





## **Agradecimentos**

Com a finalização de meu doutorado, há inúmeros agradecimentos para fazer. Primeiramente, gostaria de agradecer ao CNPq (processo 142209/2017-1) por ter financiado meu doutorado no Brasil e à CAPES (processo 88887.370125/2019-00) por ter financiado meu doutorado sanduíche no exterior. Por ser proveniente de uma família humilde, essas bolsas foram vitais para que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa. Bolsas como essas são essenciais para a pesquisa acadêmica e é muito triste escrever essa tese enquanto essas agências passam por frequentes desmontes no atual governo.

Tenha várias pessoas às quais gostaria de agradecer. Pessoas essas que, de algum modo, me ajudaram a chegar aqui. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família – minhas irmãs Tatiana e Fernanda e minha mãe Joelita – por sempre acreditar em mim e me fornecer o apoio necessário.

Tive a sorte de ter colegas maravilhosos durante a Pós-graduação em Linguística da USP. São eles: Aline Benevides, Ana Carolina, Andressa Toni, Claudia Souza, Fernanda Rosa, Karin Vivanco, Karolyn Obert, Lucas Shimoda, Marcela Freitas, Monique Amaral, Maria Eugênia Martins Barcellos, Rodrigo Aparecido Souza e Wellington Santos da Silva. Nós compartilhamos dicas, quartos de hotéis em congressos, aflições da vida acadêmica e muitas risadas.

Também gostaria de deixar meus sinceros agradecimentos aos funcionários do Departamento de Linguística Érica Flávia e Róbson Dantas. Eles desempenham suas funções com uma competência ímpar e seus trabalhos são vitais para as pesquisas do departamento.

Durante meu doutorado sanduíche em Boston, encontrei uma segunda família. São eles: Daniela Faus, Gabriel Medeiros, Lucas Araújo, Ricardo Alves, Maria Clara Zanon, Nara Andrade, Talita Gonçalves, André Carvalho, Filipe Benvenuto, Jamille Valois e Natan Baptista. São pessoas sensacionais e eu poderia escrever páginas e páginas e ainda seria pouco para descrever o quanto vocês foram e são importantes para mim.

Agradeço aos professores que colaboraram com a minha formação nesses quatro anos de pesquisa: Ana Scher, Esmeralda Negrão, Evani Viotti, Kai von Fintel, Luciana Storto, Marcelo Ferreira, Norvin Richards e Olga Coelho.

Sou eternamente grato aos meus consultores Karitiana – Elivar Karitiana, Mary Karitiana, Inácio Karitiana, Julenylsa Karitiana, Luiz Carlos Karitiana, Orlando Karitiana,

Edilene Karitiana e Vivaldo Karitiana – que tiveram muita paciência para responder aos meus questionários e testes. Eles sempre foram super prestativos, pacientes e interessados em participar da pesquisa e a contribuição deles foi vital para este trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer a minha orientadora Professora Doutora Ana Müller. Conheço Ana há 11 anos. Ela foi a primeira professora com quem tive contato na graduação e, com este trabalho, encerramos um ciclo muito importante da minha carreira acadêmica. Tenho muita sorte de contar com a orientação da Ana durante toda a minha formação e, por isso, ela sempre terá minha admiração, respeito e carinho.

O mundo real tem seus limites; o mundo imaginário é infinito.

(ROUSSEAU, 1995, p. 63)



## Resumo

FERREIRA, L. F. Tempo e aspecto na expressão de contrafactualidade: Uma análise a partir de línguas de sistemas temporais distintos. 2021. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Sentenças contrafactuais implicam que a situação que elas descrevem é falsa (IATRIDOU, 2000). Por exemplo, ‘eu queria ter um carro’ é contrafactual porque implica que o falante não tem um carro. Poucas línguas possuem um morfema especializado em contrafactualidade. A maioria delas usa um modal acrescido de morfologia de passado e/ou aspecto imperfeito para expressar contrafactualidade (IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). Isso está ilustrado no exemplo acima no qual o verbo ‘querer’ é marcado com passado, mas o desejo é no presente. Apesar de tempo e aspecto apresentarem um comportamento diferente em construções contrafactuais, muitos autores assumem que o tempo é o ingrediente mais relevante e que de fato contribui para expressar o sentido contrafactual. Por exemplo, Steele (1975) assume que há algo universal que liga a semântica do passado e a semântica de irrealis. Essa análise é corroborada por línguas, como o português brasileiro e como o Karitiana, nas quais é usado em contrafactuais morfemas que remetam ao passado como o *futuro do pretérito* e o não-futuro. No entanto, nem todas as línguas usam o passado (VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008) e essa variação morfológica é um problema para uma perspectiva universal. Assumimos que a perspectiva universal pode ser sustentada assumindo-se que se tratam de universais semânticos que recebem diferentes *spell outs* de acordo com a gramática de uma língua. Ilustramos isso comparando orações contrafactuais de línguas de sistemas temporais distintos, a saber, o Karitiana (tronco Tupi), do sistema futuro vs. não-futuro, e o português brasileiro, do sistema passado vs. não passado. Mostramos como é possível explicar os ingredientes contrafactuais de acordo com as gramáticas dessas línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contrafactualidade, Tempo, Aspecto, Línguas indígenas, Tipologia.



## Abstract

FERREIRA, L. F. Tense and aspect in counterfactuality expression: An analysis with languages with distinct temporal systems. 2021. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Counterfactual sentences implicate that the situation they describe is false (IATRIDOU, 2000). For instance, ‘I wish I had a car now’ is counterfactual since it implicates that the speaker does not have a car. Few languages have a morpheme specialized in counterfactuality. Most languages use a modal plus past tense and/or imperfective aspect to express counterfactuality (IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). This is illustrated by the example above in which the verb ‘had’ is in the past even though the wish is having a car in the present. Despite the fact that tense and aspect behave differently in counterfactual constructions, many authors assume that tense is the most important ingredient and that it contributes to express counterfactuality. For example, Steele (1975) assumes there is something universal linking those two meanings. Languages such as Brazilian Portuguese and Karitiana, in which counterfactual constructions need a morpheme that refers to the past as *Pretérito Imperfeito* and non-future corroborate this. However, not all languages use past (VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008) and this morphological variation constitutes a problem for a universal approach. We claim that the universal approach can be indeed sustained if one assumes that there are semantic universals that receive different *spell outs* according to the grammar of the language. We illustrate comparing counterfactual sentences from languages with distinct temporal systems: Karitiana which is a future vs. non-future language and Brazilian Portuguese which is a Past vs. non-past language. We show that it is possible to analyze and predict the counterfactual ingredients of a language based on aspects of its grammar.

**KEYWORDS:** Counterfactuality, Tense, Aspect, Indigenous language, Typology.





## Resumen

FERREIRA, L. F. Tiempo y aspecto en la expresión de la contrafactualidad: Un análisis con lenguas con sistemas temporales distintos. 2021. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Las oraciones contrafactuales implican que la situación que describen es falsa (IATRIDOU, 2000). Por ejemplo, "eu queria ter um carro" es contrafactual porque implica que el hablante no tiene automóvil. Pocos idiomas tienen un morfema especializado en contrafactualidad. La mayoría de ellos usa una morfología modal con una morfología de pasado y / o un aspecto imperfecto para expresar la contrafactualidad (IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). Esto se ilustra en el ejemplo anterior en que el verbo 'querer' está marcado con un pasado, pero el deseo está en el presente. Aunque los morfemas de tiempo y aspecto se comportan de manera diferente en las contrafactuales, muchos lingüistas asumen que el tiempo es lo más importante y que contribuye de alguna manera a la expresión de la contrafactualidad. Por ejemplo, Steele (1975) asume que hay algo universal que vincula la semántica del pasado y la semántica de lo irreal. Este análisis está corroborado por idiomas como el portugués brasileño y el Karitiana en que se utiliza en las contrafactuales una morfología que remite al pasado como el pretérito imperfecto y el no-futuro. Sin embargo, no todas las lenguas usan el pasado (VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008) y esta variación morfológica es un problema para una perspectiva universal. Asumimos que la perspectiva universal puede sostenerse asumiendo que son universales semánticos que reciben diferentes deletreos según la gramática de un idioma. Ilustramos esto a través de la comparación de oraciones contrafactuales de idiomas con sistemas temporales distintos: Karitiana, que tiene un sistema futuro versus no futuro y el portugués brasileño, que es un idioma que tiene sistema pasado versus no pasado. Demostramos cómo es posible analizar y predecir sus ingredientes contrafactuales de una lengua en función de aspectos de su gramática.

**PALABRAS-CLAVE:** Contrafactualidad, Tiempo, Aspecto, Lenguas indígenas, Tipología.



## Lista de Figuras

---

<b>FIGURA 1</b> - INÍCIO DO STORYBOARD "BILL CONTRA O TEMPO" .....	54
<b>FIGURA 2</b> - STORYBOARD MODALIDADE BULÉTICA.....	55
<b>FIGURA 3</b> A CLASSIFICAÇÃO DAS CONDICIONAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	207
<b>FIGURA 4:</b> EVOLUÇÃO DA MORFOLOGIA CONTRAFCTUAL .....	279
<b>FIGURA 5:</b> EVOLUÇÃO DA MORFOLOGIA CONTRAFCTUAL NO PB.....	281



## **Lista de Tabelas**

<b>TABELA 1</b> SUMÁRIO DOS RESULTADOS DA SEÇÃO DE TREINAMENTO .....	62
<b>TABELA 2</b> SEMÂNTICA DOS TEMPOS VERBAIS DO INDICATIVO NO PB .....	115
<b>TABELA 3</b> SEMÂNTICA DOS TEMPOS VERBAIS DO SUBJUNTIVO NO PB.....	124
<b>TABELA 4</b> MORFEMAS DE TEMPO, ASPECTO E MODO EM KARITIANA.....	140



## Lista de abreviaturas e siglas

---

<b>1</b>	Primeira pessoa
<b>2</b>	Segunda pessoa
<b>3</b>	Terceira pessoa
<b>ADV</b>	Adverbializador
<b>ANAF</b>	Anafórica
<b>ASS</b>	Modo Assertivo
<b>CAUS</b>	Causativo
<b>CF</b>	Contrafactual
<b>CFO</b>	Construção de foco do objeto
<b>COND</b>	Modo Condicional
<b>COP</b>	Cópula
<b>DECL</b>	Modo declarativo
<b>DEI</b>	Dêitico
<b>DEO</b>	Modo deôntico
<b>DES</b>	Desiderativo
<b>F</b>	Feminino
<b>FUT</b>	Tempo futuro
<b>HAB</b>	Habitual
<b>INCEP</b>	Inceptivo
<b>INCL</b>	Inclusiva
<b>IND</b>	Modo Indicativo
<b>INF</b>	Infinitivo
<b>INV</b>	Voz inversa
<b>IPFV</b>	Imperfectivo
<b>ITE</b>	Iterativo
<b>N</b>	Não
<b>NEG</b>	Negação
<b>NMLZ</b>	Nominalizador
<b>OBL</b>	Caso oblíquo
<b>PB</b>	Português Brasileiro
<b>PFT</b>	Perfeito

<b>PFV</b>	Perfectivo
<b>PL</b>	Plural
<b>PROG</b>	Progressivo
<b>PRS</b>	Presente
<b>PST</b>	Passado
<b>REF</b>	Aspecto referencial
<b>SG</b>	Singular
<b>SBJV</b>	Modo Subjuntivo
<b>VE</b>	Vogal Epentética



## SUMÁRIO

---

Apresentação de dados .....	29
Capítulo 1 - Introdução.....	31
1.1 Hipóteses defendidas .....	36
1.2 Organização da tese .....	38
Capítulo 2 - Metodologia.....	39
2.1 A elicitación de dados contextualizada .....	41
2.1.1 Análise de dados já existentes .....	42
2.1.2 Traduções.....	43
2.1.3 Traduções contextualizadas .....	47
2.1.4 Coleta contextualizada com arcos de histórias .....	52
2.1.5 Coleta de histórias com storyboards .....	53
2.1.6 Tarefa de julgamento de valor de verdade em contextos .....	56
2.1.7 Questionários .....	58
2.1.8 Recapitulando .....	59
2.2 Métodos de controle.....	60
2.2.1 Seções de treinamento .....	60
2.2.2 Condições de controle .....	63
2.3 Recapitulando .....	65
Capítulo 3 - Noções básicas para as categorias de tempo, aspecto e modo .....	67
3.1 Tempo na Semântica Formal .....	68
3.2 Aspecto na Semântica Formal .....	77
3.3 Modo na semântica formal .....	84
3.3.1 Mundos possíveis .....	85
3.3.2 Proposições.....	86

3.3.3 Modalidade.....	87
3.4 Recapitulando.....	91
Capítulo 4 - O Português Brasileiro .....	93
4.1 Os tempos gramaticais do modo indicativo .....	94
4.1.1 O presente .....	96
4.1.2 O pretérito perfeito.....	102
4.1.3 O pretérito imperfeito.....	106
4.1.4 O pretérito mais-que-perfeito.....	108
4.1.5 O futuro do presente.....	109
4.1.6 O futuro do pretérito .....	112
4.1.7 Recapitulando.....	114
4.2 Os tempos gramaticais do modo subjuntivo .....	115
4.2.1 O presente .....	116
4.2.2 O pretérito imperfeito.....	118
4.2.2 O futuro .....	121
4.2.3 Recapitulando.....	123
4.3 Recapitulando.....	125
Capítulo 5 - O Karitiana.....	127
5.1 Tempo em Karitiana.....	128
5.2 Aspecto em Karitiana.....	132
5.3 Modo em Karitiana .....	138
5.4 Recapitulando.....	140
Capítulo 6 – Orações contrafactuais .....	141
6.1 Contrafactuais Condicionais .....	142
6.1.1 A estrutura sintática das orações condicionais.....	143
6.1.2 A estrutura semântica das orações condicionais .....	144
6.1.3 Tempo, aspecto e modo em ambientes contrafactuais condicionais.....	156

6.2 As contrafactuais buléticas .....	176
6.3 Recapitulando .....	182
Capítulo 7 - Contrafactuais no Português Brasileiro .....	185
7.1 Contrafactuais buléticas no Português Brasileiro .....	185
7.1.1 O paralelo entre CF buléticas inalcançáveis e CF condicionais no PB .....	187
7.1.2 A morfologia das subordinadas nas contrafactuais do PB .....	193
7.1.3 A morfologia das orações matrizes nas contrafactuais buléticas do PB.....	198
7.2 Contrafactuais condicionais .....	204
7.2.1 A morfologia das subordinadas nas contrafactuais condicionais do PB .....	209
7.2.2 A morfologia das sentenças matrizes nas contrafactuais condicionais do PB .....	212
7.4 Recapitulando .....	217
Capítulo 8 - Contrafactuais em Karitiana .....	221
8.1 Contrafactuais buléticas em Karitiana .....	221
8.1.1 As estruturas buléticas do Karitiana .....	221
8.1.1 As orações subordinadas das contrafactuais buléticas .....	230
8.1.2 As orações matrizes das contrafactuais buléticas .....	235
8.2 Contrafactuais condicionais em Karitiana .....	246
8.2.1 As estruturas contrafactuais condicionais.....	255
8.2.2 A morfologia das matrizes nas contrafactuais condicionais.....	264
8.3 O paralelo entre contrafactuais condicionais e buléticas .....	270
8.4 Recapitulando .....	271
Capítulo 9 - Uma proposta universal para contrafactuais.....	273
Capítulo 10 - Conclusões.....	285
Referências .....	289
Anexos .....	297
Anexo A – Dados referentes as coletas em textos sobre a língua Karitiana .....	299
Anexo B – Dados referentes ao Questionário sobre Modos (QM) .....	307

Anexo C – Dados referentes ao Questionário de sentenças buléticas (QB) .....	313
Anexo D – Dados referentes ao Questionário de Condicionais (QC).....	327
Anexo E – Dados referentes ao Questionário de verificação de Gramaticalidade de Contrafactuais (QGC) .....	353
Anexo F – Dados referentes ao Questionário de estruturas buléticas (QEB) .....	369
Anexo G – Dados referentes ao Questionário temporal (QT) .....	381

## APRESENTAÇÃO DE DADOS

---

Os exemplos presentes nesta tese estão identificados inicialmente por números entre parênteses separados por um ponto como ilustrado abaixo.

(1.1) Se João fosse uma pessoa legal, ele teria amigos.

O número antes do ponto remete ao capítulo da tese no qual se encontra o exemplo e o número após o ponto está relacionado ao número do exemplo dentro do capítulo. Por exemplo, o número (1.1) acima indica que esse é o primeiro exemplo do primeiro capítulo. Os exemplos são retomados no texto sempre entre parênteses.

Os exemplos em português e em inglês não serão glosados quando não houver uma análise morfológica sendo feita e aparecem na tese como ilustrado no exemplo acima. Quando for feita uma análise morfológica do verbo, os exemplos do português aparecerão com uma segunda linha com a glosa que mostra a análise adotada como ilustrado abaixo.

(1.5) Se João chegasse amanhã, eu ficaria feliz.  
chegar.PST.IPFV.SBJV      ficar.FUT.PST.IND

Os exemplos do Karitiana são apresentados com seus respectivos contextos (quando houver) e a apresentação é feita em 5 linhas como ilustrado abaixo.

(nº)    **Contexto (quando houver)**

*transcrição ortográfica*

**segmentação morfológica**

**glosa morfema a morfema**

**tradução**

**(Código de identificação ou referência)**

Os exemplos seguem os padrões de apresentação, segmentação e glosa de Leipzig – *the Leipzig Glossing Rules* (COMRIE, HASPELMATH e BICKEL, 2015). A primeira linha, em itálico, apresenta a transcrição ortográfica na língua Karitiana. A segunda linha é

destinada para a segmentação morfológica. A terceira linha é destinada para a glosa dos morfemas. A quarta linha é destinada para a tradução em português. Por fim, a quinta linha traz um código que identifica o dado caso ele tenha sido coletado pelo autor ou as referências caso ele seja proveniente de outro trabalho. O código de identificação do dado possui três partes separadas por pontos (XXXX.YYYY.ZZZZ). A primeira parte identifica o teste no qual o dado foi coletado, a segunda identifica o consultor que forneceu o dado e a terceira parte identifica a data de coleta do dado. Já os dados provenientes de outros trabalhos não terão esse código, mas as referências bibliográficas com autor, ano e página. Os dados do Karitiana provenientes de outras fontes terão suas segmentações, glosas e traduções adaptadas para a análise adotada nesta tese de modo que a apresentação fique coerente.

Quando citados no texto, os morfemas aparecem da seguinte forma: prefixos aparecem com um traço sucedendo o morfema (p. ex. im-) e sufixos aparecem com um traço antecedendo o morfema (p. ex. -ável). Partes do morfema que são opcionais a depender do contexto aparecem entre parênteses (p. ex. *na(ka)*- onde *ka* pode ou não ocorrer dependendo do contexto fonológico). Todos os morfemas e dados de outras línguas no corpo do texto aparecem em itálico.

Os dados provenientes de outras línguas serão apresentados conforme ilustrado abaixo. A primeira linha identificará a língua e as linhas subsequentes apresentarão as segmentações e glosas mantendo exatamente como no trabalho original. Todos os dados de outras línguas foram coletados em outros trabalhos e a última linha trará as referências de onde o dado foi obtido com autor, ano e página.

(1.4) *Grego Moderno*

an **pandrevotan** mia prigipisa, θa **Esoze** tine Teria tu.  
se casar.PST.IPFV uma princesa FUT salvar.PST.IPFV a empresa sua  
'Se ele casasse com uma princesa, ele salvaria sua empresa.'

(IATRIDOU, 2000, p. 236)

Como esses dados provêm de trabalhos escritos em inglês, a única adaptação que faremos será passar as glosas e tradução do inglês para o português. Todas as traduções foram feitas pelo autor desta tese.

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

---

Esta tese investigou a contribuição semântica de morfemas de tempo, aspecto e modo na expressão de contrafactualidade comparando dois sistemas distintos de língua: o passado vs. não passado e o futuro vs. não-futuro. Como representante do sistema passado vs. não-passado, escolhemos o português brasileiro (doravante PB) e como representante do sistema futuro vs. não-futuro, escolhemos a língua Karitiana.

Uma sentença é considerada contrafactual quando a situação que ela descreve é contrária aos fatos (IATRIDOU, 2000). Por exemplo, a sentença em (1.1) é um exemplo de contrafactual em PB porque, nessa sentença, a situação de *João ser uma pessoa legal* descrita pela matriz e a situação de *ele (João) ter amigos* descrita pela subordinada são contrárias aos fatos, ou seja, assume-se que João não é uma pessoa legal e nem tem amigos ao ouvir essa sentença.

(1.1) Se João fosse uma pessoa legal, ele teria amigos.

Um fato que é foco muita discussão na literatura sobre contrafactuals é o comportamento atípico da morfologia de tempo e aspecto nesse tipo de sentença. Esse comportamento é considerado atípico porque os morfemas de tempo e/ou aspecto se comportam de maneira distinta quando estão em uma oração contrafactual. Por exemplo, no inglês, a forma de passado simples não coocorre com advérbios com orientação temporal de presente (e.g. *now*) e nem com advérbios com orientação temporal de futuro (e.g. *tomorrow*). Esses fatos estão ilustrados respectivamente em (1.2a) e (1.2b).

(1.2) a. \*Mary **had** a dog **now**.

b. \*Mary **had** a dog **tomorrow**.

No entanto, essa restrição não se observa em orações contrafactuals. Por exemplo, em inglês, nas condicionais contrafactuals, a forma de passado simples pode ocorrer tanto com advérbios de presente como com advérbios de futuro como ilustrado respectivamente em (1.3a) e (1.3b).

- (1.3) a. If Mary **had** a dog **now**, she would be happy.  
 b. If Mary **had** a dog **tomorrow**, she would be happy.

Esse fato levou Iatridou (2000) a chamar a forma de passado que ocorre nesses contextos de PASSADO FALSO.<sup>1</sup> Essa forma de passado observada em contrafactuais seria falsa, pois ela não possui a mesma semântica que nos outros ambientes. O passado expressa uma semântica de anterioridade em relação ao momento da fala e é isso que gera a restrição observada em (1.2). O fato dessa restrição não existir em contrafactuais como (1.3) seria um indício de que a semântica do passado não é a mesma.

A autora também observou que esse fenômeno não é restrito a morfemas de tempo. O mesmo também parece ocorrer com morfemas de aspecto, ou seja, em ambientes contrafactuais também parece haver um ASPECTO FALSO.<sup>2</sup> Por exemplo, Iatridou (2000) argumenta que o evento na sentença em (1.4) é concebido perfectivamente. No entanto, a morfologia empregada é de aspecto imperfectivo.

(1.4) *Grego Moderno*

an **pandrevotan** mia prigipisa, θa **esoze** tine Teria tu.  
 se casar.PST.IPFV uma princesa FUT salvar.PST.IPFV a empresa sua  
 ‘Se ele casasse com uma princesa, ele salvaria sua empresa.’

(IATRIDOU, 2000, p. 236)

Mas por que esse comportamento inesperado ocorre com morfemas de tempo e aspecto em contrafactuais? Vários linguistas se dedicaram a explicar a razão por trás desse comportamento. Apesar do tempo passado e do aspecto imperfectivo serem falsos, a maioria das propostas foca no comportamento do passado, como veremos mais a frente. Quando o imperfectivo é analisado, ou assume-se que ele não possui nenhuma contribuição semântica nesses ambientes ou que a sua contribuição semântica é anulada por algum mecanismo gramatical. Em relação às propostas sobre a contribuição do passado, elas podem ser separadas em três linhas: (i) que há dois morfemas, o de passado e o de contrafactualidade e, por um acaso, eles são homófonos; (ii) há apenas um morfema, que é o passado, que possui uma semântica diferente em ambientes contrafactuais e nos demais ambientes e (iii) o passado

<sup>1</sup> *Fake Past* (tradução do autor).

<sup>2</sup> *Fake Aspect* (tradução do autor).



tem sempre a mesma semântica em qualquer ambiente, mas, em ambientes contrafactuais, ele é interpretado em um lugar diferente da estrutura semântica. Vamos discutir essas linhas explicativas em mais detalhes.

A primeira linha, para explicar o papel do passado, assume que as línguas possuem um paradigma de tempo e um outro paradigma para contrafactualidade e que esses paradigmas são homófonos (PORTNER, 1992). Sendo assim, a interpretação é diferente decorre do fato de se tratarem de morfemas distintos, mas que, por alguma razão, possuem a mesma forma.

A segunda linha, para explicar o papel do passado, assume que a morfologia de tempo tem uma interpretação modal em contrafactuais. Nessa linha, há algum mecanismo gramatical ou pragmático responsável por mudar a semântica desse morfema de modo que ele deixa de expressar temporalidade e passa a expressar contrafactualidade (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989; IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008).

Por fim, a terceira linha, para explicar o passado, assume que morfologia de tempo possui a mesma semântica dentro e fora das contrafactuais, mas nas contrafactuais essa semântica não está visível devido a algum mecanismo gramatical que a esconde (DUDMAN, 1983; 1984a; 1984b; HORNSTEIN, 1993; IPPOLITO, 2002; 2003; 2013; ARREGUI, 2005; FERREIRA, 2014; 2016).

A proposta de Portner (1992) que representa a primeira linha teórica não se sustenta. Os trabalhos tipológicos de van Linden e Verstraete (2008) e de James (1982) mostram que esse fenômeno ocorre em diversas línguas tipologicamente não relacionadas (e.g. inglês, japonês, papago (uto-Aztecan), cree (Algoquian), tonga (Bantu) entre outras). Então, seria improvável que, em todas elas, a morfologia de tempo e/ou aspecto coincidissem com outra de contrafactualidade.

A segunda assume que a interpretação modal é possível porque a semântica do passado e da contrafactualidade são próximas uma vez que ambas remetem a uma distância. O passado remete a uma distância temporal enquanto que a contrafactualidade remete a uma distância da realidade. Então, todas as línguas nas quais esse fenômeno ocorre teriam um paralelo entre a distância temporal e a distância da realidade. Um problema para essa linha são línguas nas quais a distância temporal é expressa pelo futuro, como é o caso do Karitiana. Se a distância fosse o fator determinante, esperaríamos que o tempo falso fosse o futuro, e não é isso que acontece.

A terceira linha teórica assume que o passado possui sempre a mesma semântica. A razão porque ela não parece estar presente nas contrafactuais é porque ele é interpretado com

um escopo diferente na estrutura semântica da sentença. Nas contrafactuais, a contribuição do passado seria permitir acessar mundos possíveis a partir de uma relação de acessibilidade no passado ou restringir o domínio de quantificação para mundos no passado. Assumindo que as línguas do mundo possuem estruturas semânticas semelhantes, essa proposta conseguiria dar conta do fenômeno translinguisticamente explicando os dados do PB e do Karitiana.

As línguas analisadas por esta pesquisa, isto é, O PB e o Karitiana, também apresentam um fenômeno semelhante em suas orações contrafactuais. O PB é uma língua fusional, ou seja, uma língua na qual um único morfema é responsável por expressar várias categorias e seu sistema temporal distingue presente, passado e futuro (LIEBER, 2009, p. 133). Nessa língua, o pretérito não parece indicar passado em ambientes contrafactuais. Observe que, na sentença em (1.5), a morfologia de passado é empregada em ambos os verbos, mesmo que a orientação temporal da sentença seja o futuro. Além disso, o verbo da subordinada é marcado pelo aspecto imperfectivo mesmo que a chegada seja conceitualizada perfectivamente.

- (1.5) Se João chegasse amanhã, eu ficaria feliz.  
    chegar.PST.IPFV.SBJV            ficar.FUT.PST.IND

O Karitiana (família Tupi, subfamília Arikém) é uma língua aglutinante, ou seja, uma língua na qual cada morfema está associado a uma categoria do significado e seu sistema temporal distingue futuro e não-futuro (LIEBER, 2009, p. 133). Nessa língua, o morfema de não-futuro não parece indicar não futuridade em ambientes contrafactuais. Observe que na sentença em (1.6), o morfema de não-futuro é empregado mesmo que a referência temporal da sentença contrafactual seja o futuro.

- (1.6) *dinheiro tyyt yakiip      dibm    yjxajj̃rahyt*  
       dinheiro tyyt y-aki-ip    dibm    yjxa-jj̃t-ahy-t  
       dinheiro com 1SG.COP-LOC amanhã 1PL.INCL-CF-beber-NFUT  
       *yjxa                    cervejaty*  
       *yjxa                    cerveja-ty*  
       1PL.INCL        cerveja-OBL  
       ‘Se eu tivesse dinheiro, beberíamos cerveja amanhã.’

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar contrafactuais em ambos o PB e em Karitiana à luz das teorias que visam explicar o papel das morfologias de tempo e aspecto nas orações contrafactuais. O papel da morfologia de tempo e aspecto nas contrafactuais é um fenômeno pouco estudado no português brasileiro e em Karitiana a partir de uma perspectiva formal. Para o português brasileiro, a nossa revisão da literatura não encontrou nenhum trabalho que abordasse o fenômeno a partir de uma perspectiva formal.<sup>3</sup> Para o Karitiana, há apenas um artigo escrito pelo autor desta tese (FERREIRA e MÜLLER, 2019) que trata sobre o tema de forma superficial.

Desse modo, os objetivos específicos desta tese são: (i) elaborar uma descrição semântica de sentenças contrafactuais nessas duas línguas e (ii) mostrar como os dados dessas línguas contribuem para o avanço da discussão teórica corroborando certas propostas em detrimento de outras. A justificativa para a escolha dessas duas línguas reside no fato delas serem línguas bem diferentes do posto de vista morfológico uma vez que uma é aglutinante e outra fusional e, além disso, bem diferentes na maneira como elas estruturam a expressão semântica do tempo sendo o português brasileiro uma língua passado vs. não passado e o Karitiana futuro vs. não futuro. Apesar das diferenças morfológicas e semânticas, um fenômeno paralelo existe em ambas as línguas e isso reforça a nossa proposta de que há ingredientes semânticos universais que contribuem para a expressão da contrafactualidade.

As linhas teóricas apresentadas anteriormente foram avaliadas de acordo com seu poder explicativo para essas línguas, ou seja, propostas que dão conta do fenômeno em ambas as línguas através de uma única explicação serão consideradas superiores em relação àquelas que necessitam de explicações diferentes para cada uma das línguas. A partir desse critério, concluímos que as propostas que consideram que a morfologia de tempo possui a mesma semântica nas contrafactuais e em ambientes não contrafactuais (Dudman, 1983; 1984a; 1984b; Hornstein, 1993; Ippolito, 2002; 2003, Arregui, 2005) são superiores às demais, pois conseguem explicar o fenômeno tanto em PB quanto em Karitiana enquanto as outras só dão conta do PB.

---

<sup>3</sup> Usamos o mecanismo de busca de trabalhos acadêmicos *Google Scholar* usando as palavras chaves ‘contrafactualidade’ e ‘português’.

## 1.1 Hipóteses defendidas

Argumentamos em favor de que há ingredientes semânticos universais necessários para expressar contrafactualidade, ou seja, todas as línguas precisam do passado codificado de alguma forma na estrutura semântica de uma contrafactual. Esses ingredientes seriam um modal e um restritor (i.e., o passado). No Karitiana e no Português, essa necessidade aparece de modo explícito uma vez que ambos os morfemas que essas línguas usam em contrafactuals (i.e., o não-futuro e o pretérito) remetem ao passado. Para outras línguas, quando o morfema de passado não aparece de forma explícita, a hipótese é que a semântica de passado já estaria incorporada no modal empregado para expressar contrafactualidade.

O papel do primeiro ingrediente, ou seja, do modal, seria quantificar sob mundos possíveis. No entanto, não vamos assumir que os modos verbais (i.e., o indicativo e o subjuntivo) são expoentes desse ingrediente, ou seja, que eles contribuem para expressar essa quantificação. Se esse fosse o caso, o subjuntivo seria o principal candidato visto que ele comumente aparece em sentenças que expressam algum grau de irrealidade (PORTNER, 2011). As subordinadas das contrafactuals no PB podem até aparecer no subjuntivo, porém, sua presença parece ser determinada por outros fatores. Isso não quer dizer que essa quantificação não possua expoentes morfológicos. Arregui (2005) assume que, no inglês, ela é feita por ‘will’/‘would’. Nas matrizes do PB, o tempo verbal empregado pode ser o futuro do pretérito ou o pretérito imperfeito. No primeiro caso, assumiremos que o futuro é o ingrediente modal responsável por realizar tal quantificação. No segundo caso, assumiremos que a quantificação ocorre de forma coberta, ou seja, sem um expoente morfológico. No Karitiana, as contrafactuals são marcadas pelo prefixo modal *jỹ-* que só ocorre em ambientes contrafactuals. Assumiremos que esse elemento é responsável pela quantificação de mundos possíveis nessa língua.

Passando do modal para o papel do tempo, mostramos que, nas orações matrizes, o passado é obrigatoriamente empregado em PB enquanto que o não-futuro é obrigatoriamente empregado em Karitiana. Nossa proposta é que ambos não são interpretados dentro da proposição, mas que se movem e são interpretados no ingrediente modal descrito no parágrafo anterior. Seguimos Arregui (2005) e assumimos que o papel da morfologia de passado (PB) e não-futuro (K) é restringir o domínio da quantificação selecionando mundos similares ao nosso em relação ao passado, ou seja, o tempo se desloca e é interpretado no modal.

Já nas orações subordinadas, mostramos que o passado é obrigatoriamente empregado em PB enquanto que Karitiana não possui morfologia de tempo. Seguimos a análise de Arregui (2005) para o inglês e assumimos que a morfologia temporal na subordinada não possui contribuição semântica. Isso é corroborado pelo fato de que no Karitiana não há nenhuma morfologia. Em PB, a morfologia parece ser uma mera exigência de concordância, pois a presença da morfologia de passado na subordinada de contrafactuais do PB é desencadeada pela presença da morfologia de passado na matriz, fenômeno comum em contextos de *Sequência de Tempo*.

Por fim, passando para o componente aspectual, nas orações matrizes, o Karitiana não apresenta marca obrigatória de aspecto. No PB, podemos ter o futuro do pretérito ou o pretérito imperfeito. Quando o pretérito imperfeito é usado, ele seria um aspecto falso, pois não indicaria a imperfectividade do evento. Seguiremos Iatridou (2000) e assumimos que o aspecto imperfectivo não possui contribuição semântica. Isso é corroborado pelo Karitiana que nunca emprega aspecto imperfectivo obrigatoriamente nas contrafactuais. O PB possui dois modos de marcar aspecto imperfectivo: uma forma sintética e uma forma analítica. Quando a forma sintética é usada em contrafactuais, ela não possui contribuição semântica, ou seja, trata-se de um imperfectivo falso. Já a forma analítica, quando aparece, sempre possui contribuição semântica e sua contribuição é a mesma observada nos demais ambientes.

Para explicar porque o imperfectivo sintético é falso e o analítico é verdadeiro, recorreremos ao fato observado nas línguas do mundo de que o imperfectivo não é falso quando ele possui apenas uma semântica de progressivo, ou seja, quando usado apenas para denotar uma eventualidade em curso (IATRIDOU, 2000; FERREIRA, 2014; 2016). Então, assumiremos que a forma analítica não pode ocorrer em contrafactuais por ser uma expressão de progressivo. Essa mesma restrição poderia motivar o não uso do imperfectivo em Karitiana visto que os marcadores de imperfectividade nessa língua marcam progressividade (MÜLLER e FERREIRA, 2020a).

Já nas orações subordinadas, o Karitiana não apresenta marca obrigatória de aspecto enquanto que o PB é marcado pelo pretérito imperfeito do subjuntivo. Argumentaremos que é discutível se essa morfologia é de fato imperfectiva uma vez que não encontramos um ambiente no qual ela contribua semanticamente para denotar imperfectividade e, além disso, não há um paradigma perfectivo que ela possa ser contraposta. Além disso, as subordinadas em contrafactuais buléticas do PB podem ser não-finitas, ou seja, sem morfologia de tempo,

aspecto e modo, o que parece corroborar que toda e qualquer morfologia no verbo nesses ambientes é uma exigência sintática e não semântica.

Outra marca aspectual cujo comportamento é diferente nas contrafactuais é o perfeito. Nas contrafactuais do PB, as formas conhecidas como mais-que-perfeito parecem ser empregadas, tanto nas matrizes quanto nas subordinadas, no lugar do pretérito para expressar orientação temporal de passado. No Karitiana, isso não ocorre e, apesar dessa língua possuir aspecto perfeito, ele não é usado em contrafactuais. A nossa hipótese é que isso é um reflexo da orientação temporal dessas línguas. O português brasileiro é uma língua que distingue passado e presente. Como a morfologia de passado não está disponível em orações contrafactuais para expressar a orientação temporal de passado, essa orientação passa a ser expressa pelo perfeito. Já o Karitiana não é uma língua que distingue presente e passado. Sendo assim, mesmo que a língua tenha um aspecto perfeito, ele não é empregado nas contrafactuais para expressar passado pois essa é uma distinção não relevante para essa língua.

## **1.2 Organização da tese**

Esta tese está organizada em dez capítulos. Nesta introdução explicamos brevemente o problema, nosso objeto de estudo e as conclusões desta pesquisa; O capítulo 2 apresenta a metodologia que empregamos na coleta dos dados; O Capítulo 3 discute a noção de tempo e aspecto dentro do paradigma teórico da semântica formal; Os Capítulos 4 e 5 apresentam respectivamente uma análise para tempo e aspecto no PB e no Karitiana de acordo com o paradigma apresentado no Capítulo 3; o Capítulo 6 apresenta a noção de contrafactualidade, o comportamento distinto da morfologia de tempo e aspecto nesse ambiente e as propostas que tentam explicar essas relações; Os Capítulos 7 e 8 apresentam, respectivamente, as análises defendidas para o PB e para o Karitiana; O Capítulo 9 discute como os paralelos observados no PB e no Karitiana podem ser explicados a partir de uma perspectiva universal e traz mais argumentos diacrônicos de outras línguas para sustentar essa análise e, por fim, O Capítulo 10 apresenta um resumo das conclusões da pesquisa.

## CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

---

O objetivo deste capítulo é apresentar a metodologia empregada na pesquisa que resultou nesta tese. A nossa escolha foi fazer uma pesquisa de ordem qualitativa. Quando se trabalha com línguas indígenas, como é o caso do Karitiana que tem poucos falantes e textos escritos, essa é a escolha mais comum uma vez que não é possível obter dados suficientes de um determinado fenômeno para se fazer uma análise estatística (BOCHNAK e MATTHEWSON, 2015).

Um questionamento válido proveniente dessa escolha é se as conclusões embasadas em uma pesquisa qualitativa com poucos informantes são mais fracas que as pesquisas quantitativas baseadas em dados estatísticos. Em relação a esse questionamento, seguimos Bochnak e Matthewson (2015) que argumentam que, mesmo com poucos informantes, é possível fazer uma análise na qual as conclusões são tão confiáveis quanto aquelas provenientes de pesquisas de ordem quantitativa se o linguista empregar uma metodologia de coleta que seja adequada à análise proposta. Por esse motivo, a metodologia de coleta é uma parte muito relevante quando se trabalha com línguas indígenas com poucos informantes e pouco material disponível na língua, afinal, é ela quem garante a nossa confiança nos dados coletados e, conseqüentemente, nas conclusões da pesquisa.

Comparamos dados de duas línguas nesta tese – o Português Brasileiro e o Karitiana. Os dados são, em sua maioria, de primeira mão e empregamos procedimentos distintos ao trabalhar com essas línguas.<sup>4</sup> O procedimento para obtenção dos dados do Português Brasileiro foi o método introspectivo. Nele, o próprio autor é a fonte dos dados para a análise. Esse método é bastante comum nos trabalhos dentro do gerativismo, tanto para análise semântica quanto para análise sintática, quando o autor é falante nativo da língua analisada. Como o autor desta tese é falante nativo do Português Brasileiro, optou-se por usar dados de introspeção.

Já para a língua Karitiana, o procedimento de coleta de dados consistiu no uso de diversas técnicas de elicitación para análise semântica desenvolvidas nos últimos vinte anos (MATTHEWSON, 2004; BOCHNAK e MATTHEWSON, 2015; SANCHEZ-MENDES,

---

<sup>4</sup> Chamamos ‘dados de primeira mão’ aqueles que foram coletados pelo próprio pesquisador e ‘dados de segunda mão’ aqueles que não foram obtidos diretamente com os falantes nativos, mas que foram coletados por outros pesquisadores.

2014; VANDER KLOK, 2019; VANDER KLOK e CONNERS, 2019; FERREIRA e MÜLLER, no prelo).

Os falantes nativos de uma língua que participam de uma elicitación são chamados de consultores.<sup>5</sup> Na maioria dos casos de trabalhos em semântica de línguas indígenas, o linguista não é fluente na língua pesquisada. Então, o mais comum é trabalhar com consultores bilíngues e usar duas línguas durante o campo: (i) a língua que o pesquisador emprega para se comunicar com os consultores e (ii) a língua que será o objeto de análise que é a falada pelos consultores. A literatura se refere a elas respectivamente como LÍNGUA DE CONTATO e LÍNGUA ALVO.<sup>6</sup> O conjunto de procedimentos empregados na área da semântica para coletar dados chama-se elicitación contextualizada de dados e ele foi desenvolvido pela pesquisadora Lisa Matthewson (MATTHEWSON, 2004).

Dois fatores distinguem a elicitación de dados para análise semântica da elicitación para a análise de outros níveis linguísticos como a fonologia e a morfossintaxe. O primeiro fator é que o semanticista formal sempre deve trabalhar com sentenças e não com palavras ou expressões isoladas (MATTHEWSON, 2004, p. 383). Primeiramente porque a semântica formal descreve o significado de um morfema/item lexical a partir de seu impacto nas condições de verdade de uma sentença e apenas uma sentença possui a propriedade de ser verdadeira ou falsa, ou seja, só podemos avaliar as condições de verdade se trabalharmos com sentenças. Além disso, na semântica formal, assumimos uma semântica composicional, ou seja, uma semântica na qual o significado de uma sentença é determinado pela composição do significado de suas partes menores (i.e., suas palavras e morfemas). Então, para o semanticista, mesmo que ele esteja estudando o significado de uma palavra ou morfema, é necessário trabalhar com eles em sentenças. Nesse ponto, a coleta do semanticista se difere da de um foneticista, que pode trabalhar com palavras soltas para estudar aspectos da fonologia da língua.

O segundo fator que distingue a elicitación de dados para uma análise semântica é a presença de contextos (MATTHEWSON, 2004, p. 393). Um sintaticista, por exemplo, pode trabalhar com sentenças descontextualizadas uma vez que, muitas vezes, só é necessário saber se a sentença é ou não gramatical para uma análise sintática. Já para o semanticista, sentenças com contextos são essenciais para garantir que o significado que o consultor tem em mente ao fornecer o dado é o mesmo que o linguista tinha ao elaborar a elicitación. Como veremos mais

---

<sup>5</sup> Outra nomenclatura que costuma ser adotada é a de ‘informantes’.

<sup>6</sup> Do inglês *Target Language* e *Contact Language* (traduções do autor). Outra nomenclatura que aparece na literatura é ‘Object Language’ (Língua Objeto) e ‘Metalinguage’ (Metalinguagem) (MATTHEWSON, 2004, p. 371).



à frente, há várias maneiras de apresentar esses contextos, o que resulta em diferentes procedimentos de elicitación contextualizada de dados.

Este capítulo está organizado em 2 seções: A Seção 1 apresenta com mais detalhes a elicitación de dados contextualizada que é a metodologia de coleta de dados em semântica mostrando como ela foi aplicada nesta pesquisa. A Seção 2 apresenta os métodos de controle que foram utilizados para garantir a confiabilidade dos dados.

## **2.1 A elicitación de dados contextualizada**

Como afirmado anteriormente, a metodologia de coleta adequada é o que garante a confiabilidade dos dados do trabalho com línguas minoritárias. A maioria dos dados do Karitiana são de primeira mão e foram coletados pelo autor desta pesquisa usando a elicitación de dados contextualizada que descreveremos nesta seção.

Primeiramente, para uma análise semântica, não é necessário que o linguista seja fluente na língua alvo visto que se trabalha com consultores bilíngues, ou seja, os consultores geralmente falam, além da língua indígena, uma outra língua que serve de contato. No entanto, recomenda-se que o linguista tenha conhecimento prévio dos principais aspectos da fonologia, morfologia e da sintaxe da língua a ser analisada (MATTHEWSON, 2004, p. 370). O autor desta tese não é falante fluente de Karitiana, mas possui conhecimento da fonologia e morfossintaxe dessa língua uma vez que trabalha com ela desde 2013 tendo feito duas Iniciações Científicas (FERREIRA, 2013; 2014; 2015) e um mestrado (FERREIRA, 2017a) que tiveram vários aspectos dessa língua como objeto de estudo.

A partir de seu conhecimento da fonologia e morfossintaxe da língua, o linguista deve selecionar um fenômeno linguístico que se deseja fazer uma descrição semântica mais detalhada. Por exemplo, esta pesquisa selecionou a contrafactualidade como um fenômeno linguístico de interesse uma vez que, dado o nosso conhecimento, tanto o Português Brasileiro quanto o Karitiana já davam indícios de que a morfologia de tempo nas contrafactuals era obrigatória e que essa morfologia não realizava a mesma contribuição semântica observada em outros ambientes.

Com um fenômeno em mente, os próximos passos do procedimento de coleta são os seguintes: (i) análise dos dados já disponíveis; (ii) coleta por meio de elicitaciones contextualizadas de dados e (iii) confirmação/refutação das hipóteses através de tarefas de julgamento de valor de verdade. Esses passos serão descritos nas subseções a seguir.

### 2.1.1 Análise de dados já existentes

Com o fenômeno em mente, o primeiro passo é procurar por dados já disponíveis para o linguista (de primeira ou segunda mão) que ilustrem o fenômeno. Procura-se por esses dados em elicitaciones anteriores feitas pelo linguista, em textos, narrativas e mitos escritos na língua alvo, e também em artigos de revistas, capítulos de livro, teses e dissertações escritos sobre a língua. Os dados encontrados nesses materiais constituem o *corpus* inicial de análise do semanticista.

Caso a própria teoria não tenha uma hipótese *default*, esse *corpus* inicial pode ser usado para se tentar levantar padrões e formar hipóteses sobre o fenômeno. Como os dados desse *corpus* inicial geralmente são provenientes de fontes que não se destinam a uma análise semântica, eles não costumam apresentar os contextos nos quais o dado pode ser empregado. Por esse motivo, as observações que o linguista faz nesta etapa devem ser tratadas apenas como hipóteses e não como fatos da língua e elas devem ser testadas posteriormente, ou seja, esse *corpus* inicial com dados sem contextos não é adequado para uma análise semântica.

Caso o linguista não encontre dados nos textos ou no material sobre a língua em geral, pode-se fazer uma elicitación utilizando o método da tradução que será explicado na próxima subseção para coletar os dados e formar as hipóteses iniciais. Caso o acesso aos consultores seja difícil e não seja possível realizar vários campos, uma outra alternativa é partir direto para a segunda etapa elaborando as hipóteses a partir do conhecimento sobre o fenômeno disponível sobre outras línguas na literatura. Se a língua alvo possui línguas irmãs, consultar a análise delas é também um bom ponto de partida para criar hipóteses, se houver literatura disponível sobre as línguas.

A nossa revisão da literatura consultou onze textos sobre o Karitiana a procura de orações contrafactuais e/ou orações condicionais. Encontramos, ao todo, dezoito dados nesses textos como ilustrado em (2.1) e (2.2).

- (2.1) A *pyt'y tykit y takatary*  
 A *pyt'y tykit y Ø-taka-tat-i*  
 2SG comer se 1SG 3-DECL-correr-FUT  
 ‘Se você comer, eu vou.’

(LANDIN, 1984, p. 13)



---

**EXEMPLO (Língua de contato → Língua Alvo)**

*Traduza para o português as seguintes sentenças:*

a) Taso naokyt boroja.

---

b) Jonso naakat Porto Velho pip.

---

c) Yjxa naahyt kytopoty.

---

A tradução da língua de contato para a língua alvo, como no primeiro exemplo, é mais usada quando se quer descobrir coisas da língua. Já a tradução da língua alvo para a língua de contato é usada quando já se sabe algumas coisas da língua alvo e se deseja confirmar a interpretação que certa sentença recebe. Os pontos positivos deste procedimento é que ele é extremamente rápido de preparar e o linguista não precisa ser fluente na língua alvo. No entanto, esse método de coleta possui três desvantagens. A primeira delas é que, como se pede que o consultor faça uma tradução direta da língua de contato para a língua alvo, a língua de contato pode exercer certa influência no dado fornecido. Por exemplo, o consultor pode, ao dar uma tradução, imitar a ordem das palavras da língua de comunicação ao fornecer o dado na língua alvo, mesmo que essa ordem não seja a mais natural em sua língua. Embora essa influência exista nesse e nos outros métodos que descreveremos nas próximas subseções, Matthewson (2004, p. 396) argumenta que essa influência não é significativa uma vez que os consultores fazem adaptações de modo a fornecer sentenças em suas línguas que são gramaticais.

Outra crítica feita a este método, principalmente de linguistas que trabalham com tipologia e documentação, é que os dados coletados podem não representar a forma natural como os falantes usam a língua. Essa artificialidade dos dados pode ser causada, como já afirmamos no parágrafo anterior, pela influência da língua de comunicação. Ela também pode ser causada por outros fatores como, por exemplo, dados com hipercorreções ou guiados por julgamentos normativistas. Isso ocorre porque, como o consultor trabalha com um linguista que comumente é professor universitário, a interação consultor/linguista é vertical e formal. Devido ao desequilíbrio na relação e a essa seriedade, o consultor pode acreditar que o

linguista está interessado no falar mais correto. Assim, o consultor pode fornecer dados que são pouco espontâneos. A terceira e última desvantagem da tradução, que já havíamos mencionado no passo anterior e que se repete aqui, é que as sentenças não são coletadas com contextos e, por esse motivo, não é possível fazer uma análise semântica.

Por esses motivos, esse método deve ser utilizado como primeiro passo alternativo apenas para formar hipóteses caso o linguista não encontre muitos exemplos do fenômeno nos textos em que pesquisou. Por essas razões, as hipóteses criadas a partir das sentenças fornecidas pelo método da tradução sempre devem ser posteriormente confirmadas pelos outros métodos de elicitación com contextos que são o segundo passo descritos nas próximas subseções.

Temos dados que conseguimos a partir do método de tradução da língua de contato para a língua alvo de um questionário que elaboramos sobre modalidade. Esse questionário é da época em que o autor fez Iniciação Científica em 2013 e estava interessado em diversos morfemas modais do Karitiana. Apesar do objetivo desse questionário não ser contrafactualidade, havia nele diversas sentenças condicionais em PB que os consultores deveriam traduzir para Karitiana. Então, os dados desse questionário foram resgatados nesta pesquisa para verificar as características morfológicas das condicionais em Karitiana. Nessas elicitaciones, trabalhamos com consultores que dominavam razoavelmente tanto a escrita do Português quanto do Karitiana. Desse modo, fornecemos sentenças condicionais em PB impressas em uma folha de papel e pedimos para que eles escrevessem as traduções em Karitiana como ilustrado em (2.3) e (2.4).

(2.3) Sentença em PB: Se o homem matasse a cobra, a cobra não morderia.

Dado coletado:

<i>boroja</i>	<i>taso</i>	<i>okyyp</i>	<i>yjỹdn'y</i>	<i>padni</i>	<i>boroja</i>
boroja	taso	oky-yp	yj-jy-'y	padni	boroja
cobra	homem	matar-LOC	1SG-CF-morder	NEG	cobra

‘Se o homem matasse a cobra, a cobra não me morderia.’

QM.CK3.01082013

(2.4) Sentença em PB: Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria.

Dado coletado:

<i>Ti'yty</i>	<i>Elivar taso</i>	<i>hit tykiri i ga'y</i>	<i>akat</i>
ti'y-ty	Elivar taso	hit tykiri i ga-'y	aka-t
comida-OBL	Elivar homem	dar se	3 DECL-comer COP-NFUT

'Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria'

QM.CK3.01082013

Esse questionário foi aplicado por outro pesquisador que trabalhava com a língua Karitiana com o informante CK1 em 2012. Posteriormente, esse questionário foi aplicado pelo autor desta tese com outros dois consultores Karitiana, CK3 e CK2, nos dias 29 de julho e 01 de agosto de 2013. Ao todos, foram coletadas quinze orações condicionais em Karitiana.<sup>7</sup>

Por exemplo, os dados do nosso questionário que utilizou apenas a tradução reforçam a proposta de que, em oração não-contrafactuais, a subordinação é feita por 'ty-' como em (2.4) e que nas contrafactuais a subordinação é feita pelo sufixo '-p'/'-m' como em (2.3). O morfema '-jŷ' apareceu exclusivamente nas contrafactuais como (2.3).

Após obter as sentenças na língua alvo e criar hipóteses, a elicitación de dados contextualizada é a segunda etapa desse procedimento de coleta. Ela deve ser elaborada de modo a verificar se eles corroboram as hipóteses criadas nas etapas anteriores. Por exemplo, através dos dados encontrados em trabalhos de outros pesquisadores e coletados pelo autor sem contexto, a nossa hipótese era que o Karitiana empregava estruturas distintas para condicionais contrafactuais e não-contrafactuais.

Então, fomos para o segundo passo que era elaborar elicitaciones contextualizadas com o objetivo testar essas hipóteses. Apesar de existirem várias técnicas que podem ser usadas no segundo passo (i.e., traduções contextualizadas, arcos de história, *storyboards*, contextualização por imagens, contextualização por vídeos etc.), a presença dos contextos é o fator que essas técnicas têm em comum. Falaremos um pouco de cada uma delas nas próximas subseções.

<sup>7</sup> Esse questionário, bem como os dados coletados no Karitiana estão disponíveis no Anexo B desta tese.

### 2.1.3 Traduções contextualizadas

A tradução contextualizada consiste em fornecer aos consultores sentenças na língua de contato junto com contextos e pedir para que eles as traduzam para a língua alvo. O linguista pode escolher apresentar esses contextos tanto na língua alvo como ilustrado em (2.5) como na língua de contato ilustrado em (2.6) (MATTHEWSON, 2004, p. 394).

(2.5) Contexto sendo apresentado na língua alvo (St'át'imcets)

*I zánucwmas, cw7aoz kws ts'úqwaz'ams sJohn, nilh s7icwa7 ests'wán i sútikas. Ts7as ta spipántseka, ts'úqwaz'am aylh sJohn. Cw7it i sts'wánsa. Cw7aoz t'u7 kws ts'úqwaz'ams sFred, nilh s7icwa7 ests'wán lhkúnsa.*

'Last year, John didn't go fishing, so he had no dried salmon last winter. Then summer came, and he went fishing. He got a lot of dried salmon. Fred didn't go fishing then, so Fred has no dried salmon now.'<sup>8</sup>

(MATTHEWSON, 2006, p. 22)

(2.6) Contexto sendo apresentado na língua de contato (Inglês)

*Say that you have been told that somebody in your family looks like Elvis, but you're not sure who, so you're looking through the photo album. Then you say: 'It's HARRY who looks like Elvis'.*<sup>9</sup>

(MATTHEWSON, 2004, p. 394)

Há pontos positivos e negativos para cada uma dessas escolhas. O ponto positivo da apresentação dos contextos na língua alvo é que pode ser mais natural para os consultores que não são tão fluentes na língua de comunicação facilitando o entendimento visto que eles ouvem os contextos em sua língua materna. Os pontos negativos em apresentar os contextos na língua alvo são logísticos. Primeiro, o linguista precisa ser proficiente na língua alvo para

<sup>8</sup> Ano passado, John não foi pescar, então ele não tinha salmão desidratado no último inverno. Então, o verão chegou e ele foi pescar. Ele tem muito salmão desidratado. Fred não foi pescar agora, então Fred não tem salmão desidratado agora.

<sup>9</sup> Digamos que te falaram que alguém na sua família se parece com o Elvis, mas você não tem certeza de quem, então você está olhando o álbum da família. Então você diz 'É o HARRY que se parece com o Elvis'.

que os consultores não rejeitem os dados por problemas na pronúncia ou ter um outro consultor disponível apenas para ler contextos durante a elicitación. O segundo problema logístico é que o processo de elaboração da elicitación demanda mais tempo e precisa de acesso a mais consultores. O linguista deve contar com ajuda de um consultor que traduza os contextos para a língua alvo e idealmente outro consultor que revise a tradução. Mesmo que o linguista tenha proficiência na língua e consiga elaborar os contextos sem ajuda de um falante nativo, essa tradução ainda precisará ser revisada por um falante nativo. Esses fatos só não constituem um problema quando o linguista aplicando a elicitación é também falante nativo da língua alvo. Outro ponto negativo é que contextos na língua alvo podem enviesar as respostas dos consultores, pois eles podem se pautar por estruturas que foram apresentadas nos contextos para fornecer suas respostas.

Já para a apresentação dos contextos na língua de contato, os pontos positivos são que é um processo mais rápido e prático para o linguista que não é proficiente na língua alvo. Além disso, o consultor não é enviesado por estruturas de sua língua presentes no contexto. Os pontos negativos são que os contextos tornam o questionário mais longo e cansativo para os consultores (LOUIE, 2015) e, da mesma forma que ocorre com a tradução simples, há influência da língua de contato na língua alvo no momento de fornecer o dado, embora Matthewson argumente que essa influência possa ser desprezada (MATTHEWSON, 2004, p. 396).

O linguista deve levar em conta esses pontos positivos e negativos na hora de escolher qual língua será usada para apresentar o contexto. Segundo Matthewson (2004, p. 394-5), o que deve pautar a escolha no campo é quem é mais proficiente em qual língua. Se o linguista for mais proficiente na língua alvo que o consultor na língua de contato, os contextos devem ser apresentados na língua alvo. No entanto, se o consultor for mais proficiente na língua de contato que o linguista na língua alvo, então os contextos devem ser apresentados na língua de contato. Nesta pesquisa, os consultores eram mais proficientes na língua de contato (i.e., o Português Brasileiro) do que o linguista na língua alvo (i.e., o Karitiana) e, por esse motivo, a apresentação dos contextos foram todas feitas na língua de contato como ilustrado em (2.7).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Para garantir que os consultores estavam acompanhando os contextos, empregamos sessões de treinamento e sentenças controle como descreveremos mais à frente.



- (2.7) Contexto: Você está ensinando seu filho a pescar, mas ele faz muito barulho e espanta todos os peixes. Então você fala “Meu filho, se você quiser pescar os peixes, você tem que ficar quieto”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Y’it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-’it,	a-ohit	tykiri a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	se	2SG-DECL-COP-FUT quieto

‘Meu filho, se você pescar, ficará quieto.’

QC.CK6.09112015

QC.CK5.09112015

Independente de qual língua seja usada, a presença de contextos vai garantir que o consultor atribua para sentença o mesmo sentido que o linguista pretende coletar e isso já uma vantagem em relação a tradução simples. As hipóteses elaboradas nos passos anteriores são testadas organizando os contextos de forma paradigmática. Assim, durante uma sessão, os consultores são expostos a vários pares de contextos/sentenças e esses contextos possuem pequenas diferenças entre si de modo a determinar com maior precisão a contribuição semântica do item sendo estudado. Por exemplo, observe os exemplos (2.8) e (2.9) retirados do nosso questionário de condicionais no Anexo B. Os contextos são exatamente iguais com a pequena diferença de que em (2.8) o pedido do celular é feito no presente e em (2.9) o pedido do celular é feito no passado marcado pelo advérbio ontem. Ambos tentam elicitare orações contrafactuais pois o contexto deixa claro que o pai não tem/tinha dinheiro e não comprará/comprou o celular. O objetivo aqui foi tentar verificar se o Karitiana distinguia entre condicionais contrafactuais com a oração matriz orientada para o presente (i.e., ‘eu te daria o celular’) e condicionais contrafactuais com a oração matriz orientada para o passado (i.e., ‘eu teria te dado o celular ontem’).

- (2.8) Contexto: Seu filho te pede um celular, mas você não tem dinheiro. Então você diz: “Meu filho, se eu tivesse dinheiro, eu te daria um celular”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakiip</i>	<i>yn</i>
y-it	dinheiro	tyyt	y-aki-ip	yn
1SG-filho	dinheiro	com	1SG-COP-LOC	1SG

<i>atajyhit</i>	<i>celulaty</i>
a-ta-jy-hit-∅	celula-ty
2SG-DECL-CF-dar- NFUT	celular-OBL

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, te daria um celular.’

QC.CK6.09112015

- (2.9) Contexto: Ontem, seu filho te pediu um celular, mas você não tem dinheiro. Então você diz: “Meu filho, se eu tivesse dinheiro, eu teria te dado um celular ontem”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakiip</i>	<i>yn</i>
y-it	dinheiro	tyyt	y-aki-ip	yn
1SG-filho	dinheiro	com	1SG-COP-LOC	1SG

<i>atajynhit</i>	<i>celulaty</i>	<i>koot</i>
a-ta-jyn-hit-∅	celula-ty	koot
2SG-DECL-CF-dar- NFUT	celular-OBL	Ontem

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, teria te dado um celular ontem.’

QC.CK6.09112015

Utilizamos esse método em um campo realizado no dia 09 de novembro de 2015 na cidade de São Paulo com dois consultores Karitiana. Esse campo nos forneceu sessenta orações condicionais em Karitiana, trinta de cada consultor. O objetivo era verificar a hipótese

de que o Karitiana possuía estruturas distintas para condicionais contrafactuais e não-contrafactuais que havíamos formulado na etapa anterior. Consideramos que o questionário cumpriu o seu propósito parcialmente. Os dados coletados corroboraram a primeira hipótese visto que os consultores forneceram estruturas linguísticas distintas para os contextos não-contrafactuais e contrafactuais em 100% dos casos. No entanto, não havia nenhuma diferença morfológica entre sentenças nas quais os eventos ocorriam em tempos diferentes como exemplificado em (2.8) e (2.9). Não sabíamos se essa ausência de distinção morfológica era uma característica da língua ou se os consultores não estavam conseguindo acompanhar em qual tempo o evento estava ocorrendo. Esse questionário, bem como os dados coletados no Karitiana estão disponíveis no Anexo D desta tese.

Esse método recebe a mesma crítica que a tradução simples de que os dados coletados podem ser artificiais e não representam a forma natural como os falantes usam a língua. Outro problema mais sério desse método está justamente relacionado com a organização paradigmática dos contextos. Essa organização faz com que a elicitación seja muito monótona e os consultores se cansam facilmente. Esse problema foi constatado por Louie (2015). Segundo a autora, é muito difícil para os consultores lembrarem das diferenças mínimas que vão ocorrendo de contexto a contexto. O cansaço e o tédio, aliados ao fato de as diferenças serem tão pequenas, podem fazer com que os consultores forneçam um dado considerando outro contexto que foi apresentado anteriormente por não se lembrar mais do que mudou no novo contexto apresentado ou ainda, podem fazer com que os consultores deixem de prestar atenção nos contextos e passem a fornecer dados apenas traduzindo a sentença da língua de contato.

Em nosso campo, tivemos um caso de consultor que não prestavam atenção nos contextos. Um dos indícios mencionado por Louie (2015) de que os consultores estão entediados, que não estão prestando atenção ou que não estão conseguindo acompanhar o contexto é que eles apresentam queixas de que o cenário e/ou a sentença estão repetidos (quando na verdade não estão) e que já deram aquele dado antes. Tivemos esse tipo de queixa durante nossos questionários e nossos consultores geralmente falavam ‘Já respondi isso’, ‘o mesmo que já falei antes’ ou ‘esse não é a mesma coisa que o anterior?’. Para sanar esse problema e deixar a coleta de dados menos monótona para os consultores, incorporamos outras técnicas ao segundo passo da nossa elicitación que serão descritas a seguir.

### 2.1.4 Coleta contextualizada com arcos de histórias

A solução apresentada por Louie (2015) para deixar a apresentação dos contextos menos monótona de modo que os consultores consigam acompanhá-los com mais facilidade é esconder o paradigma que se está tentando elicitado dentro de uma história. No esquema proposto pela autora, o linguista vai contando uma história e diferentes pontos dessa história vão servir para contextualizar diferentes dados que o linguista precisa coletar.

Utilizamos esse método em alguns momentos desta pesquisa. Por exemplo, ao elicitado condicionais não-contrafactuais no questionário disponível no anexo D, contamos a história de que o consultor tem um filho e precisa passar seus conhecimentos sobre a natureza para ele. Então, dentro dessa suposição, tentamos criar diferentes situações nas quais o consultor precisa ensinar algo para o filho que envolva alguma condição e essas condições servem para contextualizar as sentenças condicionais como ilustrado nos exemplos (2.10), (2.11) e (2.12).<sup>11</sup>

(2.10) Contexto: Você está ensinando seu filho a pescar, mas ele faz muito barulho e espanta todos os peixes. Então você fala “Meu filho, se você quiser pescar os peixes, você tem que ficar quieto”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	se	2SG-DECL-COP-FUT quieto

‘Meu filho, se você pescar, ficará quieto.’

QC.CK6.09112015

---

<sup>11</sup> Vamos ilustrar aqui com apenas três exemplos de um dos informantes. A elicitado completa das condicionais não contrafactuais está disponível no Anexo D no final desta tese.

(2.11) Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se você planta uma semente, ela vira uma árvore”. Como você diz isso em Karitiana?

*Y'it,        kinda   sypo        anamang   tykiri,   Nakatari        'ep*  
*Y-'it,        kinda   sypo        a-amang   tykiri        Ø-naka-tat-i        'ep*  
 1SG-filho   coisa   semente   2SG-plantar   se        3-DECL-ir-FUT   árvore  
 ‘Meu filho, se você plantar uma semente, ela virará uma árvore.’

QC.CK6.09112015

QC.CK5.09112015

(2.12) Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se chove, o rio enche”. Como você diz isso em Karitiana?

*Y'it,        'e        yryt        tykiri,   nakakerewi        esse*  
*Y-'it,        'e        yryt        tykiri        Ø-naka-kerep-i        Ese*  
 1SG-filho   chuva   chegar   se        3-DECL-subir-FUT   Rio  
 ‘Meu filho, se a chuva chegar, o rio sobe.’

QC.CK6.09112015

QC.CK5.09112015

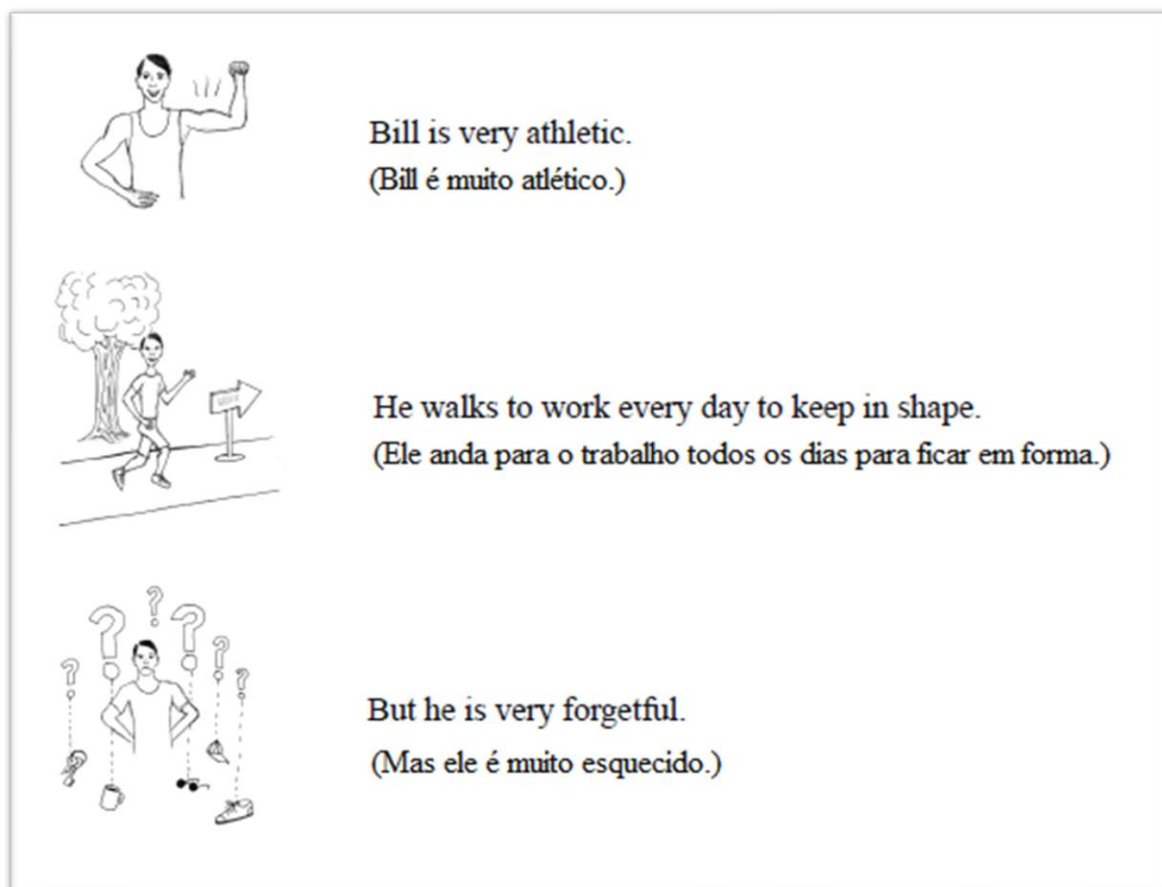
Louie (2015) argumenta que é melhor quando a história tem um arco dramático com começo, meio e fim de modo a deixar o informante entretido. A autora aponta que histórias com finais inesperados ou engraçados costumam ser bem recebidas pelos consultores e isso contribui para mantê-los atentos. Um problema que ainda persiste nesse tipo de elicitación é a falta de naturalidade dos dados. Apesar desse método esconder melhor os paradigmas sendo coletados, ele ainda pode ser caracterizado como procedimento de coleta extremamente controlado que não leva em conta instâncias de uso real da língua.

### 2.1.5 Coleta de histórias com storyboards

*Storyboards* são histórias usadas para elicitación dados da mesma forma que arcos de história (BURTON e MATTHEWSON, 2015; VANDER KLOK, 2019). A diferença é que

*storyboards* contam com ilustrações que são usadas como suporte na hora de contar as histórias como ilustrado na figura abaixo.<sup>12</sup>

**Figura 1** - Início do Storyboard "Bill contra o tempo"



Fonte: Storyboard elaborado por Jozina Vander Klok (VANDER KLOK, 2019, p. 3)

Há duas maneiras de empregar um *storyboard* para elicitare dados. A primeira delas é usar a história para contextualizar as sentenças que se pretende coletar da mesma forma que se faria apenas contando a história no método anterior. O ponto positivo é que o suporte visual das ilustrações permite que o consultor acompanhe os contextos com ainda mais facilidade dando mais segurança para o linguista em relação à confiabilidade dos dados.

Empregamos esse procedimento de coleta para coletar dados sobre modalidade bulética em Karitiana como ilustrado na figura abaixo.

<sup>12</sup> Usamos apenas as três primeiras imagens do *storyboard* "Bill contra o tempo" (*Bill vs. the weather*) a título de exemplificação. O *storyboard* completo pode ser visualizado em Vander Klok (2019). As traduções do português foram feitas pelo autor desta tese.

Figura 2 - Storyboard Modalidade Bulética



Fonte: Storyboard elaborado pelo autor . (FERREIRA, 2020, p. 11)

Após ouvir a história, os consultores tinham que traduzir sentenças buléticas como “Antônio quer vender o carro”, “José quer comprar a moto” e “Maria não quer que José compre a moto”.<sup>13</sup> A partir desse estímulo, coletamos sentenças como exemplificado em (2.13).<sup>14</sup>

- (2.13) *José naakat ijamywak Antônio mototy*  
*José Ø-na-aka-t i-amy-wak Antônio moto-ty*  
*José 3-DECL-COP-NFUT 3-comprar-DES Antônio moto-OBL*  
 ‘José quer comprar a moto de Antônio’

QB.CK5.05022018

Uma outra maneira de empregar um *storyboard* para elicitare dados, que é a mais utilizada na literatura, consiste em contar toda a história empregando as figuras sem deixar que o consultor veja as sentenças da língua de contato. O linguista pode repetir a história mais

<sup>13</sup> Um procedimento parecido envolvendo imagens em elicitaciones de dados na língua Karitiana foi feito por Karin Vivanco (VIVANCO, 2014) para coletar oraçoes relativas.

<sup>14</sup> As sentenças coletadas através desse método estão disponibilizadas no Anexo C desta tese.

de uma vez para que o consultor fixe melhor o que foi narrado. Então, pede-se que o consultor narre a história usando apenas a língua alvo.

Ao invés de trabalhar apenas com sentenças isoladas, esse método coleta uma história com começo, meio e fim na língua alvo. A primeira vantagem é que, dessa forma, os dados coletados são mais naturais do que com os procedimentos anteriores. Em um experimento, Burton e Matthewson (2015) elicitaram histórias em japonês e algumas histórias foram contadas naturalmente pelos informantes sem nenhum estímulo e outras foram elicitadas empregando o método de *storyboard*. Depois, os pesquisadores fizeram com que outros falantes do japonês ouvissem os dois tipos de histórias (as histórias naturais e as histórias provenientes de *storyboards*). Os autores relatam que as histórias provenientes de *storyboards* foram percebidas como sendo tão naturais quanto aquelas que foram coletadas sem nenhum método de controle. Ou seja, dentro os métodos apresentados até o momento, usar o *storyboard* para fazer com que o consultor recontar a história é tão natural quanto pedir que o consultor conte uma história qualquer em sua língua.

Um problema com esse tipo de coleta é que ele é muito pouco controlado, ou seja, mesmo que a história e as ilustrações tentem eliciar certas estruturas, nada garante que o consultor vai usá-las quando estiver narrando a história (VANDER KLOK, 2019). Então, esse método pode acabar sendo menos produtivo que os anteriores em relação a quantidade de dados. Outro aspecto negativo é a logística, pois o linguista precisa dedicar uma enorme quantidade de tempo nesse método. Primeiramente, a criação dos *storyboards* é bem mais trabalhosa pois o linguista deve pensar em histórias que o ajudem a coletar os dados e depois criar as ilustrações (ou contratar alguém que as faça). Coletadas as histórias, é necessário mais tempo para transcrever o áudio da história narrada que, caso o linguista não tenha fluência na língua, precisará da ajuda de outro consultor. Por isso, é preciso de mais tempo para traduzir e glosar os dados. Por esses motivos, essa pesquisa empregou os *storyboards* apenas para contextualizar as traduções de sentenças e não pediu para que os consultores recontassem as histórias.

### **2.1.6 Tarefa de julgamento de valor de verdade em contextos**

Os métodos descritos nas subseções 2.1.3, 2.1.4 e 2.1.5 constituem a segunda etapa da elicitación que é a obtenção de sentenças contextualizadas. O que difere em cada um desses métodos é a técnica empregada para contextualizar as sentenças. Esta subseção descreve a



última etapa da coleta de dados em semântica que se chama ‘julgamento de valor de verdade’. Ela consiste em testar as sentenças da língua alvo coletadas nas etapas anteriores colocando-as em diferentes contextos e verificando se o falante as julga como sendo verdadeiras ou falsas nos contextos dados.

Por exemplo, em nossos dados elicitados através de *storyboard*, apareceu um verbo ‘*py’eeep*’. Algo incomum é que esse verbo parecia expressar especificamente uma modalidade bulética negativa, ou seja, um não querer. Uma dúvida que tivemos então era qual a relação de escopo entre a negação e a modalidade bulética. Se a negação tivesse escopo sobre a modalidade ( $\neg\forall w$ ), ‘*X py’eeep Z*’ significaria algo como ‘*X* é indiferente em relação a *Z*’ uma vez que não são todos os mundos possíveis dos desejos de *X* que *Z* acontece. Porém, se a modalidade tivesse escopo sobre a negação ( $\forall w\neg$ ), ‘*X py’eeep Z*’ significaria algo como ‘*X* não quer que *Z* aconteça’, ou seja, todos os mundos possíveis dos desejos de *X* seriam mundos nos quais *Z* não acontece. Para testar qual análise estaria correta, usamos o teste de julgamento de valor de verdade como ilustrado em (2.14).

(2.14) LINGUISTA: Suponha que eu fale que o José quer comprar uma moto. Aí alguém me diz ‘*Maria naakat ipy’eeep Antônio mototy José amyty*’. Se o José comprar a moto, a Maria ficaria brava?

IK.17012020 (CONSULTOR): Ficaria tão brava que caparia o José.

Dado sendo verificado:

<i>Maria naakat</i>	<i>ipy’eeep</i>	<i>Antônio mototy</i>	<i>José Amyty</i>
Maria $\emptyset$ -na-aka-t	i-py’eeep	Antônio moto-ty	José amy-ty
Maria 3-DECL-COP-NFUT	3-não.querer	Antônio moto-OBL	José comprar-OBL

‘*Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.*’

Como pode ser observado, (2.14) é verdadeira em um contexto no qual Maria não é indiferente, ou seja, ‘*py’eeep*’ expressa o desejo dela de José não comprar a moto. Sendo assim, o teste de julgamento de valor de verdade nos ajudou a determinar que, para esse verbo bulético negativo, a modalidade sempre tem escopo sobre a negação. Ou seja, essa etapa serve para checar a consistência dos resultados que se obteve nas etapas anteriores, pois permite que o linguista verifique as condições mínimas nas quais as sentenças da língua alvo são

verdadeiras, ou seja, suas condições de verdade. São essas condições que permitem que o linguista isole o significado de um determinado morfema, partícula ou item lexical, a fim de fazer uma descrição adequada da sua contribuição semântica.

Da mesma forma que na etapa anterior, a tarefa de julgamento de valor de verdade pode ser contextualizada através de contextos escritos/falados, imagens, arcos de histórias, *storyboards*, vídeos etc. Os pontos positivos e negativos da escolha pelo tipo de contextualização e pela língua adotada para fazer essa contextualização são os mesmos.

### 2.1.7 Questionários

Nesta tese, estamos usando o termo ‘questionário’ de uma forma ampla para se referir a um grupo de perguntas que visa eliciar um grupo de sentenças sobre certo tema. Há, no entanto, linguistas que se referem a questionários como um conjunto de perguntas para eliciar sentenças translinguisticamente, ou seja, questionários, nessa concepção, deveriam ser planejados de modo que possam ser aplicados em várias línguas a fim de se verificar onde essas línguas convergem e onde elas divergem em relação ao mesmo fenômeno (VANDER KLOK e CONNERS, 2019).

Os paradigmas presentes em um questionário costumam ser criados a partir do que se sabe sobre o fenômeno em línguas previamente estudadas. Devido ao caráter translinguístico, os contextos são formulados de forma que sejam o mais culturalmente acessíveis quanto possível para que sejam aplicados com consultores de diferentes grupos linguísticos.<sup>15</sup> Algumas das eliciações que preparamos nesta pesquisa poderiam ser considerados questionários nesta perspectiva mais estrita. Por exemplo, o grupo de questões sobre contrafactualidade/não-contrafactualidade em orações condicionais ilustradas em (2.09-2.12), e disponibilizadas no anexo D, poderia ser facilmente aplicado em outras línguas.

Sabendo que, as línguas do mundo normalmente distinguem condicionais não-contrafactuais e condicionais contrafactuais e que normalmente o tempo costuma se comportar de maneira diferente em contrafactuais, o grupo de questões no Anexo B apresenta uma série de contextos condicionais não-contrafactuais e contrafactuais nos quais a orientação temporal das sentenças varia. Desse modo, aplicar esse questionário em outras línguas

---

<sup>15</sup> Mesmo com essa diretiva, é difícil que um questionário seja adequado culturalmente para duas etnias diferentes de modo que possa ser aplicado sem mudanças. No entanto, ao criar-se o questionário, as situações dos contextos devem ser pensadas de uma maneira que permita, a partir de pequenos ajustes, com que elas se adequem a outra cultura e possam ser usadas em diferentes línguas.

permitiria verificar se elas distinguem condicionais contrafactuais de não-contrafactuais e também verificar o comportamento do tempo nessas orações.

Aplicamos esse questionário com dois consultores Karitiana no dia 09 de novembro de 2015. Esse campo nos forneceu sessenta orações condicionais em Karitiana. Além de ser aplicado com consultores Karitiana, o questionário desenvolvido nesta pesquisa foi aplicado pela pesquisadora Karolin Obert com falantes nativos da língua Dâw. OBERT (*comunicação pessoal*) relata que o questionário se mostrou útil para distinguir condicionais não-contrafactuais e contrafactuais uma vez que os consultores forneceram estruturas distintas para esses dois tipos de contextos. A pesquisadora relata que precisou fazer pequenos ajustes no questionário para que ele fizesse sentido para a cultura Dâw. Então, consideramos que esse questionário é uma contribuição metodológica desta pesquisa e que pode ser utilizado como um primeiro passo para elicitare sentenças contrafactuais em uma língua.

Além do questionário que desenvolvemos, aplicamos também o questionário elaborado por Suzi Lima e Tonjes Veenstra sobre orações contrafactuais. Parte do objetivo do questionário elaborado por esses pesquisadores também era verificar o comportamento de tempo em orações contrafactuais. No entanto, o questionário elaborado por eles não se restringia apenas a orações condicionais e também visava coletar orações de desejos contrafactuais. Além disso, esse questionário focou em destrinchar também o que era ou não possível em relação a morfossintaxe das orações contrafactuais e isso não havia sido feito no primeiro questionário. Os dados obtidos através do questionário Suzi Lima e Tonjes Veenstra corroboraram as descobertas do questionário desenvolvido pelo autor desta pesquisa descritas nas subseções anteriores.

### **2.1.8 Recapitulando**

Essa subseção apresentou as etapas de elicitação utilizadas em um campo que visam coletar dados para análise semântica, bem como os pontos negativos e positivos de cada método. Essa não é uma lista exaustiva dos métodos e, na literatura, podem ser encontrados outros métodos de elicitação para análise semântica como, por exemplo, o método de contextualização por imagens ou contextualização por vídeo. Restringimos a explicar neste capítulo apenas os métodos que utilizamos no decorrer desta pesquisa. Além dos métodos de coleta, empregamos métodos de controle da qualidade dos dados. A próxima subseção

apresentará dois métodos complementares de controle de dados que foram empregados nesta pesquisa.

## **2.2 Métodos de controle**

Como relatamos na subseção anterior, um dos problemas que pode ocorrer quando se trabalha com a elicitación de dados contextualizada é que o consultor não levar em consideração os contextos na hora de fornecer ou julgar o valor de verdade de um dado. Problema esse que pode ser ocasionado por diversos fatores, tais como, (i) o consultor não conseguir acompanhar os contextos por não ser tão fluente na língua de contato e pelo fato de as diferenças entre os contextos serem bem pequenas; (ii) o consultor estar cansado e; (iii) o consultor não entender o objetivo do teste e querer julgar a gramaticalidade do dado ao invés de julgar a aceitabilidade no contexto. Dos pontos negativos citados na subseção anterior, esse é o mais grave visto que os contextos são uma parte essencial em um trabalho em semântica já que são eles que permitem isolar a contribuição semântica do item gramatical sendo investigado e esse problema compromete a análise que o linguista fez.

Observamos esse problema nos primeiros campos que fizemos com nossos consultores Karitiana. Então, de modo a garantir que eles haviam entendido a tarefa e que estavam conseguindo acompanhar os contextos, adotamos dois métodos complementares de controle: seções de treinamento e condições de controle. Tais métodos são comumente usados na psicolinguística em experimentos envolvendo crianças. Eles serão detalhados nas próximas subseções.

### **2.2.1 Seções de treinamento**

Em relação às seções de treinamento, Schmitt & Miller (2010) mencionam que:

Para assegurar que os sujeitos, especialmente crianças pequenas, entendam os procedimentos da tarefa, é importante ter uma fase de treinamento inicial ou um conjunto de itens de prática no começo do experimento. O número de itens de treinamento vai depender da dificuldade dos procedimentos da tarefa.<sup>16</sup> (pg. 39)

---

<sup>16</sup> In order to ensure that subjects, especially young children, understand the task procedure, it is important to have an initial training phase or a set of practice items at the beginning of the experiment. The number of training items will depend on the difficulty of the task procedure.

O problema enfrentado no campo com línguas indígenas é semelhante ao problema enfrentado por linguistas que trabalham com crianças. A depender da idade dos sujeitos e da complexidade da tarefa, o dado que os experimentos fornecem pode não ser confiável se a criança não entendeu o que ela deveria fazer. Por esse motivo, estudos em psicolinguística usam técnicas que dão um retorno do entendimento da criança em relação a tarefa que ela terá que executar (CRAIN e THORNTON, 1998; SCHMITT e MILLER, 2010). Sessões de treinamento, como o próprio nome diz, são sessões que envolvem tarefas semelhantes às que o linguista quer que os sujeitos realizem. Essas sessões são realizadas antes do experimento verdadeiro para que, quando o experimento comece de fato, o sujeito já esteja familiarizado com o tipo de tarefa que terá que executar. Assim, sessões de treinamento garantem que o sujeito tenha entendido a tarefa antes de começar o experimento e também testam o nível de atenção do informante no início da tarefa.<sup>17</sup>

A relevância do treinamento de consultores indígenas já foi argumentada em outros trabalhos que discutem o campo em semântica. Burton and Matthewson (2015) argumentam que é importante para o consultor repetir o *storyboard* e treinar contar a história antes de fazer a gravação definitiva da história. Vander Klok e Connors (2019) também argumentam a favor do uso de sessões de treinamento ao eliciar dados através de questionários. Segue abaixo, como exemplo, parte da sessão de treinamento que elaboramos a fim de deixar os informantes Karitiana mais familiarizados com a tarefa de julgamento de valor de verdade de uma sentença.

(2.15) Aparece uma cobra dentro de casa. Inácio vai e mata essa cobra. Você utilizaria a sentença "Inácio naokyt boroja" para descrever essa situação?

( ) SIM

( ) NÃO

(2.16) Uma criança vê Inácio matando a cobra e começa a chorar. Eu poderia utilizar a sentença "Ombaky Inácio oky tykiri, nakahyryp òwã" para descrever essa situação?

( ) SIM

( ) NÃO

---

<sup>17</sup> Claro que as razões para esses problemas não são as mesmas. Em um experimento em psicolinguística, a criança pode não entender a tarefa por falta de maturidade enquanto que no campo com consultores falantes de línguas indígenas, como já afirmamos, os desentendimentos podem ocorrer devido aos consultores não serem 100% fluentes na língua de contato.

(2.17) Elivar disse que está com vontade de comer sopa e que vai comer sopa amanhã. Eu poderia usar a sentença "Elivar naka'yt Sopa" nessa situação?

( ) SIM

( ) NÃO

A sessão completa possuía 10 pares de contextos e sentenças em Karitiana. Eles foram construídos para que todos os pares tivessem uma resposta correta ('sim' ou 'não'). Assim, medimos o entendimento dos consultores no começo através de quantas respostas eles conseguiam acertar na sessão de treinamento. A tabela abaixo resume a taxa de acerto de alguns de nossos consultores.<sup>18</sup>

	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
CK3	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
CK5	✓	✗	✗	✓	✗	✓	✓	✗	✓	✓
CK9	✓	✗	✓	✓	✓	✗	✓	✓	✓	✓
CK10	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✓	✓	✓	✓
CK11	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✓

**Tabela 1** Sumário dos resultados da seção de treinamento

Com base nas respostas dadas na seção de treinamento, nossos consultores tiveram as taxas de acerto abaixo:

CK3: 100%

CK5: 60%

CK9: 80%

CK10: 90%

CK11: 90%

<sup>18</sup> A seção de treinamento está disponível de forma completa no anexo G desta tese.

Desse modo, nossa seção de treinamento mostrou que alguns informantes estão familiarizados com a tarefa de julgar a verdade de uma sentença de acordo com o contexto que lhes é apresentado, como é o caso do consultor CK3. No entanto, outros consultores parecem ignorar os contextos, como é o caso do consultor CK5 que apresenta uma taxa de acerto de 60% com enviesamento para o ‘sim’. Desse modo, a seção de treinamento se mostrou relevante em nossa pesquisa por mostrar o grau de dificuldade que os nossos consultores têm com esse tipo de tarefa e, conseqüentemente, nos mostra também quão confiável é o julgamento fornecido por um consultor.

Uma prática comum nos experimentos em psicolinguística é dispensar as crianças que não vão bem na sessão de treinamento. Não podemos fazer isso no nosso trabalho de campo porque, muitas vezes, se dispensarmos um consultor, não temos outro disponível para responder o questionário. Além disso, dispensar um consultor pode ofendê-lo e trazer problemas políticos para o linguista e dificultar a sua relação com a aldeia em trabalhos posteriores. Sendo assim, fazíamos o questionário completo com esses consultores, mas os dados não eram considerados para fins de análise.

Além das seções de treinamento, o linguista pode colocar condições controle nos seus questionários a fim de monitorar a atenção do consultor durante toda a coleta. Essas condições serão descritas na próxima subseção.

### **2.2.2 Condições de controle**

Em relação às condições de controle, Schmitt & Miller (2010) mencionam que:

Experimentos precisam de ambas condições alvo e condições controle [...] Sentenças experimentais nas condições controle avaliam as estruturas linguísticas que são do interesse do pesquisador. Sentenças experimentais em condições controle asseguram que qualquer resultado das condições experimentais é devido a variável linguística sendo estudada e não devido a algum problema dos procedimentos da tarefa.<sup>19</sup> (pg. 38)

Condições controle em um experimento linguístico são situações para as quais o pesquisador já sabe as respostas e que são colocadas no decorrer do experimento para testar se o sujeito está fornecendo respostas coerentes. Elas dão um retorno do entendimento da tarefa e no grau de atenção do sujeito durante a tarefa. Por exemplo, um método de controle que

---

<sup>19</sup> Experiments need both target and control conditions [...] Experimental sentences in the target condition(s) assess the linguist structure(s) that are of interest to the researcher. Experimental sentences in the control condition(s) ensure that any result in the experimental condition is due to the linguistic variable under study rather than some issue to the task procedure.

adotamos foi inserir pares de contextos e sentenças para os quais já sabíamos se a sentença era verdadeira ou se era falsa. Em (2.18), (2.19) e (2.20), temos exemplos de condições controle. Em (2.18), já sabemos que a sentença é verdadeira no contexto dado. Já em (2.19), sabemos que a sentença é falsa pois, de acordo com o contexto, a chegada da Luciana Storto está no futuro e a sentença em Karitiana está no não-futuro. Por fim, sabemos que (2.20) teríamos uma sentença que é verdadeira no contexto dado, mas a sentença não é gramatical porque o verbo *iengyt* ('vomitar') exige um argumento oblíquo e *kytopo* ('chicha') na sentença não está marcado com o caso oblíquo.<sup>20</sup>

(2.18) Elivar diz para você "Koot ytaahyt cervejaty yn". A partir do que ele te disse é verdade que o Elivar tomou cerveja ontem?

( ) SIM

( ) NÃO

(2.19) Contexto: A professora Luciana Storto chegará em Porto Velho amanhã. Você usaria a sentença "Luciana Storto naakat iakat Porto Velho pip"?

( ) SIM

( ) NÃO

(2.20) Mauro tomou muita chicha na festa ontem e acabou vomitando. Você usaria a sentença "Mauro naakat iengyt kytopo" para descrever essa situação?

( ) SIM

( ) NÃO

Sendo assim, se o consultor estivesse atento, ele responderia 'sim' para a primeira condição e 'não' para as demais. Caso ele respondesse 'sim' nas duas primeiras e 'não' na segunda, ele estaria dizendo 'não' apenas para sentenças agramaticais e saberíamos, assim, que ele está fornecendo julgamento de gramaticalidade em vez de julgar o valor de verdade da sentença. Por fim, se o consultor responde 'não' para a primeira ou 'sim' para todas as condições, isso significa que tem algo causando ruído na elicitación. Ou o consultor não está prestando atenção/está cansado, ou não domina a ortografia do português/Karitiana

---

<sup>20</sup> É importante ressaltar que o Karitiana é uma língua que não possui *futurate* que é o fenômeno no qual o presente pode ser usado para indicar o futuro (MÜLLER e FERREIRA, 2020a).



suficientemente. Quando esse tipo de ruído ocorreu, os dados fornecidos por esse consultor não foram considerados no momento da análise.

### **2.3 Recapitulando**

Este capítulo apresentou a metodologia de coleta e análise de dados empregada por esta pesquisa. Essa pesquisa faz uma análise qualitativa dos dados de duas línguas: o PB e o Karitiana. Os dados da primeira língua são de introspecção enquanto que os dados da segunda língua são provenientes de elicitación de dados contextualizada. Essa técnica possui três etapas e há diferentes técnicas que podem ser usadas para a contextualização. O próximo capítulo discutirá as concepções de tempo, aspecto e modo que serão assumidos por esta pesquisa.



## CAPÍTULO 3 - NOÇÕES BÁSICAS PARA AS CATEGORIAS DE TEMPO, ASPECTO E MODO

---

Uma das propriedades da linguagem humana é o deslocamento (HOCKETT, 1960). A linguagem permite deslocamentos de três tipos: espacial, temporal e modal. O deslocamento espacial está relacionado ao fato de que a linguagem permite que se fale de coisas que não estão presentes no mesmo espaço como ilustrado em (3.1a). O deslocamento temporal está relacionado ao fato de que a linguagem nos permite falar de momentos diferentes do presente como ilustrado em (3.1b). O deslocamento modal está relacionado ao fato de que a linguagem nos permite falar de situações diferentes da realidade como ilustrado em (3.1c).

- (3.1) a. Meu celular está **lá na cozinha**.  
 b. Lula **foi** presidente do Brasil.  
 c. Se o Lula fosse presidente em 2021, teria comprado as vacinas.

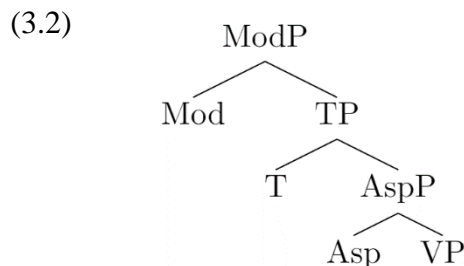
Nesta tese, nos interessa os dois últimos tipos (i.e., deslocamento temporal e modal) visto que ambos parecem ser vitais para expressar contrafactualidade. As línguas possuem diferentes mecanismos para indicar o deslocamento temporal e modal. Aqueles que são de interesse para essa pesquisa são a morfologia de tempo, aspecto e modo.

O objetivo deste capítulo é apresentar o tratamento adotado na semântica formal para essa morfologia. Em relação à estrutura sintática, seguiremos a sintaxe gerativista na qual cada uma das categorias funcionais possui projeções dentro da estrutura sintática e, assim, os morfemas de tempo, aspecto e modo ocupariam os núcleos dessas projeções sintagmáticas. Todos esses núcleos possuem escopo sobre o sintagma verbal (i.e., o VP).<sup>21</sup> A estrutura tradicionalmente assumida por trabalhos na semântica formal em relação ao tempo, ao aspecto e ao modo (KRATZER, 1998; ARREGUI, 2005; FERREIRA, 2016) está representada em (3.2).<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Nesta tese, usaremos as abreviações em inglês quando apresentarmos as estruturas sintática e semântica. Sendo assim, Mod = Núcleo modal, ModP (Mood Phrase) = Sintagma modal, T = Núcleo temporal, TP (Tense Phrase) = Sintagma temporal, Asp = Núcleo aspectual, AspP (Aspectual Phrase) = Sintagma aspectual e VP (Verbal Phrase) = Sintagma verbal.

<sup>22</sup> Pela estrutura em (3.1) subentende-se que tudo que é assumido como tempo (i.e., *presente*, *passado* e *futuro*) ocorre em TP e tudo que é assumido como aspecto (i.e., *perfectivo*, *imperfectivo*, *prospectivo*, *perfeito*) ocorre em ASPP. Como veremos nas subseções sobre tempo e aspecto, as línguas parecem ter uma estrutura mais complexa



A derivação composicional do significado ocorre na ordem representada na estrutura acima. Este capítulo está dividido em três seções. A primeira apresenta a concepção de tempo que será adotada, a segunda apresenta a noção de aspecto e, por fim, a terceira apresenta a noção de modo/modalidade.

### 3.1 Tempo na Semântica Formal

Esta seção apresenta a concepção de tempo de acordo com a semântica formal. Primeiramente, é importante diferenciarmos duas concepções para a palavra tempo, uma semântica e outra morfológica.

A concepção semântica de tempo, que será referida aqui como *tempo nocional* ou simplesmente *tempo*, é uma categoria do significado que indica se um intervalo de tempo ocorre antes, depois ou concomitante ao momento da enunciação. Chamaremos essas noções respectivamente de PASSADO, FUTURO e PRESENTE.

Já a noção morfológica de tempo diz respeito à maneira como as línguas podem marcar essas noções através de morfemas/partículas no sintagma verbal. Por exemplo, é à essa morfologia que nos referimos quando falamos do *presente simples* e *passado simples* no inglês ou quando falamos do *presente do indicativo* ou do *pretérito perfeito do indicativo* no PB.<sup>23</sup> Os morfemas que ocorrem no sintagma verbal serão referidos aqui como *tempo gramatical*.

Seguiremos Dowty (1979) e assumiremos que uma sentença morfológicamente marcada para tempo pode ser decomposta em duas partes: em um item que expressa tempo e em uma sentença morfológicamente sem tempo, que será representada aqui pelo uso do infinitivo. O morfema/partícula então toma uma sentença na qual o tempo da eventualidade

---

pois o futuro não parece ocorrer no mesmo nó que o presente e o passado e parece haver mais de um nó aspectual. No entanto, vamos complexificar a estrutura à medida que for necessário de modo que, até o final deste capítulo, teremos a versão final assumida por essa pesquisa.

<sup>23</sup> A divisão entre *tempo nocional* e *tempo gramatical* feita aqui é baseada na divisão entre *time* e *tense* proposta por Klein (1994).

não está definido e determina qual orientação temporal que será usada para julgar o valor de verdade da sentença (OGIHARA, 2005).

(3.3) a. Joana estuda linguística.

a'. No tempo presente, é verdade que *Joana estuda linguística*.

b. Joana estudou linguística.

b'. Houve um tempo passado no qual era verdade que *Joana estuda linguística*.

O tempo é uma categoria dêitica pois está ancorado no momento da enunciação da sentença. Semanticamente, o tempo gramatical relaciona dois intervalos de tempo: o intervalo de tempo no qual a sentença é enunciada e o intervalo de tempo sobre o qual se fala (REICHENBACH, 1947; KLEIN, 1994). O primeiro intervalo de tempo será chamado TE (Tempo da Enunciação) e o segundo será chamado TT (Tempo do Tópico).<sup>24</sup>

Nessa proposta, o passado expressa que TE ocorre depois de TT. Ilustramos isso através do exemplo (3.4) abaixo no qual o tempo do tópico é ‘os anos 90’. O diagrama em (3.4b) mostra que o TT ocorre antes de TE que é o intervalo (ou o momento) no qual a sentença é enunciada. Assim, o tempo da sentença é o PASSADO que é marcado morfológicamente em (3.4a) pelo pretérito imperfeito do indicativo do verbo ‘ser’.

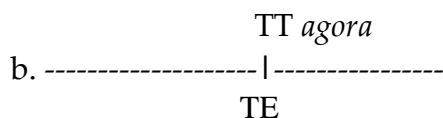
(3.4) a. Essa atriz era famosa nos anos 90.

b.  $\text{TT } \textit{anos 90}$   $\text{TE}$   
 -----[.....]-----|-----

Já o presente expressa que TE está incluído em TT ou é igual a TT. Ilustramos isso através do exemplo (3.5) abaixo no qual o tempo do tópico é ‘agora’. O diagrama em (3.5b) mostra que o TT corresponde ao TE que é o intervalo no qual a sentença é enunciada. Assim, o tempo da sentença é o PRESENTE que é marcado morfológicamente em (3.5a) pelo presente do indicativo do verbo ‘estar’.

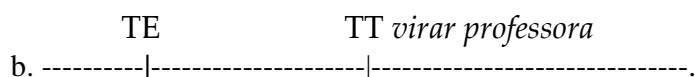
<sup>24</sup> Tradução dos termos UT (Utterance Time) e TT (Topic Time) apresentados em Klein (1994).

(3.5) a. Essa atriz está cansada agora.



Por fim, o futuro expressa que TE ocorre antes de TT. Ilustramos isso através do exemplo (3.6) abaixo no qual o tempo do tópico é *quando virar professora*. O diagrama em (3.6b) mostra que o TT ocorre depois de TE que é o intervalo no qual a sentença é enunciada. Assim, o tempo da sentença é o FUTURO que é marcado morfológicamente em (3.6a) pelo futuro do indicativo do verbo ‘ser’.

(3.6) a. Maria será amada pelos alunos quando virar professora.



Fora do paradigma formal, é comum se definir tempo gramatical como a expressão de uma relação entre o momento da fala e o intervalo de tempo no qual ocorre o evento. Nessa concepção de tempo, o passado, por exemplo, expressaria que o intervalo de tempo de um evento ou estado antecede o momento da fala. Essa aceção não dá conta de certos usos dos morfemas de tempo como demonstrado por Reichenbach (1947) e Klein (1994). Por exemplo, em (3.7) abaixo, a forma pretérita do verbo *ser* é empregada. Se assumirmos que o passado indica que o estado antecede o momento da fala, a sentença veicularia que o livro deixou de ser em russo. No entanto, o uso do passado pela testemunha em (3.7) não significa que o livro deixou de ser em russo, ou seja, a testemunha não usa o passado para indicar que o estado de ser em russo antecede o momento da fala. Nesse contexto, o tempo do qual se fala é ontem, ou seja, ontem é o TT e o pretérito é empregado porque TT antecede o tempo da enunciação TE.

(3.7) CONTEXTO: *Depoimento em uma delegacia*

*Delegado:* Descreva o que você viu ao entrar na cena do crime.

*Testemunha:* Cheguei no escritório ontem. Havia um livro em cima da mesa.

**O livro era em russo.**

Observe que o tempo do tópico pode estar ou não explícito em uma sentença. Nos exemplos (3.4-3.6) acima o TT aparece explicitamente nas sentenças. No entanto, ele pode ser

dado contextualmente como ilustrado em (3.8). Mesmo que a testemunha não deixe explícito de quando ela fez essas ações, fica claro, pelo contexto, que o intervalo de tempo que é o tópico (TT) é ontem.

- (3.8) *Delegado*: Descreva o que você fez ontem?  
*Testemunha*: Tomei café, saí de casa e cheguei no escritório.

Desta forma, pode-se representar a contribuição do tempo da seguinte maneira:

- (3.9) a. passado :  $TT < TE$   
 b. presente :  $TT \supseteq TE$   
 c. futuro :  $TT > TE$

Na semântica formal, há dois tipos de análises para tratar a semântica do tempo. A primeira assume que tempo é um quantificador existencial sobre intervalos de tempo (PRIOR, 1957; 1967). A outra proposta assume que tempo é pronominal (PARTEE, 1973; KRATZER, 1998).

Prior (1957; 1967) propõe que tempo é um operador sentencial que introduz um quantificador existencial. Essa proposta pode ser formalizada como em (3.10-3.12) abaixo. Nessas formalizações,  $t'$  equivale ao tempo do tópico TT e  $t$  equivale ao tempo da fala TE, ou seja, as formalizações mantêm a relação entre intervalos de tempo observada em (3.9) e a principal diferença é que, em (3.10-3.12), se assume que  $t'$  está sob o escopo de um quantificador existencial.

$$(3.10) \llbracket \textit{passado} \rrbracket^t = \lambda p_{\langle s, t \rangle}. \exists t' < t: p(t') = 1$$

PARÁFRASE: o tempo passado é uma função que toma  $p$  pertencente ao domínio das proposições  $\langle s, t \rangle$  e diz que existe um intervalo de tempo  $t'$  que antecede um intervalo de tempo  $t$  e que a proposição  $p$  é verdadeira em  $t'$ .

$$(3.11) \llbracket \textit{presente} \rrbracket^t = \lambda p_{\langle s,t \rangle}. \exists t' \supseteq t: p(t') = 1$$

PARÁFRASE: o tempo presente é uma função que toma  $p$  pertencente ao domínio das proposições  $\langle s,t \rangle$  e diz que existe um intervalo de tempo  $t'$  que está contido ou é igual a um intervalo de tempo  $t$  e que a proposição  $p$  é verdadeira em  $t'$ .

$$(3.12) \llbracket \textit{futuro} \rrbracket^t = \lambda p_{\langle s,t \rangle}. \exists t' > t: p(t') = 1$$

PARÁFRASE: o tempo futuro é uma função que toma  $p$  pertencente ao domínio das proposições  $\langle s,t \rangle$  e diz que existe um intervalo de tempo  $t'$  que precede um intervalo de tempo  $t$  e que a proposição  $p$  é verdadeira em  $t'$ .

No entanto, a proposta quantificacional apresentada acima tem um problema. Alguns trabalhos (PARTEE, 1973; KRATZER, 1998) mostram que o tempo pode atuar de maneira referencial de maneira semelhante a um pronome. Essas semelhanças estão ilustradas em (3.13). Em (3.13a), o pronome ‘ele’ refere a qualquer indivíduo proeminente no contexto (e.g. João, Pedro, Marcos, etc.). Da mesma forma, a forma de passado no verbo *ir* em (3.13b) refere a intervalo de tempo específico no passado proeminente no contexto (e.g. ontem, esta manhã, quando procurei por ele, etc.). Observe que, se enunciadas fora de contexto, não é possível recuperar a quem o pronome ‘ele’ se refere em (3.13a) ou quando o falante não foi para a universidade em (3.13b). Por exemplo, um interlocutor completamente desinformado poderia responder (3.13a) com “*Ele quem?*” e (3.13b) com “*Não veio para a universidade quando?*”, o que mostra que o tempo funciona como um pronome, porém, o primeiro está relacionado com uma pessoa saliente no contexto enquanto que o segundo está relacionado com um intervalo de tempo saliente no contexto.

- (3.13) a. Ele não veio ontem.  
b. Não fui para a universidade.

Observe novamente a forma lógica apresentada para o passado em (3.10). Há duas maneiras possíveis de derivar a sentença em (3.13b) a partir da proposta de passado em (3.10): (i) assumir que a negação tem escopo sobre o quantificador existencial como em (3.14) ou (ii) não assumir que a quantificação existencial tem escopo sobre a negação como



em (3.14). Ou seja, as diferenças no escopo geram duas condições de verdade possíveis para (3.13b) a depender do escopo entre a negação e o quantificador existencial.

(3.14) *Negação com escopo sobre o quantificador*

$\neg \exists t' < t$ : Eu ir para a universidade em  $t' = 1$

PARÁFRASE: Não é verdade que existe um intervalo de tempo  $t'$  que antecede um intervalo de tempo  $t$  e a proposição *eu não ir para a universidade* é verdadeira em  $t'$ .

(3.15) *Quantificador com escopo sobre a negação*

$\exists t' < t$ :  $\neg$  Eu ir para a universidade em  $t' = 1$

PARÁFRASE: Existe um intervalo de tempo  $t'$  que antecede um intervalo de tempo  $t$  e não é verdade que a proposição *eu não ir para a universidade* é verdadeira em  $t'$ .

O problema é que nenhuma dessas condições de verdade parecem descrever corretamente a semântica da sentença em (3.13b). Se essas condições de verdade em (3.14) estivessem corretas, a existência de qualquer  $t'$  no qual o falante foi a universidade tornaria a sentença falsa, ou seja, o falante estaria dizendo algo como “eu nunca fui a universidade” ao enunciar (3.13b). Porém, sabemos que não é isso que o falante diz ao enunciar (3.13b).

Se as condições de verdade descritas em (3.15) estivessem corretas, a existência de qualquer intervalo  $t'$  antes de  $t$  no qual o falante não foi a universidade tornaria a sentença verdadeira, ou seja, o falante estaria dizendo algo como “houve um momento no qual eu não fui à universidade” e a sentença sempre seria verdadeira porque sempre haverá um tempo no passado no qual alguém não foi a universidade. Porém, sabemos também que não é isso que o falante diz ao enunciar (3.13b).

Dessa forma, observamos que a proposta quantificacional para o passado apresentada em (3.10) é incapaz de derivar corretamente as condições de verdade de uma sentença quando ela ocorre com a negação. Esse fato foi primeiramente reportado por Partee (1973). A autora apresenta um contexto no qual, uma pessoa exclama logo após ter saído de casa “*Eu não desliguei o fogão!*”. A autora mostra que o falante, nessa

sentença, não se refere a qualquer intervalo de tempo, mas sim um intervalo de tempo específico que é aquele que antecede a saída de casa, ou seja, o tempo funcionaria como um pronome. Enquanto pronomes identificariam sujeitos específicos salientes no contexto, tempos identificariam intervalos de tempo específicos salientes no contexto. Por exemplo, na sentença “*Eu não desliguei o fogão!*” o passado se referiria ao intervalo de tempo específico que antecede a saída do sujeito de casa.

Kratzer (1998) apresenta a seguinte formalização para representar a proposta pronominal da semântica de tempo. É essa a proposta que será assumida por esta pesquisa.

- (3.16)  $[[\textit{passado}]]^{\text{g},c}$  = definido apenas se  $c$  prover um intervalo de tempo  $t < \text{TE}$ ; se definido, então  $[[\textit{passado}]]^{\text{g},c} = t$

PARÁFRASE: O passado é definido se o intervalo de tempo contextualmente definido  $t$  anteceder o intervalo de tempo na enunciação TE, caso seja definido, o passado terá o valor do intervalo  $t$ .

- (3.17)  $[[\textit{presente}]]^{\text{g},c}$  = definido apenas se  $c$  prover um intervalo de tempo  $t \subset \text{TE}$ ; se definido, então  $[[\textit{presente}]]^{\text{g},c} = t$

PARÁFRASE: O passado é definido se o intervalo de tempo contextualmente definido  $t$  incluir o intervalo de tempo na enunciação TE, caso seja definido, o passado terá o valor do intervalo  $t$ .

No entanto, a proposta para o passado apresentada acima tem um contraexemplo. Nela, o passado relaciona o tempo do tópico  $t$  com o tempo da enunciação TE. Ferreira (2017) mostra que, pelo menos para o português brasileiro, há casos no qual o passado não leva em conta o tempo da enunciação como ilustrado em (3.18) abaixo. Nesse exemplo, a forma do passado do verbo ‘estar’ é empregada, no entanto, o tempo do tópico (*sábado à tarde*) está localizado depois do tempo da enunciação e não antes. Se estivesse correta, a proposta para o passado em (3.16) levaria a uma falha de pressuposição em (3.18) uma vez que ela pressupõe que o tempo do tópico antecede o tempo da enunciação.

(3.18) A: No sábado à tarde, Pedro disse que virá para a minha casa para concertar a porta da minha garagem.

B: Pedro é tão preguiçoso! Aposto que ele não vai aparecer. Aí, ele vai te ligar na segunda pela manhã e vai dizer que *estava* passando mal e teve que ficar em casa.

(FERREIRA, 2017, p. 7)

Para resolver isso, Ferreira (2017) apresenta a proposta de que o tempo passado não relaciona o tempo do tópico ao tempo da enunciação. O que ele faz é relacionar o tempo do tópico a outro intervalo de tempo contextualmente saliente  $g(j)$ . Essa proposta está definida em (3.19) abaixo.

(3.19)  $[[\textit{passado}_j]]^{g,c}$  = definido apenas se  $c$  prover um intervalo de tempo  $t < g(j)$ ; se definido, então  $[[\textit{passado}]]^{g,c} = t$

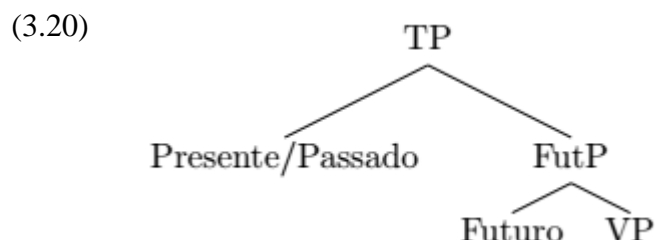
PARÁFRASE: O passado é definido se o intervalo de tempo contextualmente definido  $t$  anteceder outro intervalo de tempo  $g(j)$  contextualmente definido, caso seja definido, o passado terá o valor do intervalo  $t$ .

Observe que a análise pronominal atribuiu uma nova semântica para o passado e para o presente, mas não mencionou o futuro. Isso ocorre porque, nas propostas trabalhadas neste capítulo, o futuro não é considerado um tempo da mesma maneira que o passado e o presente. Um argumento é que tanto no inglês quanto no português o futuro pode coocorrer com o passado ou o presente. Por exemplo, no inglês, o futuro é representado por *woll* e quando coocorre com o presente é realizado como *will* e quando coocorre com o passado é realizado como *would*.<sup>25</sup> A mesma coisa se verifica para o português brasileiro que possui um futuro do presente (e.g. *estudará*) e um futuro do pretérito (e.g. *estudaria*). Se o futuro pode coocorrer com presente e passado, isso é uma evidência de que: (i) o futuro não ocupa a mesma posição na estrutura e (ii) ele não tem as mesmas propriedades que o presente e o passado.

---

<sup>25</sup> Enquanto ‘*will*’ é a forma conjugada para o presente e o ‘*would*’ é a forma para o passado, alguns linguistas usam ‘*woll*’ como uma forma atemporal de verbo modal (ver Arregui, 2005). Note, no entanto, que ‘*woll*’ é uma abstração visto que, no discurso, o verbo sempre aparece com tempo.

Assumiremos para o português brasileiro que o futuro ocorre abaixo do sintagma de tempo na estrutura da sentença tomando VP como argumento como ilustrado em (3.20).



Por exemplo, quando o nó de futuro é dominado pelo presente, *will* no inglês seria realizado como *will* como ilustrado em (3.21a). No entanto, quando dominado pelo passado, *will* seria realizado como *would* como ilustrado em (3.21b).<sup>26</sup>

- (3.21) a. John will make a cake.  
b. John would make a cake.

Além da diferença estrutural em (3.20), o futuro também apresenta uma diferença semântica porque ele não funcionaria como um pronome da mesma forma que o presente e o passado. Ele tomaria um intervalo de tempo *i* que seria o presente ou o passado e localizaria o tempo da proposição *i'* depois desse intervalo. A forma lógica para esse futuro está representada em (3.22).

$$(3.22) \llbracket \textit{futuro} \rrbracket = \lambda P. \lambda i. \exists i': i' > i \ \& \ P(i')$$

PARÁFRASE: O futuro toma um predicado e um intervalo de tempo *i* e afirma que existe um intervalo de tempo *i'* depois de *i* e que o predicado ocorre nesse intervalo de tempo *i'*.

A semântica do futuro ilustrada em (3.22) parece muito com uma semântica aspectual uma vez que ela toma um intervalo que é o tempo do tópico (i.e., *i*) e assera que existe um outro intervalo (i.e., *i'*) que é posterior a *i* no qual a eventualidade ocorre.

<sup>26</sup> Essa proposta será essencial aqui para diferenciar o *futuro do presente* e o *futuro do pretérito* no PB como será visto no próximo capítulo. No entanto, isso não parece ser universal uma vez que, como argumentaremos no capítulo 3, o futuro no Karitiana parece estar na mesma posição estrutural e ter as mesmas propriedades que o outro tempo na língua que é o não-futuro.

Se *i* for o presente, temos um futuro em relação ao presente (i.e., *will*) e se *i* for o passado, temos um futuro em relação ao passado (i.e., *would*). Ou seja, o futuro parece funcionar como um aspecto prospectivo.

Como veremos no Capítulo 4, essa análise funciona para o português brasileiro. De forma semelhante ao que ocorre com '*will*'/'*would*' no inglês, o futuro no português pode ser expresso pelo auxiliar 'ir' orientado para o presente como 'vou' ou orientado para o passado como 'ia'. O futuro no português brasileiro também pode ser expresso através de um sufixo verbal, mas mesmo o sufixo verbal possui a forma -ei, como em 'trabalharei', chamada de futuro do presente e a forma -ia como em 'trabalharia' chamada de futuro do pretérito, ou seja, mesmo a morfologia corrobora a proposta que o futuro não realiza a mesma operação que o presente e o passado. No entanto, veremos no Capítulo 5 que isso não é verdade para o Karitiana, ou seja, a semântica que atribuiremos a uma partícula que exprime futuridade parece variar de língua para língua.

Esta seção apresentou algumas concepções de tempo na semântica formal e mostrou quais serão empregadas neste trabalho. A próxima seção apresenta aspecto nesse mesmo paradigma.

### 3.2 Aspecto na Semântica Formal

Esta seção apresenta a concepção de aspecto de acordo com a semântica formal. Há dois tipos de fenômenos que são tratados como aspecto. O primeiro deles está relacionado a composição interna da eventualidade. Esse fenômeno é referido na literatura como *aspecto lexical* ou *aktionsart*.<sup>27</sup> O segundo deles está relacionado a como essa eventualidade é disposta na linha do tempo em relação ao intervalo que serve como tópico. Esse fenômeno será referido como *aspecto gramatical* ou simplesmente como *aspecto*. Esta subseção descreve apenas o aspecto gramatical uma vez que ele é o foco da nossa pesquisa.

---

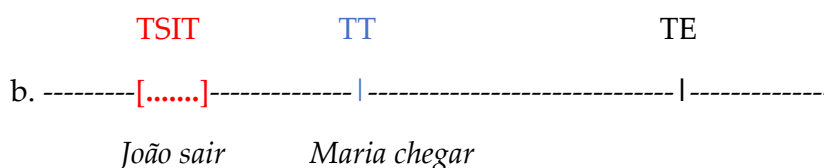
<sup>27</sup> *Aktionsart* vem do alemão e significa *Tipo de ação*. Não é comum na literatura em semântica formal de traduzir esse termo. Seguiremos essa tradição e usaremos o termo original em alemão. Além disso, o termo *aspecto lexical* pode dar a entender que essa é uma propriedade do item lexical, o que não é verdade. Consideramos que essa é uma propriedade do evento denotado pelo VP.

Holt (1943, p. 6, apud Comrie (1976, p. 3)) define aspecto como “*as diferentes maneiras de ver a conceptualização interna da situação*”. A concepção semântica, que será referida aqui como *aspecto nocional* ou somente *aspecto*, é uma categoria do significado que indica se os intervalos de tempo nos quais a situação se desenvolve ocorrem antes, depois, contêm ou estão contidas no intervalo de tempo que é tópico da sentença. Chamaremos essas noções respectivamente de PERFEITO, PROSPECTIVO, IMPERFECTIVO e PERFECTIVO. As línguas podem marcar essas noções morfologicamente no verbo. Os morfemas/partículas que ocorrem no sintagma verbal serão referidos aqui como *aspecto gramatical*.

Diferente de tempo, o aspecto não é uma categoria dêitica pois não está ancorado no momento da enunciação da sentença. Adotaremos a definição de que o aspecto relaciona dois intervalos de tempo: o intervalo de tempo no qual a situação se desenvolve e o intervalo de tempo sobre o qual se fala (KLEIN, 1994). O primeiro intervalo de tempo será chamado TSIT (Tempo da Situação) e o segundo será chamado TT (Tempo do Tópico).<sup>28</sup>

Nessa proposta, o perfeito expressa que TSIT ocorre antes de TT. Ilustramos isso através do exemplo (3.23) abaixo. O diagrama em (3.23b) mostra que o TSIT *João sair* ocorre antes de TT *Maria chegar*. Dessa forma, o aspecto que aparece no verbo ‘sair’ é o PERFEITO que é marcado em (3.23a) pela forma perifrástica pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo do verbo ‘sair’.

(3.23) a. João já tinha saído quando Maria chegou.



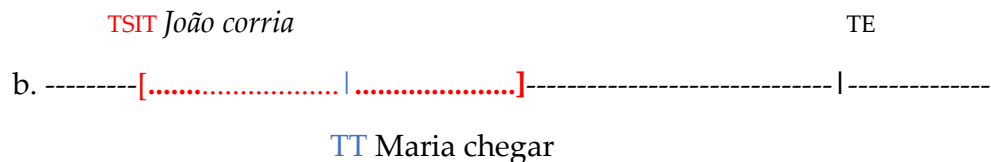
O aspecto prospectivo seria um espelho do perfeito uma vez que indicaria uma relação oposta, ou seja, que TSIT ocorre depois de TT. Apesar do português brasileiro não possuir um aspecto prospectivo reconhecido pela gramática tradicional, aquilo que chamamos de futuro poderia ser analisado como um aspecto prospectivo como discutimos na subseção anterior.

Já o imperfectivo expressa que TSIT contém TT (KLEIN, 1994). Ilustramos isso através do exemplo (3.24) abaixo. O diagrama em (3.24b) mostra que o TSIT *João correr*

<sup>28</sup> Tradução livre do conceito TSIT (Time of the Situation) apresentado em Klein (1994).

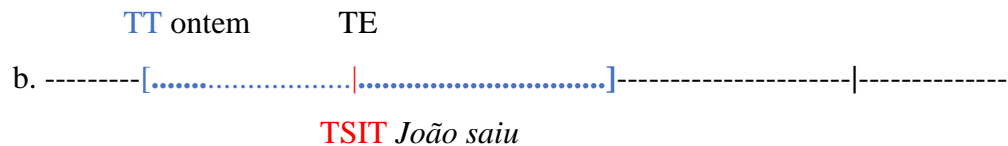
contem TT *Maria chegar*. Assim, o aspecto da sentença é o IMPERFECTIVO aparece marcado morfológicamente em (3.24a) pelo pretérito imperfeito do indicativo do verbo ‘correr’.

(3.24) a. João corria quando Maria chegou.



Por fim, o perfectivo expressa que TSIT está contido em TT. Ilustramos isso através do exemplo (3.25) abaixo. O diagrama em (3.25b) mostra que o TT *ontem* contem TSIT de *João sair*. Assim, o aspecto da sentença é o PERFECTIVO que é marcado morfológicamente em (3.25a) pelo pretérito perfeito do indicativo do verbo ‘sair’.<sup>29</sup>

(3.25) a. João saiu ontem.



Desta forma, pode-se representar a contribuição do aspecto dentro da proposta de Klein (1994:108) da seguinte maneira:

- (3.26) a. PERFECTO : TSIT < TT  
 b. PROSPECTIVO : TSIT > TT  
 c. IMPERFECTIVO : TSIT ⊃ TT  
 d. PERFECTIVO : TT ⊂ TSIT

Essa proposta pode ser formalizada com lambda como ilustrado em (3.27).<sup>30</sup> Nessas formalizações, pode-se observar a mesma relação entre intervalos de tempo observada em

<sup>29</sup> Observe que a nomenclatura adotada pela gramática tradicional é enganosa pois a morfologia recebe o nome de perfeito, mas, na verdade, sua semântica é de perfectivo.

<sup>30</sup> Essas formalizações seguem aquelas fornecidas nos handouts de aula do semanticista *Seth Cable*. Tais handouts estão disponíveis em: <https://people.umass.edu/scable/LING720-FA21/Handouts/3.Aspect-Basics.pdf>

(3.26) acima pois  $t(e)$  equivale ao tempo da situação TSIT e  $t'$  equivale ao tempo do tópico TT.

$$(3.27) \text{ a. } \llbracket \textit{perfeito} \rrbracket^{w,t,g} = \lambda P_{\langle \varepsilon, t \rangle}. \lambda t'_{i.} \exists e. t(e) < t' \ \& \ P(e) = 1$$

PARÁFRASE: O aspecto perfeito é uma função que toma uma propriedade de eventos  $P$  pertencente ao domínio  $\langle \varepsilon, t \rangle$  e retorna outra função que toma um intervalo de tempo  $t'$  e afirma que existe um evento  $e$  e que o tempo  $t(e)$  no qual esse evento ocorre antecede o intervalo de tempo  $t'$  e que o predicado  $P$  aplicado ao evento  $e$  é verdadeiro.<sup>31</sup>

$$\text{ b. } \llbracket \textit{imperfectivo} \rrbracket^{w,t,g} = \lambda P_{\langle \varepsilon, t \rangle}. \lambda t'_{i.} \exists e. t' \subseteq t(e) \ \& \ P(e) = 1$$

PARÁFRASE: O aspecto imperfectivo é uma função que toma uma propriedade de eventos  $P$  pertencente ao domínio  $\langle \varepsilon, t \rangle$  e retorna outra função que toma um intervalo de tempo  $t'$  e afirma que existe um evento  $e$  e que o tempo  $t(e)$  no qual esse evento ocorre inclui ou é igual ao intervalo de tempo  $t'$  e que o predicado  $P$  aplicado ao evento  $e$  é verdadeiro.

$$\text{ c. } \llbracket \textit{perfectivo} \rrbracket^{w,t,g} = \lambda P_{\langle \varepsilon, t \rangle}. \lambda t'_{i.} \exists e. t(e) \subseteq t' \ \& \ P(e) = 1$$

PARÁFRASE: O aspecto perfectivo é uma função que toma uma propriedade de eventos  $P$  pertencente ao domínio  $\langle \varepsilon, t \rangle$  e retorna outra função que toma um intervalo de tempo  $t'$  e afirma que existe um evento  $e$  e que o intervalo de tempo  $t(e)$  está incluso ou é igual ao intervalo de tempo  $t'$  e que o predicado  $P$  aplicado ao evento  $e$  é verdadeiro.

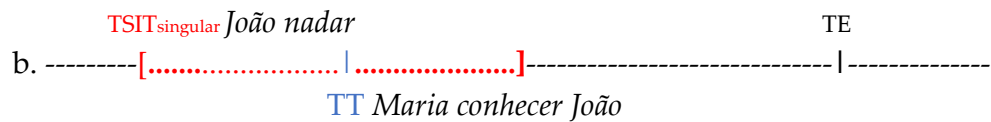
---

<sup>31</sup> Assumiremos que a derivação semântica é derivada a partir dos tipos semânticos. O tipo  $\langle \varepsilon, t \rangle$  indica que  $P$  precisa de algo do tipo evento  $\varepsilon$  e retorna algo do tipo valor de verdade  $t$ . Não entraremos em detalhes, pois os tipos semânticos não serão essenciais para o entendimento desta tese. Para mais informações sobre esse tipo de semântica, recomendamos o manual de Kratzer e Heim (1998) em inglês e o manual de Ferreira (2019) em português.



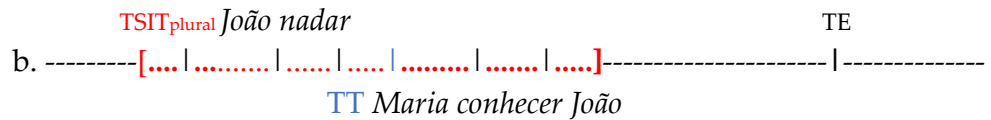
No entanto, a semântica apresentada acima não dá conta de prever todos os usos dos aspectos citados. Por exemplo, sabe-se que o imperfectivo pode ter duas leituras: uma leitura progressiva ou uma leitura habitual. Na leitura progressiva, o tempo do tópico estaria incluído no tempo do evento como ilustrado no exemplo (3.28) no qual o tempo do evento (i.e. *João nadar*) inclui o tempo do tópico (i.e. *Maria conhecer João*). Já na leitura habitual, o tempo do tópico está incluído no intervalo de tempo no qual o hábito de nadar ocorre como ilustrado no exemplo (3.29) no qual o intervalo de tempo no qual o hábito de nadar ocorre inclui o tempo do tópico (i.e. *Maria conhecer João*).

(3.28) a. João nadava quando Maria o conheceu.



LEITURA: João estava nadando no momento que Maria o conheceu.

(3.29) a. João nadava quando Maria o conheceu.



LEITURA: João tinha o hábito de nadar quando Maria o conheceu.

Como ilustrado nas linhas do tempo em (3.28b) e (3.29b), a diferença entre a leitura progressiva e a leitura habitual do imperfectivo está relacionada à quantidade de eventos. Enquanto na leitura progressiva, como em (3.28), há apenas um evento marcado por uma linha vermelha contínua, na leitura habitual, como em (3.29), há uma pluralidade de eventos marcado pela intercalação entre preto e vermelho na linha do tempo sendo que vermelho identifica os momentos nos quais João nada. Para isso, o Ferreira (2014; 2016) assume dois operadores abstratos sobre eventos: um singular e um plural como ilustrado abaixo:

$$(3.30) \text{ sg} = \lambda P. \lambda e. \text{min}(e, P)$$

$$\text{min}(e, P) \Leftrightarrow P(e) \ \& \ \neg \exists e' < e : P(e')$$

$$(3.31) \text{ pl} = \lambda P. \lambda e. \text{sum}(e, P)$$

$$\text{sum}(e, P) \Leftrightarrow P(e) \ \& \ \exists e_1, e_2, \dots, e_n, \langle e : P(e_1) \ \& \ P(e_2) \ \& \ \dots \ \& \ P(e_n) \ \& \ \otimes(e_1, e_2, \dots, e_n) \ \& \ e = e_1 \oplus e_2 \oplus \dots \oplus e_n$$

De acordo com Ferreira (2014; 2016), a leitura progressiva ocorre quando o aspecto imperfectivo ocorre com o operador singular como ilustrado em (3.32a). Já a leitura habitual ocorre quando o aspecto imperfectivo ocorre com o operador plural como ilustrado em (3.32b).

$$(3.32) \text{ a'. } \llbracket \textit{imperfectivo sg} \rrbracket = \llbracket \textit{imperfective} \rrbracket (\llbracket \textit{sg} \rrbracket)$$

$$\text{a''. } \llbracket \textit{imperfectivo sg} \rrbracket = \lambda P. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{min}(e, P)$$

$$\text{b'. } \llbracket \textit{imperfectivo pl} \rrbracket = \llbracket \textit{imperfective} \rrbracket (\llbracket \textit{pl} \rrbracket)$$

$$\text{b''. } \llbracket \textit{imperfectivo pl} \rrbracket = \lambda P. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{sum}(e, P)$$

No entanto, essa proposta ainda não é suficiente para descrever as condições de verdade de uma sentença contendo o imperfectivo. Se aplicássemos a proposta de imperfectivo em (3.32) para uma sentença como (3.33a), teríamos as condições de verdade expressas em (3.33b). No entanto, essas condições de verdade não descrevem adequadamente o significado da sentença porque elas estipulam a existência de um evento como pode ser observado em  $\exists e$ . O problema é que, como observamos na subseção sobre *aktionsart*, que nem sempre o uso do imperfectivo vai acarretar na existência de um evento como ilustrado em (3.33b). Se João estava no meio da travessia e foi atingido por um ônibus, então nunca houve um evento de atravessar a rua. Por esse motivo, é problemático que o imperfectivo acarrete na existência de um evento como indicado pelas condições de verdade em (3.33).

$$(3.33) \text{ a. João estava atravessando a rua (quando um ônibus o atropelou)}$$

$$\text{b. } \text{1 sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{min}(e, \lambda e. \text{é o evento de João atravessar a rua})$$

PARÁFRASE: A sentença é verdadeira se e somente se existe um evento  $e$  e o intervalo de tempo  $\tau$  contextualmente definido estiver incluído no intervalo de tempo  $\tau$  do evento e esse o evento de João atravessar a rua e não há nenhuma parte desse evento que também seja um evento de João atravessar a rua.

Para resolver isso, assume-se que o imperfectivo possui uma semântica modal e emprega-se a semântica de mundos possíveis em seu significado. Nessa proposta, a existência do evento não é assumida no mundo real, mas sim em mundos possíveis acessíveis a partir do mundo real. Essa proposta está formalizada em (3.34).

$$(3.34) \quad a. \llbracket imp\ sg \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. \lambda w. \forall w' \in BEST(\varphi, M, O, w, i) \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ SG(\varphi(w'))(e)^{32}$$

$$b. \llbracket imp\ pl \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. \lambda w. \forall w' \in BEST(\varphi, M, O, w, i) \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ PL(\varphi(w'))(e)$$

Assim, o imperfectivo não acarreta na existência de um evento no mundo real, mas sim em  $\forall w' \in BEST(\varphi, M, O, w, i)$  que são os melhores mundos possíveis  $w'$  semelhantes ao mundo real  $w$  no tempo  $i$ . Os melhores mundos possíveis são aqueles nos quais tudo ocorre como esperado e, se tudo ocorre como esperado, o evento existe. Apesar do imperfectivo possuir uma semântica modal, essa semântica não interage com as sentenças contrafactuais como explicado por Ferreira (2014; 2016). Dessa forma, não representaremos essa semântica nos próximos capítulos ao falar do aspecto imperfectivo nas contrafactuais e adotaremos, por motivo de simplicidade, a formalização em (3.32).

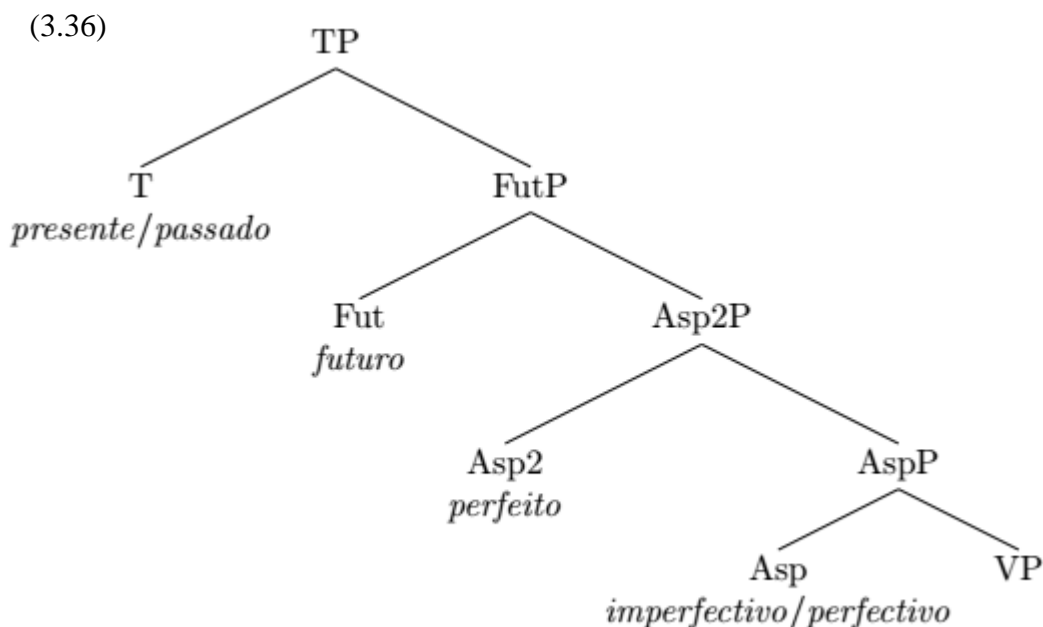
Outro fenômeno interessante é que o perfeito, tanto no inglês quanto no português, parece ocupar uma posição distinta dos aspectos perfectivo e imperfectivo. Isso porque o perfeito pode coocorrer tanto com o aspecto imperfectivo ou com o perfectivo. Por exemplo, no inglês, o perfeito é representado pelo auxiliar ‘*have*’ e quando coocorre com o perfectivo é realizado como ‘*have*’ como ilustrado em (3.35a) e quando coocorre com o imperfectivo é realizado como ‘*have been*’ como ilustrado em (3.35b). Se o perfeito pode coocorrer tanto com perfectivo quanto com imperfectivo, isso é uma evidência de que o perfeito não ocupa a mesma posição na estrutura que esses outros aspectos.

- (3.35) a. I **have** studied semantics before.  
 b. I **have been** studying semantics since 2010.

---

<sup>32</sup>  $\varphi$  refere-se a intensão de VP, ou seja, é uma função de mundos para conjuntos de eventos. M refere-se a base modal circunstancial, ou seja, os mundos possíveis  $w'$  são acessados de acordo com as circunstâncias em  $w$ . O refere-se a fonte de ordenação que ordena os mundos possíveis  $w'$  ideais a partir de  $w$ . Dessa forma,  $BEST(\varphi, M, O, w, i)$  retorna o conjunto de mundos possíveis ideais acessíveis a partir de uma base circunstancial.

Assumiremos que o perfeito ocorre abaixo do nó FUTP e ocupando o nó AspP2 e que esse tem escopo sobre o nó AspP no qual ocorrem o imperfeito e o perfectivo. O nó AspP, por fim, tem escopo sobre VP. Essa estrutura está ilustrada em (3.36).



Apesar da posição diferente na estrutura, a semântica do perfeito seria a mesma assumida em (3.27a).

### 3.3 Modo na semântica formal

Esta subseção descreve a concepção de modo na semântica formal. A categoria que chamamos de modo abarca dois fenômenos: MODO VERBAL e MODO SENTENCIAL.<sup>33</sup> O modo verbal se refere a diferentes formas que o sintagma verbal assume de acordo com estados cognitivos como crenças, desejos e sonhos (PORTNER, 2018). Por exemplo, no PB, quando usamos um verbo como ‘achar’, o verbo da oração subordinada fica no modo indicativo como ilustrado por ‘é’ em (3.37a). Já quando usamos um verbo como ‘querer’, o verbo da subordinada fica no modo subjuntivo como ilustrado por ‘seja’ em (3.37b).

<sup>33</sup> A depender do autor, evidenciais também são analisados como pertencentes a categoria modo (PORTNER, 2018, p. 7). Não encontramos nenhuma relação na literatura e nem em nossos dados entre contrafactualidade e evidencialidade. Desse modo, não discutiremos de evidenciais nesta tese.

- (3.37) a. Teresa acha que Maria é competente.  
 b. Teresa quer que Maria **seja** promovida.

O modo verbal recebe esse nome, pois ele geralmente é marcado no núcleo do sintagma verbal. Os modos verbais mais discutidos na literatura são o indicativo e o subjuntivo, exemplificados em (3.37) acima.

O modo sentencial, por outro lado, está relacionado às funções que uma sentença pode ter. Por exemplo, a sentença em (3.38a) tem a função de afirmar algo, a sentença (3.38b) tem a função de questionar algo e a sentença em (3.38c) tem a função de ordenar algo. Os modos sentenciais mais proeminentes na literatura são o declarativo, o interrogativo e o imperativo, representados nas sentenças em (3.38).

- (3.38) a. Maria é competente.  
 b. Maria vai ser promovida?  
 c. Promova Maria!

Ao discutir contrafactualidade, o modo verbal é relevante pois muitas línguas marcam as contrafactuals através de algum paradigma do subjuntivo (IATRIDOU, 2000). Já o modo sentencial não parece influenciar a expressão de contrafactualidade e, por esse motivo, não será discutido aqui. Para entendermos a análise dada na semântica formal para o modo verbal, três concepções são fundamentais: (i) MUNDOS POSSÍVEIS; (ii) PROPOSIÇÕES e (iii) MODALIDADE. Discutiremos essas concepções nas próximas subseções.

### 3.3.1 Mundos possíveis

Como discutimos na introdução, o deslocamento modal é uma propriedade chave que permite a linguagem humana falar de possíveis versões da nossa realidade. Uma sentença como (3.39a), ao ser enunciada, tem seu valor de verdade determinado apenas com base na realidade, ou seja, verifica-se o mundo real e a sentença será verdadeira se e somente se estiver chovendo no mundo real no tempo em que foi pronunciada a sentença (chamaremos esse mundo de  $w$ ). Assim, poderíamos parafrasear a sentença em (3.39a) como ‘está chovendo no mundo real ( $w$ ) neste momento’. Já a sentença em (3.39) não tem o seu valor de verdade determinado apenas com base na realidade porque, ao ouvi-la, sabemos que a situação de estar chovendo não está ocorrendo no mundo  $w$  (i.e., o mundo real), mas em diferentes

alternativas de  $w$  (chamaremos essas diferentes alternativas de  $w'$ ). Assim, poderíamos parafrasear a sentença em (3.39b) como ‘existe uma alternativa do mundo real ( $w'$ ) na qual está chovendo neste momento’.

- (3.39) a. Está chovendo.  
b. Poderia estar chovendo.

Mundos possíveis é a maneira como nos referimos às alternativas da nossa realidade, ou seja, às diversas maneiras como a realidade poderia ser diferente. Por exemplo, a ex-presidenta do Brasil Dilma Rouseff sofreu um impeachment em 2016. Podemos imaginar realidades alternativas, isto é, mundos possíveis  $w'$ , nas quais o impeachment nunca ocorreu e nos quais a ex-presidenta terminou o seu mandato.

Existem infinitas formas da realidade ser diferente e, conseqüentemente, existem infinitos mundos possíveis. A formalização de mundos possíveis foi desenvolvida por Kripke (1980) e esse conceito é relevante porque a análise de modo verbal geralmente é feita na semântica empregando mundos possíveis (PORTNER, 2011).

### 3.3.2 Proposições

Outro conceito fundamental para entendermos a análise semântica é o de proposição. Em linhas gerais, podemos definir uma proposição como a ideia que uma sentença expressa. Por exemplo, a sentença em (3.40) expressa a proposição de que a pessoa no mundo conhecida como Marie Curie era polonesa.

- (3.40) Marie Curie era polonesa.

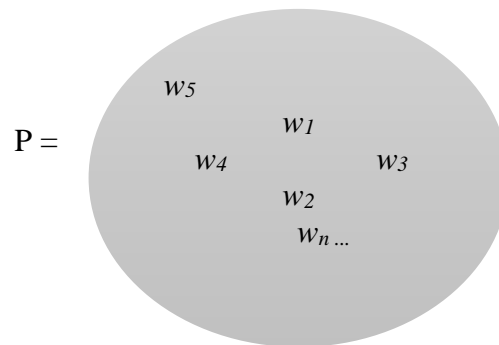
Na semântica de mundos possíveis, cada proposição pode ser identificada através do conjunto de mundos possíveis nos quais ela é verdadeira (KRATZER, 2012). Por exemplo, a sentença (3.40) denota a proposição ‘Marie Curie era polonesa’, que pode ser representada pelo conjunto  $P$  no qual todos os mundos possíveis ( $w_1, w_2, w_3, \dots, w_n$ ) são mundos nos quais ‘Marie Curie era polonesa’ é algo verdadeiro. Haverá muitos mundos possíveis assim. Ilustramos tal conjunto por meio do diagrama em (3.41b) no qual  $w_1$  pode ser um mundo possível no qual Marie Curie era polonesa, descobriu o polônio e o rádio e ganhou dois prêmios Nobel;  $w_2$  pode ser um mundo possível no qual Marie Curie era polonesa, nunca saiu

da Polônia ou descobriu elementos químicos;  $w_3$  pode ser um mundo no qual Marie Curie era Polonesa, descobriu 3 elementos e ganhou 3 prêmios Nobel. Perceba que o conjunto P terá todos os mundos  $w$  nos quais Marie Curie era polonesa, independente desses mundos serem ou não parecidos com o mundo atual  $w_0$ . Por exemplo, pela descrição acima,  $w_1$  seria semelhante ao mundo atual e  $w_2$  e  $w_3$  seriam bem diferentes. O que todos os mundos possíveis dentro do conjunto P que representam a proposição ‘Marie Curie era polonesa’ têm em comum é que essa proposição é verdadeira em todos eles.

(3.41) a.  $P = \{w: \text{Marie Curie era Polonesa em } w\}$

EM OUTRAS PALAVRAS: P é o conjunto que inclui todos os mundos  $w$  tais que Marie Curie era polonesa nesses mundos  $w$ .

b.



### 3.3.3 Modalidade

A terceira noção crucial quando falamos de modo é a de modalidade. Isso porque é recorrente se assumir que modo verbal veicula algum tipo de modalidade. A definição tradicional assume que modalidade expressa atitude, opinião ou julgamento do falante em relação a proposição (LYONS, 1977; PALMER, 2001). A modalidade é um fenômeno linguístico que permite falar sobre situações que não precisam ser reais (PORTNER, 2018). A modalidade nos permite falar de situações que são possíveis ou necessárias (KRATZER, 1998; HACQUARD, 2011). Afirmamos que a oração em (3.42) é modal, na concepção de Portner (2018), pois ela fala de uma situação que não é real, ou seja, Marie Curie não ganhou um terceiro prêmio Nobel. Na concepção de Kratzer (1998), podemos falar que (3.42) é modal porque estamos falando de Marie Curie ganhar um terceiro prêmio Nobel como uma situação possível.

(3.42) Marie Curie poderia ter ganhado um terceiro prêmio Nobel.

A modalidade pode ser expressa por diversos itens linguísticos (ver von Stechow, 2006:1) como auxiliares modais como ilustrado em (3.43a), advérbios como ilustrado em (3.43b), adjetivos como ilustrado em (3.43c) e estruturas condicionais como ilustrado em (3.43d).

- (3.43) a. **Deve** chover hoje.  
 b. **Certamente**, choverá hoje.  
 c. É **necessário** que chova hoje.  
 d. Se chover hoje, não regue as plantas.

A semântica formal, embasado pela lógica, assume que a modalidade está relacionada com situações possíveis ou necessárias (Kratzer, 1998). Assim, nesse tratamento, há dois tipos de força modal. Modais são chamados fortes quando expressam uma necessidade como é o caso dos elementos modais em (3.43a-d). Quando expressam uma possibilidade, os modais são chamados fracos como ilustrado em (3.44).

- (3.44) a. **Pode** chover hoje.  
 b. **Talvez**, chova hoje.  
 c. Há uma pequena **possibilidade** de chover hoje.  
 d. É **possível** que chova hoje.

Na semântica formal, a diferença entre modais fortes e fracos é explicada através de uma quantificação sobre mundos possíveis. Ao usar um modal forte, como em (3.43), estamos considerando que todas as situações que imaginamos, isto é, todos os mundos possíveis, a situação ocorre. Isso é formalizado através do quantificador  $\forall$  (lê-se *para todos*) que realiza uma quantificação universal, ou seja, indica que em todos os elementos sendo considerados uma propriedade se aplica como ilustrado em (3.45) abaixo.

(3.45)  $\forall w'$ . chove em  $w'$

Lê-se para todo mundo possível  $w'$ , chove em  $w'$ .



Já quando usamos um modal fraco, como em (3.44), estamos considerando que apenas em parte dos mundos possíveis, mas não em todos, a situação ocorre. Isso é formalizado através do quantificador  $\exists$  (lê-se *existe*) que realiza uma quantificação existencial, ou seja, indica que existem elementos sendo considerados aos quais uma propriedade se aplica, mas não são necessariamente todos como ilustrado em (3.46) abaixo.

(3.46)  $\exists w'$ . chove em  $w'$

Lê-se existe um mundo possível  $w'$  e chove em  $w'$ .

Ao avaliar as condições de verdade de uma sentença, não são quaisquer mundos possíveis  $w'$  que são considerados no computo. Analisamos uma sentença como “Deve chover hoje” como dizendo *para todo mundo possível  $w'$ , chove em  $w'$* . Ora, se essa fosse a história completa, a sentença seria sempre falsa, pois bastaria existir um mundo possível  $w'$  no qual não chove. Como sempre vai existir uma alternativa da realidade na qual não chove, nunca será verdade que chove em todo mundo possível  $w'$ .

Da mesma forma, uma sentença como “Pode chover amanhã” seria trivialmente verdadeira. Analisamos, como ilustrado em (3.46), como afirmando que *existe um mundo possível  $w'$  e chove em  $w'$* . Ora, se fosse apenas isso, a sentença seria sempre verdadeira, pois bastaria existir um mundo possível  $w'$  no qual chove. Como sempre vai existir uma alternativa da realidade na qual chove, será sempre verdade que existe um mundo possível  $w'$  no qual chove.

O que isso nos mostra é que não são todas as possibilidades da realidade que contam, mas aquelas acessadas pelo falante no mundo real a partir de certos critérios. Por exemplo, imagine que alguém olhe a previsão do tempo e veja que a possibilidade de chuva para amanhã é de 100%. Então, essa pessoa enuncia a sentença “Deve chover amanhã”. O que essa pessoa está dizendo não é que vai chover em todas as alternativas da nossa realidade, mas sim que vai chover em todas as alternativas da realidade se considerarmos as evidências que temos agora no mundo real ( $w$ ). Desse modo, quando alguém enuncia sentenças como “Pode chover” ou “Deve chover”, são consideradas apenas as alternativas acessadas a partir do mundo real segundo alguns parâmetros. Em nosso exemplo, as evidências no mundo real ( $w$ ) são o parâmetro que ela está utilizando para acessar essas possibilidades. Essa necessidade do mundo possível  $w'$  ser acessado a partir do mundo  $w$  é chamada na lógica modal de Relação de Acessibilidade.

Podemos reformular as formalizações em (3.45) e (3.46) especificando o critério segundo o qual as possibilidades acessadas a partir do mundo real ( $w$ ). Por exemplo, (3.47a) especifica que para todas as alternativas da realidade  $w'$ , se elas são acessadas a partir do que sabemos no mundo real ( $w$ ), chove em  $w'$ . Já (3.47b) especifica que existe uma alternativa  $w'$  acessada a partir do que sabemos no mundo real ( $w$ ) e chove nessa alternativa  $w'$ .

(3.47) a.  $\forall w' . w' \text{ é acessado a partir do que se sabe em } w \rightarrow \text{chove em } w'$ .

b.  $\exists w' . w' \text{ é acessado a partir do que se sabe em } w \ \& \ \text{chove em } w'$ .

Os parâmetros empregados para acessar os mundos possíveis  $w'$  definem o tipo de modalidade. Há diferentes tipos de modalidade que dependem desses parâmetros. Podemos falar em modalidade epistêmica, deôntica, bulética, circunstancial etc.

Quando os mundos possíveis são acessados com base no que se sabe, temos uma modalidade epistêmica. Por exemplo, na sentença em (3.48), o verbo modal 'deve' veicula uma modalidade epistêmica visto que se afirma que Maria deve estar em casa com base no que se sabe, ou seja, que a luz está acesa e que a Maria só deixa a luz acesa quando está em casa.

(3.48) Maria deve estar em casa.

Contexto: Dito por alguém na frente da casa da Maria vendo que a luz está acesa.

Se os mundos são acessados com base em regras, chamamos de modalidade deôntica. Por exemplo, na sentença (3.49), o verbo modal 'deve' é deôntico porque espera-se que Maria esteja em casa, pois, de acordo com as regras estabelecidas pela mãe da Maria, ela não pode sair.

(3.49) Maria deve estar em casa.

Contexto: Dito por alguém que sabe que a mãe da Maria proibiu ela de sair.

Se os mundos possíveis  $w'$  são acessados com base nos desejos, chamamos de modalidade bulética. Por exemplo, na sentença (3.50), a locução verbal 'ter que' é bulética, pois o/a falante espera que Maria esteja em casa com base em seus desejos.

(3.50) Maria tem que estar em casa.

Contexto: Dito por alguém a caminho da casa da Maria e que precisa muito falar com ela.

Quando os mundos possíveis  $w'$  são acessados com base nas circunstâncias, chamamos a modalidade de circunstancial. Por exemplo, na sentença (3.51), a locução verbal ‘ter que’ expressa modalidade circunstancial visto que, dadas as circunstâncias atuais de que uma encomenda importante vai chegar, se faz necessário que Maria esteja em casa.

(3.51) Maria tem que estar em casa.

Contexto: Há uma encomenda importante para chegar que ela precisa receber pessoalmente.

Esta seção apresentou alguns conceitos que são essenciais quando falamos de modo/modalidade. Retomaremos esses conceitos no capítulo 4 quando discutirmos o as diferenças entre modo subjuntivo e modo indicativo no PB e no capítulo 6 quando discutirmos o papel de tempo, aspecto e modo em contrafactuais.

### **3.4 Recapitulando**

Este capítulo discutiu as concepções de tempo, aspecto e modo que serão trabalhadas nesta pesquisa. Grosso modo, o tempo será tratado como uma relação entre momento da fala e momento da referência, o aspecto será tratado como a relação entre momento da referência e momento do evento e modo/modalidade como quantificação sobre mundos possíveis. O próximo capítulo discute uma análise para tempo, aspecto e modo em PB.



## CAPÍTULO 4 - O PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

Este capítulo apresenta a análise adotada nesta tese para as categorias de tempo, aspecto e modo no PB. Essa apresentação se faz necessária por dois motivos. Primeiramente, para entendermos porque o comportamento da morfologia de tempo e/ou aspecto é atípico nas contrafactuais, deve-se mostrar qual é o comportamento que estamos considerando como típico.

Além disso, o PB é uma língua fusional (para uma discussão da classificação das línguas, ver LIEBER, 2009, p. 133), ou seja, um único morfema é responsável por expressar tempo, aspecto e modo como ilustrado pelo exemplo (4.01).

### (4.01) Am-ei

radical – 1SG.PST.PFT.PFV.IND

No exemplo acima, o verbo é composto pelo radical am- e pelo sufixo -ei. Apesar da gramática tradicional se referir a esse sufixo como tempo, ele expressa vários significados como pessoa, número, tempo, aspecto e modo, sendo os últimos três o foco desta pesquisa. Por esse motivo, pode não ficar claro quais ingredientes estão sendo expressos por um sufixo verbal no português brasileiro. A gramática tradicional atribui uma nomenclatura a esses morfemas, mas tal nomenclatura não é elucidativa porque nem sempre ela corresponde à terminologia que estamos empregando nesta tese. Por exemplo, o que chamamos de ‘passado’, ‘perfectivo’, ‘imperfectivo’ e ‘perfeito’, a gramática chama de ‘pretérito’, ‘perfeito’, ‘imperfeito’ e ‘mais-que-perfeito’ respectivamente. Além disso, como veremos mais adiante neste capítulo, nem sempre o termo usado pela gramática para nomear um morfema corresponde a semântica do morfema. Por exemplo, há morfemas chamados de ‘pretérito’ que podem ter uma semântica de presente, há morfemas chamados de ‘imperfeito’ que não são imperfectivos e assim sucessivamente.

A forma verbal acima corresponde ao que chamamos de pretérito perfeito do indicativo. Como veremos nas próximas seções, há vários paradigmas verbais para a expressão de tempo, aspecto e modo no PB. Algumas das análises feitas neste capítulo são do autor desta pesquisa e outras são de Schmit (2001) e Ferreira (2017). Quando não forem apresentadas referências, a análise é do autor desta tese.

Apresentamos os tempos gramaticais do PB neste capítulo da seguinte maneira: A primeira subseção apresenta os paradigmas do modo indicativo. A segunda subseção apresenta os paradigmas do modo subjuntivo. O modo imperativo participa de construções condicionais como ‘Faça isso e a mãe te dá um doce’, mas não será tratado nesta tese uma vez que, até onde sabemos, esse modo não é empregado em sentenças contrafactuais. Por fim, a terceira subseção fará um resumo das propostas para os tempos gramaticais analisados.

#### 4.1 Os tempos gramaticais do modo indicativo

Esta seção trata a morfologia pertencente ao paradigma de modo indicativo apresentando, para cada morfema, sua estrutura semântica e a contribuição para as condições de verdade de uma sentença. Mas antes, discutiremos a contribuição semântica dos modos indicativo e subjuntivo *per se*.

As sentenças matrizes aparecem, em sua grande maioria, no modo indicativo. Já as subordinadas vão variar de acordo com o predicado que as seleciona. Há verbos que selecionam o modo indicativo e não o modo subjuntivo como, por exemplo, o verbo ‘achar’ ilustrado em (4.02a). Esse verbo fica estranho quando usado com uma subordinada no modo subjuntivo como ilustrado em (4.02b).

- (4.02) a. Eu acho que médicos **são** felizes.  
 b. ?Eu acho que médicos **sejam** felizes.<sup>34</sup>

Há outros verbos que selecionam o modo subjuntivo e não o modo indicativo como, por exemplo, o verbo ‘esperar’ ilustrado em (4.03a). Esse mesmo verbo fica estranho com o indicativo como ilustrado em (4.03b).

- (4.03) a. Eu espero que médicos **sejam** felizes.  
 b. \*Eu espero que um médico **são** felizes.

---

<sup>34</sup> A sentença ‘eu acho que médicos sejam felizes’ parece poder ser usada em um contexto no qual se duvida que médicos sejam felizes. Por exemplo, se alguém diz acreditar que médicos não são felizes por trabalhar muito, podemos retrucar com a sentença (4.02b). Sendo assim, o uso do subjuntivo parece mais estar relacionado a quão factível é a eventualidade em determinado contexto.

Por fim, há verbos que aceitam subordinadas no modo indicativo ou no modo subjuntivo. Por exemplo, o verbo ‘procurar’ ficam bom tanto com um complemento no modo indicativo, como ilustrado em (4.04a), quanto com um complemento no modo subjuntivo, como ilustrado em (4.04b).

(4.04) a. Eu procuro um homem que **é** feliz.

b. Eu procuro um homem que **seja** feliz.

Essa distribuição não é igual para todas as línguas. O verbo ‘*crede*’ (‘acreditar’/‘achar’) em italiano seleciona um complemento no modo subjuntivo enquanto que o verbo ‘*creo*’ (‘acreditar’/‘achar’) em espanhol seleciona um complemento no modo indicativo (PORTNER, 2011, p. 1264).

Poderíamos assumir que os modos indicativo e subjuntivo não contribuem semanticamente para as condições de verdade da sentença, mas indicam que a sentença está em um ambiente modal. Nessa proposta, o subjuntivo ocorreria quando a sentença estivesse no escopo de um operador modal (FARKAS, 1992; PORTNER, 2011). Assumiremos essa linha de análise. Para nós, a alternância entre os modos observada (4.04) não é indício que eles contribuem semanticamente. Seguimos Marques & Pires de Oliveira (2016), que há uma quantificação sobre os mundos possíveis nos quais a proposição denotada pela subordinada é verdadeira. Se a proposição for verdadeira em todos os mundos possíveis sendo quantificados, o modo selecionado é o indicativo, enquanto que, se a proposição for falsa em mais de um mundo possível, o modo selecionado será o subjuntivo. A alternância observada em orações como (4.04) ocorre porque o predicado possibilita ambas as leituras.

A gramática tradicional (CUNHA e CINTRA, 2016, p. 395) assume que os seguintes ‘tempos verbais’ são paradigmas do modo indicativo:<sup>35</sup> *o presente do indicativo, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o pretérito mais-que-perfeito, o futuro do presente e futuro do pretérito*. No entanto, a gramática tradicional às vezes identifica formas sintéticas e perifrásticas para um mesmo paradigma. Por exemplo, o *pretérito perfeito* teria uma forma sintética (i.e., ‘eu estudei’) e uma forma perifrástica (i.e., ‘eu tenho estudado’). Discutiremos nesta tese ambas as formas.

Outras formas que são do interesse desta tese são as formas progressivas (verbo ‘estar’ + gerúndio). Elas parecem ser o principal mecanismo no PB para expressar aspecto imperfectivo. Além delas, há locuções verbais que parecem ter a mesma semântica de alguma

---

<sup>35</sup> Lembrando que aquilo que a gramática tradicional chama de ‘tempo verbal’ são morfemas que expressam temporalidade, aspectualidade e modalidade.

das formas mencionadas acima. Por exemplo, é de interesse desta tese a locução ‘ir’ + infinitivo que parece estar substituindo os paradigmas de *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. Começaremos a discussão pelo presente do indicativo.

#### 4.1.1 O presente

A gramática tradicional nomeia como *presente do indicativo* o seguinte:<sup>36</sup>

(4.05) Maria **estuda**.

Essa morfologia é usada em diferentes contextos. Quando ocorre com estados, ela expressa que o estado perdura no momento da fala. Por exemplo, na sentença (4.06), o verbo ‘é’ corresponde ao presente do indicativo do verbo ‘ser’ e expressa que o estado de ser feliz é verdadeiro em um intervalo que inclui o momento da fala.

---

<sup>36</sup> As gramáticas tradicionais assumem que o português brasileiro possui seis conjugações como ilustrado em (i).

(i) SEIS CONJUGAÇÕES

Eu *estudo*  
 Tu *estudas*  
 Ele *estuda*  
 Nós *estudamos*  
 Vós *estudais*  
 Eles *estudam*

No entanto, PB está passando por uma redução de seus paradigmas. A norma culta atualmente possui cinco ou quatro conjugações, a depender da região onde é falada, como ilustrado respectivamente em (ii) e (iii).

(ii) CINCO CONJUGAÇÕES

Eu *estudo*  
 Tu *estudas*  
 Você/ele/ela *estuda*  
 Nós *estudamos*  
 Vocês/eles/elas *estudam*

(iii) QUATRO CONJUGAÇÕES

Eu *estudo*  
 Tu/você/ele/ela *estuda*  
 Nós *estudamos*  
 Vocês/eles/elas *estudam*

As normas populares do português possuem um quadro ainda mais reduzido, com três ou duas conjugações, como ilustrado respectivamente em (iv) e (v).

(iv) TRÊS CONJUGAÇÕES

Eu *estudo*  
 Tu/você/ele/ela/ nós/a gente *estuda*  
 Vocês/eles/elas *estudam*

(v) DUAS CONJUGAÇÕES

Eu *estudo*  
 Tu/você/ele/nós/a gente/vocês/eles/elas *estuda*

Neste capítulo, os paradigmas serão ilustrados com exemplos da terceira pessoa do singular e assumiremos que a semântica temporal, aspectual e modal é a mesma para as demais pessoas daquele paradigma, independente da quantidade de conjugações. Para mais informações sobre a redução das conjugações no PB ver Vianna e Lopes (2015) e Scherre et al (2015).



(4.06) João é feliz.

Contudo, a semântica é diferente quando essa mesma morfologia é empregada com *achievements*, *accomplishments* e atividades. Nesses casos, o presente do indicativo não expressa que o evento ocorre no momento da fala, mas a existência de um hábito daquele evento. Por exemplo, a sentença (4.07a) expressa que João tem o hábito de fumar, (4.07b) expressa que João tem o hábito de construir casas e (4.07c) expressa que João tem o hábito de ganhar corridas.

- (4.07) a. João **fuma**. (atividade)  
 b. João **constrói** casas. (*accomplishment*)  
 c. João **ganha** corridas frequentemente. (*achievement*)

Observe que as sentenças em (4.07) podem ser utilizadas mesmo que os eventos não estejam ocorrendo no momento da fala, ou seja, João não precisa estar fumando, nem construindo uma casa e nem ganhando uma corrida no exato momento em que as sentenças em (4.07) são enunciadas. Para expressar que o evento está ocorrendo no momento da fala, é necessário empregar a forma progressiva como ilustrado por (4.08).

- (4.08) a. João **está** fumando. (atividade)  
 b. João **está** construindo uma casa. (*accomplishment*)  
 c. João **está** ganhando a corrida. (*achievement*)

Na forma progressiva acima, é empregado o verbo auxiliar ‘estar’ no *presente do indicativo* e o verbo principal aparece no gerúndio.<sup>37</sup> Além disso, o presente do indicativo também pode expressar um evento futuro. Por exemplo, a sentença (4.09) expressa que a partida do trem é às 14h, ou seja, no futuro em relação ao momento da fala.

(4.09) O trem **parte** às 14h.

---

<sup>37</sup> As locuções verbais serão tratadas nas subseções de acordo com a marcação que ocorre no verbo auxiliar. Por exemplo, a forma progressiva, ilustrada em (4.08), apesar de fazer parte de outro paradigma, será tratada nessa subseção sobre o presente uma vez que o verbo estar aparece marcado com esse tempo verbal.

O presente simples do indicativo também pode expressar um presente narrativo. Ele é empregado quando se narra fatos que ocorrem em tempo real. Por exemplo, a sentença (4.10) pode ser empregada para se narrar os lances de uma partida de futebol.

(4.10) E Ronaldo **chuta** a bola para o Gol.

Por fim, o último uso do qual falaremos é o presente histórico. Nesse tempo, fatos do passado são narrados utilizando o tempo presente. Por exemplo, a sentença (4.11) pode ser utilizada por um professor de história em uma aula sobre a história do Brasil.

(4.11) O ano **é** 1807. Portugal **é** invadido pelos franceses. A família real portuguesa **foge** para o Brasil.

Assim, constatamos os seguintes usos para o presente do indicativo: (i) estados que ocorrem no momento da enunciação; (ii) hábito; (iii) progressivo; (iv) futuro planejado; (v) presente narrativo e (vi) presente histórico. As leituras (iv) e (vi) são desafiadoras porque parecem estar empregando uma orientação temporal diferente da interpretação que é geralmente atribuída ao morfema. A leitura de presente narrativo é problemática porque, nesse contexto, o presente é empregado para descrever eventos que ocorrem no momento da fala quando nos demais contextos isso não ocorre como ilustrado em (4.07). Apesar desses vários usos, a literatura parece concordar que não é necessário que um tratamento para o presente que dê conta de todos esses usos.

Por exemplo, a literatura parece concordar que esse é o presente histórico é um fenômeno marginal. Para Schmit (2001) e Ogihara (2005), o presente histórico não é bem um presente, mas parece se tratar de um fenômeno distinto. Ogihara (2005) argumenta que esse uso possui algumas limitações já que o presente não pode coocorrer com advérbios que denotam claramente o passado como ilustrado em (4.12).

(4.12) ?João **está** no Rio dois meses atrás.

Concordamos com Schmit (2001) que esse não é uma instância do presente. Apesar da morfologia empregada ser a de presente, ambos enunciador e enunciatário sabem que as

eventualidades descritas ocorreram no tempo passado, ou seja, essa morfologia não tem um papel na determinação do tempo das eventualidades em relação ao momento da fala.

O mesmo é válido para o presente narrativo uma vez que a literatura também trata esse uso como especial. Há diferentes estruturas que um evento pode ter e mostramos como essas estruturas podem classificar eventos. Essa classificação segundo a estrutura interna, chamamos de *Aktionsart*. Segundo Schimit (2001), a estrutura interna dos eventos é ignorada no presente narrativo. Como o presente denota o momento da fala, que é instantâneo, seria impossível conceber esse momento instantâneo contendo um evento maior. Contudo, ignorar a estrutura do evento possibilitaria concebê-lo dentro do momento da fala e esse seria o uso que chamamos de presente narrativo. Ogihara (2005) trata esse uso como incomum e restrito a certos contextos apenas. O autor mostra que seu emprego é limitado como ilustrado em (4.13) abaixo. Seguiremos esses autores e trataremos o presente narrativo como um uso especial cuja descrição está fora do escopo deste trabalho.

(4.13) a. ?João **constrói** uma casa agora.

b. ?João **escreve** um livro agora.

Em relação a leitura de futuro programado, as propostas divergem se ele é um uso especial ou se essa leitura faz parte da semântica do presente. Ogihara (2005) trata a leitura de futuro programado no inglês como parte do presente, ou seja, a morfologia de presente indicaria um não-passado uma vez que ela poderia se referir tanto ao presente quanto ao futuro. Nessa proposta, o inglês seria uma língua de sistema passado vs. não-passado.

A proposta de que o presente é na verdade um não-passado é adotada para o PB por Müller & Laca (2017). Outras propostas consideram o futuro programado como um uso especial. Essa é a linha seguida por Ferreira (2016; 2017) e Schmitt (2001). Na proposta de Schmitt (2001), essa leitura é desencadeada pelo advérbio que é incompatível com o momento da fala. A autora afirma que nesses casos a interpretação é habitual, porém, ela não desenvolve esse raciocínio sendo difícil de entender seu critério para classificar esse uso como habitual. Seguiremos Ferreira (2017) e trataremos esse uso como especial.

Das seis leituras do presente, argumentamos que três são usos especiais, a saber: o presente narrativo, o presente histórico e o futuro programado. Dessa forma, a semântica que apresentaremos para o presente no PB ignorará tais usos. Assim, as leituras do *presente do indicativo* que pretendemos dar conta são o presente habitual, o presente progressivo e o

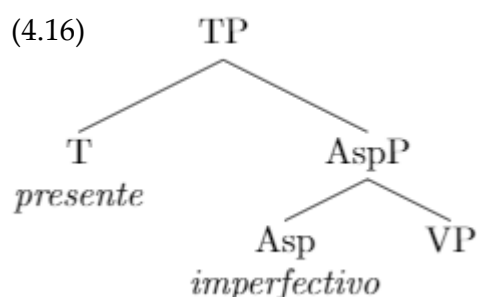
presente que expressa que a eventualidade ocorre no momento da fala como ilustrado em (4.14).

- (4.14) a. João **fuma** todos os dias.  
 b. João **está fumando** neste momento.  
 c. João **é** professor.

Um dos ingredientes semânticos do *presente do indicativo* em (4.14) seria o presente. Ao discutir a semântica desse ingrediente, Ferreira (2016) propõe que ele seja pronominal e refere-se ao momento  $\tau$  (c) como ilustrado em (4.15). Esse tempo seria equivalente ao momento da fala, ou seja, o  $\tau$  (c) das sentenças em (4.14a-c) seria o momento no qual elas são faladas. Mas o presente não seria o único ingrediente semântico do presente do indicativo. Para Ferreira (2016), o *presente do indicativo* seria o *spell out* da combinação da semântica de presente ilustrada em (4.15) com aspecto imperfectivo como ilustrado na estrutura em (4.16). O imperfectivo tomaria um predicado e esse momento  $\tau$  (c) e localizaria  $\tau$  (c) dentro do tempo do evento  $\tau$ (e) no qual o predicado ocorre. A diferença é que a leitura habitual em (4.14a) seria feita a partir do imperfectivo plural como ilustrado em (4.17b) e as outras leituras do presente ilustradas em (4.14b-c) seriam feitas a partir do imperfectivo singular ilustrado em (4.17a).<sup>38</sup>

(4.15)  $[[\text{PRESENTE}]]^{\text{g:c}} = \tau$  (c)

PARÁFRASE: o presente é um momento  $\tau$  dado pelo contexto c.



<sup>38</sup> Essa é uma versão simplificada do aspecto imperfectivo. Como discutimos no capítulo 3, esse aspecto faz uma quantificação sobre mundos possíveis que não está representada uma vez que não será relevante para esta tese.

$$(4.17) \quad a. \quad \llbracket \text{IMP SG} \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{SG}(\varphi)(e)$$

PARÁFRASE: o imperfectivo singular toma uma propriedade de eventos  $\varphi$  e um intervalo de tempo  $i$  e afirma que existe um evento  $e$  e que o intervalo de tempo  $i$  está contido no intervalo de tempo  $\tau$  no qual o evento perdura e o evento  $e$  referente a propriedade de eventos  $\varphi$  é singular.

$$b. \quad \llbracket \text{IMP PL} \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{PL}(\varphi)(e)$$

PARÁFRASE: o imperfectivo singular toma uma propriedade de eventos  $\varphi$  e um intervalo de tempo  $i$  e afirma que existe um evento  $e$  e que o intervalo de tempo  $i$  está contido no intervalo de tempo  $\tau$  no qual o evento perdura e o evento  $e$  referente a propriedade de eventos  $\varphi$  é plural.

Seguiremos o autor e adotaremos essa análise para o *presente do indicativo* no PB como observado em (4.18a-c). Segundo essa proposta, as sentenças (4.14a-c) acima possuiriam as seguintes condições de verdade:

$$(4.18) \quad a. \text{ João } \mathbf{fuma}$$

$$1 \text{ sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{PL}(\varphi)(e)$$

$$\varphi = \lambda e. e \text{ é um evento de João fumar}$$

$$b. \text{ João } \mathbf{está} \text{ fumando}$$

$$1 \text{ sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{SG}(\varphi)(e)$$

$$\varphi = \lambda e. e \text{ é um evento de João fumar}$$

$$c. \text{ João } \mathbf{é} \text{ professor}$$

$$1 \text{ sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{SG}(\varphi)(e)$$

$$\varphi = \lambda e. e \text{ é um estado de João ser professor}$$

Como pode ser observado, não existe nessa proposta um *spell out* para a combinação presente e perfectivo. Uma vez que o presente  $\tau(c)$  é equivalente ao momento da fala, ele é sempre instantâneo. O aspecto perfectivo exigiria que o tempo do evento  $\tau(e)$  estivesse contido em  $\tau(c)$  e isso não seria possível porque  $\tau(e)$  não poderia estar dentro de um intervalo instantâneo como  $\tau(c)$ .

Esta subseção apresentou uma proposta analítica para o *presente do indicativo* no PB seguindo Ferreira (2016). Nessa proposta, esse tempo seria o *spell out* de tempo presente e aspecto imperfectivo. A próxima subseção discute o tempo gramatical chamado *pretérito perfeito*.

#### 4.1.2 O pretérito perfeito

O pretérito perfeito possui dois paradigmas: um perifrástico e um sintético. O sintético, ilustrado em (4.19), é chamado *pretérito perfeito simples*. Já o perifrástico, ilustrado em (4.20), é chamado *pretérito perfeito composto*.

(4.19) Maria **estudou**.

(4.20) Maria **tem estudado**.

Como pode ser observado comparando-se (4.19) e (4.20), o *pretérito perfeito simples* e *composto* não são intercambiáveis, ou seja, eles não parecem ter as mesmas condições de verdade. Enquanto (4.19) parece descrever um evento que ocorreu pontualmente em algum momento no passado, (4.20) parece expressar um hábito que perdura no presente. Dessa forma, esses paradigmas devem ter descrições semânticas diferentes e serão tratados separadamente. Começaremos pelo *pretérito perfeito simples*.

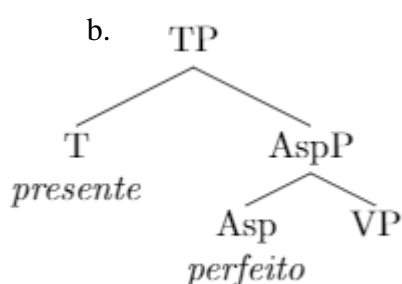
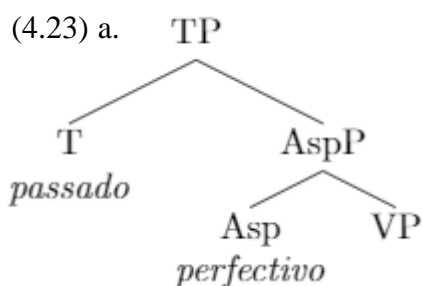
(4.21) João **assou** um bolo ontem. (FERREIRA, 2017)

(4.22) Agora já **comi** o bastante.

Lit.: Now, I ate enough.

Now, I have eaten enough. (GIORGI e PIANESI, 1997, p. 48)

Ferreira (2017) assume que no primeiro caso o tempo gramatical é *spell out* de tempo PASSADO com aspecto PERFECTIVO como ilustrado em (4.23a). Já no segundo caso, o tempo gramatical é o *spell out* de tempo PRESENTE com aspecto PERFEITO como ilustrado em (4.23b). Ou seja, aquilo que chamamos de *pretérito perfeito simples* seria o *spell out* de duas estruturas distintas.



A semântica de presente é a mesma que apresentamos na subseção anterior sobre o presente e está ilustrada em (4.25). O passado, da mesma maneira que o presente, também é pronominal e refere-se a um intervalo  $g(i)$  contextualmente determinado. As diferenças entre a semântica de passado e a semântica de presente seria que o presente se refere a um momento, ou seja, ele é instantâneo enquanto que o passado se refere a um intervalo que pode se estender no tempo. Isso faz com que o presente seja compatível apenas com o aspecto imperfeito enquanto que o passado é compatível com ambos perfectivo e imperfeito.<sup>39</sup> Além disso, o passado possui a pressuposição de que o intervalo  $g(i)$  ocorre antes do tempo  $t(c)$  como definido em (4.26). O perfeito toma um predicado e localiza o tempo do evento  $\tau(e)$  antes de um tempo  $i$  que pode ser o presente  $t(c)$  ou o passado  $g(i)$  como ilustrado em (4.27). O perfectivo toma um predicado e esse momento  $g(i)$  e localizaria o tempo do evento  $\tau(e)$  dentro de  $g(i)$  como ilustrado em (4.28).

<sup>39</sup> Discutiremos a combinação passado mais imperfeito em mais detalhes na próxima subseção quando falarmos do *pretérito imperfeito*.

$$(4.25) \llbracket \text{PRESENTE} \rrbracket = \tau(c)$$

$$(4.26) \llbracket \text{PASSADO} \rrbracket = \text{Definido apenas se } g(i) < \tau(c), \text{ se definido}$$

$$\llbracket \text{PASSADO} \rrbracket = g(i)$$

$$(4.27) \llbracket \text{PERFEITO} \rrbracket = \lambda P \langle \varepsilon, t \rangle. \lambda i. \exists e. \tau(e) < i \ \& \ P(e) = 1$$

$$(4.28) \llbracket \text{PERFECTIVO} \rrbracket = \lambda P \langle \varepsilon, t \rangle. \lambda i. \exists e. \tau(e) \subseteq i \ \& \ P(e) = 1$$

Dessa forma, seguindo as estruturas em (4.23) nessa proposta, as sentenças (4.21) e (4.22) possuiriam as seguintes condições de verdade.

(4.28) João **assou** um bolo ontem

1 sse  $\exists e : \tau(e) \subseteq g(i) \ \& \ e$  é o evento de João assar bolo

(4.29) Agora já **comi** o bastante

1 sse  $\exists e : \tau(e) < \tau(c) \ \& \ e$  é o evento de João comer bastante

Como pode ser observado nas condições de verdade acima, no passado perfectivo, há um intervalo passado  $g(i)$  e o tempo do evento  $\tau(e)$  ocorreu dentro desse intervalo. Já no presente perfeito, há um momento presente  $\tau(c)$  e o tempo do evento  $\tau(e)$  ocorreu antes desse intervalo. Sendo assim, a morfologia que chamamos de pretérito perfeito é ambígua e, em ambas as leituras, o evento ocorre antes do tempo da fala. A diferença entre essas leituras é se o tempo tomado como referência será um tempo no passado  $g(i)$  ou no presente  $\tau(c)$ .

Discutiremos agora o *pretérito perfeito composto*. Como mencionamos anteriormente, apesar de receber o nome pretérito, esse paradigma parece indicar um hábito recente. Por exemplo, a sentença em (4.30a) está no presente do indicativo e expressa um hábito, como discutimos na seção anterior. Já a sentença em (4.30b) está no *pretérito perfeito composto* e parece indicar um hábito recente.

(4.30) a. O gato **come** peixe.

b. O gato **tem comido** peixe.

Há pelos menos duas propostas que tentam explicar a locução ‘ter’ no presente mais participio. Giorgi & Pianesi (1997) assumem que a leitura habitual é causada por um operador genérico coberto. Schmitt (2001) assume que essa é uma solução *ad hoc* e aponta uma série



de problemas nessa proposta. Para ela, o pretérito perfeito composto é o *spell out* de tempo presente e aspecto perfeito. Nessa proposta, o presente selecionaria apenas predicados homogêneos como estados. Quando o predicado fosse eventos que não são homogêneos, como comer peixe em (4.30), haveria uma coerção que transformaria esses eventos em predicados homogêneos e isso resultaria na leitura habitual. No entanto, essa proposta não é compatível com o presente ser um momento instantâneo assumida nesta tese.

Propomos, então, que o *pretérito perfeito composto* é o *spell out* de tempo PRESENTE, aspecto PERFEITO e aspecto IMPERFECTIVO. Uma evidência a favor dessa análise é que essa morfologia pode ser traduzida como a forma progressiva do presente perfeito no inglês, como ilustrado abaixo em (4.31).

(4.31) O gato **tem comido** peixe

Lit.: The cat has eaten fish

‘The cat has been eating fish’

Outra evidência de que há um aspecto imperfectivo é que, essa morfologia não soa natural quando empregada com estados da mesma forma que o progressivo como ilustrado em (4.32a-b).

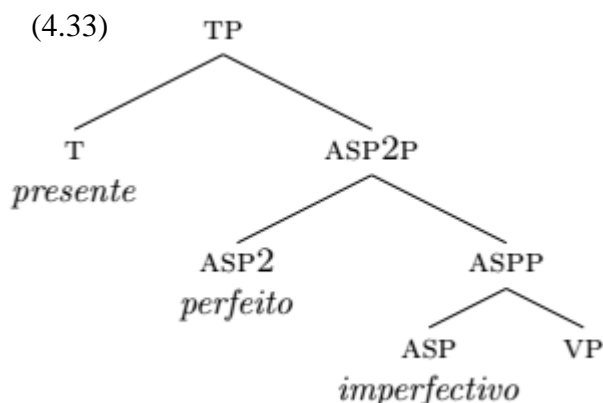
(4.32) a. ?João **está sendo** professor.

b. ?João **tem sido** professor.

Uma vez que a leitura é sempre habitual, o imperfectivo nesse tempo verbal se combinaria com um operador plural, como assumido por Ferreira (2014; 2016), para o presente. A estrutura assumida está representada em (4.33).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Essa estrutura pode parecer incoerente uma vez que a semântica dos aspectos perfeito e imperfectivo não parecem ser conciliáveis. Enquanto o perfeito exige que o tempo do evento anteceda o tempo da referência, o imperfectivo exige que o tempo da referência esteja incluído no tempo do evento. Como conciliar essas semânticas? Uma forma é assumir que o perfeito não marca a relação entre tempo de referência e o tempo do evento, mas entre o tempo de referência e o início do tempo do evento. Dessa forma, o papel do perfeito em (4.32) seria indicar que o evento teve início antes do tempo da referência (que é o momento da fala) e o papel do imperfectivo seria indicar que a fala está contida no tempo do evento. Dessa forma, as semânticas desses aspectos não são incompatíveis e fica claro como cada um contribui composicionalmente para as condições de verdade da sentença.



Esta subseção apresentou uma proposta de análise para as formas sintética e perifrástica do *pretérito perfeito do indicativo* no PB. A forma sintética, segundo Ferreira (2016), é ambígua entre duas leituras: tempo presente + aspecto perfeito ou tempo passado + aspecto perfectivo. A forma perifrástica possui uma semântica diferente da forma sintética. Apresentamos as propostas de Giorgi & Pianesi (1997) e Schmitt (2001) para o presente perfeito no PB, mas elas não são compatíveis com a proposta apresentada aqui. Assim, a nossa proposta para esse tempo é que ele é o *spell out* de tempo presente, aspecto perfeito e aspecto imperfectivo. A próxima subseção discute o tempo gramatical chamado *pretérito imperfecto*.

#### 4.1.3 O pretérito imperfecto

A morfologia definida pela gramática tradicional como *pretérito imperfecto* está ilustrada em (4.34). Ela também tem uma forma progressiva que está ilustrada em (4.35).

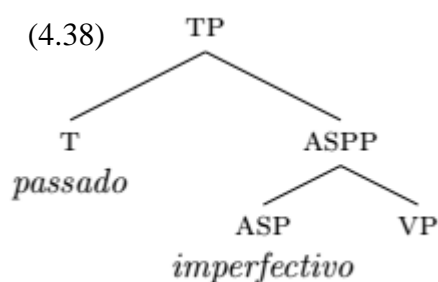
(4.34) Maria **estudava**.

(4.35) Maria **estava estudando**.

Essas duas morfologias que expressam o imperfectivo passado são relativamente intercambiáveis, ou seja, as condições de verdade de (4.34) e (4.35) não parecem diferir. Observe em (4.36) e (4.37) que tanto a forma sintética quanto a forma perifrástica pode ser usada para indicar uma ação em progresso ou um hábito no passado.

- (4.36) a. Quando tinha 20 anos, Maria **assava** bolos.  
 b. ?Maria **assava** um bolo quando João entrou.
- (4.37) a. ?Quando não tinha 20 anos, Pedro **estava assando** um bolo todos os dias.  
 b. Pedro **estava assando** um bolo quando João entrou.

Essas morfologias parecem diferentes em relação ao uso. O pretérito imperfeito sintético parece ser mais natural para expressar hábitos como em (4.36a), porém, seu uso não soa tão natural para expressar uma leitura progressiva como (4.36b). Aparentemente, usar a forma sintética para indicar uma ação em progresso parece ter caído em desuso na fala e está restrito a alguns ambientes na escrita. Já o pretérito imperfeito analítico é empregado para expressar a leitura progressiva, como ilustrado em (4.37b), mas seu uso para expressar hábitos como (4.37a) não parece natural. Ferreira (2017) assume que ambas são *spell out* do tempo passado e do aspecto imperfectivo como ilustrado em (4.38). Assumiremos que a forma sintética se especializou em uma leitura habitual, ou seja, que ela denota eventos plurais como ilustrado nas condições de verdade em (4.39a) e que a forma analítica se especializou em uma leitura progressiva denotando apenas um evento como ilustrado nas condições de verdade em (4.39b).<sup>41</sup>



<sup>41</sup> Observe que há um descompasso entre descrição gramatical e o fenômeno porque o que a gramática chama de imperfeito é na verdade aspecto imperfectivo.

(4.39) a. Maria **assava** bolos.

$1 \text{ sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{PL}(\wp(e))$

$\wp = \lambda e. e$  é um evento de Maria assar um bolo

PARÁFRASE: ‘Maria assava bolos’ é verdadeira se e somente se existe um evento  $e$  e um tempo  $\tau$  definido pelo contexto  $c$  incluído no intervalo de tempo  $\tau$  no qual o evento  $e$  ocorre e o evento  $e$  é um evento plural de Maria assar bolos.

b. Pedro **estava assando** bolos.

$1 \text{ sse } \exists e : \tau(c) \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{SG}(\wp)(e)$

$\wp = \lambda e. e$  é um evento de Pedro assar bolos

PARÁFRASE: ‘Pedro estava assando um bolo’ é verdadeira se e somente se existe um evento  $e$  e um tempo  $\tau$  definido pelo contexto  $c$  incluído no intervalo de tempo  $\tau$  no qual o evento  $e$  ocorre e o evento  $e$  é um evento singular de Pedro assar bolos.

Esta subseção apresentou uma proposta analítica para o *pretérito imperfeito* no PB segundo Ferreira (2016). Nessa proposta, esse tempo seria o *spell out* de tempo passado e aspecto imperfectivo. A próxima subseção discute o tempo gramatical chamado *pretérito perfeito*.

#### 4.1.4 O pretérito mais-que-perfeito

Há dois paradigmas que a gramática tradicional chama de pretérito mais-que-perfeito. Há um paradigma chamado de *pretérito mais-que-perfeito simples*, ilustrado em (4.40), e outro chamado de *pretérito mais-que-perfeito composto*, ilustrado em (4.41).

(4.40) Maria **estudara**.

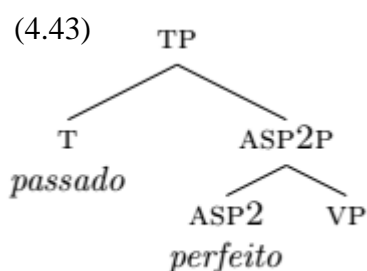
(4.41) Maria **tinha estudado**.<sup>42</sup>

Assumimos que as formas sintética e perifrástica possuem as mesmas condições de verdade. Ambas expressam que o tempo do evento precede outro tempo referência como ilustrado em (4.42). A diferença entre elas, como afirmado por Ferreira (2017), está no uso. A forma sintática se tornou obsoleta e foi substituída pela forma perifrástica. O autor assume que esse tempo é o *spell out* de tempo passado e aspecto perfeito como ilustrado em (4.43) abaixo. As condições de verdade para (4.42a) estão especificadas em (4.44).

(4.42) a. [Quando eu cheguei,] Maria já **assara** um bolo.

b. [Quando eu cheguei,] Pedro já **tinha assado** um bolo.

(FERREIRA, 2017, p. 3)



(4.44)  $1 \text{ sse } \exists e : \tau(e) < g(i) \ \& \ e \text{ é o evento de Maria assar um bolo}$

Esta subseção apresentou uma proposta analítica para o *pretérito mais-que-perfeito* no PB segundo Ferreira (2016). Nessa proposta, esse tempo seria o *spell out* de tempo passado e aspecto perfeito. A próxima subseção discute o tempo gramatical chamado *futuro do presente*.

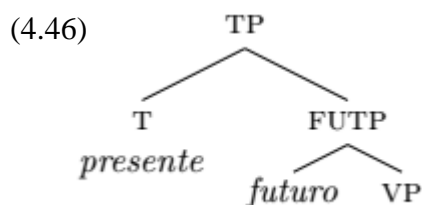
#### 4.1.5 O futuro do presente

A morfologia chamada pela gramática tradicional de *futuro do presente* está ilustrada em (4.45a). Ela é usada para expressar um evento no futuro em relação a um outro intervalo de tempo. Além dela, há a locução verbal ‘ir’ mais infinitivo, ilustrado em (4.45b), que parece ter as mesmas condições de verdade.

<sup>42</sup> Também é possível expressar a forma composta empregando o verbo haver como auxiliar (e.g. *Maria havia estudado*).

- (4.45) a. Maria **estudará**.  
 b. Maria **vai estudar**.

Como discutimos no capítulo 3, o tempo futuro, por sua vez, não é considerado um tempo (i.e., a relação entre o tempo de tópico e o tempo da fala) da mesma maneira que o passado e o presente. Nesta tese, assumiremos que o futuro funciona como um aspecto prospectivo relacionando o tempo do evento e o tempo do tópico e expressando que o primeiro ocorre depois do segundo. No caso da morfologia de *futuro do presente*, ilustrada em (4.45a), e da locução, ilustrada em (4.45b), o tempo do tópico seria o presente e o futuro localizaria o evento após o presente. A diferença entre elas, como descrito em Ferreira (2017), está no uso. A morfologia em (4.45a) está se tornando obsoleta e sendo substituída pela locução em (4.46b). Ferreira (2017) assume que esse tempo é o *spell out* de presente e futuro como ilustrado em (4.46). O tempo futuro teria a semântica representada em (4.47) e as condições de verdade seriam as especificadas em (4.48).



- (4.47)  $\llbracket \textit{futuro} \rrbracket = \lambda P. \lambda i. \exists i': i' > i \ \& \ P(i')$

PARÁFRASE: O futuro toma um predicado e um intervalo de tempo  $i$  e afirma que existe um intervalo de tempo  $i'$  depois de  $i$  e que o predicado ocorre nesse intervalo de tempo  $i'$ .

- (4.48) Maria **vai estudar**.

$= 1$  sse  $\exists e : \tau(e) > \tau(c) \ \& \ e$  é o evento de Maria estudar

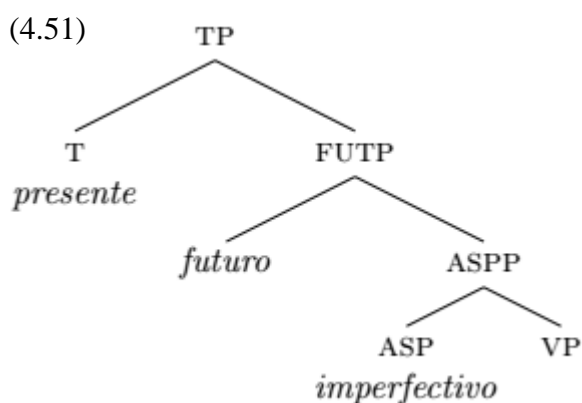
PARÁFRASE: ‘Maria vai estudar’ é verdadeira se e somente se existir um evento  $e$  e o tempo  $\tau$  no qual esse evento ocorre é posterior ao tempo  $\tau$  definido pelo contexto  $c$  e  $e$  é o evento de Maria estudar.

Há também formas progressivas como ilustrado por (4.49) e (4.50).

(4.49) Maria **estará estudando**.

(4.50) Maria **vai estar estudando**.

Assumiremos que não há diferenças semânticas entre essas formas. Ambas as formas deslocam o tempo do evento para frente em relação ao presente e colocam o tempo do evento contendo o tempo de outro evento como ilustrado pelas condições de verdade em (4.52c). Consideramos ambos o *spell out* de presente, futuro e imperfectivo como ilustrado em (4.51).



(4.52) a. Maria **estará estudando** quando você chegar.

b. Maria **vai estar estudando** quando você chegar.

c.  $1 \text{ sse } \exists e : \tau(e) > \tau(c) \ \& \ e \text{ é o evento de Maria estudar} \ \& \ \exists e' : \tau(e') > g(i)$   
 $\ \& \ e \text{ é o evento de você chegar} \ \& \ \tau(e') \subseteq \tau(e)$

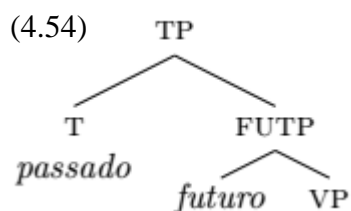
Esta subseção apresentou uma proposta analítica para o *futuro do presente* no PB segundo Ferreira (2016). Nessa proposta, esse tempo seria o *spell out* de tempo presente e futuro que funcionaria como um prospectivo. Há um paradigma complementar do verbo ‘estar’ e outro verbo no gerúndio que serial o *spell out* de futuro, presente e imperfectivo. A próxima subseção discute o tempo gramatical chamado *futuro do pretérito*.

#### 4.1.6 O futuro do pretérito

A gramática tradicional nomeia como *futuro do pretérito* a morfologia ilustrada em (4.53).

(4.53) Maria **estudaria** se tivesse tempo.

Essa morfologia tem seus equivalentes em outras línguas românicas como no francês e no espanhol. Essa morfologia também recebe o nome de *modo condicional* no português europeu (MARQUES e PIRES DE OLIVEIRA, 2016), em outras línguas românicas (IATRIDOU, 2000) e até mesmo em algumas gramáticas do português brasileiro (CUNHA e CINTRA, 2016). Enquanto o nome futuro do pretérito parece sugerir que essa morfologia seria parte do modo indicativo (da mesma forma que o futuro do presente visto na subseção anterior), o nome *modo condicional* parece sugerir que essa morfologia seria um modo a parte, diferente do indicativo e do subjuntivo. A questão é se as evidências apontam para um tratamento no qual esse paradigma como sendo um outro modo verbal (i.e., o modo condicional), ou se as evidências mostram que é possível encaixá-lo como um paradigma dos modos já descritos. Iatridou (2000), através de uma análise histórica do francês, argumenta que não se trata de um terceiro modo, mas sim da junção de morfologia de passado, futuro e imperfeito no modo indicativo.<sup>43</sup> Ferreira (2017), em sua análise do PB, assume que esse tempo no PB é o *spell out* de passado e futuro. Seguiremos a proposta destes autores e não trataremos o *futuro do pretérito* como um modo condicional, mas um paradigma do modo indicativo. Adotaremos especificamente a proposta de Ferreira (2017) de que o futuro do pretérito no PB é o *spell out* de passado e futuro como ilustrado em (4.54) abaixo.



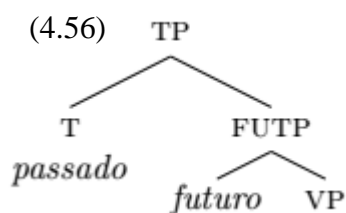
Mesmo que essa morfologia de tempo tenha se desenvolvido a partir de uma morfologia de aspecto imperfeito, há evidências que corroboram que a semântica de imperfeito não se manteve atualmente. A primeira é que as sentenças com essa morfologia,

<sup>43</sup> Lembrando que o futuro para Iatridou (2000) não é um tempo verbal da mesma forma que o presente e o passado.



como (4.53), não têm o sentido que atribuímos ao imperfectivo, ou seja, elas não expressam nem uma ação em progresso e nem hábitos. Além disso, para podemos atribuir esses sentidos, deve-se empregar a forma progressiva com o auxiliar ‘estar’ como ilustrado em (4.55). Dessa forma, assumiremos que o *futuro do pretérito* não é imperfectivo e que o exemplo (4.55) seria um exemplo de *spell out* de passado, futuro e imperfectivo como ilustrado em (4.56).

(4.55) Maria **estaria estudando** agora se tivesse tempo.



As condições de verdade são semelhantes ao do *futuro do presente*, porém, ao invés de ser o futuro em relação ao momento da fala  $\tau(c)$ , é o futuro em relação a um intervalo de tempo saliente no passado (*ontem*) como ilustrado em (4.57) abaixo.

(4.57) a. Maria disse ontem que **estudaria**.

- b.  $1$  sse  $\exists e : \tau(e) \subseteq \text{ontem} \ \& \ \exists e' : \tau(e') > \tau(e) \ \& \ e$  é o evento de Maria dizer  $e'$   $\ \& \ e$  é o evento de Maria estudar

PARÁFRASE: A sentença ‘Maria disse ontem que estudaria’ é verdadeira se e somente se existir um evento  $e$  e o tempo  $\tau$  do evento  $e$  estiver incluso em ontem e existe um evento  $e'$  e o tempo  $\tau$  do evento  $e'$  é posterior ao tempo do evento  $e$  e  $e$  é o evento de Maria dizer  $e'$  e  $e'$  é o evento da Maria estudar.

Esta subseção apresentou a análise assumida para o *futuro do pretérito*. A próxima subseção sumariza a análise feita nesta seção.

#### 4.1.7 Recapitulando

Esta seção discutiu a estrutura e contribuição semântica dos tempos gramaticais no modo indicativo no PB. De acordo com essa discussão, podemos resumir a semântica dos tempos gramaticais da seguinte forma:

Semântica <sup>44</sup>	Morfologia aspecto temporal
Presente + imperfectivo plural	<i>Presente do indicativo</i>
	ex. Maria estuda.
Presente + imperfectivo singular	<i>Presente do indicativo progressivo</i>
	ex. Maria está estudando.
Presente + perfectivo	∅
Presente + perfeito	<i>Pretérito perfeito simples</i>
	ex. Agora Maria já estudou.
Presente + perfeito + imperfectivo	<i>Pretérito perfeito compost</i>
	ex. Maria tem estudado.
Presente + futuro	<i>Futuro do presente</i>
	ex. Maria estudará.
	Maria vai estudar.
Presente + futuro + imperfectivo	Futuro do pretérito progressivo
	ex. Maria estará estudando.
	Maria vai estar estudando.
Passado + imperfectivo singular	<i>Pretérito imperfeito sintético</i>
	ex. Maria estudava.
Passado + imperfectivo plural	<i>Pretérito imperfeito perifrástico</i>
	ex. Maria estava estudando.
Passado + perfeito	<i>Pretérito mais-que-perfeito</i>
	ex. Maria estudara.
	<i>Pretérito mais-que-perfeito composto</i>

<sup>44</sup> Na tabela, algumas linhas aparecem com o perfectivo, outras com o imperfectivo e outras sem nenhuma informação sobre (im)perfectividade. Uma questão válida é se um desses aspectos sempre deve estar presente como ingrediente semântico da morfologia verbal ou se um verbo pode não ser especificado para (im)perfectividade e poder receber qualquer leitura. Para essa pergunta, não temos uma resposta.

	ex. Maria tinha estudado.
Passado + perfectivo	Pretérito perfeito
	ex. Maria estudou ontem.
Passado + futuro	Futuro do pretérito
	ex. Maria estudaria se tivesse tempo.
Passado + futuro + imperfectivo	Futuro do pretérito progressivo
	ex. Maria estaria estudando.
	Maria ia estar estudando.

**Tabela 2** Semântica dos tempos verbais do indicativo no PB

A próxima seção discutirá os tempos do modo subjuntivo.

## 4.2 Os tempos gramaticais do modo subjuntivo

Esta seção apresenta a morfologia considerada pela gramática tradicional como pertencente ao modo subjuntivo. Introduziremos, para cada morfema, uma estrutura semântica juntamente com a contribuição para as condições de verdade de uma sentença. Como discutido na primeira seção, não consideraremos que o indicativo e o subjuntivo contribuem semanticamente, mas que eles são selecionados quando a subordinada está em um ambiente modal. No capítulo 7, quando discutirmos as contrafactuais no português brasileiro, daremos mais evidências para corroborar que, ao menos para as contrafactuais buléticas e condicionais, o subjuntivo não apresenta nenhuma contribuição semântica. Para Marques e Pires de Oliveira (2016), o subjuntivo seria selecionado quando a proposição denotada pela sentença fosse falsa em pelo menos um dos mundos possíveis sendo quantificado.

A gramática tradicional assume que os seguintes tempos verbais pertencem ao modo subjuntivo: o *presente*, o *pretérito imperfeito* e o *futuro*. Esses tempos verbais serão tratados nas subseções a seguir.

### 4.2.1 O presente

A gramática tradicional nomeia a seguinte morfologia como *presente do subjuntivo*:

(4.58) A mãe da Maria espera que ela **estude**.

Essa morfologia parece se comportar de maneira semelhante ao *presente do indicativo*, ou seja, pode ser empregada com estados para indicar que eles perduram no momento da fala como ilustrado em (4.59a), mas só pode ser usada com atividades e *accomplishments* para indicar hábitos como ilustrado em (4.59b-c) ou com *achievements* ou *accomplishments*, para indicar evento futuro como ilustrado em (4.59d-e). Esse paralelismo com o presente do indicativo pode ser observado comparando (4.59) com (4.60).

(4.59) a. Talvez o João **seja** inteligente.

b. Talvez o João **estude** muito. (hábito)

c. Talvez o João **construa** casas. (hábito)

d. Talvez o João **construa** uma casa amanhã. (futuro)

e. Talvez o João **ganhe** a corrida amanhã. (futuro)

(4.60) a. O João **é** inteligente.

b. O João **estuda** muito. (hábito)

c. O João **constrói** casas. (hábito)

d. O João **constrói** uma casa amanhã. (futuro)

e. O João **ganha** a corrida. (futuro)

Mas há alguns contextos nos quais esse tempo verbal não parece se comportar de maneira semelhante que o *presente do indicativo*. Observe que, em (4.61), ele parece indicar que o evento sempre ocorre no futuro independente da *aktionsart* da eventualidade.

(4.61) a. Maria quer que João **estude**. (futuro)

b. Maria quer que João **seja** feliz. (futuro)

c. Maria quer que João **ganhe** a corrida. (futuro)

d. Maria quer que João **construa** uma casa. (futuro)

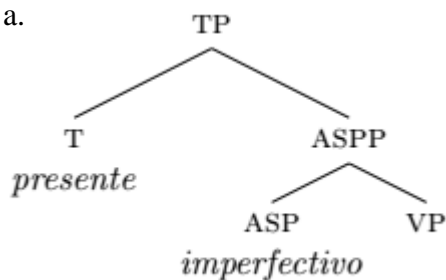
Assumiremos que, apesar da forma, o tempo em (4.59) não é o mesmo tempo que ocorre em (4.61). Assumiremos que a morfologia de presente em (4.59) realmente se refere ao tempo presente, ou seja, essa morfologia possui uma contribuição semântica. Já a morfologia observada em (4.61) é um reflexo do verbo da matriz, ou seja, como o verbo *querer* está no presente, o verbo na subordinada também aparece no presente. Uma evidência de que essa morfologia não é necessária semanticamente é que, quando o sujeito da subordinada e do verbo de atitude proposicional são os mesmos, o verbo não aparece flexionado e não há prejuízo para a interpretação da sentença como ilustrado em (4.62) abaixo.

(4.62) Maria quer **estudar**.

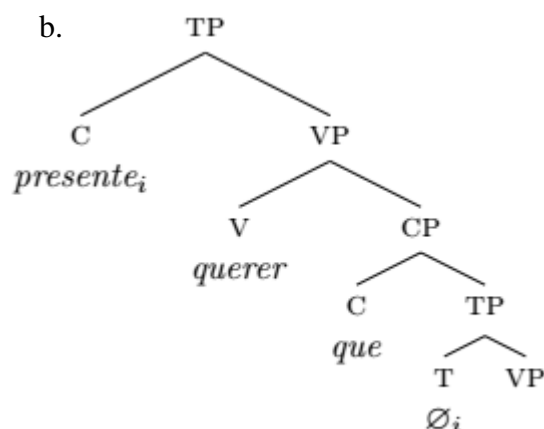
O que haveria nos casos como em (4.61) seria um tempo zero  $\emptyset$  que estaria ligado ao tempo da matriz e, assim, receberia a sua morfologia (KRATZER, 1998). Para explicar a leitura de futuro nessas sentenças, assumiremos que o verbo de atitude proposicional ‘querer’ sempre projeta a eventualidade para o futuro.<sup>45</sup> Como o presente se refere ao momento da fala, que é um instante, é incomum que uma eventualidade caiba nesse instante. Por esse motivo, o verbo de atitude proposicional expressa um desejo futuro em relação à eventualidade.

Dessa forma, assumiremos que quando o *presente do subjuntivo* ocorre em matrizes como (4.59), ele é o *spell out* de presente e imperfectivo como ilustrado em (4.63a). Porém, quando ele ocorrer no escopo de um verbo de atitude proposicional como em (4.61), ele é o *spell out* do tempo ZERO que herda a morfologia de presente do verbo na matriz como ilustrado em (4.64b).

(4.63) a.



<sup>45</sup> Não sabemos se esse comportamento se estende aos demais verbos de atitude proposicional. Nesta tese, será relevante apenas o ‘querer’ que é utilizado nas contrafactuais buléticas que trataremos no capítulo 7.



No entanto, da mesma forma que ocorre com o presente do indicativo, o imperfeito em (4.59) seria um caso de imperfeito plural, uma vez que essas sentenças recebem a interpretação habitual. Caso o falante deseje a interpretação de evento em curso, ele deve usar a forma progressiva com o auxiliar ‘estar’ como ilustrado em (4.64).

- (4.64) a. Talvez o João **esteja** estudando muito.  
 b. Talvez o João **esteja** construindo uma casa.  
 d. Talvez o João **esteja** ganhando a corrida.

A forma de *presente do subjuntivo* é selecionada em ambos os casos porque esses tempos estão em ambientes nos quais as proposições no escopo de ‘talvez’ e de ‘querer’ criam um ambiente modal no qual a proposição não é verdadeira em todos os mundos possíveis sendo quantificados como assumido por Marques e Pires de Oliveira (2016).

#### 4.2.2 O pretérito imperfeito

A gramática tradicional nomeia o seguinte morfema como *pretérito imperfeito do subjuntivo*:

- (4.65) Se Maria **estudasse**, passaria na prova.

Esse morfema é de extrema importância para esta tese uma vez que ele é empregado em condicionais contrafactuais como (4.66a), no complemento de verbos de atitudes

proposicionais de contrafactuais buléticas como em (4.66b) ou em subordinadas adverbiais como em (4.66c-d).

- (4.66) a. Se João **estudasse**, iria bem nas provas.  
 b. A mãe de João queria que ele **estudasse**.  
 c. Mesmo que João **estudasse**, não conseguiria passar.  
 d. Embora João **estudasse** muito, não conseguia passar.

Da mesma forma que ocorre com o *presente do subjuntivo* na seção anterior, o comportamento do pretérito imperfeito do subjuntivo não é uniforme em todas as orações. Em (4.66a-c), o pretérito não parece se referir ao passado. Em (4.66a) a condição de João estudar parece ser estipulada para o presente e o desejo da mãe de João em (4.66b) parece ser que o filho estude no presente e, por fim, (4.66c) parece expressar que mesmo que João tivesse o hábito de estudar no presente, não conseguiria passar. As sentenças (4.66a-c) têm duas coisas em comum: (i) são sentenças contrafactuais porque em todas temos a implicatura que João não estuda e (ii) a orientação temporal é presente mesmo que a morfologia verbal se chamando *pretérito*. A oração (4.66d) difere dessas três nesse sentido. Nela, a orientação temporal do evento de estudar está no passado, ou seja, a interpretação faz jus ao nome do morfema. Além disso, ela não é uma sentença contrafactual, pois interpretamos que o evento de João estudar ocorre no mundo real.

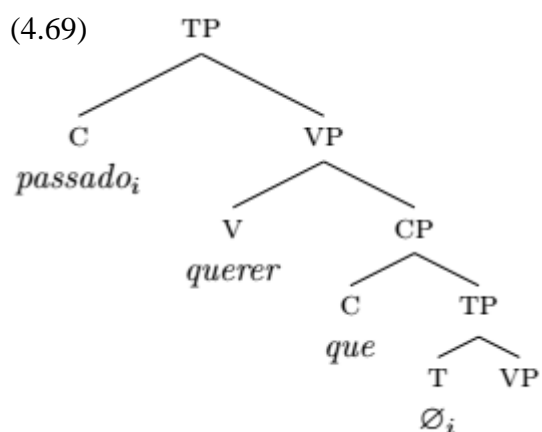
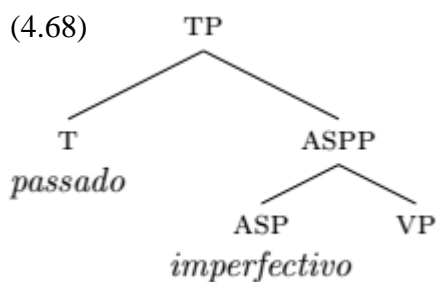
O que podemos assumir, a partir desses exemplos, é que a contribuição do pretérito perfeito do subjuntivo não é uniforme. Ora ele parece contribuir com o sentido de passado como em (4.66d), ora ele não contribui como em (4.66a-c). E o mais importante é que, quando o sentido de passado está presente, como em (4.66d), a sentença não é contrafactual. Para explicar essa contribuição dupla, a nossa análise será semelhante a análise feita na subseção anterior, ou seja, que ele só contribui semanticamente quando ocorre no escopo de ‘embora’/‘mesmo’, mas que seria um zero e não contribui em sentenças contrafactuais condicionais ou orações que expressam modalidade bulética como (4.66a-b).

Essa diferença parece se estender também para a categoria aspectual. O nome *imperfectivo* desse tempo verbal geralmente corresponde no PB ao imperfectivo. O que (4.67a) mostra é que esse tempo, quando empregado nas adverbiais com ‘embora’/‘mesmo’ pode expressar imperfectivo, uma vez que ele parece denotar habitualidade. Para expressar um evento em curso, é necessário o progressivo, como ilustrado em (4.67b). Em (4.67c), temos a interpretação de que João não pediu ajuda, embora a ação de construir uma casa grande

estivesse em curso, ou seja, também teríamos uma interpretação imperfectiva. Por outro lado, em (4.67d) e (4.67e), não temos nem a interpretação habitual e nem de evento em curso e isso é uma evidência de que há aspecto imperfectivo nesse tipo de sentença.

- (4.67) a. João não pedia ajuda, embora **construísse** casas grandes.  
 b. João não pediu ajuda, embora **estivesse construindo** uma casa grande.  
 c. João não pediu ajuda, embora **construísse** uma casa grande.  
 d. Maria queria que João **construísse** uma casa grande (em dois anos).  
 e. Se João **construísse** uma casa grande, Maria ficaria feliz.

Ou seja, o aspecto imperfectivo parece ser real nas não contrafactuais (4.67a-c) e falso nas contrafactuais (4.67d-e). Assim, assumiremos que o pretérito imperfeito do subjuntivo seja o *spell out* de passado e imperfectivo na matriz como ilustrado em (4.68). Da mesma forma que assumimos para os outros morfemas, a versão sintética ilustrada em (4.67a) e (4.67c) seria especializada no imperfectivo habitual e a versão progressiva ilustrada em (4.67b) seria especializada no imperfectivo singular. Na subordinada, um tempo ZERO que herda a morfologia de passado do verbo na matriz como ilustrado em (4.69).





Da mesma forma que ocorreu com o *presente do subjuntivo*, essa morfologia, quando ocorre com o verbo ‘querer’, está em distribuição complementar com o infinitivo como ilustrado em (4.70). Isso é uma evidência de que ela não contribui semanticamente nessas subordinadas, uma vez que pode ser suprimida sem prejuízo semântico.

- (4.70) a. Maria queria que sua mãe **estivesse** em casa.  
 b. Maria queria **estar** em casa.

Esta subseção apresentou uma análise para o *pretérito imperfeito do subjuntivo*. A próxima subseção tratará do *futuro do subjuntivo*.

#### 4.2.2 O futuro

A gramática tradicional nomeia como *futuro do subjuntivo* o seguinte morfema:

- (4.71) Se Maria **estudar**, conseguirá um emprego melhor.

Essa morfologia pode ocorrer em sentenças temporais com ‘quando’ como (4.72a) ou condicionais com ‘se’ como (4.72b). Porém, essa morfologia não parece expressar a mesma orientação temporal em ambos os casos. Observe que em (4.72a) e (4.73a) que a orientação do evento é futuro no escopo de ‘quando’.<sup>46</sup> No entanto, o evento pode ter uma interpretação de presente ou de futuro no escopo de ‘se’ como ilustrado em (4.72b) e (4.73b).

- (4.72) a. Quando João **for** esperto, irá bem nas provas.  
 b. Se João **for** esperto, irá bem nas provas.

- (4.73) a. Quando João **estiver estudando**, irá bem nas provas.  
 b. Se João **estiver estudando**, irá bem nas provas.

---

<sup>46</sup> A discussão das orações adverbiais temporais com ‘quando’ em um primeiro momento, pode parecer que foge do escopo desta tese, uma vez que elas não são orações contrafactuais e também não são orações temporais. No entanto, nossos consultores Karitiana mostraram que, nessa língua, não há uma diferença entre condicionais com ‘se’ e temporais com ‘quando’. Então, uma mesma sentença pode ser traduzida como ‘se como, eu bebo’ ou ‘quando como, eu bebo’. Por esse motivo, decidimos discutir as orações temporais com ‘quando’ do português brasileiro para que facilitar a comparação tipológica feita no capítulo 9 desta tese.

Nesta tese, vamos assumir que a diferença entre ‘se’ e ‘quando’ está relacionada aos tipos de mundos possíveis. ‘Quando’ parece ser usado quando a proposição será verdadeira no mundo atual em algum momento no futuro, mas se desconhece o exato momento. Por outro lado, *se* parece ser usado quando não se sabe se a proposição será verdadeira ou não, ou seja, quando outros mundos possíveis estiverem quantificados. Observe que (4.74a) parece levar em conta que o evento de por carne ocorrerá em algum momento no futuro enquanto que (4.74b) parece levar em conta que o evento pode ou não ocorrer.<sup>47</sup>

- (4.74) a. Quando você **puser** carne na frente do Totó, ele vai devorar tudo.  
 b. Se você **puser** a carne na frente do Totó, ele vai devorar tudo.

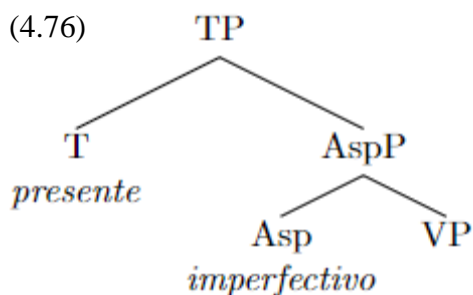
Se baseando apenas por (4.74), assumiríamos que o futuro é verdadeiro uma vez que a interpretação dos eventos é de futuro. No entanto, quando são estados, a interpretação dessa morfologia no escopo de ‘quando’ e ‘se’ diverge. Por exemplo, essa morfologia no escopo de ‘quando’ mantém a interpretação de futuro, como ilustrado em (4.75a), mas, no escopo de ‘se’, a orientação temporal é de presente ou futuro, como ilustrado em (4.75b).

- (4.75) a. Quando João **for** professor universitário, ele será respeitado.  
 b. Se João **estiver** doente, ele não deve vir a festa.

Dessa forma, essa morfologia não parece ser de futuro. Assumiremos que a interpretação de futuro deriva do mesmo mecanismo explicado nos demais futuros, ou seja, o fato do presente ser pontual causa uma incompatibilidade entre o presente e o perfectivo uma vez que o tempo do evento não caberia dentro do momento presente e isso resulta na interpretação de que o evento ocorre após o momento presente, ou seja, no futuro. No caso dos estados, nos quais o presente está dentro do tempo do evento, isso seria resultado do imperfectivo singular. Por esse motivo, assumimos que a contribuição semântica do futuro do subjuntivo é de presente e imperfectivo como ilustrado em (4.76).

---

<sup>47</sup> Em ‘Se a, b’. ‘Se’ marca que b ocorre na condição a. Em ‘quando a, b’. ‘Quando’ marca que b ocorre no tempo em que a ocorre. Ou seja, ‘se’ marca uma condição para b ocorrer e ‘quando’ marca o tempo para b ocorrer.



Desse modo, o *futuro do subjuntivo* seria futuro apenas no nome, pois a sua contribuição semântica seria a mesma que a do presente. A diferença, então, do presente do subjuntivo para o *futuro do subjuntivo* seria sintática. O *presente do subjuntivo* seria selecionado por alguns verbos de atitude proposicional como ‘querer’, como em (4.61), e ocorreria nas principais quando estivesse no escopo de operadores modais como ‘talvez’, como em (4.59). Já o *futuro do subjuntivo* faria a mesma contribuição semântica, ocorrendo em condicionais com ‘se’ e temporais com ‘quando’.

O fato de o *futuro do subjuntivo* não expressar futuro levanta a questão de como o futuro é expresso no subjuntivo. Ele pode ser expresso a partir do presente como ilustrado em (4.74) ou pode ser expresso a partir do auxiliar ‘ir’, da mesma forma que ocorre com os outros tempos verbais do indicativo, como ilustrado em (4.77).

(4.77) Se Maria **for trabalhar** no Sábado, não poderá ir na festa.

Faremos agora um resumo das análises para os tempos no subjuntivo apresentadas nesta seção.

### 4.2.3 Recapitulando

Esta seção discutiu a estrutura e contribuição semântica dos tempos do modo subjuntivo no PB. De acordo com essa discussão, podemos resumir a semântica dos tempos da seguinte forma:

Semântica	Morfologia aspecto temporal
Presente + imperfectivo plural	<i>Presente do subjuntivo</i>
	ex. Talvez Maria estude muito.
Presente + imperfectivo singular	<i>Presente do subjuntivo progressivo</i>
	ex. Talvez Maria esteja estudando muito.
Presente + perfectivo	∅
Presente + futuro	<i>Auxiliar 'ir' no futuro do subjuntivo</i>
	ex. Se Maria for estudar na USP, terá que mudar de cidade.
Passado + imperfectivo plural	<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo</i>
	ex. Embora Maria estudasse muito, se sentia insegura.
Passado + imperfectivo singular	<i>Pretérito imperfeito do subjuntivo progressivo</i>
	ex. Embora Maria estivesse estudando muito, se sentia insegura.
[[∅ <sub>1</sub> ]] (morfologia sem semântica e que é apenas uma cópia dos traços da matriz)	Presente do subjuntivo
	ex. Maria quer que João estude.
	Pretérito imperfeito do subjuntivo
	ex. Maria queria que João estudasse. ex. Se João estudasse, Maria ficaria feliz.

**Tabela 3** Semântica dos tempos verbais do subjuntivo no PB

Mostramos que o subjuntivo tem um comportamento distinto do indicativo porque ele ora parece contribuir para a semântica da oração – como nas matrizes com ‘talvez’ e subordinadas adverbiais com ‘embora’ - ora parece não ter contribuição – como quando está no escopo do verbo de atitude proposicional ‘querer’ e nas contrafactuais condicionais. Assumimos que, nos casos das contrafactuais, o subjuntivo não contribui semanticamente para a sentença e que é uma cópia dos traços da matriz. Essa análise segue a proposta de Arregui (2005) que, ao analisar as condicionais contrafactuais do inglês, assume que o passado da matriz contribui semanticamente enquanto o passado da subordinada é apenas uma cópia da morfologia da matriz. Estendendo essa análise para o português brasileiro, o tempo e

aspecto do subjuntivo nas subordinadas do verbo de atitude proposicional ‘querer’ ou de condicionais com ‘se’ não contribui semanticamente e representa um tempo zero que herda a morfologia do tempo que o c-comanda. Já o tempo e aspecto do subjuntivo nas matrizes com ‘talvez’ e subordinadas adverbiais com ‘embora’ contribui semanticamente.

### 4.3 Recapitulando

Este capítulo apresentou um panorama geral do comportamento dos paradigmas de tempo e aspecto no PB. Duas generalizações importantes são: (i) a forma progressiva com o auxiliar ‘estar’ parece estar disponível em todos os paradigmas para expressar o aspecto imperfectivo singular, ou seja, um evento em curso e (ii) o verbo ‘ir’ também parece poder ocorrer em todos os paradigmas como *spell out* do futuro.

Ao discutir a contribuição semântica da morfologia nas contrafactuais dessa língua no Capítulo 7, apresentaremos uma linha de glosa com os ingredientes semânticos como ilustrado em (4.78). Essa linha de glosa seguirá a análise deste capítulo resumida nas tabelas da subseção 4.1.7 e da subseção 4.3.2.

(4.78) Talvez o João **seja** inteligente.  
**ser.PRS.IPFV.SBJV**

O próximo capítulo apresentará a análise assumida para o Karitiana.



## CAPÍTULO 5 - O KARITIANA

---

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise adotada aqui para as categorias de tempo, aspecto e modo no Karitiana. Da mesma forma que fizemos para o português brasileiro no capítulo anterior, mostraremos primeiro um comportamento típico dessa morfologia para depois abordar o comportamento atípico nas contrafactuais. Essa análise é embasada nos conceitos de tempo e aspecto provenientes da semântica formal apresentados no capítulo 3. A discussão feita neste capítulo sobre tempo está embasada em Storto (2002), Müller & Bertucci (2012) e Müller & Ferreira (2020a); a discussão sobre aspecto está embasada em Carvalho (2009; 2010), Rocha (2018) e Müller & Ferreira (2020a) e, por fim, a discussão para modo está embasada em Ferreira (2017a; 2017b) e Müller & Ferreira (2020b).

Como mencionamos na introdução, o Karitiana é uma língua aglutinante, ou seja, cada morfema corresponde a uma categoria do significado. Isso pode ser ilustrado no exemplo (5.01) no qual o verbo é composto por uma raiz e afixos para pessoa, modo e tempo.

- (5.01) *Ytaopisot*  
 y-ta-opiso-t  
 1SG-DECL-ouvir-NFUT  
 ‘Eu ouvi’

(STORTO, 2002, p. 154)

O aspecto nessa língua não é expresso através de morfologia verbal, mas através de auxiliares como ilustrado em (5.02):

- |        |                                   |               |            |
|--------|-----------------------------------|---------------|------------|
| (5.02) | <i>Yjxa naamang</i>               | <i>tykat</i>  | <i>gok</i> |
|        | Yjxa Ø-na-amang                   | ty-ka-t       | gok        |
|        | povo 3-DECL-plantar               | IPFV-DEI-NFUT | macaxeira  |
|        | ‘O povo está plantando macaxeira’ |               |            |

(CARVALHO, 2009, p. 24)

Este capítulo está dividido em três seções que apresentam respectivamente as categorias de tempo, aspecto e modo em Karitiana.

## 5.1 Tempo em Karitiana

Esta seção apresenta a categoria tempo em Karitiana. O Karitiana é uma língua do sistema FUTURO vs. NÃO-FUTURO (STORTO, 2002). Os morfemas de futuro são *-i* e *-j*. O primeiro é usado quando a raiz verbal termina em consoante, como ilustrado em (5.03a), e o segundo é usado quando a raiz verbal termina em vogal, como ilustrado em (5.03b).

- (5.03) a. *Ajtakatari*                      *ajxa*  
           aj-taka-tat-**i**                      ajxa  
           2PL-DECL-sair-FUT              2PL  
           ‘Vocês vão sair’
- b. *João naokyj*                      *boroja*  
       João  $\emptyset$ -na-oky-**j**                      boroja  
       João 3-DECL-matar-FUT              cobra  
       ‘João vai matar a cobra’

Os morfemas de não-futuro são  $-\emptyset$  e *-t*. O primeiro é usado quando a raiz verbal termina em consoante, como ilustrado em (5.04a), e o segundo é usado quando a raiz verbal termina em vogal, como ilustrado em (5.04b). Como pode ser observado nesse exemplo, uma sentença marcada com o não-futuro pode ter uma orientação tanto de presente quanto de passado.

- (5.04) a. *Gokyp*                      *nakahyryj*                      *omenda*  
           Gokyp                       $\emptyset$ -naka-hyryj- $\emptyset$                       omeda  
           Gokyp                      3-DECL-cantar-NFUT              tarde  
           ‘Gokyp cantou a tarde.’  
           ‘Gokyp canta a tarde.’
- b. *João naokyt*                      *boroja*  
       João  $\emptyset$ -na-oky-**t**                      boroja  
       João 3-DECL-matar-NFUT              cobra  
       ‘João matou a cobra’  
       ‘João mata cobras’



Como discutimos no capítulo 3, é comum que o futuro seja tratado não como tempo, mas sim como uma marca de aspecto prospectivo. Essa foi a análise que adotamos no capítulo anterior para o português brasileiro. No entanto, para o Karitiana, adotaremos uma outra análise. Seguiremos Storto (2002) e Müller & Ferreira (2020) e assumiremos que os sufixos *-i/-j* marcam tempo. Estamos adotando análises diferentes para o português brasileiro e para o Karitiana pelos seguintes motivos: (i) O futuro no PB coocorre com o passado ou com o presente, mas o futuro do Karitiana não coocorre com o não-futuro, mas está em distribuição complementar com ele, ou seja, eles ocupam a mesma posição na morfologia verbal; além disso, (ii) analisamos o futuro no PB como um aspectual prospectivo e essa análise não é possível para o Karitiana que possui um auxiliar aspectual para marcar aspecto prospectivo e esse auxiliar pode inclusive coocorrer com a flexão temporal de futuro, como será visto na próxima seção. Sendo assim, esses dois aspectos da língua Karitiana corroboram o fato de que o futuro é tempo, da mesma forma que o não-futuro. Dessa forma, a semântica para a morfologia de futuro em Karitiana assumida neste trabalho é a seguinte:

$$(5.05) \llbracket \textit{futuro} \rrbracket = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t > TE;$$

$$\text{se definido, então } \llbracket \textit{futuro} \rrbracket^{g:c} = t^{48}$$

Discutiremos agora a semântica do não-futuro. Para línguas que possuem esse tipo de morfologia, há dois tratamentos semânticos possíveis: (i) tratá-lo como um morfema ambíguo ou (ii) tratá-lo como um morfema não especificado para a distinção presente/passado (MATTHEWSON, 2006). Na análise do tempo não-futuro como ambíguo, haveria dois morfemas de não-futuro com forma idêntica: NÃO-FUTURO 1 e NÃO-FUTURO 2. Como ilustrado em (5.06), um morfema carregaria a semântica de presente e o outro a de passado. O contexto ficaria a cargo da seleção de um desses morfemas.

$$(5.06) \text{ a. } \llbracket \textit{nfut 1} \rrbracket = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t < TE;$$

$$\text{se definido, então } \llbracket \textit{nfut} \rrbracket^{g:c} = t$$

$$\text{b. } \llbracket \textit{nfut 2} \rrbracket = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t \subset TE;$$

$$\text{se definido, então } \llbracket \textit{nfut} \rrbracket^{g:c} = t$$

---

<sup>48</sup> TE = Tempo da enunciação

Uma outra análise possível seria a do tempo não-futuro como um tempo não-especificado nem para o presente e nem para o passado. Nela, não haveria dois morfemas de não-futuro, mas apenas um com um sentido englobando tanto o presente como o passado como ilustrado em (5.07) abaixo.

$$(5.07) \llbracket nfut\ 1 \rrbracket = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t \leq TE;$$

$$\text{se definido, então } \llbracket nfut \rrbracket^{g,c} = t$$

Como saber se o não futuro é ambíguo ou não especificado? Analisando o tempo gramatical do St'át'imcets (língua Salish da Columbia Britânica, Canadá), Matthewson (2006) observa que o sistema temporal dessa língua inclui um morfema aberto de futuro e um morfema zero que abarca tanto o sentido de presente quanto o sentido de passado, ou seja, um morfema de não-futuro. A autora defende que a flexão de não-futuro em S'ta'imcets não é especificada para o presente e nem para o passado. Sua afirmação baseia-se em dados como os apresentados em (6.08) em que um evento no passado e um evento no presente podem ser expressos pela única marca temporal de não-futuro presente na sentença.

(5.08) wat'k'                      kw    s-Theresa      múta7 s-Charlie  
vomitar            DET    NOM-Theresa e      NOM-Charlie  
'Theresa e Charlie vomitaram/ estão vomitando.'

**CONTEXTO:** Seus amigos brancos Theresa, Charlie e Marie ficaram bêbados no bar. Você está cuidando deles porque você não bebe. Theresa vomitou às 22:00 horas; Marie não vomitou. Charlie está em processo de vomitar.

(MATTHEWSON, 2006)

Se a flexão de não-futuro fosse ambígua em Stat'im'cets, o evento de vômito descrito pela sentença (5.08) deveria ser interpretado exclusivamente no passado ou exclusivamente no presente. No entanto, a sentença descreve simultaneamente um evento passado e um evento simultâneo ao momento da fala. Com base nesse fato, a autora conclui que a semântica da flexão de não-futuro em S'ta'imcets não é especificada nem para o presente e nem para o passado. A flexão de não-futuro na língua Gitxsan (família Tsimshianic) se comporta da mesma forma (JÓHANNSDÓTTIR e MATHEWSON, 2008). O trabalho dessas autoras nos

mostra a plausibilidade de uma análise que considera a flexão temporal de não-futuro como subespecificada entre presente e passado.

Destrinchar a semântica do não-futuro é de extrema relevância para esta tese, pois, como veremos no capítulo 8, esse morfema é um dos ingredientes necessários para expressar o sentido contrafactual. Em um primeiro momento, o não-futuro nessa língua foi analisado por Müller & Bertucci (2012) como não sendo especificado para presente/passado e, nesse sentido, possuiria a denotação em (5.07). No entanto, testes de Lisa Matthewson foram conduzidos por Müller & Ferreira (2020a) e mostraram que esse tempo é ambíguo, ou seja, pode ter ou a denotação em (5.06a) ou a denotação em (5.06b). Nesses testes, os autores criaram situações nas quais uma eventualidade ocorria no passado e outra eventualidade do mesmo tipo ocorria no presente. Depois, verificaram se uma única sentença portando o morfema de não-futuro poderia ser usada para se referir a ambas as eventualidades nessa situação. Os informantes não aceitaram que uma única sentença descrevesse eventualidades no passado e no presente e isso levou os autores a concluir que, diferentemente do S'ta'imcets e do Gitxan, a marca de não-futuro em Karitiana é ambígua e não subespecificada. As tentativas de coordenar eventos no passado com eventos no presente resultaram em agramaticalidade. Estes resultados estão ilustrados em (5.09-10). Concluimos, portanto, que a flexão de não-futuro em Karitiana é ambígua e deve ser descrita como representado em (5.06).

(5.09)	<i>Luciana</i>	<i>Ana</i>	<i>naakat</i>	<i>iakat</i>	<i>Porto Velho pip</i>
	Luciana	Ana	∅-na-aka-t	i-aka-t	Porto Velho pip
	Luciana	Ana	3-DECL-COP-NFUT	3-COP-ADV	Porto Velho POS

✓ ‘Luciana e Ana estavam/estão em Porto Velho’

X ‘Luciana estava em Porto Velho e Ana está em Porto Velho’

(5.10)	<i>Inácio Arnaldo</i>	<i>naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
	Inácio Arnaldo	∅-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
	Inácio Arnaldo	3-DECL-COP-NFUT	3-atirar-ADV	macaco	POS

✓ ‘Inácio e Arnaldo atiraram/estão atirando em macacos.’

X ‘Inácio está atirando em macacos e Arnaldo atirou em macacos.’

Nesta seção, apresentamos uma análise para o tempo em Karitiana. Assumimos que o futuro é um tempo verbal, diferentemente do que havíamos assumido para o português

brasileiro. Para o não-futuro, com base nos testes conduzidos por Müller & Ferreira (2020a) apresentados acima, concluímos que esse morfema em Karitiana é ambíguo, ou seja, pode ter ou a denotação em (5.06a) ou a denotação em (5.06b) e isso vai depender do contexto. A próxima subseção apresentará o comportamento do aspecto nessa língua.

## 5.2 Aspecto em Karitiana

O aspecto na língua Karitiana não é marcado através de morfologia verbal, mas sim através de auxiliares aspectuais. Esses auxiliares distinguem os aspectos imperfectivo, prospectivo e perfeito. Para marcar o aspecto imperfectivo, são empregados os auxiliares *tyka*, *tyja*, *tyso* e *tysyp*. A diferença entre esses auxiliares é que eles codificam diferentes posições do corpo do sujeito da oração. *Tyka* é usado para indicar uma eventualidade em progresso quando o sujeito está em movimento como ilustrado em (5.11a); *tyja* para indicar uma eventualidade em progresso quando o sujeito está sentado como ilustrado em (5.11b); *tyso* quando o sujeito está em pé como ilustrado em (5.11c) e *tysyp* quando o sujeito está deitado como ilustrado em (5.11d).

- (5.11) a. *Maria naka'y*                      *ty-ka-t*                      *kinda'o*  
 Maria Ø-naka-'y                      ty-ka-t                      kinda'o  
 Maria 3-DECL-comer                      IPFV-DEI-NFUT                      fruta  
 'Maria está em movimento comendo fruta' (CARVALHO, 2009, p. 45)

- b. *Maria naka'y*                      *ty-ja-t*                      *kinda'o*  
 Maria Ø-naka-'y                      ty-ka-t                      kinda'o  
 Maria 3-DECL-comer                      IPFV-DEI-NFUT                      fruta  
 'Maria está sentada comendo fruta' (CARVALHO, 2009, p. 46)

- c. *Maria naka'y*                      *ty-so-t*                      *kinda'o*  
 Maria Ø-naka-'y                      ty-ka-t                      kinda'o  
 Maria 3-DECL-comer                      IPFV-DEI-NFUT                      fruta  
 'Maria está em pé comendo fruta' (CARVALHO, 2009, p. 46)

d.	<i>Maria naka'y</i>	<i>ty-so-t</i>	<i>kinda'o</i>
	Maria $\emptyset$ -naka-'y	ty-ka-t	kinda'o
	Maria 3-DECL-comer	IPFV-DEI-NFUT	fruta
	'Maria está deitada comendo fruta'		
	(CARVALHO, 2009, p. 46)		

Uma vez que *ty-* é a parte comum entre os diferentes auxiliares progressivos, Carvalho (2009; 2010) assume que o auxiliar pode ser decomposto em duas partes. A primeira parte, ou seja, *ty-*, é um prefixo que carrega a semântica de imperfectivo enquanto que a segunda parte carrega a semântica de posição do corpo e é glosada pela autora como um dêitico. Como discutido no primeiro capítulo, o imperfectivo poderia ocorrer com um operador singular ou plural sobre eventos. No primeiro caso, há uma leitura progressiva enquanto que no segundo há uma leitura habitual. Na literatura, só foi constatado a leitura progressiva para *ty-* e não encontramos nenhum caso de leitura habitual, com isso em mente, poderíamos assumir que ele é o *spell out* de imperfectivo e singular como ilustrado abaixo.

$$(5.12) \llbracket ty - \rrbracket = \lambda\phi. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ SG(\phi)(e)$$

Quando o auxiliar aspectual está presente na sentença, ele é obrigatoriamente marcado com o sufixo de tempo, como pode ser observado em (5.10). A marcação no verbo principal, nesses contextos, passa a ser opcional. O auxiliar é compatível com ambos os tempos futuro e não-futuro, porém, quando ocorre com o não-futuro, apenas a leitura presente é disponível como ilustrado abaixo em (5.13).

(5.13) a.	<i>Agora taso nakam'a</i>	<i>tykat</i>	<i>gooj</i>
	agora taso $\emptyset$ -naka-m-'a	ty-ka-t	gooj
	agora homem 3-DECL-CAUS-fazer	IPFV-DEI-NFUT	canoa
	'O homem está construindo a canoa agora.'		
	(CARVALHO, 2009, p. 25)		

- b. \*(Sábado passado às duas horas),  
*tasó nakam 'a tykat gooj.*  
 taso Ø-naka-m-‘a ty-ka-t gooj  
 homem 3-DECL-CAUS-fazer IPFV-DEI-NFUT canoa  
 ‘Sábado passado às duas horas, o homem estava construindo a canoa.’  
 (CARVALHO, 2009, p. 25)
- c. (Sábado que vem às duas horas),  
*tasó nakam 'a tykaj gooj.*  
 taso Ø-naka-m-‘a ty-ka-j gooj  
 homem 3-DECL-CAUS-fazer IPFV-DEI-FUT canoa  
 ‘Sábado que vem às duas horas, o homem estará construindo a canoa.’  
 (CARVALHO, 2009, p. 25)

Para dar conta desse comportamento, poderíamos assumir que o imperfectivo *ty-* possui a restrição de que o intervalo *i* deve ser maior ou igual ao momento da fala como ilustrado em (5.14).

$$(5.14) \quad \llbracket ty - \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. i \geq TE \ \& \ \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ SG(\varphi)(e)$$

No entanto, Rocha (2016) assume que *ty-* não pode denotar o aspecto imperfectivo como assumido em (5.14). Há um auxiliar aspectual ‘*tykiri*’ que só ocorre nas orações subordinadas e esse auxiliar é analisado por Storto (2012; 2013) como aspecto perfectivo. A autora analisa esse morfema como perfectivo uma vez que as orações marcadas com ele parecem denotar uma eventualidade acabada, como ilustrado em (5.15), enquanto que as orações marcadas com outros morfemas denotam uma eventualidade em progresso, como ilustrado em (5.16) e (5.17).

- (5.15) *Ytakatat andyk ta'ãt yn [yti pop tykiri]*  
 Y-taka-tat andyk ta'ã-t yn [y-ti pop tykiri]  
 1-DECL-go IPFV DIR.EVID-NFUT 1SG 1SG-mãe morrer PFV  
 ‘Quando minha mãe morreu, eu sai então’

(STORTO, 2013, p. 75)

- (5.16) [Gok            Maria amang tyki'oot]            naokyt            him taso  
 [Gok            Maria amang tyki'oot]            Ø-na-oky-t            him taso  
 mandioca      Maria plantar IPFV            3-DECL-matar-NFUT      caça homem  
 'Enquanto Maria estava plantando mandioca, o homem matou a caça.'  
 (STORTO, 2013, p. 77)

- (5.17) [aotyp            atat    tyki'oot] ytaso'oot            yn    anty  
 [a-oty-p            a-tat    tyki'oot] y-ta-so'oot-Ø            yn    an-ty  
 2SG-banhar-LOC      2SG-ir IPFV      1SG-DECL-ver-NFUT 1SG    2SG-OBL  
 'Enquanto você estava indo se banhar, eu te encontrei.'  
 (STORTO, 2013, p. 77)

Sendo assim, o contraste entre as leituras presentes em (5.15), (5.16) e (5.17) mostraria a contribuição perfectiva de 'tykiri'. Por esse motivo, Rocha (2016) argumenta que essa análise de *ty-* como imperfectivo ilustrada em (5.14) não é adequada visto que esse morfema também ocorre em contextos perfectivos. Qual seria a contribuição semântica de *ty-* para que ele possa ocorrer tanto em auxiliares aspectuais perfectivos quanto em auxiliares aspectuais imperfectivos? Como vimos no capítulo 3, um ponto que ambos os aspectos têm em comum é o fechamento existencial da variável evento *e* como pode ser observado na denotação desses aspectos ilustrada em (5.18).

$$(5.18) \text{ a. } \llbracket \textit{imperfectivo} \rrbracket^{\text{w,t,g}} = \lambda P_{\langle \varepsilon, t \rangle}. \lambda t'_i. \exists e. t' \subseteq t(e) \ \& \ P(e) = 1$$

PARÁFRASE: O aspecto imperfectivo é uma função que toma uma propriedade de eventos *P* pertencente ao domínio  $\langle \varepsilon, t \rangle$  e retorna outra função que toma um intervalo de tempo *t'* e afirma que **existe um evento *e*** e que o tempo *t(e)* no qual esse evento ocorre inclui ou é igual ao intervalo de tempo *t'* e que o predicado *P* aplicado ao evento *e* é verdadeiro.

$$b. \llbracket \textit{perfectivo} \rrbracket^{\text{w,t,g}} = \lambda P_{\langle \varepsilon, t \rangle}. \lambda t'. \exists e. t(e) \subseteq t' \ \& \ P(e) = 1$$

PARÁFRASE: O aspecto perfectivo é uma função que toma uma propriedade de eventos  $P$  pertencente ao domínio  $\langle \varepsilon, t \rangle$  e retorna outra função que toma um intervalo de tempo  $t'$  e afirma que **existe um evento  $e$**  e que o intervalo de tempo  $t(e)$  está incluso ou é igual ao intervalo de tempo  $t'$  e que o predicado  $P$  aplicado ao evento  $e$  é verdadeiro.

Dessa forma, uma possibilidade é que a contribuição semântica do prefixo *ty-* é o fechamento existencial da variável  $e$ . Se essa proposta estiver correta, o prefixo *ty-* teria a semântica próxima ao ilustrado em (5.19).<sup>49</sup> Nesta tese, assumiremos que a semântica para *ty-* ilustrada em (5.19) e que o aspecto imperfectivo/perfectivo é uma contribuição semântica da segunda parte do aspectual. No capítulo 8, quando discutirmos as estruturas condicionais não contrafactuais, traremos mais um argumento para analisar *ty-* como a expressão de um fechamento existencial.

$$(5.19) \ \llbracket \textit{ty} - \rrbracket = \lambda P. \exists e [P(e)]$$

EM PALAVRAS:  $\llbracket \textit{ty} - \rrbracket$  é uma função que toma uma propriedade de eventos  $P$  e retorna que existe um evento  $e$  ao qual essa propriedade se aplica.

O auxiliar aspectual '*tyka*' só é compatível com a leitura de presente. Carvalho (2009; 2010) afirma que, para se expressar imperfectividade no passado, deve-se empregar o auxiliar aspectual *andyk*, como observado em (5.20a). Esse auxiliar também pode ser empregado com o futuro, como ilustrado em (5.20b). Assumimos então que semântica de *andyk* será a de aspecto imperfectivo, como ilustrado em (5.21).

<sup>49</sup> Estamos assumindo que seria uma semântica próxima uma vez que os auxiliares aspectuais podem ser decompostos em duas partes e não estamos levando em conta a interação do prefixo *ty-* com a segunda parte do auxiliar como *-kiri*, *-ka*, *-ki'oot* etc.



- (5.20) a. *taso nakam 'a andyk gooj.*  
 tasó Ø-naka-m-‘a andyk-Ø gooj  
 homem 3-DECL-CAUS-fazer IPFV-NFUT canoa  
 ‘O homem estava construindo a canoa.’  
 (CARVALHO, 2009, p. 25)

- b. *Ytaoty andik-i yn*  
 y-ta-oty andik-i yn  
 1SG-DECL-banhar IPFV-FUT 1SG  
 ‘Estou indo me banhar’

$$(5.21) \llbracket \textit{andyk} \rrbracket = \lambda\varphi. \lambda i. \exists e: i \subseteq \tau(e) \ \& \ \text{SG}(\varphi)(e)$$

Além do aspecto imperfectivo, o Karitiana possui auxiliares aspectuais para marcar os aspectos prospectivo e perfeito. O prospectivo é expresso através do auxiliar *pasangng* que coloca intervalo de tempo no qual o evento ocorre após o intervalo de tempo do tópico. Por exemplo, em (5.22) o evento de plantar mandioca está no futuro em relação a outro intervalo de tempo no passado saliente contextualmente. Assumimos que a semântica desse auxiliar é a semântica de prospectivo descrita no capítulo 3, como ilustrado em (5.23).

- (5.22) *Jonso naamanga pasangngat gok*  
 jonso Ø-na-amang<a> pasangng<a>-t gok  
 mulher 3-DECL-plantar<VE> PROSP<VE>-NFUT macaxeira  
 ‘A mulher ia plantar macaxeira’  
 (ROCHA, 2018)

$$(5.23) \llbracket \textit{pasangng} \rrbracket = \lambda P. \lambda i. \exists i': i' > i \ \& \ P(i')$$

Por fim, o aspecto perfeito é expresso através do auxiliar aspectual *byyk*, que faz o oposto do prospectivo, ou seja, coloca intervalo de tempo no qual o evento ocorre antes do intervalo de tempo do tópico. Por exemplo, em (5.24), o evento de plantar mandioca está antes de outro intervalo de tempo futuro contextualmente saliente. A semântica desse auxiliar é a semântica de perfeito descrita no capítulo 3, como ilustrado em (5.25)

(5.24)	Jonso	naamanga	byyki	gok
	jonso	∅-na-amang<a>	byyk-i	gok
	mulher	3-DECL-plantar<VE>	PRF-FUT	macaxeira
	‘A mulher vai ter plantado macaxeira’			
	(ROCHA, 2018)			

(5.25)  $[[byyk]] = \lambda P_{\langle e, t \rangle}. \lambda t'_{i}. \exists e. t(e) < t' \ \& \ P(e) = 1$

Esta seção descreveu o aspecto em Karitiana. A próxima seção descreverá o comportamento do modo.

### 5.3 Modo em Karitiana

Segundo Storto (2002), o Karitiana possui seis morfemas de modo que ocorrem como prefixos no verbo, a saber: declarativo (*na(ka)-/ta(ka)-*), assertivo (*pyt-*), condicional (*jỹ-*), deôntico (*pyn-*), citativo (*iri-*), imperativo (*-a/-∅*). Ferreira (2017a; 2017b) reanalisa o sistema de modo nessa língua e encontra 4 modos, a saber: declarativo (*na(ka)-/ta(ka)-*), assertivo (*pyt-*), contrafactual (*jỹ-*) e deôntico (*pyn-*). Para o autor, esses prefixos podem ser subdivididos em duas categorias distintas: aqueles que marcam a força ilocucionária e aqueles que marcam a modalidade da sentença. Os morfemas de modo declarativo e assertivo marcam a força ilocucionária de uma sentença. O modo declarativo é expresso pelos morfemas *na(ka)-/ta(ka)-*. O morfema *na-* ocorre depois do morfema de terceira pessoa e o morfema *ta-* ocorre depois das demais pessoas. As variantes *naka-* e *taka-* ocorrem quando a primeira sílaba da raiz for tônica (STORTO, 2002). Esse modo marca que uma sentença é uma declaração como ilustrado em (5.26).

(5.26)	<i>taso</i>	<i>naokyt</i>	<i>boroja</i>
	taso	∅-na-oky-t	boroja
	homem	3-DECL-matar-nfut	cobra
	‘O homem matou a cobra’		

O modo assertivo é expresso pelo prefixo *pyt-* que possui os alomorfes *py-*, quando a raiz começar com uma vogal, e *pyt-*, quando a raiz começar com uma consoante. Ele marca que a sentença é uma asserção dando a entender que o conteúdo é mais forte que uma

declaração como ilustrado em (5.27). O não-futuro nesse modo é diferente e é expresso pelo sufixo *-yn* como pode ser observado abaixo. Consideraremos esse morfema de tempo como um alomorfe do morfema de tempo descrito na seção 5.1.

- (5.27) *Pyse'adnyn*  
 Ø-py-se'adn-yn  
 3-ASS-ser.bom-NFUT  
 'Sim, é bom.'  
 (STORTO, 2002, p. 155)

Os morfemas de modo contrafactual e deôntico não marcam a força ilocucionária de uma sentença, mas sim a modalidade. O modo contrafactual é expresso pelo morfema *jỹ-* e marca que uma sentença é verdadeira em outros mundos possíveis como ilustrado em (5.28). Nessa sentença, o falante expressa que não pode dar o celular no mundo da enunciação, mas apenas nos mundos possíveis nos quais ele tem dinheiro.

- (5.28) *Dinheiro*    *tyyt*    *yakiip,*    *atajỹhit*    *celulaty*  
 dinheiro    *tyyt*    *y-aki-<v>p*    *a-ta-jỹ-hit-Ø*    *celula-ty*  
 dinheiro    *ter*    1SG-COP-ADV 2SG-DECL-CF-dar-NFUT    *celular-OBL*  
 'Se eu tivesse dinheiro, te daria o celular'

Por fim, o modo deôntico é expresso pelo morfema *pyn-* que expressa que uma sentença é verdadeira nos mundos possíveis das obrigações, como ilustrado em (5.29). Nessa sentença, a falante expressa que nos mundos possíveis que estão de acordo com os deveres, as pessoas vão.

- (5.29) *Apip*    *napynhot*    *y'ete'et*  
 a-pip    Ø-na-pyn-hot    *y-'ete-'et*  
 aquilo-em    3-DECL-DEO-ir-NFUT 1SG-filho-filho  
 'Aí, as pessoas devem ir, meu neto'

A distinção feita por Ferreira (2017a; 2017b) entre a modos que marcam a força ilocucionária e modos que marcam modalidade é corroborada pelo fato de que os morfemas



## CAPÍTULO 6 – ORAÇÕES CONTRAFACTUAIS

---

Este capítulo apresenta alguns tratamentos na semântica formal que tentam explicar o comportamento da morfologia de tempo, aspecto e modo nos ambientes contrafactuais. Orações contrafactuais são aquelas nas quais ocorre a implicatura de que aquilo que a oração descreve vai contra os fatos, ou seja, é falso (IATRIDOU, 2000). Por exemplo, em (6.01) sabemos que no mundo atual, Maria não tem espaço e também não tem cachorro.

(6.01) Se Maria tivesse espaço, teria um cachorro.

Há três tipos de orações que são geralmente descritas na literatura como contrafactuais (ver IATRIDOU, 2000; VON FINTEL e IATRIDOU, 2020). Como veremos no decorrer deste capítulo, o tipo que recebeu mais atenção da literatura são as orações condicionais como (6.01). Nesse tipo, uma estrutura bioracional nos apresenta respectivamente uma condição e o que aconteceria se essa condição fosse verdadeira. Por exemplo, na condicional acima, a condição é Maria ter espaço e, se isso fosse verdadeiro, o que aconteceria seria ela ter um cachorro. Nas condicionais contrafactuais, geralmente há a implicatura que as situações descritas pelas duas sentenças não ocorrem no mundo atual, ou seja, são falsas.

Outro tipo de estrutura contrafactual são as contrafactuais buléticas. Como discutimos no capítulo 3, a modalidade bulética é uma quantificação sobre mundos possíveis que são acessados a partir dos desejos de alguém. Sendo assim, contrafactuais buléticas lidam com desejos como ilustrado em (6.02).

(6.02) Maria queria ter um cachorro.

Esse tipo de oração tem recebido menos atenção na literatura. Também é uma estrutura bioracional com um verbo que expressa desejo na matriz e a subordinada descrevendo uma situação que é aquilo que se deseja.<sup>50</sup> Em uma contrafactual bulética,

---

<sup>50</sup> Os dois tipos de contrafactuais mencionados não são excludentes. Podemos ter uma estrutura bulética dentro de uma estrutura condicional como ilustrado em (i) ou uma estrutura condicional dentro de uma estrutura bulética como ilustrado em (ii). Acreditamos que esses são casos de estruturas mais complexas que não possuem uma diferença significativa em como a implicatura contrafactual é gerada de modo que eles não serão discutidos por esta pesquisa.

imagina-se que a situação que se deseja não ocorre, ou seja, há a implicatura de que ela é falsa no mundo real. Por exemplo, em (6.02), imaginamos que Maria não tem um cachorro.

Por fim, um último tipo de oração contrafactual são algumas orações modais. Nesse tipo de oração, verbos modais são usados para recomendar situações que imaginamos ser falsas no mundo real. Por exemplo, ao ouvir as sentenças em (6.03), imaginamos que Maria não tem um cachorro.

(6.03) a. Maria deveria ter um cachorro.

b. Maria poderia ter um cachorro.

O denominador comum a esses três tipos de contrafactuais é que em todas elas expressa-se uma contrariedade aos fatos sem a presença de uma negação explícita na sentença. Por exemplo, em (6.01) assume-se que Maria não tem espaço e nem cachorro e em (6.03) e (6.04) assume-se que Maria não tem cachorro. Mas é importante perceber que, ao ouvirmos essas sentenças, isso é assumido mesmo que em nenhum momento tenhamos ouvido ‘Maria não tem cachorro’ e isso é assumido mesmo não conhecendo a Maria e sem saber nada sobre ela.

Nesta tese, trataremos apenas das estruturas contrafactuais condicionais e das estruturas contrafactuais buléticas. Apesar de não analisarmos o terceiro tipo de estrutura, acreditamos que as considerações feitas aqui para os outros dois tipos possam ser estendidas para o terceiro tipo. No entanto, essa verificação será deixada para pesquisas futuras.

Este capítulo está dividido em três seções. A seção 6.1 apresenta o tratamento das contrafactuais condicionais; A seção 6.2 apresenta o tratamento das contrafactuais buléticas e; por fim, a seção 6.3 apresenta um resumo do que foi visto no capítulo.

## 6.1 Contrafactuais Condicionais

O objetivo desta seção é descrever as condicionais contrafactuais. De acordo com von Stechow (2011, p. 1515), sentenças condicionais falam sobre um possível cenário que pode ou não acontecer (ou ter acontecido) e descrevem o que mais aconteceria nesse cenário. Apesar

- 
- i. Se Maria quisesse ter um cachorro, ela teria que ter espaço.
  - ii. Maria queria que eu adotasse um cachorro se eu tivesse espaço.



- |                       |              |
|-----------------------|--------------|
| p                     | q            |
| (6.07) a. Bobeou,     | dançou.      |
| b. Escreveu, não leu, | o pau comeu. |

Perceba que as orações acima podem ser parafraseadas com uma estrutura condicional canônica. Por exemplo, (6.07a) pode ser parafraseada como ‘se bobear, dança’ e (6.07b) pode ser parafraseada como ‘se escrever e não ler, o pau vai comer’. Diferentemente das estruturas que são marcadas por ‘se’ e ‘quando’, as condicionais formadas por justaposição não podem ser invertidas mantendo o sentido da sentença como ilustrado em (6.08).

- |                   |                    |
|-------------------|--------------------|
| q                 | p                  |
| (6.08) a. Dançou, | bobeou.            |
| b. O pau comeu,   | escreveu, não leu. |

O foco desta pesquisa serão as condicionais canônicas ‘se p (então) q’, no entanto, falaremos brevemente das condicionais com ‘quando’. Sintaticamente, os aspectos relevantes para essa pesquisa é que sentenças condicionais são estruturas bioracionais nas quais normalmente uma das orações é uma subordinada dominada por uma oração matriz. Essa diferença entre matriz e subordinada será relevante quando discutirmos se o que determina a presença de certos morfemas são fatores sintáticos ou semânticos. Partimos agora para uma descrição semântica das orações condicionais.

### 6.1.2 A estrutura semântica das orações condicionais

Semanticamente, a oração ‘se p’ descreve um cenário possível enquanto que a oração ‘(então) q’ descreve o que ocorreria nesse cenário. Por exemplo, a sentença em (6.04) afirma que Maria põe o cachorro pra fora nos cenários nos quais ele late. A oração ‘se p’ é chamada na literatura da filosofia lógica e semântica formal de *antecedente*, *premissa* ou *protasis* e a oração ‘(então) q’ é chamada de *consequente* ou *apodosis*. Adotaremos os termos antecedente e consequente respectivamente.

Em se tratando do sentido das condicionais, podemos dividi-las em dois tipos: as indicativas e as subjuntivas ou contrafactuais. Uma *condicional indicativa* como (6.09a) expressa que a verdade do antecedente é uma questão aberta. Assim, nessas condicionais não se sabe se João tocou ou não a bateria. Por outro lado, condicionais subjuntivas /



contrafactuais, como (6.09b), expressam que pelo menos o antecedente é falso. Dessa forma, subentende-se que João não tocou bateria quando se ouve (6.09b).

(6.09) a. Se João tocou bateria, Marcelo tocou guitarra.

b. Se João tivesse tocado bateria, Marcelo teria tocado guitarra.

Essa terminologia pode causar uma confusão porque pode-se pensar que o fator determinante para uma condicional ser indicativa ou subjuntiva são os modos indicativo e subjuntivo (ver von Fintel e Iatridou, 2020). No entanto, dependendo da língua, não é preciso que uma condicional esteja no modo indicativo para que a verdade do antecedente não esteja definida. Paralelamente, não é preciso que uma condicional esteja no modo subjuntivo para veicular que o antecedente seja falso. Além disso, muitas línguas não possuem a distinção entre modo indicativo e subjuntivo, mas distinguem os dois tipos de condicionais ilustrados em (6.09) de outra forma.

Por essa razão, usaremos os termos *condicional não-contrafactual* (não-CF) para nos referirmos a sentenças como (6.09a) e *condicional contrafactual* ou *contrafactual condicional* (CF) para nos referirmos a sentenças como (6.09b). No entanto, até mesmo essa terminologia é passível de críticas, visto que não é verdade que orações condicionais como (6.09b) são sempre contrafactuais. Como discutiremos mais a diante, a contrafactualidade é uma implicatura que parece ser sempre passível de cancelamento tanto no antecedente quanto no conseqüente. Por esse motivo, von Fintel e Iatridou (2020) estipulam a terminologia condicionais o-marcadas e condicionais X-marcadas.<sup>52</sup> Para eles, as condicionais como (6.09a) são marcadas por uma morfologia comum, ou seja, uma morfologia ordinária e, por esse motivo, são chamadas de O-marcadas fazendo referência a esse caráter ordinário da marcação. As condicionais como (6.09b), por outro lado, são marcadas por uma morfologia que parece não seguir os padrões, ou seja, uma morfologia especial ou extraordinária e, por isso, são chamadas de x-marcadas. No entanto, esse uso de terminologia criado pelos autores é extremamente recente e não está difundido na literatura. Desse modo, manter-se-á a nomenclatura *condicional não-contrafactual* (não-CF) para se referir a sentenças marcadas morfologicamente como (6.09a) e *condicional contrafactual* ou *contrafactual condicional* (CF) para se referir a sentenças marcadas morfologicamente como (6.09b) nesta tese. No entanto, estamos cientes das críticas que essa terminologia pode receber.

---

<sup>52</sup> Tradução do autor de *o-marked conditionals* e *x-marked conditionals*.

Já mencionamos em diversos pontos dessa tese que a contrafactualidade é uma implicatura. Ou seja, a nossa análise é que a contrafactualidade não faz parte da semântica e, por isso, não é nem uma pressuposição e nem um acarretamento. Essa é a posição mais assumida na literatura (ANDERSON, 1951; STALNAKER, 1975; JAMES, 1982; IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). Anderson (1951) foi o primeiro a argumentar que a contrafactualidade era uma implicatura. O autor mostra que a contrafactualidade pode ser cancelada, como exemplificado em (6.10) que é um exemplo clássico na literatura.

(6.10) Se João tivesse tomado arsênico, ele teria os mesmos sintomas com os quais ele está agora. Então, é provável que ele tenha tomado arsênico.

Perceba que se a falsidade da proposição expressa pelo antecedente fosse um acarretamento ou uma pressuposição, as sentenças em (6.10) seriam contraditórias. Assim, o autor conclui que contrafactualidade é uma implicatura pragmática e esse é o principal argumento repetido na literatura pelos trabalhos que assumem tal posição.

Ao discutir o assunto, Stalnaker (1975) traz um segundo argumento. Para ele, se contrafactualidade fosse uma pressuposição ou um acarretamento, estipular a falsidade do antecedente deveria soar redundante. Assim, a possibilidade de se afirmar a falsidade do antecedente como em (6.11) sem soar redundante corrobora a proposta de que contrafactualidade é uma implicatura.

(6.11) Se o mordomo tivesse cometido o assassinato, teríamos encontrado sangue na faca. A faca estava limpa; assim, o mordomo não cometeu o assassinato.

Mas então, o que faz parte da semântica dessas construções? Para responder a essa pergunta, precisaremos recorrer a noção de proposição apresentada no Capítulo 3. Lembrando que, para a semântica formal, sentenças denotam proposições (CHIERCHIA, 2000) e que, na semântica de mundos possíveis, cada proposição pode ser identificada através do conjunto de mundos possíveis nos quais ela é verdadeira (KRATZER, 2012). Por exemplo, a sentença (6.12) denota a proposição ‘João estar no Rio’ que pode ser representada pelo conjunto P no qual todos os mundos possíveis ( $w_1, w_2, w_3, \dots, w_n$ ) são mundos nos quais ‘João estar no Rio’ é verdadeira. Haverá muitos mundos possíveis assim. Ilustramos tal conjunto por meio do

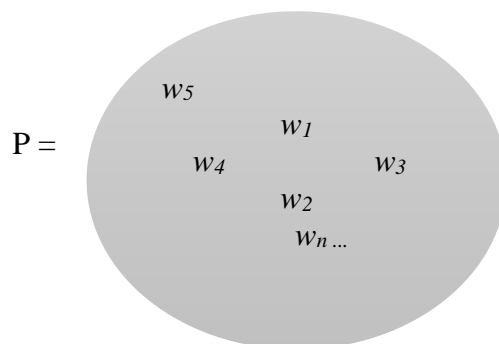
diagrama em (6.12c) no qual  $w_1$  pode ser um mundo possível no qual João está no Rio, ama Teresa e sua mãe é a Carla;  $w_2$  pode ser um mundo possível no qual João está no Rio, ama Teresa e sua mãe é a Maria;  $w_3$  pode ser um mundo no qual João está no Rio, ama o Marcos e sua mãe é a Maria e assim sucessivamente. O que todos os mundos possíveis no conjunto P que representam a proposição ‘João estar no Rio’ têm em comum é que essa proposição é verdadeira em todos eles.

(6.12) a. João está no Rio

b.  $P = \{w: \text{João está no rio em } w\}$

EM OUTRAS PALAVRAS: P é o conjunto que inclui todos os mundos  $w$  tais que João está no Rio em  $w$ .

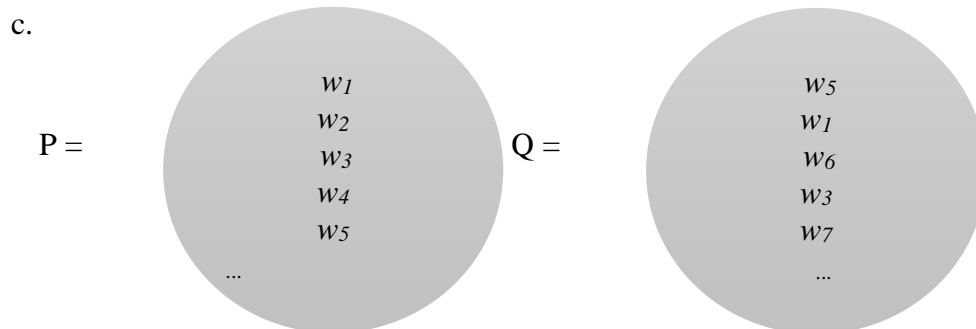
c.



Como mencionado anteriormente, uma sentença condicional é bioracional, ou seja, tem duas sentenças. Sendo assim, cada uma dessas sentenças denota uma proposição diferente, ou seja, em uma sentença condicional há dois conjuntos de mundos possíveis que são relacionados. Por exemplo, na sentença contrafactual (6.13), o antecedente expressa a proposição ‘João estar no Rio’ e o conseqüente expressa a proposição ‘João visitar Copacabana’. A primeira proposição poderia ser identificada pelo conjunto de mundos possíveis P nos quais ‘João no Rio’ é verdadeira e a segunda poderia ser identificada pelo conjunto de mundos possíveis Q nos quais a proposição ‘João visitar Copacabana’ é verdadeira.

(6.13) a. [Se João estivesse no Rio] [João estaria visitando Copacabana]

b.  $P = \{w: \text{João está no rio em } w\}$      $Q = \{w: \text{João visita Copacabana em } w\}$



O diagrama (6.13c) representa de maneira simplificada esses conjuntos de mundos possíveis. O primeiro representa o conjunto expresso pelo antecedente e o segundo pelo consequente. Podemos observar nesse diagrama que há mundos possíveis que estão apenas no primeiro conjunto (i.e.,  $w_2$  e  $w_4$ ). Esses seriam mundos possíveis nos quais João está no Rio, mas não visita Copacabana; há também mundos que estão apenas no segundo conjunto (i.e.,  $w_6$  e  $w_7$ ). Esses seriam mundos possíveis nos quais João visita Copacabana, mas não está no Rio. Por fim, há mundos possíveis que estão em ambos os conjuntos (i.e.,  $w_1$ ,  $w_3$  e  $w_5$ ). Esses seriam mundos possíveis nos quais João está no Rio e visita Copacabana.<sup>53</sup>

Até agora, discutimos o significado das partes de uma condicional separadamente. No entanto, a condicional estabelece uma relação entre as partes da sentença, ou seja, há uma relação entre os conjuntos de mundos possíveis denotados pelo antecedente e pelo consequente. Seguiremos Kratzer (2012) que assume que a relação entre as partes da condicional é estabelecida através de um modal coberto. A autora postula que na estrutura semântica, haveria um modal responsável por relacionar os conjuntos de mundos possíveis P e Q. Se a sentença (6.13) é verdadeira, sempre que João vai ao Rio, ele visita Copacabana, ou seja, a partir dessas condições de verdade, podemos assumir que esse modal estipula que todo mundo possível no qual a proposição ‘João está no Rio’ é verdadeira, também é um mundo

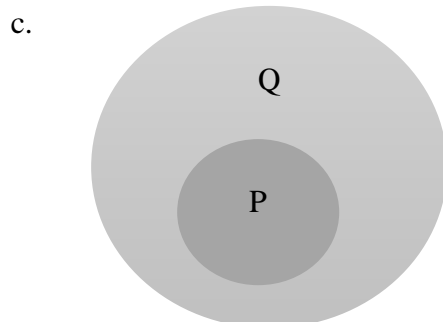
<sup>53</sup> Pode parecer contraditória a ideia de João visitar Copacabana sem estar no Rio, mas lembrando que não será em todos os mundos possíveis que Copacabana será no Rio. Haverá mundos possíveis nos quais Copacabana está em outra cidade como, por exemplo, São Paulo. Nesses mundos é totalmente João visitar Copacabana sem estar no Rio.

possível no qual a proposição ‘João visitar Copacabana’ é verdadeira. Em outras palavras, todo mundo possível do conjunto P também é um mundo possível de Q. Na teoria dos conjuntos, uma construção condicional afirma que o conjunto P está contido ou é igual a Q como representado por (6.14) abaixo.

(6.14) a.  $P \subseteq Q$

b.  $\{w: \text{João está no rio em } w\} \subseteq \{w: \text{João visita Copacabana em } w\}$

EM PALAVRAS: O conjunto de mundos possíveis P, nos quais João está no Rio, está incluído no conjunto de mundos possíveis Q nos quais João visita Copacabana.



A semântica do operador modal responsável por relacionar os conjuntos de mundos possíveis denotados pelo antecedente e pelo conseqüente de uma construção está dada em (6.15a) abaixo. O significado desse modal com os tipos semânticos correspondentes está representado em (6.15b).<sup>54</sup>

---

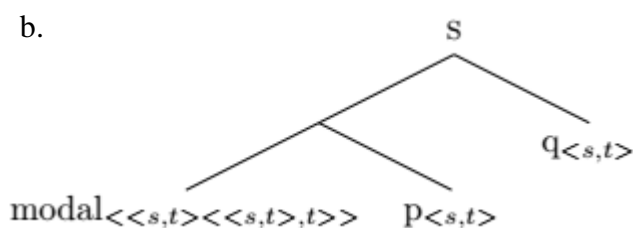
<sup>54</sup> Um questionamento válido é porque esses trabalhos assumiram que esse modal não é pronunciado. Um candidato óbvio para esse papel seria a conjunção subordinadora ‘se’ que relaciona ambas as sentenças. No entanto, se ‘se’ relacionasse as sentenças dessa maneira, ela faria uma quantificação universal sobre mundos possíveis e seria incompatível com quantificação existencial. No entanto, ‘se’ é compatível com quantificação existencial como ilustrado em (i).

(i) Se João tem um burro, ele **as vezes** bate nele.

Sendo assim, ‘se’ não pode ser o elemento responsável pela semântica em (6.15) (para mais detalhes sobre essa análise ver VON FINTEL, 1994). Veremos, mais a frente, algumas propostas que assumem que esse modal ocorre de forma aberta. Arregui (2005), por exemplo, assume que ‘will’ no inglês, é o responsável por relacionar as duas sentenças.

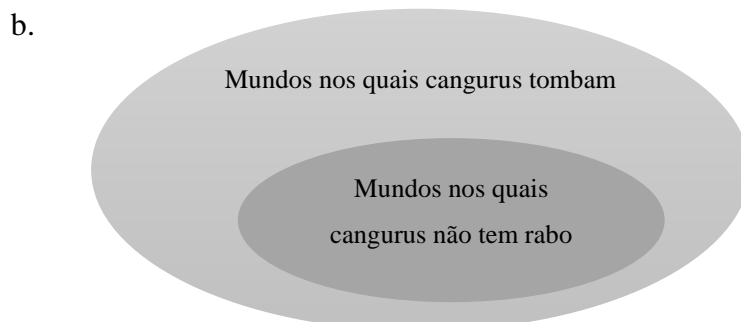
$$(6.15) \text{ a. } \llbracket \text{modal} \rrbracket = \lambda p_{\langle s,t \rangle} . \lambda q_{\langle s,t \rangle} . \{w | p(w) = 1\} \subseteq \{w | q(w) = 1\}$$

EM PALAVRAS: O operador modal toma as proposições  $p$  e  $q$  e afirma que o conjunto de mundos possíveis nos quais  $p$  é verdadeira está incluso no ou é igual ao conjunto de mundos possíveis nos quais  $q$  é verdadeira.



No entanto, a semântica do modal indicada em (6.15a) ainda não descreve adequadamente as condições nas quais a sentença é verdadeira. Observe a sentença (6.16) traduzida de Lewis (1973, p. 1). De acordo com a semântica atribuída ao modal em (6.15), a sentença em (6.16) expressaria que “nos mundos possíveis nos quais cangurus não têm rabo, são mundos possíveis nos quais eles tombariam”, ou seja, o conjunto dos mundos possíveis nos quais cangurus não tem rabo é um subconjunto dos mundos possíveis nos quais cangurus. Isso está ilustrado em (6.16b).

(6.16) a. Se cangurus não tivessem rabo, eles tombariam.



Em um primeiro momento, essa proposta parece estar de acordo com a nossa intuição. Uma vez que o rabo dá o equilíbrio para o canguru, parece verdade que todos os mundos possíveis onde o rabo não existe, eles tombariam por falta de equilíbrio. No entanto, isso não é

verdade. Considere um mundo possível  $w_1$  no qual cangurus não têm rabo e a gravidade não existe, um mundo possível  $w_2$  no qual cangurus não têm rabo, mas usam grandes sapatos para manter o equilíbrio, um mundo possível  $w_3$  no qual cangurus não têm rabo, mas usam muletas e um mundo possível  $w_4$  no qual cangurus têm uma anatomia completamente diferente que os permite ficar em pé sem tombar mesmo sem o rabo. Todos esses mundos possíveis  $w_1$ ,  $w_2$ ,  $w_3$ ,  $w_4$  e  $w_5$  descritos são mundos nos quais cangurus não têm rabo, mas eles não tombam.

Para ilustrar como isso afeta a nossa avaliação da sentença (6.16), podemos imaginar um falante implicante que, em seus diálogos, sempre considera absolutamente todas as situações possíveis ao avaliar se uma sentença é ou não verdadeira. Esse falante implicante nunca aceitaria a sentença em (6.16a) como verdadeira como ilustrado no diálogo em (6.17).

(6.17) FALANTE 1: Se cangurus não tivessem rabo, eles tombariam.  
 FALANTE IMPLICANTE: Isso não é verdade, eles poderiam usar muletas.

Sendo assim, não é verdade que o conjunto dos mundos possíveis nos quais cangurus têm rabo é um subconjunto dos mundos nos quais cangurus tombam como ilustrado em (6.16b) visto que é possível conceber mundos nos quais nos quais cangurus não têm rabo e não tombam. Desse modo, a proposta de que o modal expressa  $\{w|p(w) = 1\} \subseteq \{w|q(w) = 1\}$  (i.e., que todos os mundos possíveis nos quais  $p$  é verdadeira estão contidos nos mundos possíveis nos quais  $q$  é verdadeira) não descreve adequadamente a semântica de uma condicional.

No entanto, perceba que a resposta dada pelo nosso falante implicante em (6.17) parece ser incongruente. Se alguém nos fala ‘Se cangurus não tivesse rabo, eles tombariam’, essa pessoa parece estar considerando cenários mais parecidos com o nosso, ou seja, cenários nos quais cangurus não usam muletas. Por esse motivo, Lewis (1973) assume que a semântica de uma condicional é algo como “em qualquer mundo possível  $w$  no qual cangurus não têm rabo e **que se pareça com o mundo atual**  $w_0$  exceto pela parte de cangurus não terem rabos, cangurus tombam”. Aqui o se parecer com o mundo atual  $w_0$  é uma parte fundamental de tais condicionais.

Sendo assim, quando usamos uma sentença como (6.16), não estamos considerando que os cangurus cairiam em absolutamente todos os mundos possíveis, mas somente naqueles que são parecidos com o mundo atual, ou seja, mundos nos quais a gravidade existe, eles não usam sapatos ou muletas e a anatomia deles é parecida com a anatomia que conhecemos exceto pela parte deles não terem rabo. Essa similaridade entre mundos possíveis está

presente na semântica da sentença de forma implícita. Por esse motivo, o nosso falante 1 poderiam rebater a crítica do nosso falante chato como ilustrado em (6.18).

- (6.18) FALANTE 1: Se cangurus não tivessem rabo, eles tombariam.  
 FALANTE IMPLICANTE: Isso não é verdade, eles poderiam usar muletas.  
 FALANTE 1: Mas cangurus não usam muletas. Obviamente, estou falando de situações nas quais eles não têm rabo e também não usam muletas.

Para formalizar essa questão similaridade na semântica no tratamento das condicionais contrafactuais, Kratzer (2012) postula uma função  $f$  que, para cada mundo  $w$ , selecionará o conjunto de proposições que são verdadeiras em  $w$ . Se  $w$  for o mundo real, então  $f(w)$  retornara todas as proposições que são verdadeiras no mundo atual. Ou seja, “a gravidade existe”, “cangurus não usam sapatos” e “cangurus são animais australianos com um corpo robusto projetado para frente e o rabo ajuda a manter o equilíbrio”. Em uma contrafactual, levamos em consideração todas essas coisas que ocorrem no mundo real e acrescentadas à proposição expressa pelo antecedente, ou seja,  $f(w) \cup p$ . A união de  $f(w)$  com a proposição  $p$  garantiria que estaríamos considerando a proposição  $p$  apenas em mundos semelhantes ao atual, ou seja, os mundos  $w_1$  no qual não existe gravidade,  $w_2$  no qual cangurus usam sapatos,  $w_3$  no qual ele usa muleta e  $w_4$  no qual o corpo do canguru é completamente diferente estariam desconsiderados.

Um problema é que  $f(w) \cup p$  seria um conjunto inconsistente porque no mundo atual cangurus tem rabos, ou seja,  $f(w)$  conteria a proposição “cangurus têm rabo” e estaríamos unindo isso com  $p$  que é “cangurus não têm rabo”. Ou seja,  $f(w) \cup p$  seria inconsistente porque conteria ao mesmo tempo as proposições contraditórias “cangurus têm rabos” e “cangurus não têm rabo”. Para resolver isso, Kratzer (2012) assume que somente a parte consistente de  $f(w) \cup p$  seja levada em conta. Para isso, ela postula que  $A_w(p)$  seja um conjunto dos conjuntos consistentes em  $f(w) \cup p$ , ou seja,  $A_w(p)$  possui apenas conjuntos de mundos semelhantes ao mundo atual nos quais  $p$  seja verdadeira. Dos conjuntos contidos em  $A_w(p)$ , quanto maior fosse o conjunto, mais semelhante ao mundo  $w$  ele seria. Por exemplo:



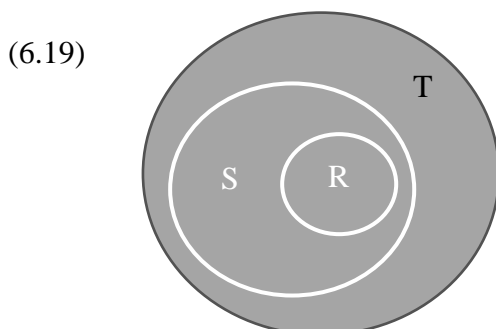
CONJUNTOS EM  $A_{wc}(p)$ 

R = {"cangurus não têm rabo em"; "a gravidade existe"}

S = {"cangurus não têm rabo"; "a gravidade existe"; "cangurus não usam sapatos"}

T = {"cangurus não têm rabo"; "a gravidade existe em  $w$ ", "cangurus não usam sapatos", "cangurus não possuem um corpo totalmente diferente"}

Os conjuntos R, S, T são todos consistentes uma vez que não possuem proposições contraditórias e são todos semelhantes ao mundo atual  $w$ . No entanto, alguns são mais semelhantes que outros. Observe que o mundo T é mais semelhante ao nosso que o mundo R ou S. O conjunto de mundos possíveis a ser selecionado dentro de  $A_{wc}(p)$  deva ser o mais próximo ao mundo atual para que a conclusão afirmada pelo consequente de que cangurus cairiam seja verdadeira. O conjunto T seria, desse modo, o mais adequado porque seria exatamente como o nosso, exceto pelo fato dos cangurus não terem rabo e os cangurus caírem. Observe que, dentro de  $A_{wc}(p)$ , R é um subconjunto de S que, por sua vez, é um subconjunto em T como ilustrado abaixo.



Assim, Kratzer (2012) considera que, para se conseguir o conjunto mais semelhante ao mundo atual dentro de  $A_{wc}(p)$ , deve tomar o conjunto máximo, ou seja, aquele conjunto que não está contido em nenhum outro conjunto. Ou seja, para cada conjunto T dentro de  $A_{wc}(p)$ , não haveria um outro conjunto S dentro  $A_{wc}(p)$  tal que S contenha T. Isso é representado formalmente por Kratzer da seguinte maneira: para qualquer T:  $T \subseteq A_{wc}(p)$  e não há S tal que  $S \subseteq A_{wc}(p)$  e  $T \subset S$ . Dessa forma, a semântica do modal está representada em (6.20). Apesar de uma semântica mais complexa, a estrutura ainda seria a mesma representada em (6.15b).

$$(6.20) \llbracket modal \rrbracket = \lambda p_{\langle s, t \rangle} . \lambda q_{\langle s, t \rangle} . \text{para cada } T: T \subseteq A_{wc}(p) \text{ e não há } S \text{ tal que } S \subseteq A_{wc}(p) \text{ e } T \subset S. T \subseteq \{w | q(w) = 1\}$$

EM PALAVRAS: O modal toma duas proposições,  $p$  e  $q$ , e afirma que, para cada conjunto  $T$ , se  $T$  estiver dentro do conjunto  $A_{wc}(p)$  e não há conjunto  $S$  tal que  $S$  esteja contido ou seja igual a  $A_{wc}(p)$  e  $T$  contido em  $S$ , o conjunto  $T$  está contido no conjunto  $\{w | q(w) = 1\}$ .

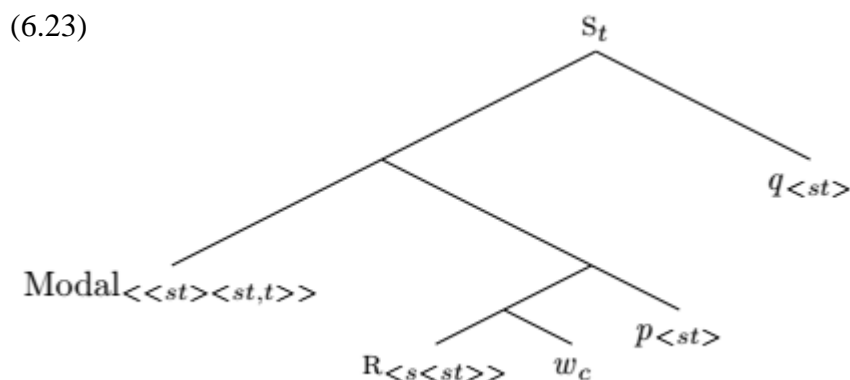
Para Ippolito (2002; 2003), além de ter escopo sobre as duas proposições denotadas pelas orações de uma estrutura condicional, o modal também teria escopo sobre uma relação de acessibilidade. Como vimos no Capítulo 3, a relação de acessibilidade ocorre em expressões modais e define parâmetros para acessar os mundos possíveis e a partir do mundo real. Por exemplo, em (6.21) o valor de verdade das proposições ‘João fazer a prova’ e ‘João estar em casa’ não é avaliado no mundo atual, mas sim em conjuntos de mundos possíveis. A relação de acessibilidade faria a ponte entre o mundo atual e os mundos possíveis determinando o critério para acessá-los. Por exemplo, em (6.21a) o critério para acessar os mundos possíveis seriam as regras no mundo atual se o modal *dever* insinuar uma obrigação por parte de João em fazer a prova. Já em (6.21b), o critério para se acessar os mundos possíveis seria o conhecimento do falante se o modal *dever* uma probabilidade de João estar em casa com base naquilo que o falante sabe no mundo atual.

- (6.21) a. João deve fazer a prova ou reprovará.  
 b. João deve estar em casa, pois as luzes estão acessas.

Além de estabelecer uma relação entre o mundo real e os mundos possíveis, a relação de acessibilidade também determinaria o tipo de modalidade da sentença. A diferença entre modalidade deôntica observada em (6.21a) e modalidade epistêmica em (6.21b) decorreria de diferentes tipos de relação de acessibilidade. O exemplo (6.22) ilustra a semântica de uma relação de acessibilidade epistêmica.

- (6.22)  $R_{epis} = \lambda w . \lambda w' . w'$  é compatível com o que o falante sabe em  $w$ .  
 EM PALAVRAS: A relação de acessibilidade epistêmica toma dois mundos,  $w$  e  $w'$  e afirma que  $w'$  é compatível com o que o falante sabe em  $w$ .

Para Ippolito (2002; 2003), o primeiro mundo tomado por essa relação seria o mundo do contexto  $w_c$  e o segundo mundo seria o conjunto de mundos possíveis denotados pela proposição  $p$  expressa pelo antecedente como ilustrado na estrutura (6.23) abaixo.

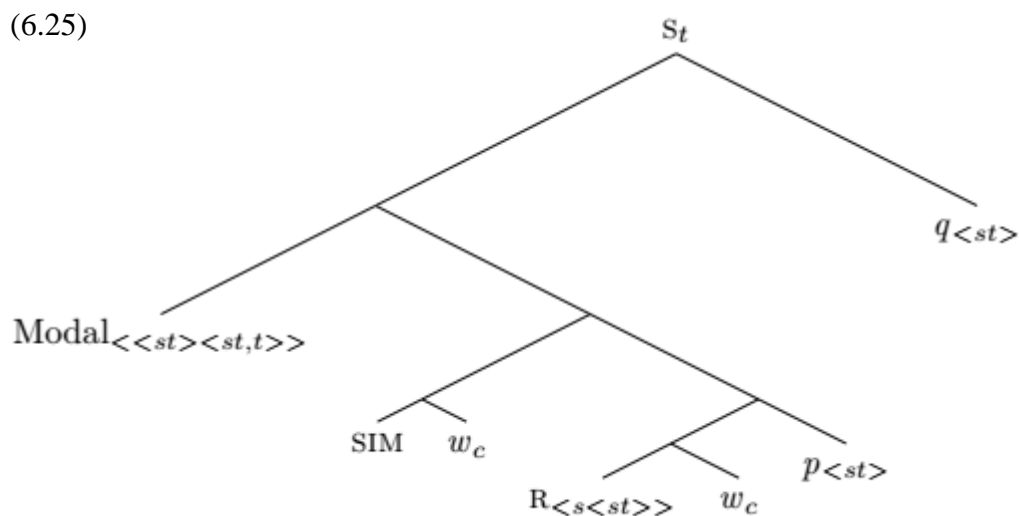


Como vimos anteriormente, Kratzer (2012) que assume há uma restrição dentro do próprio modal que seleciona os mundos possíveis semelhantes ao nosso. Diferentemente de Kratzer, Ippolito (2002; 2003) assume que a seleção desses mundos semelhantes ao atual é feita através de um operador SIM. Esse operador seria responsável por tomar o mundo atual, uma proposição  $p$  e um mundo possível  $w'$  e afirma que esse mundo possível  $w'$  pertence ao conjunto de mundos possíveis denotados pela proposição  $p$  e  $w'$  se assemelha ao mundo atual. A semântica desse operador está representada em (6.24).

$$(6.24) \llbracket sim \rrbracket = \lambda w. \lambda p. \lambda w'. w' \in p \text{ e } w' \text{ se assemelha à } w \text{ não menos que qualquer outro mundo em } p.^{55}$$

Se o operador acima tomasse como  $w$  o mundo atual  $w_c$  e a proposição “Cangurus não têm rabo”, ele seria uma função que tomaria um mundo possível  $w'$  pertencente a  $p$ , ou seja, um mundo possível no qual cangurus não têm rabo e estabeleceria que  $w'$  se assemelharia ao mundo atual  $w$  não menos que qualquer outro mundo em  $p$ . Ou seja, isso nos levaria ao mundo mais semelhante possível ao mundo real da mesma forma que era feito pelo conjunto máximo em Kratzer (2012). Essa operação se aplicaria no antecedente após a relação de acessibilidade e antes do modal como ilustrado em (6.25).

<sup>55</sup> Lembrando que  $p$  denota uma proposição que estamos tratando nesta tese como um conjunto de mundos possíveis nos quais a proposição  $p$  é verdadeira.



Até aqui, podemos perceber que ambas as propostas de Kratzer (2012) e Ippolito (2002; 2003) dão conta da semântica de contrafactuais. A escolha por uma delas, então, é por uma questão de preferência. Aqueles que preferirem a semântica do modal mais complexa e uma estrutura composicional mais simples, podem optar pela análise de Kratzer (2012). Aqueles que preferirem uma semântica do modal mais simples e uma estrutura composicional mais complexa como (6.25), podem adotar a proposta de Ippolito (2002; 2003). O que está no cerne dessas propostas é que, na estrutura semântica, ambas as proposições expressas pelas sentenças estão no escopo de um modal que relaciona o conjunto de mundos possíveis denotados pelo antecedente com o conjunto de mundos denotado pelo conseqüente.<sup>56</sup>

Agora que discutimos as estruturas das construções condicionais, abordaremos o comportamento das categorias de tempo, aspecto e modo possuem em ambientes contrafactuais condicionais e as diferentes hipóteses que tentam explicar esse comportamento.

### 6.1.3 Tempo, aspecto e modo em ambientes contrafactuais condicionais

Um fato que tem chamado muita atenção para as sentenças contrafactuais é o comportamento atípico da morfologia nesses ambientes, especialmente quando falamos de tempo e aspecto. A análise de contrafactuais mostra que esses morfemas se comportam de maneira distinta quando estão em uma sentença contrafactual. Por exemplo, no inglês, a

<sup>56</sup> Nesta tese, adotaremos a proposta de Ippolito porque, como veremos nas próximas subseções, ela pode ser alterada para que o tempo opere na relação de acessibilidade e isso será fundamental quando explicarmos a contribuição semântica do tempo nas próximas subseções.

forma de passado simples só pode coocorrer com advérbios com orientação temporal de passado (e.g. *last year*) como ilustrado em (6.26a). Sentenças nas quais a forma de passado ocorre com advérbios com orientação temporal de presente (e.g. *now*) ou futuro (e.g. *tomorrow*) não são gramaticais como ilustrado respectivamente em (6.26b) e (6.26c).

- (6.26) a. Mary **had** a dog **last year**.  
 b. \*Mary **had** a dog **now**.  
 c. \*Mary **had** a dog **tomorrow**.

No entanto, em condicionais contrafactuais, o comportamento desse morfema é exatamente o oposto. A forma de passado simples não pode ocorrer com advérbios com orientação temporal de passado como em (6.27a), mas pode ocorrer com advérbios de orientação temporal de presente ou futuro como ilustrado respectivamente em (6.27b) e (6.27c).

- (6.27) a. \*If Mary **had** a dog **last year**, she **would** be happy.<sup>57</sup>  
 b. If Mary **had** a dog **now**, she **would** be happy.  
 c. If Mary **received** a dog **tomorrow**, she **would** be happy.

O fato de a forma de passado coocorrer com advérbios com orientação temporal distinta daquela que denota levou Iatridou (2000) a chamar o passado que ocorre nesses contextos de PASSADO FALSO. A autora observou que o mesmo parece ocorrer com morfemas de aspecto, ou seja, em algumas línguas parece haver um ASPECTO FALSO que é uma morfologia aspectual que ocorre nas sentenças e o evento denotado não é aspectualmente concebido de acordo com a marcação morfológica. Por exemplo, na sentença em (6.28) o evento é concebido perfectivamente e a morfologia empregada é de aspecto imperfectivo.

---

<sup>57</sup> Consideramos ‘*would*’ como a forma passada de ‘*will*’.

- (6.28) *Grego Moderno*  
*An pandrevotan mia prigipisa, tha esoze tine teria*  
 if marry.PST.IPFV a princess FUT save.PST.IPFV the company  
*tu.*  
 his  
 ‘If he married a princess, he would save his company.’

(IATRIDOU, 2000, p. 236)

Como discutido no capítulo 3, seguimos (FERREIRA, 2014; FERREIRA, 2016) e consideramos tanto o progressivo quanto o habitual como aspecto imperfeito e o que os diferencia seria que o primeiro denota evento singular e o segundo evento plural. Algumas línguas vão expressar a leitura progressiva e habitual através da mesma morfologia. No entanto, determinadas línguas possuem morfologia para indicar a leitura habitual separada da leitura progressiva. Nessas línguas, sempre que uma sentença é contrafactual, ela é marcada através de morfologia de habitual (FERREIRA, 2014; FERREIRA, 2016). Por exemplo, em Hindi há uma morfologia para indicar habitualidade e outra para indicar progressivo. As contrafactuais nessa língua devem ser marcadas através do habitual *-taa* como ilustrado em (6.29) e não podem ser marcadas através do progressivo *rahaa* como ilustrado em (6.30).

- (6.29) *Agar Mona yaha: aa-tii, to me us-ke-saath foto*  
 se Mona.F aqui vir.HAB então 1.SG 3.SG.F-com foto  
*khichvaa-taa*  
 desenhar.CAUS-HAB  
 ‘Se a Mona tivesse vindo, eu teria tirado uma foto com ela.’

(FERREIRA, 2016, p. 2)

- (6.30) *Agar Mona yaha: aa rahii hai to*  
 se Mona.F aqui vir PROG.F COP.PRS então  
*Sona-bhii aa-egii*  
 Sona.F-também vir-FUT.F  
 ‘Se a Mona estiver vindo aqui, então a Sona também virá.’

(FERREIRA, 2016, p. 2)

Além do aspecto imperfectivo, o aspecto perfeito costuma ocorrer em contrafactuais. No entanto, seu uso parece ocorrer marcando tempo e não aspecto. O perfeito é empregado para indicar anterioridade em relação a um outro momento como ilustrado no exemplo (6.31a) no qual a única leitura disponível é que o evento de sair ocorre antes das 10 da noite de ontem. Observe que em (6.31b) a sentença é contrafactual e marcada com aspecto perfeito. Porém, a leitura que temos não é que o evento de sair ocorre antes das 10 da noite de ontem, mas sim que hipotetiza que o evento de sair ocorre exatamente às 10 da noite de ontem. Ou seja, a leitura de anterioridade do aspecto perfeito é perdida. Além disso, em algumas línguas, como no inglês, o perfeito é um ingrediente necessário em contrafactuais com orientação temporal no passado.

- (6.31) a. Yesterday at 10pm, I **had** already **left**.  
 b. If I **had left** yesterday at 10pm, I would have gotten the last train.

Além de tempo e aspecto, o modo é outra categoria que interage em condicionais contrafactuais. Observe que o verbo *estar* no pretérito perfeito do indicativo como em (6.32a) ou no pretérito imperfeito do indicativo como (6.32b) não desencadeiam uma leitura contrafactual. No entanto, esse mesmo verbo, quando empregado no modo subjuntivo, desencadeia uma leitura contrafactual como em (6.32c). A presença de modo subjuntivo em condicionais contrafactuais motivou que esse tipo de sentença seja chamado de condicional subjuntiva. No entanto, se esse subjuntivo apresenta alguma contribuição semântica ou se ele é apenas reflexo de outros elementos na sentença é tópico de debate como veremos na seção 6.1.3.3.

- (6.32) a. Se ele esteve na festa, foi embora cedo. (não-CF)  
 b. Se ele estava na festa, foi embora cedo. (não-CF)  
 c. Se ele estivesse na festa, iria embora cedo. (CF)

Além do modo subjuntivo, há um modo que chamado de modo condicional que costuma ocorrer no conseqüente de uma condicional contrafactual como ilustrado em (6.33). No entanto, vimos no capítulo anterior que essa morfologia, apesar de receber o nome de ‘modo condicional’, não constitui de fato um terceiro modo separado do indicativo. Retomaremos essa discussão na seção 6.1.3.3.

(6.33) *Si je savais que c'était du chocolat,*  
 se 1SG saber.PST.IPFV.IND que isso-ser.PST.IPFV.IND do chocolate

‘Se eu soubesse que isso era chocolate,

*je le mangerais*

1SG o comer.PRS.COND

eu teria comido.’

(IATRIDOU, 2000, p. 266)

Há diferentes propostas que tentam explicar a ocorrência de tempo, aspecto e modo nas condicionais contrafactuais. Vamos discutir as mais relevantes a seguir.

### 6.1.3.1 O tempo em ambientes contrafactuais

Como ilustramos em (6.26) e (6.27) (repetidas abaixo como (6.34) e (6.35)), o tempo possui um comportamento atípico nas matrizes e subordinadas de condicionais contrafactuais. Esse fenômeno ocorre em diversas línguas do mundo: inglês, francês, grego moderno, japonês, coreano, papago (uto-Aztecan), proto-uto aztecan, cree, (Algoquian), tonga e haya (Bantu), chipewyan (Athabaskan), garo (Tibeto-Burman). Em um estudo comparativo translinguístico sobre contrafactualidade, Van Linden & Verstraete (2008) examinaram 43 línguas de diferentes famílias e descobriram que uma correlação entre morfologia de passado usado em construções contrafactuais em 70% dessas línguas. De acordo com esse resultado, ao analisar sentenças contrafactuais em uma língua, o mais provável é encontrar uma relação entre morfologia tempo e contrafactualidade do que não encontrar.

(6.34) a. Mary **had** a dog **last year**.

b. \*Mary **had** a dog **now**.

c. \*Mary **had** a dog **tomorrow**.

(6.35) a. \*If Mary **had** a dog **last year**, she **would** be happy.

b. If Mary **had** a dog **now**, she **would** be happy.

c. If Mary **received** a dog **tomorrow**, she **would** be happy.



Há quatro maneiras de explicar esse comportamento: (i) os morfemas para indicar passado e para indicar contrafactualidade possuem a mesma forma; (ii) o morfema de passado possui sentido modal em contrafactuais; (iii) há apenas um morfema cuja semântica é vaga não sendo nem temporal e nem modal, essa semântica possibilita que ele seja empregado em alguns contextos para indicar temporalidade e em outros para indicar contrafactualidade e; (iv) o morfema de passado nunca é modal e seu comportamento nas contrafactuais se justifica porque esse elemento é interpretado em outra posição na estrutura da sentença. Apresentamos cada uma dessas propostas a seguir.

A primeira proposta assume que as línguas possuem dois morfemas idênticos, um que expressa passado e outro que expressa contrafactualidade (PORTNER, 1992). Nessa proposta, a morfologia de passado observada em (6.34) não seria a mesma que em (6.35). Isso explicaria porque a morfologia temporal em (6.34) interage de uma forma com advérbios e a morfologia em (6.35) interage de forma completamente oposta. No entanto, a extensa quantidade de línguas nas quais isso ocorre não parece corroborar essa proposta. A única maneira dessa proposta se sustentar seria se todas as línguas nas quais esse fenômeno ocorre fossem relacionadas e que a homofonia observada entre os morfemas de tempo e contrafactualidade tivesse sido herdada de uma língua mãe. Porém, como mostrado no início desta seção, as línguas nas quais esse fenômeno ocorre são de diversas famílias e tronco linguísticos diferentes. Se as línguas nas quais esse fenômeno ocorre não estão relacionadas entre si, a proposta de que em todas elas o morfema de passado é igual ao morfema de contrafactualidade torna-se implausível.

Uma segunda proposta assume que a morfologia observada nas contrafactuais é a mesma a morfologia observada nos demais ambientes. Ou seja, a morfologia de passado observada em (6.34) é a mesma que ocorre em (6.35). No entanto, no primeiro caso ela teria um uso temporal e no segundo ela teria um uso modal (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989). Para explicar qual propriedade faz com que ele possa assumir um sentido modal em tantas línguas os autores apelam para a metáfora. James (1982) e Fleischman (1989) assumem que o passado indica uma distância em relação ao momento presente. Nas contrafactuais essa distância temporal seria empregada metaforicamente para expressar uma distância da nossa realidade implicando, assim, em um sentido contrafactual. Van Linden & Verstraete (2008) argumentam que essa proposta é complicada porque quando se compara o uso do passado em contrafactuais com a metáfora, observa-se que esses fenômenos possuem propriedades distintas, ou seja, o uso do passado em contrafactuais não parece ser um uso metafórico.

Uma terceira proposta assume que a morfologia de passado observada em (6.34) e (6.35) não é modal e nem temporal, mas algo vago que abarca os dois sentidos (IATRIDOU, 2000). Iatridou (2000) não considera a morfologia de futuro como morfologia temporal. Dessa forma, os tempos morfologicamente presentes nas línguas seriam dois: o presente e o passado. Ela segue a proposta de Klein (1994), discutida no capítulo 3, e assume que a morfologia temporal denota a relação entre o tempo da enunciação e o tempo do tópico. Ela distingue presente de passado, assumindo que o presente denota a inclusão do tempo da enunciação no tempo do tópico ( $TE \subseteq TT$ ) e que o passado denota que o tempo da enunciação exclui o tempo do tópico, ou seja,  $TE \not\subseteq TT$  (lê-se o tempo da enunciação não está contido e nem é igual ao tempo do tópico). Assim, a autora parte da seguinte análise para o sistema temporal:

- (6.36) Futuro: não é tempo  
 Presente:  $TE \subseteq TT$   
 Passado:  $TE \not\subseteq TT$

Para as sentenças contrafactuais, a autora assume que é possível adotar uma análise Kleiniana. No entanto, ao invés de se usar tempo do tópico e o tempo da enunciação, seria possível falar de mundo do tópico e mundo da enunciação. Assim, em uma sentença contrafactual o mundo do tópico incluiria o mundo da enunciação e em uma sentença não contrafactual o mundo do tópico excluiria o mundo da enunciação. Essa proposta está representada abaixo:

- (6.37) Não-contrafactual:  $WE \subseteq WT$   
 Contrafactual:  $WE \not\subseteq WT$

A partir dessa proposta, a autora faz um paralelo entre o passado e a contrafactualidade assumindo que ambos fazem uma mesma operação de exclusão. A diferença é que o passado exclui o tempo no qual se está do tempo do qual se fala e a contrafactualidade exclui o mundo no qual se está dos mundos dos quais se fala. A autora assume então que, como o morfema de passado pode ocorrer excluindo intervalos de tempo ou mundos possíveis, o que chamamos de passado na verdade possui uma semântica vaga que não se refere nem a intervalos de tempo e nem a mundos possíveis, mas apenas denota uma exclusão entre duas coisas. Essa semântica está representada em (6.38). Observe que há uma variável  $x$ , que pode ter como

valor um tempo  $t$  ou um mundo  $w$ . Haverá contextos nos quais essa variável se referirá à um intervalo de tempo  $e$ , nesses casos, a semântica será de passado. Haverá outros casos nos quais essa variável se referirá à um mundo possível  $e$ , nesses casos, o sentido será contrafactual. Observe que, para a autora, a semântica daquilo que chamamos passado não é nem temporal e nem modal, mas é uma semântica vaga que pode assumir qualquer um dos sentidos a depender do contexto no qual ocorre.

(6.38) Passado:  $XE \not\subseteq XT$

A quarta proposta assume que a morfologia de passado nas contrafactuais é a mesma que ocorre nos demais ambientes, ou seja, a morfologia de passado observada em (6.34) tem o mesmo significado que em (6.35). A diferença dessa linha de análise para as outras é que ela assume que a contribuição semântica do passado é a mesma em todos os ambientes, inclusive os contrafactuais. Para explicar a interação diferente nos dois ambientes os autores assumem que apesar de possuir a mesma semântica, a interação com outros elementos da sentença esconde a contribuição do passado.

O primeiro a assumir que a contribuição de passado é a mesma foi Dudman (1983; 1984a; 1984b). Para ele, a interpretação de condicionais contrafactuais leva o passado em conta até um determinado momento, que é aquele que distingue o mundo real do mundo contrafactual do qual se fala. Por exemplo, ao enunciar uma sentença como (6.37), o falante levaria em conta toda a história até um determinado ponto no passado, que é o ponto no qual a vovó morreu. É esse ponto que diferencia o mundo real no qual ela está morta do mundo hipotético do qual se fala o qual ela estaria viva.<sup>58</sup> Para Dudman a morfologia do passado marca esse momento que diferencia a realidade do que está sendo imaginado. Essa análise é adotada por Hornstein (1993) em sua análise do tempo nesses ambientes.

(6.39) Se a vovó estivesse viva, viria para a festa hoje.

Ippolito (2002; 2003) assume que a semântica do passado é uniforme em todos os contextos e tentar explicar composicionalmente porque essa contribuição não é visível. Para ela, o que diferencia o uso do passado em um ambiente não-CF e em um ambiente CF é que, no primeiro, o passado é empregado para determinar o tempo da proposição  $e$ , no segundo, o passado é empregado para determinar o tempo da relação de acessibilidade do modal. Para

---

<sup>58</sup> O autor é contra o uso da noção de mundos possíveis para efetuar essa descrição. Por esse motivo evitamos usá-la ao descrever as propostas desse autor.

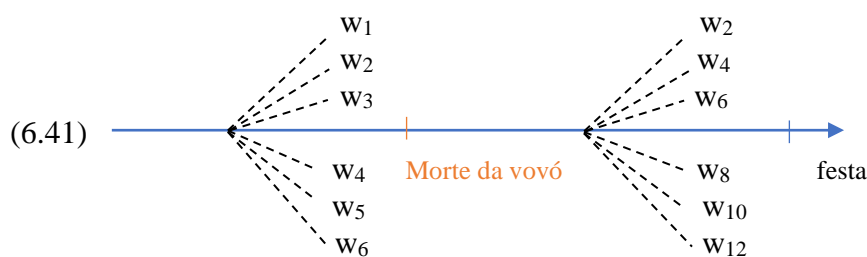
exemplificar isso, a autora fornece a sentença em (6.40). Nela há uma morfologia de passado e ela possui duas leituras. Observe que na leitura L1, o passado parece ser interpretado definindo a orientação temporal do modal, determinando que as possibilidades de Charlie sair estavam disponíveis no passado, mas não estão mais no presente. Já na leitura L2, o passado parece ser interpretado determinando a orientação temporal da proposição porque se fala sobre as possibilidades no presente de Charlie ter ou não saído no passado.

(6.40) Charlie could have left.

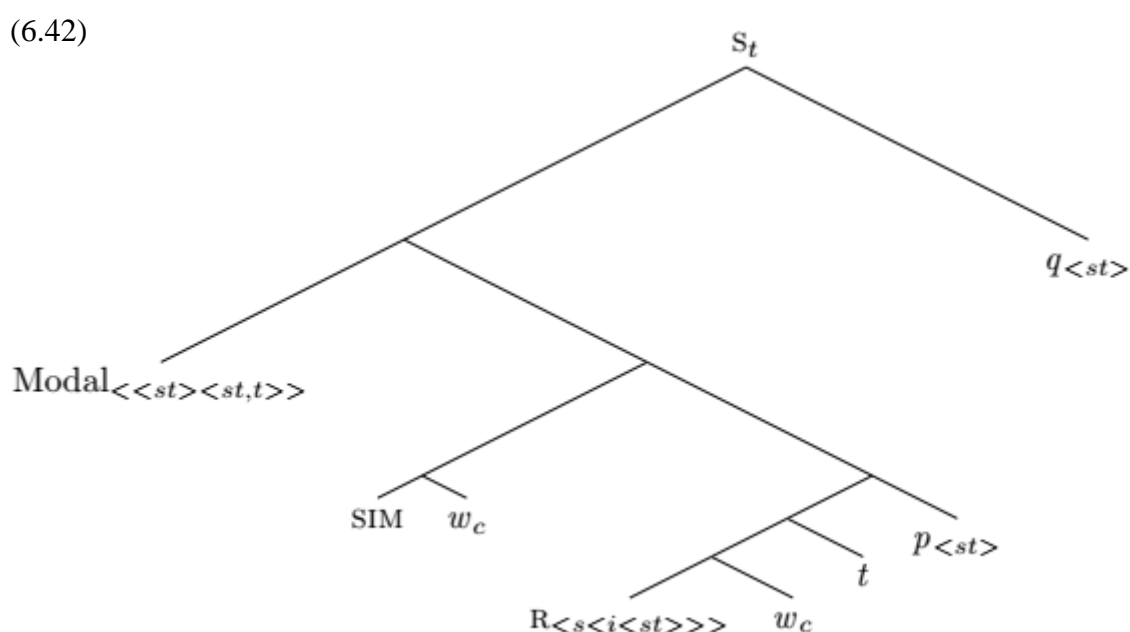
L1: **houve** a possibilidade de Charlie **sair** no passado, mas ele não saiu.

L2: **há** a possibilidade de Charlie **ter saído** no passado, mas não se sabe se ele saiu.

A autora utiliza esse exemplo para argumentar que, nas contrafactuais, a morfologia de passado sempre é empregada para determinar a orientação da relação de acessibilidade do modal, ou seja, para determinar o tempo das possibilidades e nunca o tempo da proposição. Lembramos que, na estrutura assumida por Ippolito exemplificada em (6.25), o modal também teria escopo sobre uma relação de acessibilidade. Que relacionaria um mundo atual  $w$  ao mundo possível  $w'$ . A autora argumenta que os mundos possíveis que se acessa a partir de  $w$  vão variar de acordo com o tempo. Conforme o tempo passa, menos possibilidades ficam disponíveis. Tomando a sentença (6.39) como exemplo, suponha que a vovó estivesse viva ontem às 18h. Se os netos acessassem os mundos possíveis de acordo com os seus conhecimentos nesse ponto no tempo, haveria tantos mundos possíveis nos quais ela viria para a festa (vamos representa-los com números ímpares  $w_1, w_3, w_5, \dots, w_n$ ) quanto mundos possíveis nos quais ela não viria para a festa (vamos representa-los com números pares  $w_2, w_4, w_6, \dots, w_n$ ). Suponha que a avó morreu às 19h. Os únicos mundos que permanecem acessíveis a partir desse ponto no tempo são mundos nos quais ela não vai na festa ( $w_2, w_4, w_6, \dots, w_n$ ). Isso está representado em (6.41).



Assim, a passagem no tempo elimina possibilidades, ou seja, torna o conjunto de mundos possíveis que pode ser acessado menor pois coisas que eram possíveis no passado – como a vovó vir na festa – se tornam impossíveis no presente. Então, Ippolito (2002; 2003) argumenta que a relação de acessibilidade que nos permite acessar um conjunto de mundos possíveis deva ter o tempo como parâmetro já que o conjunto de mundos possíveis acessados muda conforme o tempo passa. Dessa forma, a relação de acessibilidade que antes tomava dois mundos  $w$  e  $w'$ , passa a tomar o mundo atual  $w$  em um determinado tempo  $t$  e outro mundo possível  $w'$  como ilustrado em (6.42).



O tempo *default* tomado pela relação de acessibilidade seria o tempo da enunciação  $t_c$ , ou seja, em circunstâncias normais, os mundos possíveis seriam acessados com base no momento da fala. No entanto, para Ippolito (2002; 2003) seria possível que a relação de acessibilidade tomasse mundos possíveis em certos momentos no passado para acessar possibilidades que não estão mais disponíveis no presente. Por exemplo, se os mundos possíveis fossem acessados no presente, não haveria mundos possíveis nos quais a vovó viria para a festa porque a vovó já está morta e não existe mais a possibilidade de ela comparecer à festa. No entanto, se a relação de acessibilidade acessa mundos possíveis no passado em que a vovó ainda estivesse viva, os mundos possíveis nos quais a vovó comparece a festa voltam a ficar disponíveis.

Essa é a razão, na proposta de Ippolito (2002; 2003), para o passado ser empregado em contrafactuais. O passado que observamos em orações contrafactuais não serve para

determinar o tempo das situações descritas, mas sim, determinar um tempo para a relação de acessibilidade acessar um conjunto de mundos possíveis. Sendo assim, o passado em (6.39) seria referente a um ponto antes da morte da vovó que permitiria contemplar possibilidades nas quais ela ainda está viva e, conseqüentemente, vêm na festa. Um problema para essa proposta é que nem sempre o passado permite possibilidades que tornem o antecedente verdadeiro. Imagine um cenário no qual o professor apresenta a fórmula ' $x + 2 = 5$ ' e peça para o aluno determinar o valor de ' $x$ ' nesse contexto. O aluno, sem prestar muita atenção, coloca erroneamente que ' $x = 2$ '. Nesse cenário, o professor poderia enunciar a sentença abaixo.

(6.43) Se dois mais dois fosse igual a 5, sua resposta estaria correta.

Observe que conseguimos atribuir um significado à sentença em (6.43) sem grandes problemas e, no contexto dado, ela é uma sentença verdadeira. No entanto, esse tipo de sentença representa um problema para a proposta de Ippolito (VON PRINCE, 2019). Observe que o verbo 'fosse' está no passado e, de acordo com a autora, esse passado deslocaria o acesso a um ponto no tempo no qual era possível dois mais dois ser igual a 5. Mas considerando que a matemática é composta de verdades universais, é questionável se houve algum momento na história do universo no qual era possível dois mais dois ser igual a cinco.

De modo a resolver esse problema, poderíamos assumir que o que (6.43) não contempla a hipótese de a matemática funcionar de maneira diferente, mas sim a hipótese de adotarmos uma terminologia diferente para os números. Por exemplo, se a terminologia fosse diferente e usássemos o símbolo ' $5$ ' para se referir ao quatro e ' $4$ ' para se referir ao cinco, a resposta ' $x = 2$ '. Nesse sentido, o passado em (6.43) se referiria a um ponto anterior do estabelecimento dos símbolos para os números e, nesse ponto, ainda estava aberta a possibilidade de quatro elementos serem representados por ' $4$ ' ou por ' $5$ '.

Arregui (2005) que, assim como Ippolito, assume que o morfema de passado tem a mesma semântica em contextos não-contrafactuais e contrafactuais. O modelo proposto por Arregui (2005) assume que o passado tem sempre a mesma semântica, porém, as diferenças observadas dentro e fora dos ambientes contrafactuais se deve ao fato de que o passado não é empregado para determinar a orientação temporal da proposição, proposta essa, semelhante à da Ippolito (2002; 2003). No entanto, Arregui não assume que o passado é interpretado na relação de acessibilidade. Para ela, ele está em outro lugar na estrutura. A proposta da autora

segue o mesmo raciocínio de Dudman (1983; 1984a; 1984b), ou seja, que o passado é empregado para marcar um ponto que é crucial para diferenciar os mundos possíveis do qual se fala do mundo atual. Daquele ponto para trás, os mundos seriam todos iguais em alguns aspectos ao mundo real e as diferenças entre os mundos seriam daquele ponto em diante. Seguindo esse raciocínio, Arregui afirma que a semântica do passado é a mesma sempre, mas que ele pode ser empregado para determinar a interpretação temporal da proposição ou para determinar a similaridade entre o mundo atual e os mundos sendo quantificados no passado. Diferente de Ippolito, Arregui assume que determinar mundos semelhantes faz parte da semântica do modal como apresentado em (6.44).

$$(6.44) \llbracket modal \rrbracket = \lambda P. \lambda Q. \lambda t. w [w \text{ semelhante a } w_0 \text{ até } t \ \& \ P(w) \rightarrow Q(w)]$$

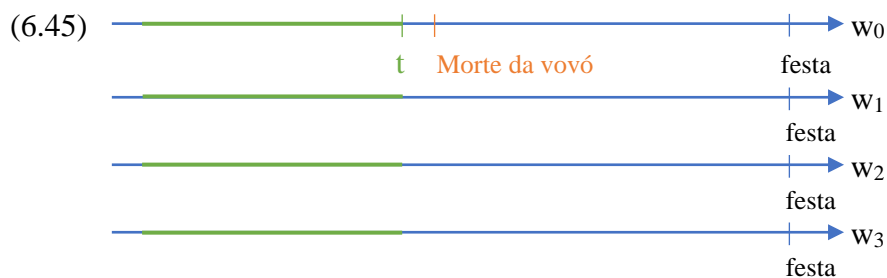
EM PALAVRAS: o modal toma duas proposições,  $P$  e  $Q$ , e um intervalo de tempo  $t$  e retorna que, para todo mundo  $w$ ,  $w$  é semelhante ao mundo real  $w_0$  e se  $P$  for verdadeira em  $w$ ,  $Q$  também será verdadeira em  $w$ .<sup>59</sup>

Em Ippolito, o modal tomava duas proposições ( $P_{\langle s, t \rangle}$  e  $Q_{\langle s, t \rangle}$ ) como argumento. Na proposta de Arregui (2005), ilustrada em (6.44), o modal toma três argumentos (i.e.,  $P$ ,  $Q$  e  $t$ ). O terceiro argumento é um tempo ( $\lambda t$ ). Usaremos novamente a sentença ‘se vovó estivesse viva, viria a festa hoje’ em (6.39) para ilustrar essa diferença entre as propostas de Arregui e Ippolito. O mundo atual  $w_0$  é um mundo no qual o falante existe, a vovó existiu, a vovó não perdia uma festa de família, e a vovó morreu. O passado nas contrafactuais vai se referir a esse passado, ou seja, o falante existiu, a vovó existiu, a vovó não perdia uma festa de família até o ponto  $t$  que é antes da morte da vovó. Todos os mundos quantificados – representados abaixo por  $w_1$ ,  $w_2$  e  $w_3$  – possuem esse mesmo passado – representado pela linha verde. É dessa forma que o passado atua na exigência de similaridade. Ele garante que todos os mundos possíveis têm um passado semelhante ao do mundo atual até o momento  $t$ .

passado

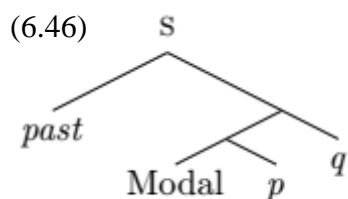
---

<sup>59</sup> Esse é uma versão simplificada da proposta de Arregui (2005). Na proposta original, o morfema não toma proposições como argumento, mas sim, propriedade de intervalos de tempo. Isso permite que a orientação temporal das proposições de uma condicional seja definida pelo modal. Para a análise que faremos nos Capítulos 7 e 8, a versão simplificada da forma ilustrada em (6.44) será suficiente.



Comparando os modelos ilustrados (6.41) e (6.45), percebemos que a atuação do passado é bem diferente nas propostas de Arregui e de Ippolito. Em ambos os modelos o passado tem uma semântica uniforme. Perceba, no entanto, que o passado causa efeitos opostos quanto é interpretado na relação de acessibilidade ou na relação de similaridade. Na relação de acessibilidade, o passado permite acessar mundos possíveis a partir de um ponto do passado de modo que acessamos possibilidades diferentes do mundo atual, ou seja, o uso do passado é motivado pela necessidade de se acessar mundos possíveis diferentes. Na similaridade, o passado é usado para selecionar mundos possíveis que tenham o passado semelhante ao nosso, ou seja, o passado é motivado pela necessidade de acessar mundos próximos semelhantes ao mundo atual.

A estrutura semântica apresentada por Arregui (2005) é mais simples quando comparada com a proposta de Ippolito ilustrada em (6.42). A estrutura de Arregui também fica mais complexa em relação ao que o modal pede. Nas outras estruturas vistas, o modal exigia duas proposições para ser saturado. Na proposta de Arregui (2005) ilustrada em (6.46), o modal pede duas propriedades de tempo e um tempo.



Vimos anteriormente que a proposta de Ippolito (2002, 2003) enfrentava problemas para explicar o papel do passado em sentenças como (6.43) ‘Se dois mais dois fosse iguala cinco, sua resposta estaria correta’. A proposta de Arregui (2005) não enfrenta problemas nesse sentido. A autora assume que o passado é um pronome que não se refere a um intervalo de tempo, mas sim que se refere aos acontecimentos no passado. Como um pronome não possui referência fixa, ele pode se referir a acontecimentos salientes no contexto. Logo, o passado na sentença (6.43) selecionaria mundos semelhantes ao nosso no passado nos quais o



professor existe, o aluno existe, o professor passou a conta ' $x + 2 = 5$ ' para que o aluno achasse o valor de  $x$  e o aluno apresentou a resposta ' $x = 2$ '. O passado se referiria a todos esses acontecimentos garantindo que os mundos sendo quantificados também tivessem os mesmos acontecimentos, mas eles não precisariam ser semelhantes ao nosso em relação a dois mais dois ser igual a quatro pois o passado não conteria isso. Uma vez que a proposta de Arregui parece dar conta de mais casos, assumiremos uma semântica uniforme para o tempo passado à la Arregui (2005).

Da mesma forma que Arregui assume que a motivação para o uso do passado é a semelhança, Van Linden & Verstraete (2008) também argumentam que a sua proximidade com o mundo real é o fator motivador para o emprego do passado, e não a distância como assumido pela proposta de Iatridou (2000). Para os autores, sentenças contrafactuais são hipóteses que se fazem a partir do mundo real, ou seja, para hipotetizarmos como as coisas poderiam ser, é necessário que se saibamos como essas coisas, no mundo real, foram no passado e são no presente. Nesse aspecto, o tempo passado é o único tempo que permite saber como as coisas foram já que é o único tempo no qual as coisas já acontecerem. Os autores assumem que as contrafactuais sempre possuem um elemento modal e que o emprego de um passado modalizado geraria a implicatura escalar de que o evento não ocorre através da violação da máxima de quantidade. Para os autores, o raciocínio seria o seguinte, se o evento tivesse realmente ocorrido, o falante empregaria o passado não modalizado, se o falante escolhe o passado modalizado, a implicatura gerada é que o evento não ocorreu.

No entanto, comparando-se os casos clássicos de implicatura escalar com o que ocorre com as contrafactuais, é possível observar diferenças significativas que contestam essa análise. Para que a implicatura escalar ocorra, devem haver dois elementos em uma escala diferentes em termo de força. O uso do mais franco implica que o mais forte não se aplica. Por exemplo, observe que os quantificadores *todos*, *alguns* e *nenhum* estão em uma escala na qual *todos* é mais forte que *alguns*. O emprego de *alguns* gera a implicatura que o elemento mais forte, ou seja, *todos*, não se aplica nesse contexto. Para ilustrar esse fenômeno, usaremos a sentença (6.48a). Ao ouvi-la tem-se a sensação de que não foram todos os alunos que tiraram 10 na prova. Porém, essa sensação é considerada uma implicatura porque a semântica do elemento mais franco não exclui a do mais forte. Por exemplo, imagine que a sentença (6.48b) seja enunciada em um contexto no qual o professor disse que aplicaria uma prova no meio do curso e pediria um trabalho no final. Porém, ao aplicar a prova, o professor diz que a prova está bem difícil e desafia algum aluno a tirar 10 na prova prometendo cancelar o trabalho se isso ocorrer. Agora imagine que todos os alunos tiraram 10 na prova. Nesse

contexto, os alunos se sentiriam no direito de cobrar o cancelamento do trabalho o que mostra que a semântica de *alguns* não exclui a de *todos*. Ou seja, se todos os alunos tiraram 10 na prova, isso satisfaz a condição proposta pelo professor de que alguns alunos tiraram 10 na prova.

$\forall x$	$\exists x$	$\neg\exists x$
(6.47)  -----	-----	-----
todos	alguns	nenhum

(6.48) a. Alguns alunos tiraram 10.

b. Se algum aluno tirar 10 na prova, o trabalho será cancelado.

Fazendo um paralelo, os itens modais também poderiam ser dispostos em uma escala uma vez que eles também fazem quantificação. A diferença é que enquanto os itens em (6.45) quantificam indivíduos, os modais quantificam mundos possíveis como ilustrado em (6.47).

$\forall w$	$\exists w$	$\neg\exists w$
(6.49)  -----	-----	-----
deve ter acontecido	pode ter acontecido	não pode ter acontecido

O que Van Linden & Verstraete (2008) assumem é que o uso da forma modalizada do passado em  $\exists w$  teria a implicatura de que não existe nenhum mundo no qual a proposição seja verdadeira representado por  $\neg\exists w$ . No entanto, isso não é o mesmo que ocorre com a implicatura escalar que se observa em (6.40) na qual  $\exists x$  (*alguns*) implica  $\neg\forall x$  (*não todos*). Se o uso modal desencadeasse uma implicatura, deveria ser a de  $\neg\forall w$  (*não todas as possibilidades*). Por esse motivo assumimos que a proposta desses autores não explica como o sentido contrafactual é derivado.

Esta subseção apresentou o que a literatura assume em relação ao comportamento atípico da morfologia de passado nas contrafactuais. Algumas propostas consideram que a morfologia observada em contrafactuais não é de tempo, mas que trata-se de outra morfema que parece idêntico ao de passado (PORTNER, 1992). Outras propostas assumem que a morfologia de tempo tem um uso modal em contrafactuais (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989). Outras ainda consideram que a morfologia de tempo tem uma semântica indefinida, o que permite um uso para determinar orientação temporal ou modalidade (IATRIDOU, 2000).

Por fim, algumas propostas assumem que a morfologia de tempo sempre contribui temporalmente definindo um intervalo de tempo e que sua semântica não está aparente nas contrafactuais por outros fatores (Dudman, 1983; Dudman, 1984a; Dudman, 1984b; Hornstein, 1993; Ippolito, 2002; 2003; Arregui, 2005). Essa seção mostrou que algumas propostas podem ser descartadas devido a problemas na explicação do fenômeno (PORTNER, 1992; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). Ou seja, essas propostas não serão levadas em conta na parte analítica desta tese. Assumiremos uma proposta à la Arregui (2005) pois, ao nosso ver, é a que parece dar conta de mais casos. A próxima subseção discute algumas propostas que tentam explicar o papel de aspecto nas contrafactuais.

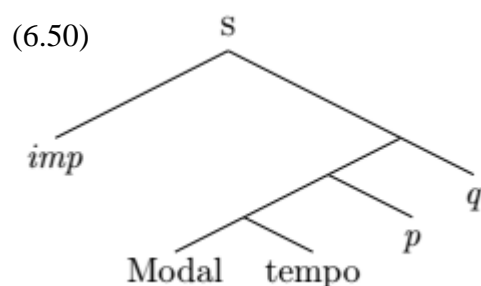
### 6.1.3.2 O aspecto em ambientes contrafactuais

Esta seção discute algumas propostas que tentam explicar o comportamento diferente da categoria aspecto em ambientes contrafactuais. Vimos na subseção anterior que o passado é tratado como essencial para a expressão do sentido contrafactual de modo que as propostas tentam, de alguma forma, explicar a implicatura contrafactual como um desdobramento da presença da morfologia de passado na sentença. Apesar das orações contrafactuais apresentarem marcações aspectuais que cuja semântica diverge dos demais ambientes (i.e., *aspecto falso*) a mesma relevância não é dada para as marcas de aspecto. Como veremos nesta subseção, os autores geralmente assumem que o aspecto é selecionado por outras razões e não contribuem diretamente para expressar o sentido contrafactual.

Discutiremos nesta subseção o aspecto imperfectivo e o perfeito. Em relação ao imperfectivo, há dois tipos de interações observadas nas contrafactuais que interessam a essa pesquisa: (i) contrafactuais que só ocorrem com o aspecto imperfectivo e (ii) contrafactuais que só ocorrem com o aspecto habitual. Iatridou (2000) assume que o imperfectivo não contribui semanticamente para as contrafactuais, mas que seria um tipo de concordância com o passado. Sendo assim, nas línguas que apresentam morfologia de aspecto imperfectivo nas contrafactuais, essa morfologia seria sempre desencadeada pelo uso do tempo passado com leitura modal.

Ferreira (2014; 2016) possui uma postura diferente de Iatridou (2000) em relação ao aspecto imperfectivo porque, para o autor, existe uma contribuição semântica da morfologia do aspecto imperfectivo, porém, ela não está visível. O autor faz um paralelo com a proposta de Arregui (2005) ilustrada em (6.46) de movimento temporal acima do modal sendo

interpretado fora da proposição. Ferreira (2014; 2016) adota uma proposta semelhante para aspecto assumindo que ele se move e é interpretado acima do modal como ilustrado em (6.50).



No capítulo 4, apresentamos a proposta do autor de que o presente seria sempre imperfeito. Para o autor, não haveria um nó temporal acima do imperfeito nas contrafactuais após o movimento. Desse modo, o aspecto nessa posição seria sempre interpretado em relação ao momento da fala que é o presente. Como apenas o imperfeito é compatível com o presente, então somente esse aspecto ocorreria em contrafactuais.

Iatridou (2000) observou que o aspecto imperfeito pode expressar: (i) uma ação em progresso, que estamos chamando nesta tese de progressivo; (ii) habitualidade ou ainda (iii) expressar ambos sem fazer distinção. A autora nota que o imperfeito falso, ou seja, aquele que ocorre obrigatoriamente em contrafactuais, só pode ser um habitual um morfema imperfeito geral, mas nenhuma língua parece fazer uso de um progressivo falso. O português brasileiro é um exemplo de língua que usa o imperfeito geral. Como discutimos no capítulo anterior, o pretérito imperfeito do indicativo pode expressar ambos habitualidade e, em contextos mais específicos, progressividade. Essa morfologia é usada em contrafactuais como ilustrado em (6.51).

(6.51) Se Maria tivesse espaço, **adotava** um cachorro.  
adotar.PST.IPFV.IND

Além da morfologia acima, vimos também que o português usa o auxiliar ‘estar’ com a forma do verbo no gerúndio para expressar progressividade. Sendo assim, essa construção também é um *spell out* de imperfeito, mas especificamente, do imperfeito singular. No entanto, ela não pode ocorrer como uma morfologia falsa em contrafactuais como ilustrado em (6.52).

(6.52) ?Se Maria tivesse espaço, **esteve adotando** um cachorro.

estar.PST adotar.IPFV.SG

Outro exemplo de língua que usa o imperfectivo falso é o Hindi. Nessa língua, há duas marcações de imperfectivo: o habitual *-taa* e o progressivo *rahaa*. As contrafactuais devem ser marcadas através do habitual *-taa* como ilustrado em (6.53) e não podem ser marcadas através do progressivo *rahaa* como ilustrado em (6.54).

(6.53) *Agar Mona yaha: aa-tii, to me us-ke-saath foto*  
 se Mona.F aqui vir.HAB então 1.SG 3.SG.F-com foto  
*khichvaa-taa*

desenhar.CAUS-HAB

‘Se a Mona tivesse vindo, eu teria tirado uma foto com ela.’

(FERREIRA, 2016, p. 2)

(6.54) *Agar Mona yaha: aa rahii hai to*  
 se Mona.F aqui vir PROG.F COP.PRS então  
*Sona-bhii aa-egii*  
 Sona.F-também vir-FUT.F

‘Se a Mona estiver vindo aqui, então a Sona também virá.’

(FERREIRA, 2016, p. 2)

A fim de explicar porque o progressivo não pode ser usado como aspecto falso em contrafactuais da mesma forma que o habitual ou o imperfectivo não especificado, Ferreira (2014; 2016) assume que o operador modal toma um tempo e duas proposições e o resultado é estativo. O autor considera estativos como massivos e que eles podem interagir com quantificador plural, mas não com o singular. Por esse motivo, na proposta do autor, quando as línguas possuem marcações diferentes para habitual e progressivo, como ocorre no Hindi, o habitual é selecionado para as sentenças contrafactuais pois sua a semântica plural é compatível com massivos enquanto que a semântica singular dos progressivos não é. Isso é corroborado pelo fato do imperfectivo ser estranho com estados como ilustrado em (6.55).

(6.55) ?Maria está sabendo matemática.

O aspecto perfeito também pode ter uma semântica diferente em contrafactuais quando comparado com a semântica fora desses ambientes. Lembrando que o perfeito indica anterioridade em relação a um outro momento. Por exemplo, em exemplo (6.56a), o perfeito indica que o evento de sair ocorreu antes das 10 da noite de ontem. Chamaremos essa leitura de passado do passado. Nas contrafactuais, como em (6.56b), o perfeito não possui essa leitura visto que o evento de sair ocorre hipoteticamente às 10 da noite de ontem. Sendo assim, essa diferença semântica parece mostrar que o perfeito também é falso nas contrafactuais.

(6.56) a. Yesterday at 10pm, I **had** already **left**.

b. If I **had left** at 10pm yesterday, I would **have gotten** the last train.

Além disso, em algumas línguas, como no inglês exemplificado em (6.55), o perfeito é necessário em contrafactuais com orientação temporal no passado. Apenas a morfologia de passado não é suficiente para expressar a orientação temporal de passado como ilustrado em (6.57). No capítulo 4, mostramos como o perfeito toma um tempo e localiza o evento antes desse tempo. Van Linden & Verstraete (2008) assumem que na ausência desse tempo, o perfeito seja empregado para localizar o evento antes do momento da enunciação, ou seja, teria a mesma função que o passado. O mesmo é assumido por Iatridou (2000) que afirma que as orações contrafactuais no perfeito possuem duas camadas de passado.

(6.57) If I **left**, I **would** not be allowed to come back.

Esta subseção apresentou o que parte da literatura assume em relação ao comportamento atípico da categoria aspecto nas contrafactuais. A próxima subseção discute as propostas que tentam explicar o papel de aspecto nas contrafactuais.

### 6.1.3.3 O modo em ambientes contrafactuais

Esta seção discute o papel da morfologia de modo nas contrafactuais. Como vimos na subseção 6.1.2, assumiremos que sempre existe um modal na estrutura semântica que

relaciona os mundos possíveis denotados pela proposição da subordinada com os mundos possíveis denotados pelos mundos da matriz. Abordamos também na subseção 6.1.3.1, que, em algumas línguas, é comum que as sentenças contrafactuais ocorram sempre marcadas pelo modo subjuntivo no antecedente e/ou pelo modo condicional no conseqüente (ver Iatridou, 2000). No entanto, não podemos confundir o modal presente na estrutura semântica com o modo subjuntivo e nem com o modo condicional. Iatridou (2000) argumenta que o modo subjuntivo não contribui em ambientes contrafactuais e que não existe modo condicional sendo a morfologia que recebe esse nome pertencente ao paradigma de modo indicativo.

Para corroborar essa posição, a autora mostra que algumas línguas de fato possuem o subjuntivo empregado em contrafactuais (e.g. alemão, islandês, espanhol e italiano), mas que outras línguas possuem o subjuntivo e não o empregam em contrafactuais (e.g. francês e línguas Indo-arianas) e que há línguas que nem possuem o modo subjuntivo (e.g. dinamarquês e holandês). Se o modo subjuntivo fosse o responsável pelo sentido contrafactual, seria um desafio explicar essas maneiras diferentes de expressar contrafactualidade.

Como visto na subseção 6.1.3.1, a autora assume que o passado é o principal responsável por expressar o sentido contrafactual. Assim, a previsão da autora é que as línguas só empregarão o subjuntivo quando ele estiver junto com o passado. As línguas citadas anteriormente corroboram a proposta da autora porque aquelas nas quais o subjuntivo possui uma forma no passado (e.g. alemão, islandês, espanhol e italiano), o subjuntivo é empregado em contrafactuais. Já nas línguas nas quais o subjuntivo não possui uma forma de passado (e.g. francês e línguas Indo-Arianas), o subjuntivo não é empregado em contrafactuais.

Além disso, outro fato que corrobora a proposta da autora é mudança na qual o francês perdeu a morfologia de pretérito do subjuntivo. O francês possuía o pretérito do subjuntivo que era empregado em contrafactuais. No entanto, ao longo do tempo a língua perdeu essa morfologia de pretérito do subjuntivo, mas manteve a morfologia de subjuntivo para os demais tempos. Então, o francês passou a marcar contrafactualidade através do pretérito imperfeito do modo indicativo. Assim, a autora conclui que o passado é o elemento mais relevante para expressar contrafactualidade uma vez que a língua manteve a forma de passado nas contrafactuais. Se o subjuntivo fosse o elemento mais importante, essa língua teria escolhido usar alguma forma entre aquelas que foram mantidas ao invés de usar uma morfologia do modo indicativo.

Em relação ao modo condicional, a autora argumenta essa morfologia nada mais é do que outro paradigma do modo indicativo. Em sua análise do modo condicional em francês, a autora assume que a morfologia nomeada como modo condicional é na verdade a junção de dois tempos pertencentes ao paradigma do modo indicativo, a saber, o futuro e o pretérito imperfeito. Desse modo, essa morfologia também pertenceria ao modo indicativo e não seria um terceiro modo independente.

Essa subseção descreveu as condicionais contrafactuais. Nela, discutimos a estrutura semântica desse tipo de oração bem como o comportamento diferente das morfologias de tempo e aspecto e algumas propostas que tentam explicar esse comportamento. A seguir, abordaremos as contrafactuais buléticas.

## 6.2 As contrafactuais buléticas

As contrafactuais buléticas receberam menos atenção da literatura quando comparado com as inúmeras propostas criadas a partir das condicionais contrafactuais. As construções buléticas também são compostas por duas sentenças, a matriz que possui um verbo bulético e uma subordinada como ilustrado em (6.58).

(6.58) Maria queria [<sub>subordinada</sub> ter um cachorro].

Ao expressar desejos, é comum encontrarmos formas diferentes de acordo com o quão viável é esse desejo. Por exemplo, o inglês possui verbos buléticos diferentes como ‘*want*’ ilustrado em (6.59a) e ‘*wish*’ ilustrado em (6.59b). Enquanto o uso de ‘*want*’ em (6.59a) passa a impressão de que se trata de um desejo mais viável enquanto (6.59b) parece expressar um desejo que é menos viável (ver von Fintel e Iatridou, 2020).

- (6.59) a. Maria **wants** to have a dog.  
 b. Maria **wishes** she had a dog.

Uma diferença aparente entre contrafactuais buléticas e contrafactuais condicionais é que nas condicionais, tanto a matriz e como a subordinada podem ter a implicatura contrafactual. Nas condicionais buléticas, por outro lado, a implicatura contrafactual recai apenas sobre a subordinada. O desejo do sujeito expresso pela oração matriz é interpretado como algo factual, ou seja, algo que ocorre no mundo atual.



Um ponto importante é que a terminologia ‘contrafactuais buléticas’ é canonicamente empregada para se referir às orações que expressam desejos menos viáveis como (6.59b). Usar a terminologia dessa forma é questionável porque as subordinadas são contrafactuais tanto em (6.59a) quanto em (6.59b). Sendo assim, pode ser confuso diferenciar essas estruturas chamando uma de contrafactual sendo que ambas podem ser contrafactuais. Por esse motivo, usaremos aqui o termo ‘contrafactuais buléticas’ para nos referir tanto a estruturas como (6.59a) quanto a estruturas como (6.59b). Quando for necessário fazer uma distinção, adotaremos von Fintel & Iatridou (2020) e chamaremos (6.59a) de contrafactuais buléticas de desejos alcançáveis e (6.59b) de contrafactuais buléticas de desejos inalcançáveis.<sup>60 61</sup>

O inglês faz a distinção entre desejos alcançáveis e desejos inalcançáveis por meio de verbos diferentes como ilustrado em (6.59a-b). Há línguas que fazem essa distinção, não por meio de verbos diferentes, mas sim por meio de um mesmo verbo marcado por morfologias diferentes. Esse é o caso do Grego Moderno e do Português Brasileiro. No Português Brasileiro, empregamos o mesmo verbo, a saber ‘querer’ e a distinção entre desejos mais e menos viáveis e feita por meio de marcação morfológica como ilustrado em (6.60).

(6.60) a. Maria **quer** ter um cachorro.

b. Maria **queria** ter um cachorro.

Ao analisar línguas que se comportam como o Português Brasileiro usando o mesmo verbo, Iatridou (2000) nota um paralelo interessante entre contrafactuais condicionais e contrafactuais buléticas. A autora nota que os verbos das orações matrizes e das orações subordinadas desses tipos contrafactuais recebem a mesma morfologia (ver Iatridou, 2000; von Fintel e Iatridou, 2020).<sup>62</sup> Isso está ilustrado nas orações contrafactuais condicionais e buléticas do grego respectivamente em (6.61) e (6.62).

<sup>60</sup> Tradução do autor de ‘*Attainable Desires*’ e ‘*Unattainable Desires*’.

<sup>61</sup> Claro que essa terminologia não resolve a questão da confusão por completo. Isso porque a segunda estrutura pode ser usada para expressar os desejos alcançáveis. O que muda é que o desejo vai parecer ser mais viável usando a primeira estrutura do que a segunda. De qualquer forma, acreditamos que distinguí-las usando ‘Desejos Alcançáveis’ vs. ‘Desejos inalcançáveis’ é menos confuso do que usar ‘Contrafactuais Buléticas’ vs. ‘Buléticas não-contrafactuais’ ou algo do tipo.

<sup>62</sup> Esse paralelo também se estende ao terceiro tipo de contrafactual, mas não abordaremos esse tipo nesta tese.

(6.61) *An pandrevotan mia prigipisa, tha esoze tine teria if*  
 marry.PST.IPFV a princess FUT save.PST.IPFV the company  
*tu.*

his

‘If he married a princess, he would save his company.’

(IATRIDOU, 2000, p. 236)

(6.62) *O Kostas tha iθele na odiyuse*  
 Kostas MOD querer.PST.IPFV PART dirigir.PST.IPFV  
*kokino aftokinito.*  
 carro vermelho

‘Kostas queria dirigir um carro vermelho.’

(IATRIDOU, 2000, p. 239)

Iatridou (2000) representa esse paralelismo da seguinte forma:

- (6.63) a. **CF-condicionais:** se... verbo.**MORF1**, (então) verbo.**MORF2**  
 b. **CF-desejos:** querer. **MORF2** que verbo.**MORF1**

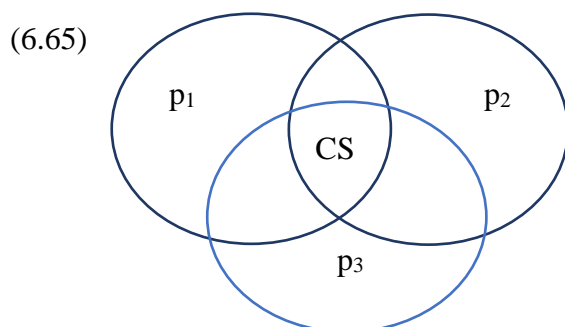
O esquema acima prevê que o verbo ‘querer’ na matriz de uma contrafactual bulética será marcado pela MORFOLOGIA 2 que é a mesma morfologia que ocorre nas orações matrizes das condicionais. O verbo da subordinada no escopo do verbo ‘querer’ será marcado pela MORFOLOGIA 1 que é a mesma morfologia que ocorre nas orações subordinadas das condicionais contrafactuais. Por causa desse paralelo, von Fintel e Iatridou (2020) argumentam que a morfologia nesses dois tipos de contrafactuais possui a mesma contribuição semântica, ou seja, a contribuição semântica assumida para tempo, aspecto e modo nas contrafactuais condicionais deve ser a mesma contribuição nas contrafactuais buléticas.

Von Fintel & Iatridou (2020) não formalizam uma proposta de tratamento uniforme. Como vimos anteriormente, os autores afirmam que as orações marcadas com a morfologia ordinária, como (6.59a), expressam desejos alcançáveis e que orações marcadas com morfologia extraordinária, como em (6.59b), expressam desejos inalcançáveis. Para os autores (VON FINTEL e IATRIDOU, 2020, p. 28), isso ocorre porque as morfologias permitiriam ampliar o domínio da quantificação modal colocando os desejos em mundos para além dos

que acreditamos ser o mundo atual. Para explicar isso, os autores recorrem ao modelo pragmático de Stalnaker (1975). Nesse modelo, duas concepções são relevantes: O *Common Ground* e o *Context Set*. O *Common Ground* é o conjunto de todas as proposições que são pressupostas por dois ou mais interlocutores em uma interação verbal. Por exemplo, dois falantes brasileiros poderiam ter o seguinte *Common Ground*:

$$(6.64) \text{ Common Ground} = \{p_1: \text{Lula é ex-presidente do Brasil}; \\ p_2: \text{O real é a atual moeda do Brasil}; \\ p_3: \text{Brasília é a capital do Brasil}; \\ \text{etc.}\}$$

Como vimos no capítulo 3, proposições podem ser representadas a partir do conjunto de mundos possíveis nos quais elas são verdadeiras. Sendo assim, cada proposição dentro do *Common Ground* denota um conjunto de mundos possíveis. Em nosso exemplo acima,  $p_1$  denotaria o conjunto dos mundos possíveis nos quais Lula é ex-presidente,  $p_2$  denotaria o conjunto dos mundos possíveis nos quais o real é a atual moeda do Brasil e assim sucessivamente. O contexto set seria a intersecção de todos esses conjuntos existentes no *Common Ground* como ilustrado abaixo.



O *Context Set* seria o ponto de intersecção entre todos os conjuntos como ilustrado por CS acima. Esse conjunto conteria os mundos possíveis nos quais todas as proposições que estão no *Common Ground* são verdadeiras. Tomando as proposições do exemplo (6.64), o CS conteria mundos possíveis nos quais o Lula é o ex-presidente do Brasil, o real é a atual moeda do Brasil e Brasília é a capital do Brasil. Sendo assim, o *Context Set* conteria os mundos de acordo com as crenças dos falantes, ou seja, mundos nos quais o falante acha que vive.

Para von Stechow & Iatridou (2020, p. 28), o papel da morfologia seria ampliar o domínio da quantificação modal para mundos fora do *Context Set*. Sendo assim, quando a

morfologia ordinária fosse utilizada como em (6.60a), os desejos ocorreriam nos mundos possíveis dentro *Context Set*, ou seja, no que o falante acredita ser o mundo real  $w_0$ . Quando o pretérito imperfeito é usado, o domínio de quantificação é ampliado para mundos fora do *Context Set*, ou seja, os desejos se estendem para além daquilo que acreditamos ser o mundo atual. Por esse motivo, o uso dessa morfologia dá a sensação de que os desejos são mais distantes da realidade.

A questão é, em que medida a proposta dos autores dá conta de explicar a contribuição semântica dessa morfologia tanto em contrafactuais condicionais e como nas buléticas? Em ambos os casos, teríamos uma quantificação que vai além do mundo atual  $w_0$ . Isso explicaria as contrafactuais condicionais visto que os mundos sendo quantificados são diferentes dos mundos dentro do *Context Set* em relação ao antecedente  $p$ , ou seja, se eu começo uma condicional falando “Se eu tivesse dinheiro, [...]”, os mundos sendo quantificados vão diferir dos mundos dentro do *Context Set* em relação ao fato de eu ter dinheiro. Nos mundos das contrafactuais buléticas, os desejos também são colocados em mundos fora do *Context Set*. Sendo assim, a descrição parece dar conta de ambos os casos.

Podemos apontar dois fatores que complicam a adoção dessa proposta. O primeiro é que os autores não apresentarem uma formalização que demonstre de forma clara qual a estrutura semântica de cada uma dessas contrafactuais e como a essa morfologia x-marcada atua em cada estrutura ampliando o *Common Ground* para cada um dos diferentes tipos. Além disso, aquilo que von Fintel e Iatridou (2020) chamam de morfologia x-marcada é uma mistura de tempo, aspecto e modo e os autores não fazem questão de diferenciar a contribuição semântica de cada um desses elementos tratando da contribuição da morfologia como um todo.

Nesta tese, será fundamental separar a contribuição de cada um desses elementos. Como o nosso objetivo é uma análise comparativa entre o Português Brasileiro e o Karitiana, precisamos mostrar se tempo, aspecto e modo têm ou não uma contribuição específica para gerar contrafactualidade. Além disso, queremos mostrar se essa contribuição é uma particularidade de uma língua ou se as mesmas contribuições são observáveis em línguas bem diferentes. Por fim, através da comparação entre as línguas, queremos discutir se é possível postular possíveis universais semânticos que corroboram para a expressão do sentido contrafactual. Por esse motivo, acreditamos que as descrições de Ippolito (2002, 2003) e Arregui (2005) são mais interessantes que a de von Fintel e Iatridou (2020), pois elas atribuem um papel para cada elemento (i.e., tempo, aspecto e modo) dentro de uma contrafactual.

A questão então é se as propostas de Ippolito (2002, 2003) e Arregui (2005) para explicar o comportamento do passado em ambientes contrafactuais condicionais dão conta de explicar o comportamento do tempo nas contrafactuais buléticas. Uma assume que o passado é interpretado na relação de acessibilidade e a outra assume que o passado é interpretado na relação de similaridade. Ambas as propostas enfrentam problemas para explicar a presença do passado nas contrafactuais buléticas. Vamos ilustrar isso considerando as contrafactuais buléticas enunciadas nos contextos abaixo:

(6.66) Contexto: *Maria ama cachorros. Porém, ela sempre morou em uma quitinete e nunca teve espaço para ter um cachorro. Além disso, seu emprego exigia que ela viajasse com frequência e ela não tinha com quem deixar o cachorro. Mais ainda, ela ficava fora no trabalho por 12 horas de modo que o cachorro ficará bastante tempo sozinho. Todos esses fatores impediram Maria de ter um cachorro no passado. Porém, recentemente, Maria começou um emprego home office e não precisa mais viajar. Então, ela tem tempo para ficar com um cachorro. Além disso, ela está ganhando mais e se mudou para uma casa grande. Com essas mudanças, Maria está procurando um cachorro para adotar.*

Maria **quer** ter um cachorro.

(6.67) Contexto: *Maria ama cachorros. Porém, ela atualmente mora em uma quitinete e nunca teve espaço para ter um cachorro. Além disso, ela trabalha fora 12 horas todos os dias e, se ela adotasse um cachorro, ele ficaria muito tempo sozinho. Ela também precisa viajar com frequência e não teria com quem deixar o cachorro. No entanto, sempre que ela vê um cachorro na rua, ela pensa como seria legal ter um cachorro.*

Maria **queria** ter um cachorro.

Na oração (6.66) o verbo ‘querer’ está no *presente do indicativo* e na oração (6.67) o verbo ‘querer’ está no *pretérito imperfeito*. A proposta de Ippolito (2002, 2003) pode ser usada também para explicar a diferença entre essas duas sentenças. Se assumirmos que a relação de acessibilidade bulética em (6.66) recebe como parâmetro o presente, os mundos dos desejos da Maria são acessados de acordo com o presente e, no presente, a vida dela é

compatível com a adoção de um cachorro. No entanto, no contexto em (6.67), a vida de Maria no presente não é compatível com a adoção de um cachorro. Então, poderíamos argumentar que o uso do presente não seria adequado pois seriam acessados mundos de acordo com o presente, ou seja, outros mundos possíveis nos quais a vida da Maria é incompatível com a adoção de um cachorro. Desse modo, o uso do passado permite acessar outros mundos diferentes do presente, nos quais a vida da Maria tomou outros rumos que permitiriam que ela atualmente morasse em um lugar com mais espaço e trabalhar em um emprego no qual tivesse mais tempo, ou seja, mundos possíveis nos quais a vida dela é compatível com a adoção de um cachorro. Então, a função do passado em contrafactuais condicionais seria a mesma que a sua função em contrafactuais buléticas.

Se assumirmos a proposta de Arregui (2005) para explicar a diferença entre (6.66) e (6.67), teremos que assumir que a quantificação feita pelo modal bulético também tem seu domínio restringido pelo tempo. Assim, o uso do presente em (6.66) indicaria que o domínio da quantificação está sendo restringido pelo presente. Sendo assim, apenas mundos possíveis com o presente semelhante ao do mundo real estariam no domínio da quantificação, ou seja, para usar o presente, os desejos devem ser compatíveis com o mundo real da maneira como ele é agora. Quando o mundo atual não é compatível com os desejos, como ocorre em (6.67), é necessário delimitar um ponto no passado no qual a semelhança com o mundo atual não é mais necessária. No contexto em (6.67), o único fator relevante para ser semelhante seria o fato de Maria amar cachorros.

Desse modo, os tratamentos de Ippolito (2002, 2003) e Arregui (2005) para o tempo nas contrafactuais condicionais podem ser expandidos para dar conta de explicar o comportamento de tempo nas contrafactuais buléticas. Por esse motivo, assumiremos essas propostas quando analisarmos as contrafactuais no Português Brasileiro e no Karitiana.

### **6.3 Recapitulando**

Este capítulo apresentou as orações contrafactuais condicionais e buléticas. O foco recaiu principalmente no comportamento atípico da morfologia de tempo e aspecto em ambientes contrafactuais e algumas propostas que tentam explicar esse comportamento. Apesar de haver muitas diferenças entre as propostas apresentadas aqui, vimos que, em todas, elas o tempo possui alguma relevância (direta ou indiretamente) na expressão da contrafactualidade. Algumas teorias assumem que o passado é vago podendo ser modal ou

temporal (IATRIDOU, 2000), que o passado tem um uso metafórico modal (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989) ou que o passado tem um uso temporal, mas que é de alguma forma interpretado para determinar a orientação temporal do modal (Dudman, 1983; Dudman, 1984a; Dudman, 1984b; Hornstein, 1993; Ippolito, 2002; 2003; Arregui, 2005). Esta tese assumirá essa terceira linha.

Enquanto a literatura dá bastante destaque para a morfologia de tempo assumindo que ela tem relevância quando discutimos a expressão de contrafactualidade, o aspecto e modo recebem menos destaque e muitas propostas assumem que eles não parecem contribuir semanticamente e são exigidos por algum outro elemento da sentença. O imperfectivo poderia ser uma concordância com o passado (IATRIDOU, 2000) ou uma restrição que ocorreria visto que o perfectivo não poderia ocorrer com o presente (FERREIRA, 2014; 2016). O modo subjuntivo também seria uma mera concordância não contribuindo semanticamente para a sentença e o modo condicional não existiria (Iatridou, 2000).

Os próximos capítulos pretendem comparar essas propostas com base em duas línguas: (i) o português brasileiro cujas contrafactuais interagem com morfologia de tempo passado, aspectos imperfectivo e perfeito e modos subjuntivo e condicional e (ii) o Karitiana cujas contrafactuais interagem apenas com a morfologia de tempo passado e com um morfema modal. O objetivo é encontrar a proposta mais econômica que seja capaz de explicar a derivação de contrafactualidade em ambas as línguas.





## CAPÍTULO 7 - CONTRAFACTUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

Este capítulo discute as contrafactuais no Português Brasileiro. No capítulo anterior, foram apresentadas diversas propostas de explicação de contrafactuais. A maior parte dessas propostas (IATRIDOU, 2000; IPPOLITO, 2002; 2003; ARREGUI, 2005) foi pensada para explicar dados do inglês e de outras línguas indo-europeias como o Grego Moderno e o Espanhol. Neste capítulo, analisaremos os dados do português brasileiro verificando o poder explicativo dessas propostas para essa língua. Este capítulo está dividido em três seções. A primeira seção aborda a morfologia de tempo, aspecto e modo nas contrafactuais buléticas do PB. A segunda seção analisa o papel dessa morfologia nas contrafactuais condicionais. Por fim, a terceira seção recapitula o que foi visto no capítulo.

### 7.1 Contrafactuais buléticas no Português Brasileiro

Esta seção analisará as contrafactuais buléticas no Português Brasileiro. Apesar da modalidade bulética no português brasileiro puder ser expressa de diversas formas, vamos focar nesta tese no verbo ‘querer’ que é o tradicionalmente discutido quando se fala desse tipo de modalidade. Há duas estruturas sintáticas que as orações com o verbo ‘querer’ podem ter: (i) com o verbo da subordinada finito e (ii) com o verbo da subordinada não-finito, ou seja, no infinitivo. O verbo da subordinada aparece no infinitivo quando a posição de sujeito da subordinada não está preenchida foneticamente e os sujeitos da matriz e da subordinada possuem o mesmo referente. Nesses casos, não há nenhum complementizador que introduza a oração subordinada que é complemento do verbo ‘querer’. Por exemplo, em (7.01), interpretamos que o sujeito da matriz e da subordinada se referem à mesma pessoa, a saber, a Maria. A proposição expressa pela matriz reporta os desejos da Maria e a proposição expressa pela subordinada reporta que Maria tem um cachorro. Sendo assim, os sujeitos da Matriz e da subordinada possuem o mesmo referente e o verbo ‘ter’ nesse caso é não-finito.<sup>63 64</sup>

---

<sup>63</sup> Não entraremos em mais detalhes em relação à estrutura sintática. Para essa pesquisa, será irrelevante se o argumento do verbo é um IP ou um CP ou se essa estrutura é gerada pelo alçamento de ‘Maria’ da subordinada para a matriz ou se esse seria um caso de um pronome vazio ocupando a posição de sujeito da subordinada (PRO). Por hora, a única coisa que importa é o complemento do verbo ser uma proposição, ou seja, denotar mundos possíveis. Revisaremos esta posição quando discutimos o caso do Karitiana visto que o verbo ‘*pyting*’ dessa língua sempre toma como complemento uma oração nominalizada.

- (7.01) a. Maria quer [subordinada **ter** um cachorro].  
 b. Maria queria [subordinada **ter** um cachorro].

No outro tipo de estrutura, o verbo da subordinada é finito e, nesses casos, os sujeitos da matriz e da subordinada não possuem o mesmo referente. A subordinada é introduzida pelo complementizador ‘que’. Por exemplo, em (7.02), ‘Maria’ é o sujeito da matriz, uma vez que falamos dos desejos dela, e ‘Ana’ é o sujeito da subordinada, já que é ela quem tem o cachorro nos desejos da Maria e, nesses contextos, o verbo ‘ter’ aparece conjugado e não está no infinitivo.<sup>65</sup>

- (7.02) a. Maria quer [subordinada **que** Ana **tenha** um cachorro].  
 b. Maria queria [subordinada **que** Ana **tivesse** um cachorro].

Como discutimos no capítulo anterior, há dois tipos de contrafactuais buléticas, as de desejos alcançáveis e as de desejos inalcançáveis. Há línguas que distinguem esses dois tipos de contrafactuais buléticas através de verbos diferentes, como é o caso de ‘*wish*’ e ‘*want*’ do inglês discutido no capítulo 6. Outras línguas empregando o mesmo verbo, mas fazem a distinção entre elas a partir de uma morfologia diferente, como é o caso do Grego Moderno discutido no capítulo 6. O Português Brasileiro faz parte do segundo tipo de língua e se comporta de maneira semelhante ao Grego Moderno. No PB, o verbo ‘querer’ pode ser empregado tanto para expressar desejos alcançáveis quanto para expressar desejos inalcançáveis. Desejos alcançáveis são expressos com o verbo marcado para o *presente do indicativo* como ilustrado em (7.01a) e (7.02a). Desejos inalcançáveis são expressos com o verbo marcado para o *futuro do pretérito* como ilustrado em (7.01b) e (7.02b).

---

<sup>64</sup> Toda a nossa análise de contrafactuais buléticas recai sobre o verbo ‘querer’. Há outros verbos que podem ser usados para expressar desejos como ‘gostar’ em ‘Maria gostaria que fossemos à festa’ e ‘esperar’ em ‘Maria espera que o professor corrija as provas o mais rápido possível’. No entanto, só trataremos o verbo ‘querer’ pois ele é o verbo prototípico quando falamos de modalidade bulética.

<sup>65</sup> Há também uma estrutura na qual o verbo bulético parece tomar apenas um sintagma nominal como complemento como ilustrado abaixo:

- i. Maria quer [NP um cachorro].

Esses casos serão ignorados nesta pesquisa, pois, como dissemos anteriormente, estamos interessados apenas nos casos nos quais o verbo ‘querer’ toma uma proposição como argumento e, no caso acima, não é óbvio se o complemento do verbo é ou não uma proposição completa.

Nesta seção, vamos segmentar a discussão das contrafactuais buléticas três subseções. A primeira é dedicada ao paralelo entre contrafactuais buléticas e condicionais discutido no capítulo 6 e discute se os dados do português brasileiro corroboram ou não tal paralelo. A segunda é dedicada ao papel das morfologias de tempo aspecto e modo nas orações subordinadas das contrafactuais buléticas e a terceira é dedicada ao papel das morfologias de tempo, aspecto e modo nas orações matrizes de contrafactuais buléticas.

### 7.1.1 O paralelo entre CF buléticas inalcançáveis e CF condicionais no PB

No capítulo anterior, discutimos que as línguas que usam o mesmo verbo para CF buléticas alcançáveis e inalcançáveis, como é o caso do português brasileiro, distinguem esses dois tipos a partir de dois paradigmas morfológicos diferente. Além disso, esses mesmos dois paradigmas ocorrem também nas contrafactuais condicionais, ou seja, existe um paralelo morfológico que se verifica entre contrafactuais condicionais e contrafactuais buléticas. Tal paralelo está apresentado em (7.03).

(7.03) a. <b>CF-condicionais:</b>	verbo.M2	se... verbo.M1
b. <b>CF-buléticas inalcançáveis:</b>	querer.M2	que verbo.M1

De acordo com o esquema acima, a previsão que fazemos é: para expressar desejos inalcançáveis, o verbo ‘querer’ deveria ser marcado com a mesma morfologia que aparece no verbo da matriz das condicionais contrafactuais. No entanto, os dados das contrafactuais buléticas inalcançáveis do PB estão parcialmente de acordo com essa previsão. Para ilustrar por que esse paralelo é apenas parcial no português brasileiro, usaremos o par de orações em (7.04).

(7.04) a. Se João <b>casasse</b> ,	<b>compraria</b> uma casa.
casar.PST.SBJV	comprar.FUT.PST.IND
b. João <b>queria</b> que Maria	<b>casasse</b> .
querer.PST.IPFV	casar.PST.SBJV

Se nos atentarmos apenas às subordinadas, o paralelo parece se manter. Observe que o verbo *casar* está no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, tanto na contrafactual condicional em (7.04a), quanto na bulética inalcançável (7.04b). No entanto, se voltarmos a nossa atenção para os verbos das orações matrizes nessas sentenças, o paralelo deixar de ser perfeito. Observe que o verbo ‘querer’ na contrafactual bulética inalcançável não está marcado com a mesma morfologia que aparece no verbo ‘comprar’ na matriz na contrafactual condicional. Enquanto ‘querer’ em (7.04b) está no *pretérito imperfeito*, ‘comprar’ em (7.04a) está no *futuro do pretérito*.

A nossa explicação é que essa quebra no paralelo é apenas aparente. Sua motivação seria uma mudança que parece estar em curso no português brasileiro. Nessa mudança, o *futuro do pretérito* está sendo trocado pelo *pretérito imperfeito*. Primeiramente, se o paralelo entre contrafactual condicional e a construção bulética inalcançável fosse perfeito em Português Brasileiro, a contrafactual bulética seria como ilustrado em (7.05).

(7.05) ?João **quereria** que Maria casasse.

querer.FUT.PST.IND casar.PST.SBJV

Observe que, apesar da forma ‘quereria’ ser prevista em quadros de declinações do verbo ‘querer’, seu uso em (7.05) não soa natural para um falante do português brasileiro e não parece haver nenhum contexto no qual se usa essa forma no Brasil. Ou seja, se ‘quereria’ fez parte do português, podemos considera-lo hoje como arcaísmo. A nossa hipótese é que o uso de ‘querer’ no futuro do subjuntivo foi substituído pelo futuro do pretérito. Essa hipótese é reforçada pelos dados das contrafactuais condicionais nas quais essa mudança parece estar em progresso. Observe que (7.04a) não é a única forma possível de formar uma contrafactual condicional no português brasileiro. Uma outra forma comum aparece com o verbo da matriz marcada pelo pretérito imperfeito como ilustrado em (7.06).

(7.06) Se João casasse, **comprava** uma casa.

casar.PST.SBJV comprar.FUT.PST.IND

Comparando (7.04a) e (7.06), não parece haver diferenças de sentido, ou seja, essas sentenças parecem ter as mesmas condições de verdade. Dessa forma, podemos assumir que a função semântica desempenhada pelo *futuro do pretérito* em (7.04) está sendo desempenhada

pelo *pretérito imperfeito* em (7.06). Ao compararmos (7.04b) e (7.06), o paralelo é perfeito, pois a mesma morfologia é empregada nos verbos das matrizes e das subordinadas das contrafactuais condicionais e buléticas inalcançáveis.<sup>66</sup>

Desse modo, assumiremos que a troca do *futuro do pretérito* pelo *pretérito imperfeito* já se consolidou nas contrafactuais buléticas uma vez que sempre usamos ‘queria’ e nunca ‘quereria’. Tal troca ainda estaria em curso nas contrafactuais condicionais e por isso teríamos a variação no paralelo morfológico. Uma questão que restaria responder é como o *futuro do pretérito* e o *pretérito imperfeito*, morfemas com ingredientes aspectuais diferentes, podem exercer a mesma função semântica de modo a serem usados de forma intercambiável nas contrafactuais condicionais. No capítulo 4, assumimos que esses morfemas eram expoentes dos ingredientes descritos abaixo:

(7.07) a. <i>futuro do pretérito</i> :	passado + futuro
b. <i>pretérito imperfeito</i> :	passado + imperfeito

O fato de que esses tempos verbais têm ingredientes temporais diferentes pode ser atestado quando olhamos para ambientes subordinados no escopo do verbo ‘dizer’. Quando a subordinada ocorre no *pretérito imperfeito*, há uma interpretação de que a eventualidade da subordinada é anterior ou simultânea à eventualidade da matriz. Por exemplo, observe que o fazer artesanato descrito em (7.08) pode ocorrer no passado em relação ao ato de dizer ou ser simultâneo a ele.

(7.08) João disse que **fazia** artesanato.

Quando a subordinada ocorre no *futuro do pretérito*, há a interpretação de que a eventualidade da subordinada é posterior a eventualidade da matriz. Por exemplo, observe que o fazer artesanato descrito em (7.09) vai ocorrer no futuro em relação ao ato de dizer podendo, inclusive, ultrapassar o momento da enunciação.

(7.09) João disse que **faria** artesanato.

---

<sup>66</sup> As diferenças morfológicas entre (7.04a) e (7.06) serão tratadas na próxima seção destinada especificamente às condicionais contrafactuais. Por hora, assumiremos que a substituição do *futuro do pretérito* em (7.04a) pelo *pretérito imperfeito* em (7.06) não causa nenhuma distinção nas condições de verdade da contrafactual.

A posterioridade existente em (7.07a) e ausente em (7.08) nos mostra que o *futuro do pretérito* não é futuro apenas um nome, mas que há um ingrediente semântico sendo veiculado por essa morfologia que podemos identificar como sendo um futuro. Podemos ver que a subordinada no escopo do verbo ‘dizer’ é um ambiente propício para testar as formas de *futuro do pretérito* e *pretérito imperfeito* porque é um ambiente no qual ambas podem ocorrer e os sentidos das sentenças é diferente a depender de qual morfologia está sendo empregada. No entanto, percebe-se que nem mesmo nesse ambiente propício ao uso das duas morfologias, a forma de *futuro do pretérito* do verbo ‘querer’ (i.e., ‘quereria’) deixa de ser estranha. Por exemplo, (7.10a) mostra que o verbo ‘querer’ marcado para o *pretérito imperfeito* soa natural no escopo de dizer e (7.10b) mostra que o mesmo não é verdade quando esse mesmo verbo se encontra no *futuro do pretérito*.

- (7.10) a. João disse que **queria** nadar.  
 b. ?João disse que **quereria** nadar.

Se o contraste entre *pretérito imperfeito* e *futuro do pretérito* fosse válido para o verbo ‘querer’, esperaríamos que (7.10a) significasse que o ato de querer é anterior ou simultâneo ao ato de dizer e que (7.10b) significasse que o ato de querer é posterior ao ato de dizer. No entanto, isso não ocorre. (7.10a) possui o significado de simultaneidade ou posterioridade e (7.11) não soa como uma sentença natural do português. Um fato interessante é que a restrição de não aparecer no *futuro do pretérito* parece ser uma restrição apenas morfofonológica e não está relacionada a semântica do verbo. Quando o verbo ‘querer’ aparece junto com um verbo auxiliar de futuro ‘ir’, esse auxiliar pode vir tanto no *pretérito imperfeito* – como ilustrado em (7.11a) – como no *futuro do pretérito* – como ilustrado em (7.11b). Nesse caso, as condições de verdade da sentença também parecem ser as mesmas.

- (7.11) a. João disse que ia querer nadar.  
 b. João disse que iria querer nadar.

Esses fatos corroboram a proposta de que a forma do futuro do pretérito ‘quereria’ caiu em desuso e que ela foi substituída por ‘queria’ nas matrizes para indicar desejos inalcançáveis e nas subordinadas como (7.10a) para indicar simultaneidade em relação ao evento da matriz e por ‘ia/iria querer’ nas subordinadas como (7.11) para indicar posterioridade em relação à eventualidade expressa na matriz.

Vamos explorar duas possíveis explicações para a troca do *futuro do pretérito* pelo *pretérito imperfeito* ocorrendo no PB, uma de base fonética e outro de base mais semântica. Na primeira, a troca ocorreria devido à reanálise feita pelo falante motivada pela semelhança fonológica entre *pretérito imperfeito* e *futuro do pretérito* ('queria' vs. 'quereria'). Na segunda, a troca seria possibilitada, não por uma semelhança fonética, mas por semelhanças semânticas. Nesta tese, argumentaremos em favor dessa segunda proposta. Afirmaremos que há uma semelhança semântica entre esses morfemas que possibilita a troca, a saber, ambos possuem o passado como ingrediente. Vamos explorar essas explicações com mais detalhes começando pela explicação que se baseia em uma semelhança fonológica.

Observe em (7.12) como as formas do *pretérito imperfeito* e do *futuro do pretérito* dos verbos da primeira conjugação – aqueles cuja vogal temática é *-a* – são bem distinguíveis entre si. Já as formas do *pretérito imperfeito* e o *futuro do pretérito* dos verbos da segunda conjugação – aqueles com a vogal temática *-e* – e da terceira conjugação – aqueles cuja vogal temática é *-i* – são bem semelhantes como ilustrado em (7.13) e (7.14).

(7.12) <i>pretérito imperfeito</i> Maria <b>estudava</b>	<i>futuro do pretérito</i> Maria <b>estudaria</b>
(7.13) <i>pretérito imperfeito</i> Maria <b>queria</b>	<i>futuro do pretérito</i> Maria <b>quereria</b>
(7.14) <i>pretérito imperfeito</i> Maria <b>abria</b>	<i>futuro do pretérito</i> Maria <b>abriria</b>

O verbo 'querer' faz parte da segunda conjugação e, por isso, sua forma no pretérito imperfeito é bem parecida com a de futuro do pretérito como ilustrado em (7.13). Assim, uma proposta seria que essa semelhança possibilita uma reanálise da morfologia que faria o falante adotar 'queria' no lugar de 'quereria'. Se essa análise estivesse correta, haveria um sincretismo entre as formas de *futuro do pretérito* e *pretérito imperfeito* como ilustrado em (7.15).

(7.15) <i>pretérito imperfeito</i> : 'queria' (passado + imperfectivo)	<i>futuro do pretérito</i> : 'queria' (futuro + passado)
--	--

Assumir que há um sincretismo entre pretérito imperfeito implicaria na existência de dois paradigmas, cada um com a sua semântica, mas que, por um acaso, possuem a mesma forma como ilustrado em (7.15). Não é essa posição que defenderemos nesta tese. Assumiremos que o futuro do pretérito está desaparecendo e que, no seu lugar, o pretérito imperfeito está assumindo a função semântica que ele antes exercia. O exemplo (7.15) só ilustraria um lugar no qual essa mudança já se consolidou – isto é, com o verbo bulético ‘querer’ – no entanto, o *futuro do pretérito* e o *pretérito imperfeito* são usados de maneira intercambiável em outros contextos como as contrafactuais condicionais como ilustrado em (7.16).

(7.16) a.	Se João	chegasse	amanhã, eu	<b>ficaria</b>	feliz.
		chegar.PST.SBJV		ficar.FUT.PST.IND	
b.	Se João	chegasse	amanhã, eu	<b>ficava</b>	feliz.
		chegar.PST.SBJV		ficar.PST.IPFV.IND	

Observe como, para o verbo ‘ficar’ em (7.16), os morfemas de *futuro do pretérito* e de *pretérito imperfeito* são diferentes, ou seja, a motivação fonética seria insuficiente para explicar a troca acima. A nossa análise é que há uma característica semântica comum a essas duas morfologias que possibilita essa mudança: o passado. Essa proposta é corroborada por dados do Francês trazidos por Iatridou (2000). A autora comenta que, no francês, contrafactuais eram expressas através de um paradigma do subjuntivo passado e que a língua passou por uma mudança na qual o subjuntivo passado deixou de ser usado em contrafactuais que atualmente são expressas por um morfema passado do paradigma do indicativo. Segundo a autora, essa troca é uma evidência da relevância do passado para ambientes contrafactuais, ou seja, a troca de um passado do subjuntivo por um passado do indicativo não causa grandes impactos porque o elemento principal para a expressão da contrafactualidade continua lá: o passado.

Sendo assim, a troca do *futuro do pretérito* pelo *pretérito imperfeito* teria a mesma justificativa, o ingrediente essencial é o passado e ele é o mantido. No entanto, isso ainda não seria suficiente para explicar essa troca. Como discutimos no capítulo 4, o português brasileiro possui três outros morfemas no indicativo com o ingrediente passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito. Se o passado é o único ingrediente relevante, porque o morfema que está substituindo o *futuro do pretérito* é o



*pretérito imperfeito* e não um dos outros. A nossa hipótese é que a semântica do imperfeito torna ele ideal para essa substituição. O futuro do pretérito, quando usado, pode ter uma leitura de que a eventualidade é anterior, simultânea ou até mesmo posterior ao momento da fala. Sendo assim, se a nossa proposta de substituição estiver correta, a morfologia que substituir o *futuro do pretérito* deve possibilitar essas três leituras. Como vimos no capítulo 3, o aspecto imperfectivo denota que o tempo do tópico está inserido no momento da eventualidade, mas não nos diz nada sobre quando essa eventualidade termina. Isso permite que, mesmo quando a sentença é orientada para o passado, que a eventualidade acabe antes do momento da fala, se estenda até da fala ou mesmo ultrapasse o momento da fala. Os aspectos perfectivo e perfeito não permitem essas leituras visto que colocam a eventualidade dentro do tempo do tópico e antes do tempo do tópico, ou seja, já determinam um fim para a eventualidade. Então, a nossa proposta é que o ingrediente passado é o essencial, mas o imperfeito facilita a substituição.

Sendo assim, a falta de paralelo observado entre contrafactuais condicionais e contrafactuais buléticas inalcançáveis é explicada pelo fato desses dois tipos de contrafactuais estarem em estágios diferentes do processo de mudança. Enquanto as CF condicionais refletem um quadro de mudança em progresso, essa mudança já está consolidada nas CFs buléticas. Sendo assim, se essa mudança seguir o curso atual, ela se consolidará nas contrafactuais condicionais, o *futuro do pretérito* deixará de ser usado nesses ambientes e o paralelo voltará a ser perfeito.

Essa subseção discutiu a aparente falta de paralelo entre CFs condicionais e buléticas no PB. Assumimos que as diferenças observadas nessa língua derivam de uma mudança em progresso. Mas qual a relevância que a existência ou não de um paralelo morfológico para a semântica das contrafactuais? Seguimos von Fintel e Iatridou (2020) e assumimos que a existência de um paralelo entre CF condicionais e CF buléticas indica que qualquer que seja a proposta dada para um tipo de contrafactual, ela deve dar conta também do outro tipo de condicional. Trataremos na próxima subseção especificamente da morfologia temporal nas orações matrizes e subordinadas das sentenças buléticas inalcançáveis.

### **7.1.2 A morfologia das subordinadas nas contrafactuais do PB**

Esta seção apresenta uma análise para a morfologia temporal das orações subordinadas nas contrafactuais buléticas no PB. Para isso, empregaremos a análise de Arregui (2005) que conclui que o tempo nas matrizes e nas subordinadas não contribuem da mesma forma. Como

discutimos no capítulo anterior, ao analisar as contrafactuais condicionais do inglês, ela conclui que a morfologia temporal presente em ‘*would*’ que ocorre nas orações principais tem orientação temporal passado, porém, ele é interpretado na relação de similaridade do modal. Já a morfologia temporal *-ed* que ocorre nas orações subordinadas não possui nenhuma semântica e a morfologia de passado é obtida a partir de um processo de cópia da morfologia da principal. Esse fenômeno é conhecido na literatura como SEQUÊNCIA DE TEMPOS (SOT).<sup>67</sup>

A autora desenvolveu essa análise tendo no horizonte as contrafactuais condicionais do inglês. Nesta tese, argumentaremos que essa cópia de traços morfológicos também ocorre tanto nas contrafactuais buléticas como nas condicionais do PB. Sendo assim, da mesma forma que a morfologia de tempo nas subordinadas do inglês não contribui semanticamente, a morfologia de tempo, aspecto e modo nas subordinadas do PB também não. As CF buléticas analisadas no início desta seção corroboram essa proposta. Lembrando que elas possuem dois tipos de estruturas, uma no qual o verbo aparece no infinitivo e outra na qual o verbo é finito. Elas estão ilustradas respectivamente em (7.17a) e (7.17b). Observe que a presença/ausência de flexão temporal no verbo não é motivada por um aspecto semântico, mas sim por um aspecto sintático, isto é, o preenchimento ou não da posição do sujeito. Quando a posição de sujeito da subordinada não estiver preenchida, o verbo está no infinitivo como (7.17a). Porém, quando a posição de sujeito da subordinada estiver preenchida, o verbo será flexionado para tempo, aspecto e modo como ilustrado em (7.17b).

(7.17) a. João<sub>i</sub> queria [t<sub>i</sub> **casar** amanhã].  
querer.PST.IPFV

CONDIÇÕES DE VERDADE: Todos os mundos dos desejos de João são mundos nos quais João se casa amanhã.

b. João<sub>i</sub> queria [que Pedro<sub>j</sub> **casasse** amanhã].  
querer.PST.IPFV casar.PST.SBJV

CONDIÇÕES DE VERDADE: Todos os mundos dos desejos de João são mundos nos quais Pedro se casa amanhã.

---

<sup>67</sup> Do inglês *Sequence of Tense*



Quando não houver sujeito explícito, o T será não-finito e nenhum mecanismo semântico influencia na morfologia. No entanto, quando houver sujeito, o T será finito e a seleção da morfologia é feita por critérios semânticos: o passado seria selecionado como um efeito de SEQUÊNCIA DE TEMPOS seguindo a proposta de Arregui (2005) para as contrafactuais condicionais. Como o tempo na subordinada é nulo, quando o verbo precisa aparecer flexionado, ele copia a morfologia de passado da oração matriz.

Para explicar a seleção do modo subjuntivo, usaremos a proposta de von Stechow e Iatridou (2000) discutida no capítulo anterior. Lembrando que os autores separam dois tipos de morfologia: as ordinárias (i.e., que ocorrem em condicionais não-CF e em buléticas de desejos alcançáveis) e as extraordinárias (que ocorrem em contrafactuais condicionais buléticas de desejos distantes). A marcação extraordinária nos levaria para mundos além do *Context Set*, ou seja, mundos para além daqueles que acreditamos ser o mundo real  $w_0$ . O subjuntivo, nessa análise, seria uma morfologia extraordinária. No entanto, não assumiremos que ele é o responsável por indicar que essa expansão, pelo contrário, ele é selecionando quando ocorre essa expansão.

Se o *pretérito imperfeito do subjuntivo* não possui semântica, resta explicar como o falante indica uma orientação temporal diferente nas subordinadas que são complemento de ‘querer’. Para contrafactuais no passado, a morfologia é idêntica exceto pelo fato do perfeito ser empregado. Como visto no capítulo 3, o perfeito localiza o TE (tempo do evento) antes de TT (tempo do tópico) como ilustrado no dado (7.20a) no qual a chegada se dá antes das 14h. Observe, no entanto, que quando empregado em contrafactuais, o perfeito não parece indicar mais anterioridade em relação ao momento do tópico como ilustrado em (7.20b) na qual o evento de chegar é concebido como ocorrendo exatamente às 14h e não antes disso. O perfeito é expresso através do auxiliar aspectual *ter* conjugado para o *pretérito imperfeito do subjuntivo*.

(7.20) a. Maria já tinha chegado às 14h.

PST.PRF

b. João queria que Maria tivesse chegado às 14h.

PST.PRF.SUBJ

Sendo assim, a orientação temporal de passado é determinada pelo auxiliar aspectual de perfeito, ou seja, esse auxiliar contribui semanticamente, mas não com o mesmo sentido que possui em ambientes como (7.20a). Sua presença/ausência nas contrafactuais é

determinada pela orientação temporal da sentença e não é uma exigência sintática como as demais marcações. Algo que corrobora essa análise é o fato de que CFs buléticas no passado não possuem morfologia de modo, aspecto imperfectivo ou tempo, mas mantém o auxiliar ‘ter’ para indicar passado como pode ser observado em (7.18a).

Alguns autores assumem que o perfeito possui uma semântica semelhante à semântica do passado e, por esse motivo, ele pode ser empregado em contrafactuais para denotar tempo passado (IATRIDOU, 2000; VAN LINDEN e VERSTRAETE, 2008). Mas nenhuma teoria que apresentamos nesta tese apresenta uma proposta detalhada de como o perfeito assume a semântica de passado. Assumiremos que o perfeito é usado no lugar no passado sempre que TP não estiver disponível. Por exemplo, em CF buléticas nas quais o sujeito da principal e da subordinada é o mesmo como (7.18a), o TP não estaria disponível para expressar passado porque o TP é não-finito. Dessa forma, para se expressar a noção de passado usa-se o perfeito em ASPP. Já em CF buléticas nas quais o sujeito da principal e da subordinada diferem como (7.18b) e (7.20b), o TP não estaria disponível para expressar passado porque ele já estaria ocupado com um tempo  $\emptyset$  que apenas copia a forma de passado da matriz, mas não possui semântica de passado. Sendo assim, o falante também recorreria ao perfeito para expressar anterioridade em relação ao momento da fala.

O objetivo desta seção foi descrever a morfologia presente nas subordinadas das contrafactuais buléticas. Argumentamos, que apenas as perífrases aspectuais contribuem semanticamente nas subordinadas das sentenças contrafactuais. A perífrase ‘ter’ somada a um verbo no particípio indica orientação passado da eventualidade expressa pela subordinada e a perífrase ‘estar’ somada a um verbo no gerúndio indica uma eventualidade em progresso. Na ausência de qualquer perífrase, a orientação da eventualidade pode ser tanto de presente quanto de futuro e nem a morfologia de tempo passado e nem modo subjuntivo que aparecem no verbo têm uma contribuição semântica. O tempo tem forma de passado, mas seria um tempo zero que herdaria os traços de tempo passado da oração matriz e o modo subjuntivo seria selecionado pelo fato dessa morfologia estar no escopo de um modal que faz com que a verdade da proposição seja avaliada em mundos diferentes do mundo atual. A próxima seção discutirá o papel da morfologia nas orações matrizes de contrafactuais buléticas.

### 7.1.3 A morfologia das orações matrizes nas contrafactuais buléticas do PB

Esta seção investiga o papel da morfologia de tempo e de aspecto nas matrizes de contrafactuais buléticas no PB. Nessas orações, o verbo na principal é marcado por tempo passado e aspecto imperfectivo como ilustrado em (7.21).

(7.21) João **queria** que Maria casasse.

querer.PST.IPFV    casar.PST.SBJV

No capítulo 4, argumentamos que há razões semânticas e morfossintáticas para não considerar que o *pretérito imperfecto do subjuntivo*, como em ‘casasse’ (7.21), como um morfema que expressa aspecto imperfectivo. A razão semântica é que ele não contribui com um sentido imperfectivo (i.e., expressa habitualidade ou progressividade) e a razão morfossintática é que ele não está em distribuição complementar com uma forma perfectiva. Não podemos assumir o mesmo para a forma *queria*. O exemplo (7.22) mostra a morfologia que pode ocorrer na matriz. Observe que essa forma imperfectiva em (7.22b) pode ser contrastada com a forma perfectiva (7.22c).

(7.22) a. João **quer** ter um carro.

querer.PRS.IPFV

b. João **queria** ter um carro.

querer.PST.IPFV

c. João **quis** ter um carro.

querer.PST.PFV

d. João **vai querer** ter um carro.

FUT querer

Note que os desejos expressos pelas orações matrizes nunca são contrafactuais, ou seja, elas marcam os desejos do sujeito e eles são sempre considerados verdadeiros no mundo  $w_0$  que é o mundo no qual a sentença é avaliada. Em (7.22a) o desejo é verdadeiro no presente, em (7.22b) o desejo é verdadeiro no presente ou no passado, em (7.22c) o desejo é

verdadeiro apenas no passado e em (7.22d) o desejo é verdadeiro no futuro. Sendo assim, a primeira função das marcações morfológicas observadas em (7.22) é ancorar os desejos temporalmente.

Mas essa morfologia também poderia exercer o papel de reforçar a expressão de contrafactualidade? A implicatura de falsidade da proposição expressa pela subordinada não parece estar relacionada a morfologia, pois essa interpretação surge em morfologias distintas como o *presente do indicativo* em (7.22a) e o *pretérito imperfeito* em (7.22b). Em (7.23a), a subordinada é contrafactual porque implica que João não tem um carro. Já a sentença em (7.23b) pode ou não ser contrafactual.

(7.23) a. João queria ter um carro **agora**.

b. João queria ter um carro **naquela época**.

Então, o verbo ‘querer’ marcado para o pretérito *imperfeito* terá duas leituras. Na primeira leitura, ilustrada em (7.23a), os desejos são relativos ao momento da enunciação da sentença. Nesse caso, a sentença é contrafactual, pois interpretamos que João não tem um carro agora. Na segunda leitura, ilustrada em (7.23b), os desejos do João são relativos a algum momento no passado e a sentença não é contrafactual porque não implica que João não tem um carro. A sentença em (7.22c) não é contrafactual porque não implica que João não tem um carro. Por fim, (7.22d) não é contrafactual porque também não implica que João não tem um carro.

O que parece ser um fator decisivo para determinar se uma oração com verbo ‘querer’ é ou não contrafactual é ancoragem temporal do desejo. Quando os desejos são ancorados no presente, como (7.22a) e (7.23a), a sentença é contrafactual. No entanto, quando os desejos são ancorados em outros tempos, como ilustrado em (7.22c-d) e (7.23b), a sentença não é contrafactual. No entanto, podemos argumentar que isso ocorre porque estamos restringindo a nossa concepção de contrafactualidade de implicatura da falsidade no mundo atual  $w_0$  no tempo da enunciação da sentença. Se, entendêssemos o conceito de contrafactualidade para descrever a implicatura da contrafactualidade no mundo atual  $w_0$  no tempo dos desejos do sujeito, aí o estatuto de (7.22c-d) e (7.23b) poderia mudar para contrafactuals.

Por exemplo, (7.22a) e (7.23a) implicam que João ter um carro é falso em relação ao momento da fala porque os desejos também ocorrem em relação ao momento da fala. Já (7.22c) e (7.23b) implicariam que João ter um carro é falso em relação ao intervalo de tempo no passado no qual os desejos de João perduraram e (7.22d) implica que João ter um carro

será provavelmente falos em relação a um momento futuro. Ou seja, a nossa proposta é que a falsidade da eventualidade expressa pela subordinada seria presumida para o tempo no qual os desejos perduram.

Assim, atribuiremos o status contrafactual nessas orações a uma implicatura gerada pelo verbo ‘querer’. Consideramos que a contrafactualidade gerada pelo verbo ‘querer’ como uma implicatura porque a eventualidade não precisa ser necessariamente falsa como ilustrado no exemplo (7.24) no qual não é contraditório a pessoa dizer que ‘quer estar solteira’ sendo solteira. Se a contrafactualidade fosse uma pressuposição ou um acarretamento, a sentença (7.24) seria contraditória.

(7.24) Maria está solteira porque quer estar solteira.

Assumimos que a implicatura surge pelo fato do verbo ‘querer’ ranquear mundos possíveis acessíveis no mundo real  $w_0$  de acordo com os desejos do sujeito da oração. Nesse contexto, a nossa experiência nos diz que, quando lidamos com os mundos possíveis acessíveis a partir de modalidade bulética, esses mundos são diferentes do mundo atual  $w_0$ . Colocando em termos mais simples, se queremos algo, é porque ainda não temos. Sendo assim, ao ouvir qualquer sentença que expresse modalidade bulética o ouvinte assumiria que a eventualidade que está no escopo do desejo não ocorre no mundo atual  $w_0$ . No entanto, isso não é uma necessidade e o mundo atual  $w_0$  pode estar entre os mundos dos desejos. Se a implicatura de falsidade da eventualidade está relacionada diretamente ao verbo ‘querer’, resta determinar qual o papel das diferenças morfológicas observadas nas matrizes em (7.22) e se elas de alguma forma contribuem para reforçar a contrafactualidade naturalmente expressa por ‘querer’.

Como ilustrado em (7.22), o verbo ‘querer’ com a morfologia de *presente do indicativo* ancora o desejo no presente como ilustrado em (7.25b) enquanto que a morfologia de pretérito perfeito ancora o desejo no passado como ilustrado em (7.26b). Já a morfologia de pretérito imperfeito pode ancorar tanto desejos no passado quanto desejos no presente como ilustrado em (7.27) e (7.28).



- (7.25) a. João **quer** ter um carro agora.  
 b. O desejo ( $s_1$ ) de ter um carro ( $s_2$ ) = 1 em  $w_o$  em TT (= *agora*) e  $agora \subseteq TS_1$  &  $agora = TE$ <sup>68</sup>
- (7.26) a. João **quis** ter um carro ano passado.  
 b. O desejo ( $s_1$ ) de ter um carro ( $s_2$ ) = 1 em  $w_o$  em TT (*ano passado*) e  $TS_1 \subseteq ano\ passado$  &  $ano\ passado < TE$ .
- (7.27) a. João **queria** ter um carro agora.  
 b. O desejo ( $s_1$ ) de ter um carro ( $s_2$ ) = 1 em  $w_o$  em TT (*agora*) e  $agora \subseteq TS_1$  &  $agora = TE$ .
- (7.28) a. Ontem, João **queria** ter um carro.  
 b. O desejo ( $s_1$ ) de ter um carro ( $s_2$ ) = 1 em  $w_o$  em TT (*ontem*) e  $ontem \subseteq TS_1$  &  $ontem \leq TE$ .

A nossa primeira hipótese é que a marcação de imperfectivo talvez seja a responsável pela possibilidade de orações com ‘queria’ terem duas leituras. Quando o verbo da matriz é marcado para o tempo passado e aspecto perfectivo, o tempo passado localizaria o tempo do tópico antes do momento da enunciação e o aspecto perfectivo estabelece que os desejos estão contidos no tempo do tópico. Por exemplo, em (7.26), o tempo passado estabelece que o tempo do tópico ‘ano passado’ ocorre antes do momento da enunciação e o aspecto perfectivo restringe os desejos para dentro desse tempo do tópico. Se os desejos ficam restringidos dentro de um tempo do tópico no passado, é natural que se gere a implicatura de que esses desejos não perduraram até o momento da enunciação.<sup>69</sup> A morfologia de *pretérito imperfectivo*, como em (7.28), localiza os desejos dentro do tempo do tópico ontem, por causa do aspecto imperfectivo, não se delimita um momento de término desses desejos. Por esse motivo, essa morfologia permitiria que os desejos se estendessem por um tempo indefinido chegando no tempo da enunciação desencadeando assim, a leitura 2.

<sup>68</sup> S1 = situação 1; S2 = situação 2; 1 = verdadeiro; W0 = mundo real; Tempo do Tópico; TS1 = Tempo da Situação 1; TS2 = Tempo da situação 2; TE = Tempo da enunciação.

<sup>69</sup> Assumimos que isso é uma implicatura pragmática, pois o uso do pretérito perfeito não acarreta que o desejo desaparece. Como ilustrado no diálogo abaixo, ‘quis’ pode ser usado mesmo em contextos nos quais o desejo perdura até o momento da fala.

- i. - Eu descobri que Marcio quer casar.
- ii. - Mas ele sempre quis casar.

Acreditamos que o *pretérito imperfeito* adquiere a leitura de presente em etapas. Primeiramente, o momento do tópico seria sempre um passado e a leitura em (7.27) surgiria como uma extensão da leitura em (7.28). Conforme o uso dessa morfologia com sentido de presente vai ampliando nas novas gerações de falantes, essa leitura se consolida e, então, teríamos casos tempo do tópico explicitamente orientados para o presente como ‘agora’ em (7.32). Entretanto, restaria explicar porque o português teria a necessidade da leitura de presente em ‘queria’, se que a língua já dispõe de a forma ‘quer’ exclusiva para o presente, em outras palavras, qual a diferença entre usar as formas específicas de presente e passado (‘quer’/‘quis’) e a forma que possui essas duas leituras (‘queria’)?

A diferença morfológica entre *presente do indicativo* e *pretérito imperfeito* faz com que o desejo relatado pareça mais ou menos alcançável. O desejo parece mais alcançável quando é empregada a morfologia de *presente do indicativo* como em (7.25) e menos factível quando é empregada a morfologia de *pretérito imperfeito* como em (7.27). Esse fato já foi observado em outras línguas como discutido no capítulo anterior ao abordarmos a proposta de von Fintel & Iatridou (2020). Seguindo a análise proposta pelos autores, as orações marcadas com o presente como (7.25) expressam desejos alcançáveis e as orações marcadas com o pretérito imperfeito como (7.27) expressam desejos inalcançáveis. No capítulo 6, vimos que a proposta de von Fintel e Iatridou é de que a morfologia extraordinária amplia o domínio da quantificação modal para mundos fora do *Context Set*. Uma vez assumida essa proposta, quando o *presente do indicativo* fosse utilizado como em (7.25), os desejos ocorreriam nos mundos possíveis dentro *Context Set*, ou seja, no que o falante acredita ser o mundo real  $w_0$ . Agora, quando o *pretérito imperfeito* fosse usado, como em (7.27), isso ampliaria o domínio de quantificação para mundos fora do *Context Set*, ou seja, os desejos se estendem para além daquilo que acreditamos ser o mundo atual. Por esse motivo, o uso dessa morfologia daria a sensação de que os desejos são mais distantes da realidade.

Há também uma distinção de ordem pragmática que podemos apontar para os usos das morfologias de *presente do indicativo* e do *pretérito imperfeito*. Em alguns casos, a escolha por uma dessas formas parece ser puramente estilística e reflete o grau de polidez que se deseja imprimir a conversa. Nesse sentido, dizer ‘Eu queria’ para expressar um desejo corrente soa mais polido do que dizer ‘Eu quero’ como ilustrado em (7.29). Esse fenômeno não está restrito no português ao verbo ‘querer’ e o uso do passado contrastando com uma forma no presente para indicar polidez também se verifica com verbos modais como ilustrado em (7.30).

- (7.29) a. Eu quero que você me passe o sal.  
 b. Eu queria que você me passasse o sal.

- (7.30) a. Você pode me passar o sal?  
 b. Você poderia me passar o sal?

A explicação para esse uso da morfologia para expressar polidez pode estar na própria semântica que exploramos anteriormente. A razão é que, como essa morfologia amplia o *Context Set* fazendo com que a verdade da proposição seja avaliada em mundos mais distantes do que o falante considera ser o mundo atual  $w_0$ . Sendo assim, o pedido parece não ser posto no mundo atual  $w_0$  e, por esse motivo, transmite a sensação (as vezes ilusória) de que o ouvinte pode escolher ou não atender à solicitação para tornar o mundo atual  $w_0$  mais parecido com o mundo dos desejos do sujeito.

Apesar de explicar o fenômeno, a proposta de von Stechow e Iatridou (2000) não explica a contribuição de cada elemento, ou seja, porque o *pretérito imperfeito* cumpre essa função. No capítulo anterior, também discutimos a proposta de Arregui (2005) que assume que o passado é empregado para selecionar mundos possíveis com o passado com algumas eventualidades semelhantes ao do mundo atual em alguns. A autora elaborou essa proposta com as contrafactuais condicionais em mente, mas assumiremos, nesta tese, que essa análise pode ser estendida também para as contrafactuais buléticas inalcançáveis. Lembramos que essas sentenças efetuam uma quantificação universal sobre mundos possíveis. Quando o presente fosse usado, como em (7.25), a similaridade dos mundos dos desejos sendo quantificados poderia se estender até presente. No entanto, quando o *pretérito imperfeito* fosse empregado, ele pode estar sendo interpretado como definindo a orientação temporal do tempo do desejo ou definindo a orientação temporal da relação de similaridade, ou seja, até qual momento os mundos sendo quantificados são semelhantes ao mundo real. No primeiro caso, teríamos a leitura (7.28), no segundo caso, teríamos a leitura em (7.27). O tempo presente seria o *default* quando considerássemos a similaridade entre esse mundo e outros mundos possíveis. Quando o presente é usado na relação de similaridade para a modalidade bulética, os desejos são percebidos como compatíveis com o mundo atual e, por esse motivo, temos a impressão que eles são alcançáveis. No entanto, se a similaridade é posta com certos aspectos do mundo real no passado, isso gera a implicatura de que os desejos não são compatíveis com o mundo real em seu estado no presente, pois se fossem, teríamos usado o

presente que é a opção *default*. Esse raciocínio gera a implicatura de que os desejos são inalcançáveis.

Com isso, encerramos a análise das contrafactuais buléticas no PB. Assumimos que a contrafactualidade não é gerada pela morfologia, mas sim, é uma implicatura natural do verbo bulético ‘querer’. Investigamos, então, o paradigma morfológico que ocorre nesse tipo de sentença para saber se a morfologia pode contribuir para reforçar a contrafactualidade. Verificamos que o português brasileiro faz uma distinção entre desejos alcançáveis e desejos inalcançáveis marcando esse último com o *pretérito imperfeito do subjuntivo* na subordinada e o *pretérito imperfeito* na matriz. A nossa análise da morfologia de *pretérito imperfeito do subjuntivo* das subordinadas em CF buléticas inalcançáveis mostrou que essa morfologia não contribui semanticamente para a oração. O passado é um tempo zero que copia o traço passado na matriz e o subjuntivo é selecionado uma vez que estamos ampliando o domínio da quantificação para fora do *Context Set*. Em relação à morfologia de *pretérito imperfeito do indicativo* que ocorre na matriz, argumentamos que ela pode contribuir de duas formas: (i) ancorando os desejos temporalmente ou (ii) ancorando a relação de similaridade temporalmente. Por esse motivo, sentenças com essa morfologia são ambíguas entre uma interpretação presente e passado. Quando a relação de similaridade dos mundos dos desejos e o mundo real é posta apenas em relação ao passado, os mundos dos desejos vão parecer mais distantes, ou seja, os desejos vão parecer inalcançáveis. O sentido de desejo menos alcançável seria também uma implicatura gerada quando se desloca o parâmetro da relação de similaridade do presente para o passado porque, se a similaridade se dá apenas com o passado, assumimos que os mundos dos desejos não são compatíveis com o presente. No entanto, essa morfologia, em si, não é a responsável pela contrafactualidade. A próxima seção discute as contrafactuais condicionais.

## 7.2 Contrafactuais condicionais

Esta subseção investiga a semântica da morfologia das CF condicionais no PB. Um ponto interessante é que o português possui condicionais com ‘quando’ ou com ‘se’. As sentenças com ‘quando’ parecem expressar a factualidade (F) das proposições, ou seja, um condicional com ‘quando’ expressa que as eventualidades da matriz e da subordinada acontecem como em (7.31a), aconteceram como em (7.31b) ou acontecerão como em (7.31c).

(7.31) a. Quando Maria **vai** na praia, ela **leva** o cachorro. (F)

ir.PRS.IPFV      ir.PRS.IPFV

b. Quando Maria **foi** na praia, ela **levou** o cachorro. (F)

ir.PST.PFV      levar.PST.PFV

c. Quando Maria **for** na praia, ela **vai levar** o cachorro. (F)

ir.FUT.SBJV      FUT levar

Perceba que um falante não pode usar (7.31a) ou (7.31b), se a Maria nunca foi a praia e levou o cachorro. Da mesma forma, um falante não usaria (7.31c) se ele não possui evidências de que Maria pretende ir à praia e levar o cachorro. As orações com ‘se’, por outro lado, não garantem que a factualidade das expressões. Elas vão expressar que ou não sabemos se as proposições são ou não verdadeiras (não-CF) ou vão gerar uma implicatura de que a proposição é falsa, isto é, contrafactual (CF).

(7.32) a. Se Maria **mora** em uma casa, **tem** um cachorro. (não-CF)

morar.PRS.IPFV      ter.PRS.IPFV

b. Se Maria **morasse** em uma casa, **teria** um cachorro. (CF)

morar.PST.SBJV      ter.PST.FUT

c. Se Maria **morasse** em uma casa, **tinha** um cachorro. (CF)

morar.PST.SBJV      ter.PST.IPFV

d. Se Maria **morou** em uma casa, **teve** um cachorro. (não-CF)

morar.PST.PFV      ter.PST.PFV

e. Se Maria **morar** em uma casa, **vai ter** um cachorro. (não-CF)

morar.FUT.SBJV      FUT ter

Associamos a factualidade das condicionais com ‘quando’ à semântica desse operador. Ele parece indicar que no intervalo de tempo que a eventualidade da subordinada ocorre, são intervalos de tempo nos quais a eventualidade da matriz também ocorre. Sendo assim, a

quantificação feita pelo operador ‘quando’ é uma quantificação universal sobre intervalos de tempo, e não sobre mundos possíveis, ou seja, ‘quando’ não nos leva a outros mundos possíveis, mas sim, quantifica sobre intervalos de tempo no mundo real. Observe que as condicionais com ‘se’ admitem o pretérito imperfeito do subjuntivo como ilustrado em (7.32b-c). Condicionais com ‘quando’ não soam naturais quando empregadas com essa morfologia como ilustrado em (7.33a-b).

(7.33) a. ?Quando Maria **fosse** na praia, **levaria** o cachorro.

ir.PST.IPFV    levar.PST.FUT

b. ?Quando Maria **fosse** na praia, **levava** o cachorro.

ir.PST.IPFV    levar.PST.IPFV

Lembrando que, de acordo com a análise que defendemos no capítulo anterior, as morfologias de *pretérito imperfeito do subjuntivo* e *pretérito imperfeito do indicativo* são licenciadas quando a quantificação sobre mundos possíveis vai além do mundo real. Sendo assim, assim, o uso dessa morfologia não é licenciado com ‘quando’ porque esse operador quantifica sobre intervalos de tempo no mundo real. No entanto, há alguns casos nos quais a morfologia é licenciada com ‘quando’ como ilustrado abaixo:

(7.34) a. Maria disse que quando ela **fosse** na praia, **levaria** o cachorro.

ir.PST.IPFV    levar.PST.FUT

b. Maria disse que quando ela **fosse** na praia, **levava** o cachorro.

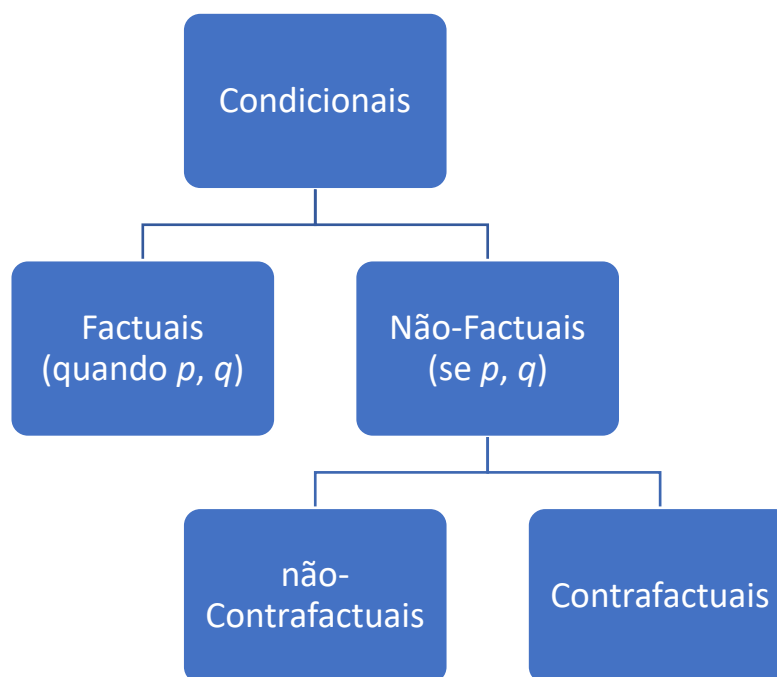
ir.PST.SBJV    levar.PST.IPFV

c. Joana pediu pra Maria que quando ela **fosse** na praia, **levasse** o cachorro.

ir.PST.SBJV    levar.PST.SBJV

No entanto, essa morfologia é licenciada quando as condicionais com ‘quando’ estão no escopo de um operador que de alguma forma introduz mundos para além do mundo real como ‘dizer’ em (7.34a-b) e ‘pedir’ em (7.34c). Nesses contextos, o quantificador ‘quando’ continua fazendo a sua quantificação sobre intervalos de tempo, mas, por estar no escopo de

outro operador modal, esse operador muda essa quantificação para mundos além do mundo real e isso vai licenciar o uso da morfologia com ‘quando’. Sendo assim, as condicionais do português podem ser representadas da seguinte maneira.

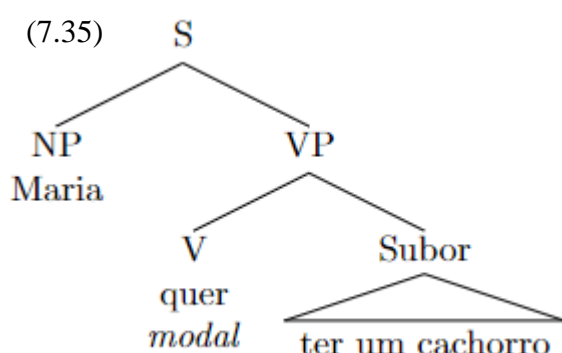


**Figura 3** A classificação das condicionais no português brasileiro

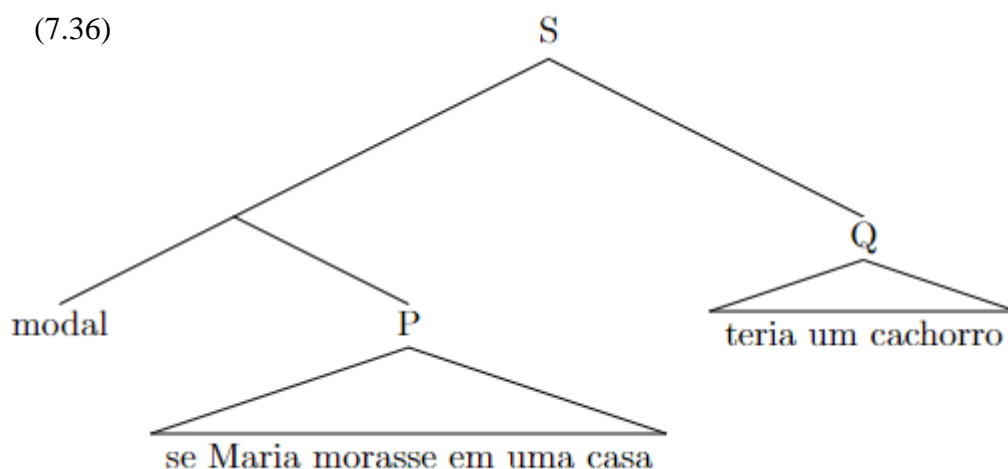
Como veremos no capítulo próximo capítulo, essa classificação das condicionais não é a mesma em todas as línguas. Essa classificação vai depender dos mecanismos linguísticos que uma língua dispõe. Por exemplo, a língua Karitiana não parece possuir um operador que quantifique sobre intervalos de tempo como ‘quando’ em português e, por esse motivo, não distingue as condicionais factuais das outras. No entanto, uma característica que todas as línguas parecem ter em comum é que, independentemente do tipo de língua (i.e, isolante, flexional ou aglutinante), elas sempre distinguem as contrafactuais dos outros tipos de condicionais e essa distinção é, na maioria dos casos, feita através de morfologia de passado.

Discutiremos agora especificamente as condicionais contrafactuais. Ambas contrafactuais buléticas e contrafactuais condicionais são estruturas bioracionais. No entanto, as subordinadas não exercem o mesmo papel nesses dois tipos de orações. Enquanto as buléticas, as subordinadas funcionam como complemento do verbo, nas condicionais a subordinada são adverbiais. Uma diferença pragmática entre CF buléticas e CF contrafactuais é o fato de que, nas buléticas, apenas a subordinada era contrafactual, ou seja, os desejos denotados pelo verbo ‘querer’ da matriz tinham que ocorrer no mundo real para a sentença ser

verdadeira. Já nas CF condicionais, tanto a oração matriz quanto a oração subordinada geram a implicatura de contrafactualidade. Isso pode ser percebido em (7.32b-c) nas quais assumimos que Maria não mora em uma casa e, conseqüentemente, não tem cachorro. Assumiremos que essa diferença ocorre porque, em CF buléticas, o verbo ‘querer’ é modal e, como a oração subordinada é complemento desse verbo, ela está no escopo desse modal como ilustrado em (7.35). A oração principal, por outro lado, não está no escopo de nenhum modal. Sendo assim, os desejos são interpretados como ocorrendo no mundo atual e a matriz não recebe a implicatura de contrafactualidade.



Por outro lado, orações condicionais possuem um modal coberto (VON FINTEL, 1994) e ambas as orações da estrutura condicional contrafactual estão sob o escopo desse modal como ilustrado em (7.36). Uma vez que tanto a matriz quanto a subordinada estão sob o escopo do modal, a implicatura contrafactual ocorre em ambas as orações.





A segunda diferença entre CFs buléticas e CFs condicionais é que, nas sentenças buléticas, a morfologia não parece ser determinante para desencadear uma leitura contrafactual. Como discutimos na subsecção anterior, o verbo ‘querer’ é responsável pela leitura contrafactual e a morfologia determina se os desejos são alcançáveis ou não. Já nas sentenças condicionais, a morfologia parece ser vital para que a oração seja ou não contrafactual. Observe em (7.32a) e (7.32d), que quando o *presente do indicativo* ou o *pretérito perfeito do indicativo* é empregado, a sentença não tem uma leitura contrafactual. Por exemplo, em (7.32a), não se sabe se Maria mora ou não em uma casa e, conseqüentemente se ele tem um cachorro. Em (7.32d), não se sabe se Maria morou ou não em uma casa, e conseqüentemente não se sabe se ele teve um cachorro. No entanto, quando o *futuro do pretérito* é empregado, como (7.32b) ou *pretérito imperfeito*, como (7.32c), a implicatura contrafactual é gerada, ou seja, há a implicatura de que Maria não mora em uma casa e não tem cachorro. A seguir, vamos discutir o papel da morfologia para gerar a contrafactualidade. Discutiremos primeiro a morfologia nas orações subordinadas. Em seguida, discutiremos a morfologia nas orações principais.

### 7.2.1 A morfologia das subordinadas nas contrafactuais condicionais do PB

Nas sentenças condicionais contrafactuais, as orações subordinadas aparecem sempre marcadas para o chamado *pretérito imperfeito do subjuntivo* como ilustrado em (7.37). Apesar da gramática tradicional chamar esse tempo de ‘imperfeito’, não estamos considerando que ele possua a semântica de imperfeito. Os motivos são os mesmos que discutimos na seção anterior para as contrafactuais buléticas, a saber: (i) ele não tem a semântica de imperfeito e (ii) ele não está em distribuição complementar com uma forma perfectiva do subjuntivo. Desse modo, os únicos ingredientes que queremos explicar é o passado e o subjuntivo como ilustrados na glosa (7.37a-b).

(7.37) a. Se Maria **morasse** em uma casa (\*ontem/agora/ano que vem), teria cachorro.

morar.PST.SBJV

b. Se Maria **morasse** em uma casa (\*ontem/agora/ano que vem), tinha cachorro.

morar.PST.SBJV

Primeiramente, voltemos a nossa atenção para o passado. Esse passado é claramente falso no sentido dado por Iatridou (2000). Apesar desse tempo ser chamado de passado, a sentença pode ser orientada tanto para o presente quanto para o futuro. Observe que, nas sentenças em (7.37), essa morfologia é compatível tanto com hipóteses de Maria morar em uma casa agora quanto com a hipótese de Maria morar em uma casa ano que vem. Além disso, essa morfologia é chamada de *pretérito*, não é compatível com a hipótese de Maria morar em uma casa no passado como ilustrado através da incompatibilidade dessa morfologia com o advérbio ‘ontem’. Esse é o mesmo fenômeno que ocorre no inglês discutido no capítulo anterior. Vimos também que Arregui (2005) analisa esse passado da subordinada como um exemplo de sequência temporal, ou seja, um tempo zero que só assume a forma de passado por copiar os traços de passado da oração matriz.

Assumiremos essa mesma análise para o PB, ou seja, o tempo que observamos na subordinada é um mero reflexo do tempo da matriz. Observe que, quando a subordinada é orientada para o passado ou para o futuro, o falante recorre respectivamente aos auxiliares perfeito ‘ter’ e de futuro ‘ir’ como ilustrado em (7.38).

(7.38) a. Se Maria **tivesse morado** em uma casa ano passado, ele teria um cachorro.

ter.PST.SBJV

b. Se Maria **fosse morar** em uma casa ano que vem, ela teria um cachorro.

ir.PST.SBJV

Isso parece mostrar que a associação entre a morfologia e a semântica não é tão rígida. O passado no português é normalmente expresso através de flexão verbal e a perífrase ‘ter’ com o verbo no particípio está associada ao aspecto perfeito. No entanto, quando o português não pode usar a flexão verbal para expressar a orientação temporal de passado, ele redesigna a perífrase verbal para que ela cumpra esse propósito. Ao analisar esse tipo de oração no inglês, Iatridou (2000) conclui que essas sentenças possuem dois níveis de passado, um que indica a contrafactualidade e outro que indica a orientação temporal. Podemos replicar essa análise para as sentenças no português em (7.38). A perífrase ‘ter’ com o verbo no particípio seria o primeiro nível de passado, ou seja, aquele que indica a orientação temporal da sentença. Observe que em (7.38), o auxiliar ‘ter’ ocorre no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, ou seja,

essa morfologia de pretérito ainda é necessária e esse seria o segundo nível de passado para indicar a contrafactualidade.

Na seção anterior, assumimos que o subjuntivo era usado quando a sentença estava no escopo de um modal sob o qual a verdade da proposição era avaliada em mundos possíveis diferentes do *Context Set*, ou seja, diferentes do mundo real. Observe que essa explicação não dá conta de explicar o subjuntivo nas condicionais contrafactuais. Lembrando que, para esse tipo de oração, estamos assumindo que tanto a matriz quanto a subordinada estão sob o escopo do modal como ilustrado pela estrutura (7.36). Sendo assim, a verdade de ambas as sentenças é avaliada a partir de mundos diferentes de  $w_0$  e, se esse fosse o critério para o uso do subjuntivo, ambas deveriam aparecer no subjuntivo, mas não é isso que acontece.

Esse fato nos mostra que a morfologia do subjuntivo vai além do estar ou não no escopo de um modal ou mesmo ter ou não a verdade avaliada no mundo real  $w_0$ . Na seção anterior, discutimos que as principais motivações da morfologia presente nas subordinadas são sintáticas, e não semânticas porque, quando o sujeito da subordinada não era preenchido, a sentença poderia ocorrer no infinitivo sem prejuízos semânticos. Agora, vimos que mesmo que a matriz tenha um contexto semântico que licencie o subjuntivo, ele não aparecerá pois ele só é licenciado em orações subordinadas o que mostra que os critérios sintáticos tem prevalência sobre os semânticos. Isso também corrobora a proposta de que o subjuntivo, por si só, não possui contribuição semântica, mas que ele é um mero reflexo de uma semântica já existente na sentença.

Sendo assim, a conclusão que chegamos nessa subseção é que a morfologia de tempo, aspecto e modo na subordinada nas contrafactuais condicionais não possui nenhuma contribuição semântica, da mesma forma que ocorria com as contrafactuais buléticas inalcançáveis. O ‘imperfeito’ seria apenas uma terminologia adotada pela gramática tradicional sem nenhum paralelo com a semântica do morfema. A forma de passado seria um fenômeno de sequência temporal com a matriz e o subjuntivo seria um reflexo da sentença estar em um ambiente subordinado modal no qual a verdade da proposição é avaliada em mundos diferentes de  $w_0$ . O fato da análise adotada nesta seção ser idêntica à que fizemos ao discutir os dados de contrafactuais buléticas mostra que o paralelo morfológico observado nesses dois tipos de oração possui motivações semânticas.

### 7.2.2 A morfologia das sentenças matrizes nas contrafactuais condicionais do PB

Discutiremos agora a morfologia nas matrizes nas contrafactuais condicionais. As matrizes das contrafactuais podem ser marcadas tanto com o *futuro do pretérito* como ilustrado em (7.39a) quanto com o *pretérito imperfeito* como ilustrado em (7.39b).

(7.39) a. Se Maria morasse em uma casa, **teria** um cachorro.

ter.PST.FUT

b. Se Maria morasse em uma casa, **tinha** um cachorro.

ter.PST.IPFV

No início deste capítulo, discutimos a hipótese de como o português está passando por um processo de mudança no qual o futuro do pretérito está sendo substituído pelo pretérito imperfeito. Esse processo de mudança já foi consolidado em condicionais buléticas, mas está em curso nas contrafactuais condicionais como ilustrado em (7.39). Assumimos que o que possibilita essa troca é que ambos o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito possuem o elemento essencial para expressar contrafactualidade, a saber: o passado. É desse passado na matriz que a flexão de passado da subordinada copia os traços morfológicos, ou seja, é ele que possui contribuição semântica e que precisamos explicar.

No capítulo 6, vimos várias propostas que tentam explicar o papel desse passado nas sentenças contrafactuais. O PB não é elucidativo na escolha entre elas porque seu comportamento morfológico poderia ser explicado por qualquer uma dessas propostas. Por exemplo, poderíamos assumir que esse uso do passado em (7.39a-b) é um uso metafórico (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989), ou assumir que esse passado possui uma semântica vaga podendo se referir a intervalos de tempo ou a mundos possíveis (IATRIDOU, 2000), ou ainda assumir que o passado é empregado para interpretar o modal (DUDMAN, 1983; DUDMAN, 1984a; DUDMAN, 1984b; HORNSTEIN, 1993) e que ele se desloca na estrutura sendo interpretado fora da proposição (IPPOLITO, 2002; IPPOLITO, 2003; ARREGUI, 2005) ou amplia os mundos sendo quantificados para além daqueles do *Context Set* (VON FINTEL e IATRIDOU, 2000). As análises que estamos desenvolvendo neste capítulo estão alinhadas com as de Ippolito (2002, 2003), Arregui (2005) e von Fintel e Iatridou (2020) porque, nelas, o passado possui um papel fundamental na estrutura contrafactual. Como

veremos no capítulo 8, apenas isso explica porque o uso de algum morfema que remeta ao passado é comum nas contrafactuais de tantas línguas não relacionadas como o português brasileiro e o Karitiana.

Essas propostas assumem que tempo contribui semanticamente, mas que essa contribuição não é perceptível porque ela ocorre no modal. Para Ippolito (2002; 2003), a flexão de tempo de fato se denota um passado, no entanto, ele é interpretado na relação de acessibilidade. De forma semelhante, a flexão de tempo passado de fato denota um passado para Arregui (2005), no entanto, para ela ele é interpretado na relação de similaridade. Seguimos Arregui (2005) assumindo que o tempo na principal pode servir como parâmetro para deslocar a relação de similaridade para o passado e isso permite que tenhamos acesso a mundos possíveis semelhantes ao atual no passado, mas que tomaram outros rumos que fizeram com que esses mundos fossem diferentes do mundo atual no presente.

Assim, assumiremos que o *pretérito imperfeito* na matriz em (7.39a-b) de fato denota um tempo passado, no entanto, ele não determina a orientação temporal da matriz, mas determina a partir de qual ponto no passado os mundos possíveis sendo quantificado diferem do mundo real. Em relação ao aspecto imperfectivo, observe também que ele aparece esvaziado de significado uma vez que o estado ter não é interpretado como um hábito (*imperfectivo plural*) e nem como uma ação em progresso (*imperfectivo singular*). Como apresentamos no capítulo 4, o PB possui dois tipos de imperfectivo: o sintético que é neutro em relação à quantificação de eventos como ilustrado em (7.40a-b) e o analítico é especializado na expressão de eventualidade no singular denotando uma leitura progressiva como ilustrado abaixo em (7.40c).

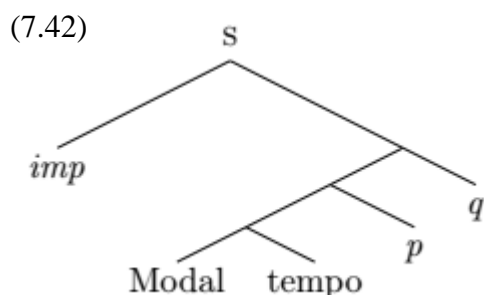
- (7.40) a. João corria (quanto eu cheguei).  
 b. João corria (quando era criança).  
 c. João estava correndo (quando eu cheguei).

Nas sentenças contrafactuais com imperfectivo como (7.39b), o imperfectivo empregado obrigatoriamente é sempre na sua forma sintética. O imperfectivo analítico não é obrigatório e, quando é empregado, sempre contribui semanticamente para a sentença. Por exemplo, (7.41) ilustra que o imperfectivo sempre vai atribuir uma leitura progressiva ao evento independente se a sentença for ou não contrafactual.

- (7.41) a. Se João tem dinheiro, ele **está comprando** uma casa. (não-CF)  
 b. Se João tivesse dinheiro, **estaria comprando** uma casa agora. (CF)  
 c. Se João tivesse dinheiro, **estava comprando** uma casa agora. (CF)  
 d. Se João teve dinheiro, **esteve comprando** uma casa ontem. (não-CF)

No capítulo anterior apresentamos duas propostas que visavam explicar o papel do imperfectivo nas contrafactuais. Em Iatridou (2000), esse aspecto funciona como concordância com o tempo passado e em Ferreira (2014; 2016) esse aspecto se move para uma posição acima do modal e é interpretado fora na proposição da matriz. Iatridou (2000) postula que esse aspecto é uma concordância com tempo ao notar que sempre que o tempo falso é empregado, o aspecto falso também é. No entanto, a autora não motiva essa concordância. Além disso, a proposta da autora não dá conta de explicar por que em uma língua como o PB, que possui duas maneiras de expressar imperfectividade, uma maneira é empregada obrigatoriamente e nunca contribui semanticamente enquanto que a outra é opcional e sempre contribui quando está presente.

Ferreira (2014; 2016) elabora uma proposta de movimento para aspecto baseada nas propostas de Ippolito (2002; 2003) e Arregui (2005).<sup>70</sup> Nessa proposta o aspecto imperfectivo também se move em uma posição acima do modal como ilustrado em (7.44) e sua contribuição semântica não é visível pelo fato do modal ser estativo.



Além disso, o autor assume duas semânticas para o aspecto imperfectivo, uma com evento singular para dar conta da leitura progressiva e outra com evento plural para dar conta da leitura habitual. Nessa proposta, a leitura progressiva que denota evento singular não seria

<sup>70</sup> Apesar de se basear em Ippolito (2002; 2003) e Arregui (2005), o autor não assume explicitamente nenhuma das duas análises. Essa proposta parece se basear mais diretamente na análise de Arregui (2005) uma vez que o aspecto imperfectivo está acima do modal semelhante ao que Arregui (2005) assume para tempo. No entanto, essa é a única semelhança entre as propostas de Ferreira (2014; 2016) e Arregui (2005). O autor não assume que o tempo está acima do modal como feito por Arregui (2005). A posição na qual o autor assume tempo parece estar mais próximo daquilo assumido por Ippolito (2002; 2003), no entanto o autor também não se compromete com uma proposta de tempo sendo interpretado na relação de acessibilidade.

compatível com estados e, como modais são estativos, o progressivo não poderia ser empregado movido acima do modal em contrafactuais. Ao empregar um progressivo, ele deveria ocorrer em sua posição original e então, ele seria interpretado dentro da proposição e sua contribuição semântica sempre estaria visível. A proposta de Ferreira (2014; 2016) explica de maneira consistente os dados do PB. A forma sintética do aspecto imperfectivo pode ter uma leitura habitual ou progressiva sendo assim indeterminado para número de eventos. Por não ser específico nem para singular e nem para o plural, o imperfectivo sintético poderia ocorrer acima do modal. Já a forma analítica só pode ter uma leitura progressiva, ou seja, denota apenas um evento singular.

Uma vez que adotamos a proposta de Arregui para o tempo nas contrafactuais do PB, adotar a proposta de Ferreira (2014; 2016) para aspecto seria vantajoso uma vez que, teríamos no final, uma análise uniforme para as categorias tempo e aspecto. Nessa proposta tanto tempo passado quanto aspecto imperfectivo não especificado para o número de eventos se moveriam para o modal. No entanto, um problema na proposta de Ferreira (2014; 2016) é que o movimento do aspecto parece ser injustificado. No capítulo anterior vimos que, em Ippolito (2002; 2003) e Arregui (2005), o tempo se move por que ele precisa ser interpretado em outro lugar no modal, seja na relação de acessibilidade, seja na relação de similaridade. Sendo assim, as autoras apresentam uma motivação para esse movimento. Além disso, as autoras apresentam dados ambíguos mostrando como o tempo pode ser empregado para determinar a orientação temporal da proposição ou a orientação temporal segundo a qual os mundos possíveis são acessados. Ou seja, além de motivo, há dados que corroboram essa proposta de movimento de tempo para o modal. O mesmo não se pode dizer sobre a proposta de movimento do aspecto imperfectivo. Uma vez que sua semântica não é usada após o movimento, não fica claro porque o aspecto imperfectivo deveria se mover. Não se justifica a necessidade de uma posição para aspecto imperfectivo acima do modal se essa posição não é usada na interpretação. Parece contra intuitivo que em um sistema minimalista, o falante use aspecto imperfectivo em um evento que será interpretado perfectivamente e depois mova esse aspecto para uma outra posição na qual ele não terá absolutamente nenhum papel. Ou seja, apesar da proposta de Ferreira (2014; 2016) dar conta dos dados, ela parece ser *ad hoc* no sentido de que ela parece ser pensada para dar conta dos dados, mas não motivada por outros fatores.

Por fim, o último ingrediente que temos que explicar seria o futuro em (7.41a). Como ilustrado em (7.38), as condicionais contrafactuais estão no escopo de um modal. Arregui

(2005) assume que o verbo modal ‘*woll*’ faz o papel desse modal no inglês. O modal ‘*woll*’ seria uma forma atemporal que seria realizada como ‘*will*’ quando estivesse no presente e ‘*would*’ quando estivesse no passado. As condicionais contrafactuais no inglês seriam sempre marcadas com ‘*would*’ que seria a junção dos dois elementos essenciais para a emergência da implicatura contrafactual: (i) o passado e (ii) o modal.

O Português Brasileiro poderia ser analisado paralelamente ao inglês. O futuro do presente seria equivalente a ‘*will*’, ou seja, um modal orientado para o presente e o futuro do pretérito ‘-ia’ seria equivalente a ‘*would*’, ou seja, um modal orientado para o passado. A semântica desse modal está ilustrada em (7.43). A estrutura estaria ilustrada em (7.44).

$$(7.43) \text{ a. } \llbracket \textit{modal} \rrbracket = \lambda t. \lambda P. \lambda Q. w [w \text{ semelhante a } w_0 \text{ até } t \ \& \ P)(w) \rightarrow Q(w)]$$

EM PALAVRAS: o modal toma um tempo  $t$  como argumento e duas proposições,  $P$  e  $Q$ , e retornará o valor verdadeiro se e somente se, para todo mundo  $w$ ,  $w$  é semelhante ao mundo real  $w_0$  até  $t$  e, se  $P$  for verdadeira em  $w$ ,  $Q$  é verdadeira em  $w$ .

$$\text{b. } \llbracket \textit{passado} \rrbracket = g(i)$$

$$\text{c. } \llbracket \textit{futuro do pretérito} \rrbracket = \llbracket \textit{modal} \rrbracket (\llbracket \textit{passado} \rrbracket)$$

$$\text{c''. } \llbracket \textit{futuro do pretérito} \rrbracket = \lambda P. \lambda Q. w [w \text{ semelhante a } w_0 \text{ até } g(i) \ \& \ P(w) \rightarrow Q(w)]$$

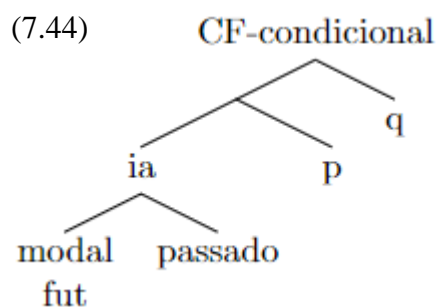
$$\text{d. } \llbracket P \rrbracket = \lambda w. \text{ Maria mora em uma casa em } w$$

$$\text{e. } \llbracket Q \rrbracket = \lambda w. \text{ Maria tem cachorro em } w$$

$$\text{f. } \llbracket \textit{se Maria morasse em uma casa, teria um cachorro} \rrbracket = \llbracket \textit{futuro do pretérito} \rrbracket (\llbracket P \rrbracket) (\llbracket Q \rrbracket)$$



f.  $\llbracket \text{se Maria morasse em uma casa, teria um cachorro} \rrbracket =$   
 $1 \text{ sse para todo } w [w \text{ é semelhante a } w_0 \text{ até } g(i) \ \& \ \text{se Maria mora em uma casa}$   
 $\text{em } w \rightarrow \text{Maria tem cachorro em } w]$



No inglês, o modal ‘*will*’ é comumente usado para expressar futuro. Arregui (2005) assume que ‘*will*’ é o *spell out* do elemento modal nas condicionais contrafactuais. Em nossa análise do futuro do pretérito, ilustrada em (7.43) e (7.44), assumimos uma postura semelhante à da autora um vez que atrelamos o sentido do modal ao ingrediente futuro. No entanto, como discutimos em diversos pontos desta tese, a nossa proposta é que *o futuro do pretérito* está sendo substituído pelo *pretérito imperfeito* como ilustrado em (7.39a-b). Se o futuro é um *spell out* do modal em (7.43a), resta explicar como ocorre a substituição por uma morfologia sem futuro sem alterar o valor de verdade das sentenças. Assumiremos que, nesses casos, o modal que faz a quantificação universal sobre mundos possíveis nas condicionais não tem um correspondente morfológico à la von Stechow (1994), mas que a derivação ocorre como ilustrado em (7.45) chegando às mesmas condições de verdade.

## 7.4 Recapitulando

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma análise para a morfologia de tempo, aspecto e modo nas contrafactuais do PB. As nossas considerações estão resumidas na seguinte tabela:

<b>Subordinada</b>	<i>Passado</i>	Seguimos Arregui (2005) e assumimos que o tempo passado é um tempo zero sem nenhuma semântica que apenas mimetiza a morfologia de tempo passado da sentença matriz.
	<i>Imperfectivo</i>	Assumimos que não há imperfectivo na subordinada. Apesar dos tempos usados nas subordinadas das contrafactuais ter derivado historicamente de formas de aspecto imperfectivo, não há evidência que mostre que esse o aspecto imperfectivo tenha sido preservado historicamente.
	<i>Subjuntivo</i>	Assumimos que o subjuntivo é selecionado em subordinadas nas quais a verdade da proposição denotada pela subordinada é avaliada em mundos possíveis diferentes do atual.
<b>Matriz</b>	<i>Passado</i>	Trabalhamos especificamente com a proposta de Arregui (2005) e assumimos que o passado determina uma parte do passado para que a relação de similaridade entre o mundo atual e os mundos possíveis sendo quantificados.
	<i>Imperfectivo</i>	Seguimos Iatridou (2000) e assumimos que o imperfectivo não contribui semanticamente.
	<i>Futuro</i>	Quando o <i>futuro do pretérito</i> é selecionado, assumimos que o futuro opera como o modal. Quando o <i>pretérito imperfeito</i> é selecionado, assumimos que o modal ocorre de maneira coberta.

Como pode ser observado na tabela acima, assumimos que a morfologia na oração subordinada nunca contribui semanticamente e está presente puramente por razões sintáticas. Em relação à morfologia na matriz, assumimos que os elementos que contribuem semanticamente são o passado e um modal que é o futuro quando a morfologia selecionada é o futuro do pretérito e um modal coberto quando a morfologia selecionada é o pretérito imperfeito.

Essa proposta de que para as contrafactuais só é necessário um modal e um morfema que remeta ao passado está de acordo com a proposta que faremos no próximo capítulo para a análise do Karitiana. Através desse paralelo linguístico que ocorre entre essas duas línguas não relacionadas e com características morfológicas distintas, poderíamos cogitar que esses elementos (i.e., o modal e o passado) poderiam até ter um status de universal semântico sendo

necessários para expressar contrafactualidade em todas as línguas. Partimos agora para a discussão do Karitiana.



## CAPÍTULO 8 - CONTRAFACTUAIS EM KARITIANA

---

Este capítulo investiga a morfologia de tempo, aspecto e modo na língua Karitiana. A análise do tempo no Karitiana segue Ferreira & Müller (2019) e argumentaremos que a morfologia das orações subordinadas das CFs nessa língua corroboram a proposta feita no capítulo anterior para o PB de que a morfologia das subordinadas não contribuem semanticamente feita no capítulo anterior. Já nas orações matrizes, a morfologia modal e a morfologia temporal são obrigatórias, mas a morfologia aspectual não. A análise do comportamento da morfologia temporal/aspectual segue principalmente a proposta de Arregui (2005).

### 8.1 Contrafactuais buléticas em Karitiana

Nesta seção, descreveremos as contrafactuais buléticas da língua Karitiana. A língua Karitiana possui um sistema de expressão de desejos bastante complexo. Havia poucos dados disponíveis na literatura e a língua conta com apenas com uma descrição superficial de seu sistema bulético feito em Ferreira (2020). Desse modo, foi necessário entendermos primeiro como o sistema de expressão de desejos se realizava nessa língua antes de investigar a contrafactualidade *per se*. Esta seção está organizada em três subseções. A primeira subseção apresenta uma descrição das estruturas que a língua Karitiana emprega para expressar desejos; A segunda discute as subordinadas das construções contrafactuais buléticas e argumenta que a ausência de morfologia nesses ambientes corrobora a análise apresentada no capítulo anterior de que a morfologia da subordinada não contribui semanticamente e; A terceira discute a morfologia da oração principal e sua contribuição para a expressão de contrafactualidade.

#### 8.1.1 As estruturas buléticas do Karitiana

Na língua Karitiana, o principal verbo usado para expressar desejos na língua é *pyting*. Esse verbo pode aparecer em dois tipos de construção: uma com e outra sem a cópula. A estrutura mais comum em nossos dados com *pyting* foi construção de cópula. Nessa

construção, o verbo aparece junto com a cópula e os morfemas de modo e tempo aparecem na cópula e não no verbo principal como ilustrado em (8.01), (8.02) e (8.03).<sup>71</sup>

(8.01)	<i>Maria naakat</i>	<b><i>ipyting</i></b>	[ <i>José kyy gooj Antônio</i>
	Maria Ø-na-aka-t	i-pyting	[José para gooj Antônio
	Maria 3-DECL-COP-NFUT	3-querer	[José para carro Antônio
	<i>vendety]</i>		
	vende]-ty		
	vender]-OBL		
	‘Maria quer que Antônio venda o carro para José.’		

QB.EK.06.02.2018

(8.02)	<i>Maria naakat</i>	<b><i>ipyting</i></b>	[ <i>mercadopip José ip</i>
	Maria Ø-na-aka-t	i-pyting	[mercado-pip José ip
	Maria 3-DECL-COP-NFUT	3-querer	[mercado-de José peixe
	<i>tatarakaty.]</i>		
	tataraka]-ty		
	trazer]-OBL		
	‘Maria quer que José traga peixe do mercado’		

QB.CK5.05.02.2018

(8.03)	<i>Maria naakat</i>	<b><i>ypyting</i></b>	<i>ipity</i>
	Maria Ø-na-aka-t	y-pyting	ipi-ty
	Maria 3-DECL-COP-NFUT	3-querer	peixe-OBL
	‘Maria quer peixe’		

QB.CK4.05.02.2018

Como exemplificado nos dados acima, a preferência do falante na construção de cópula é pela ordem sujeito, cópula, verbo e objeto/oração subordinada. Apesar de portar a morfologia de modo e tempo, a cópula parece poder ser elidida sem prejuízos semânticos como ilustrado em (8.04) e (8.05).

<sup>71</sup> Para saber mais sobre as construções de cópula do Karitiana, ver o trabalho de Dias (2019).

- (8.04) *José ipyting [mercado piri ip tatarakaty]*  
 José i-pyting [mercado piri ip tataraka]-ty  
 José 3-querer [mercado do peixe trazer]-OBL  
 ‘José quer trazer peixe do mercado.’

QB.EK.06.02.2018

- (8.05) *José ipyting [mercado piri carne tatarakaty]*  
 José i-pyting [mercado piri carne tataraka]-ty  
 José 3-querer [mercado do carne trazer]-OBL  
 ‘José quer trazer carne do mercado.’

QB.EK.06.02.2018

Apesar das construções da maioria dos nossos dados com verbo ‘*pyting*’ estar na construção de cópula, essa não é a única construção possível para esse verbo. Ele também pode aparecer portando a flexão de modo. Nesses casos, a preferência do falante é pela ordem objeto/oração subordinada, verbo e sujeito como ilustrado em (8.06), (8.07) e (8.08).

- (8.06) [*Antônio gojoty José amyty napyting*]  
 [Antônio gojo-ty José amy]-ty Ø-na-pyting-Ø  
 [Antônio carro-OBL José comprar]-OBL 3-DECL-querer-NFUT  
*Maria*  
 Maria  
 Maria  
 ‘Maria quer que José compre o carro do Antônio.’

QB.EK.06.02.2018

- (8.07) [Antônio      *mototy*      José    *amyty*]      *napyting*  
 [Antônio      moto-ty      José    amy]-ty      Ø-na-pyting-Ø  
 [Antônio      moto-OBL      José    comprar]-OBL 3-DECL-querer-NFUT  
*Maria*  
 Maria  
 Maria  
 ‘Maria quer que José compre a moto do Antônio.’

QB.EK.06.02.2018

- (8.08) ‘*Ipity*      *napyting*      *Maria*  
 ‘*Ipity*      Ø-na-pyting-Ø      Maria  
 peixe-OBL      3-DECL-querer      Maria  
 ‘Maria quer peixe’

QB.CK5.05.02.2018

Uma vez que ‘pyting’ foi forma mais frequente que os Karitiana empregaram para expressar esse tipo de modalidade, consideramos ele como o principal mecanismo linguístico de expressão de modalidade bulética no Karitiana. Logo, assumimos que, salvo as diferenças morfológicas entre as línguas, sua semântica seria equivalente ao ‘*want*’ no inglês e ao ‘querer’ no português analisado no capítulo anterior. Sendo assim, ‘*pyting*’ seria um verbo de atitude proposicional que expressa modalidade bulética fazendo uma quantificação universal sobre mundos possíveis acessíveis a partir dos desejos do sujeito. A semântica que assumiremos para ‘*pyting*’ está ilustrada em (8.09).

- (8.09)  $\llbracket \textit{pyting} \rrbracket^w = \lambda p. \lambda x. B(x)(w) \subseteq p$

EM PALAVRAS: ‘*pyting*’ é uma função que toma dois argumentos, uma proposição  $p$  e um indivíduo  $x$ , e retorna que o conjunto dos mundos dos desejos  $B$  do indivíduo  $x$  no mundo da enunciação  $w$  é um subconjunto dos mundos denotados pela proposição  $p$ .

Além do verbo ‘pyting’, a língua Karitiana possui o morfema desiderativo *-wak* ilustrado em (8.10). Consideramos que a semântica de *-wak* é bem parecida com a de ‘*pyting*’, ou seja, ele também realiza uma quantificação universal sobre mundos possíveis acessíveis a





- (8.12) *Maria ipy'eep* [Antônio mototy José amyty]  
 Maria i-py'eep [Antônio moto-ty José amy]-ty  
 Maria 3-não.querer [Antônio moto-OBL José comprar]-OBL  
 'Maria quer que o José não compre a moto do Antônio.'

QB.EK.06.02.2018

- (8.13) *José ipy'eep* [mercado piri him tatarakaty]  
 José i-py'eep [mercado piri him tataraka]-ty  
 José 3-não.querer [mercado de carne trazer]-OBL  
 'José não quer trazer carne do mercado.'

QB.EK.06.02.2018

Observe nos exemplos acima que o verbo '*py'eep*' não aparece com morfologia de modo. Há três análises possíveis para as estruturas acima: (i) o verbo '*py'eep*' expressa apenas modalidade bulética, a semântica de das sentenças (8.12) e (8.13) serem estruturas negativas nas quais a negação '*padni*' está elidida; (ii) trata-se afirmativa e a negação é expressa lexicalmente por '*py'eep*', ou seja, esse é um verbo bulético especializado em modalidade bulética negativa. Exploraremos essas duas opções a seguir.

Como vimos no capítulo 5, na língua Karitiana, o modo declarativo *na(ka)-/ta(ka)-* não é usado nas orações negativas. Nesses contextos, o item lexical '*padni*', que é o item lexical que exprime negação, pode ser suprimido sem prejuízos semânticos uma vez que a ausência da morfologia de modo declarativo já indicaria que se trata de uma negação. Sendo assim, a primeira possibilidade é que o verbo '*py'eep*' é um verbo bulético semelhante a '*pyting*' e a semântica de negação observada em (8.12) e (8.13) é devido ao fato dessas serem estruturas negativas nas quais a negação '*padni*' está elidida. No entanto, testes posteriores mostraram que essa análise não está correta. Se esta análise estivesse correta, os falantes deveriam aceitar tanto as versões das sentenças em (8.12) e (8.13) com a negação elidida quanto a versão com a negação '*padni*' aparecendo explicitamente na sentença. No entanto, apresentamos as mesmas sentenças em outras elicitções para consultores diferentes, dessa vez, com o verbo '*py'eep*' coocorrendo explicitamente com '*padni*'. Os consultores não aceitaram a sentença como ilustrado em (8.14).

- (8.14) \**Maria ipy'eep padni Antônio mototy José amyty*  
 Maria i-py'eep padni Antônio moto-ty José amy-ty  
 Maria 3-não.querer NEG Antônio moto-OBL José comprar-OBL  
 'Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.'

QGC.CK7.17012020

Isso corrobora a nossa análise de que '*py'eep*' é um verbo bulético negativo. Acreditamos que a rejeição das sentenças com '*padni*' ocorra devido ao fato de as semânticas de '*padni*' e '*py'eep*' serão ambas negativas o que dificultaria o processamento da sentença. Esse *crash* seria equivalente a falamos 'Maria não quer não ter cachorro' em português que, apesar de não ser gramatical, a presença da dupla negação a torna não natural. Se a sentença não é uma negação, resta explicar a ausência do modo declarativo observado nessas sentenças. Exploramos duas possibilidades: (i) (8.12) e (8.13) são construções de cópula nas quais a cópula está elidida e (ii) o modo declarativo é sensível a semântica negativa do verbo '*py'eep*' e, por esse motivo, não ocorre com esse verbo.

Argumentaremos que a ausência do modo declarativo em (8.12) e (8.13) se deve ao fato dessas sentenças serem estruturas de cópula na qual a cópula foi elidida. Uma evidência para essa análise é que apresentamos as estruturas novamente para outros consultores em outra elicitación mas, desta vez, com a cópula presente como ilustrado em (8.15) e eles marcaram a sentença como boa em Karitiana.

- (8.15) *Maria naakat ipy'eep Antônio Mototy José amyty*  
 Maria Ø-na-aka-t i-py'eep Antônio moto-ty José amy-ty  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-não.querer Antônio moto-OBL José comprar-OBL  
 'Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.'

QGC.CK7.17012020

Na semântica formal, tanto a negação quanto os modais são operadores. A negação denota o operador  $\neg$  cuja operação é indicar que aquilo que está sob seu escopo não é verdadeiro. O modal expressa uma quantificação sobre mundos possíveis que, como vimos no capítulo 3, pode ser existencial ( $\exists$ ) ou universal ( $\forall$ ). Como vimos, os verbos de atitude proposicional como 'querer' expressam uma quantificação universal ( $\forall$ ) sobre mundos possíveis acessíveis a partir dos desejos do sujeito. Quando temos esses dois operadores em

uma sentença, leituras diferentes podem ser geradas a depender do escopo entre esses operadores. Por exemplo, em (8.16), a negação está no escopo no modal e a leitura gerada é que Joana tem o conhecimento de que Maria não tem um cachorro, ou seja, em todos os mundos possíveis acessíveis a partir das evidências que Joana tem, Maria não tem cachorro. Por outro lado, em (8.17), o modal está no escopo da negação e a leitura gerada é diferente. Nesta sentença, Joana não tem informações suficientes para afirmar se que Maria tem ou não um cachorro, ou seja, em alguns dos mundos possíveis acessíveis a partir das evidências que Joana tem, Maria tem cachorro e, em outros mundos possíveis, Maria não tem cachorro.

(8.16) a. Joana **sabe** que Maria **não** tem um cachorro,

b.  $\forall w [\neg p(w)]$

(8.17) a. Joana **não sabe** que Maria tem um cachorro.

b.  $\neg \forall w [p(w)]$

Uma vez que ‘*py’eeep*’ expressa tanto modalidade bulética quanto o sentido negativo, uma questão semântica relevante é qual o escopo entre esses operadores.<sup>72</sup> Se o modal tiver escopo sobre a negação ( $\forall w [\neg p(w)]$ ), o verbo ‘*py’eeep*’ expressaria que em todos os mundos possíveis acessíveis a partir dos desejos, a proposição *p* não é verdadeira nesses mundos possíveis, ou seja, o sujeito não quer que *p* seja verdade. Por outro lado, se a negação tiver escopo sobre o modal  $\neg \forall w [p(w)]$ , o verbo ‘*py’eeep*’ expressaria que não é verdade que em todos os mundos possíveis acessíveis a partir dos desejos, a proposição *p* é verdadeira, ou seja, em alguns dos mundos ela é verdadeira e em outros ela não é verdadeira. Se ‘*py’eeep*’ tivesse essa leitura, o sujeito seria indiferente a proposição *p*, nem querendo que ela fosse verdadeira e nem querendo que ela fosse falsa.

A leitura proeminente em nossos questionários era sempre a primeira na qual o sujeito não quer que algo aconteça, isto é, aquela na qual o modal tem escopo sobre o operador ( $\forall w [\neg p(w)]$ ). No entanto, fizemos alguns testes extras para definir se era possível a segunda leitura, ou seja, aquela na qual o sujeito é indiferente. Esses testes mostraram que a única leitura possível para esse verbo é a primeira. Por exemplo, em (8.18), apresentamos a sentença (7.15) para outro informante testando se a leitura de indiferença estava disponível

<sup>72</sup> Agradecemos ao professor Marcelo Ferreira por ter apontado essas possíveis leituras em uma reunião.

para ‘*py’eeep*’. Como pode ser observado, o consultor afirma que Maria ficará extremamente brava, ou seja, que ela não é indiferente à compra da moto. De acordo com esses resultados, propomos que a semântica de ‘*py’eeep*’ seja a ilustrada em (8.19).

- (8.18) **Linguista:** Suponha que José está planejando comprar uma moto. Aí, alguém na aldeia te fala o seguinte: ‘Maria naakat ipy’eeep Antônio mototy José amyty’. Se o Jo’se comprar a moto, você acha que Maria vai ficar brava?’

**Consultor:** Muito brava mesmo. É capaz até de capar ele.

$$(8.19) \llbracket py'eeep \rrbracket^w = \lambda p. \lambda x. B(x)(w) \cap p = \emptyset$$

EM PALAVRAS: ‘*py’eeep*’ toma como argumento uma proposição *p* e um indivíduo *x* retorna que a interseção entre os mundos possíveis acessíveis a partir dos desejos de *x* no mundo da enunciação *w* com os mundos possíveis denotados pela proposição *p* é vazia.

No entanto, o fato da língua Karitiana ter um verbo exclusivo para expressar modalidade bulética negativa não bloqueia a possibilidade de ‘*pyting*’ e *-wak* ocorrerem com a negação como ilustrado em (8.20), (8.21) e (8.22).

- (8.20) *Ipyting*      *padni himty*      *José*  
 I-pyting      *padni him-ty*      José  
 3-querer      NEG      carne-OBL      José  
 ‘José não quer carne.’

QB.CK4.05022018

- (8.21) *Ipyting*      *padni*      *Maria [Antônio gojoty*      *José*      *amyty]*  
 I-pyting      *padni*      *Maria [Antônio gojo-ty*      José      amy]-ty  
 3-querer      NEG      *Maria [Antônio carro-OBL*      José      comprar]-OBL  
 ‘Maria não quer que José compre o carro do Antônio.’

QB.EK.06022018

(8.22)	<i>Ivendewaka</i>	<i>padni Antônio</i>	<i>gojo José</i>	<i>kyyn</i>
	I-vende-wak-a	padni Antônio	gojo José	kyyn
	3-vender-DES-VE	NEG Antônio	carro José	para

‘Antônio não quer vender o carro para José’

QB.EK.06022018

Esta subseção discutiu algumas estruturas buléticas na língua Karitiana. Essa não é uma lista exaustiva, mas nos limitamos às três principais formas que nossos consultores empregaram para expressar desejos na língua. Como afirmamos no capítulo anterior, a implicatura de contrafactualidade das construções contrafactuais buléticas não é gerada por nenhuma morfologia específica, mas pelo próprio verbo modal. Em nossa explicação, o raciocínio que o falante faz é que, se estamos considerando a verdade da proposição nos mundos possíveis dos desejos, é porque ela não deve ser verdadeira no mundo real. Sendo assim, a implicatura contrafactual poderia ser gerada em qualquer um dos itens descritos nesta subseção. No entanto, para discutir contrafactualidade, focaremos no verbo ‘*pyting*’ uma vez que ele é o mais comum em nossos dados e parece ser o equivalente ao ‘querer’ no português e ao ‘*want*’ do inglês.

### 8.1.1 As orações subordinadas das contrafactuais buléticas

Esta subseção discute as orações subordinadas das construções contrafactuais buléticas. Diferente do que ocorre no português brasileiro, as subordinadas do Karitiana não possuem morfologia de tempo e modo como ilustrado em (8.06) repetido abaixo como (8.23).

(8.23)	<i>[Antônio</i>	<i>gojoty</i>	<i>José amyty]</i>	<i>napyting</i>
	[Antônio	gojo-ty	José amy]-ty	∅-na-pyting-∅
	[Antônio	carro-OBL	José comprar]-OBL	3-DECL-querer-NFUT

*Maria*  
*Maria*  
*Maria*

‘Maria quer que José compre o carro do Antônio.’

QB.EK.06.02.2018

Há duas análises disponíveis na literatura para explicar a ausência da marcação morfológica nesses ambientes. A primeira assume que as orações subordinadas em Karitiana não possuem todas as projeções sintagmáticas, mas projetam até AspP, desse modo, os núcleos TP e CP não estariam disponíveis nesse tipo de oração (STORTO, 1999; 2012).<sup>73</sup> Uma outra linha analítica é a de que essas orações não possuem morfologia de tempo e modo por se tratarem de orações nominalizadas (VIVANCO, 2018). Vivanco (2018) apresenta dois motivos para justificar a análise das orações em Karitiana como nominalizações. O primeiro é que é extremamente comum nas línguas do tronco Tupi que as subordinadas sejam todas sentenças nominalizadas, sendo assim, o fato dessas orações serem nominalizações em Karitiana refletiria o padrão observado nesse tronco linguístico. O segundo argumento que a autora dá é o fato dessas orações receberem marcação de caso oblíquo que é comum no sintagma nominal. Por exemplo, a sentença (8.24) ilustra que, quando ‘*pyting*’ toma como argumento um nome como ‘*ip*’ (‘peixe’), esse argumento é marcado com o caso oblíquo *-ty*. No entanto, quando esse verbo toma como argumento uma oração como ‘*Antônio mototy José amy*’ (‘José comprar a moto de Antônio’), a sentença também é marcada pelo caso oblíquo *-ty* que aparece na periferia direita da sentença como ilustrado em (8.25). Isso nos mostra que o verbo ‘*pyting*’ em Karitiana trata seus complementos nominais da mesma forma que os seus complementos nominais e corrobora a visão que, na verdade, ambos são complementos nominais. Desse modo, uma tradução mais literal da sentença em (8.25) seria ‘Maria não quer a compra da moto do Antônio pelo José’

(8.24)	<b><i>Ipity</i></b>	<i>napyting</i>	<i>Maria</i>
	<b><i>Ipity</i></b>	$\emptyset$ -na-pyting- $\emptyset$	Maria
	<b>peixe-OBL</b>	3-DECL-querer	Maria
	‘Maria quer peixe’		

QB.CK5.05.02.2018

<sup>73</sup> AspP = Sintagma Aspectual, TP = Sintagma Temporal e CP = Sintagma Complementizador.

(8.25)	<i>[Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amyty]</i>	<i>napyting</i>
	<b>[Antônio</b>	<b>moto-ty</b>	<b>José</b>	<b>amy]-ty</b>	∅-na-pyting-∅
	<b>[Antônio</b>	<b>moto-OBL</b>	<b>José</b>	<b>comprar]-OBL</b>	3-DECL-querer-NFUT
	<i>Maria</i>				
	Maria				
	Maria				
	‘Maria quer que José compre a moto do Antônio.’				

QB.EK.06.02.2018

Uma questão que essa análise levanta é se o fato do complemento de ‘*pyting*’ ser uma oração nominalizada muda a análise semântica que apresentamos em (8.09) uma vez que, de acordo com essa análise, ‘*pyting*’ toma como argumento uma proposição e, se a oração em Karitiana está nominalizada, pode ser que ela não denote uma proposição, mas sim, uma entidade. Ferreira (2020) argumenta que, apesar do complemento dessas orações estar nominalizado, que essa nominalização é semanticamente vácuca em Karitiana, ou seja, ela não altera a semântica das orações subordinadas. Dessa forma, manteremos a análise de ‘*pyting*’ ilustrada em (8.09).

Uma vez que o Karitiana não possui morfologia de tempo nas orações subordinadas das construções contrafactuais com o verbo ‘*pyting*’, uma pergunta que devemos responder é como essa língua determina a orientação temporal das orações subordinadas dessa construção. Storto (2012) assume que a orientação temporal das subordinadas é dominando pelo nó aspectual uma vez que, na análise da autora, essas orações possuem a projeção AspP. Como discutimos no capítulo 5, o Karitiana possui o aspecto perfeito ‘*byyk*’. A nossa hipótese inicial era de que, quando a orações subordinada não aparecesse com um auxiliar aspectual, que a leitura *default* seria de que a orientação daquilo que se deseja é simultânea ou posterior ao intervalo no qual o desejo perdura e que, para marcar a orientação temporal de passado, que a língua faria uso do auxiliar aspectual de perfeito ‘*byyk*’. Se ela hipótese se confirmasse, o Karitiana se comportaria de maneira semelhante ao português cuja flexão de tempo no verbo foi analisada como semanticamente vácuca e, nesses contextos, a interpretação é de que a eventualidade é simultânea (presente) ou posterior (futuro) ao intervalo no qual os desejos perduram e a construção ‘*ter*’ mais participio, que denota o aspecto perfeito no português, é usada para expressar quando a sentença é orientada para o passado. No entanto, essa hipótese não se confirmou. Em nossos testes, os consultores não empregaram o perfeito ‘*byyk*’ para



distinguir leituras de presente e passado como nas orações subordinadas como ilustrado em (8.26), (8.27), (8.28) e (8.29).

- (8.26) **Contexto:** João tem uma moto. Ontem, ele precisava de dinheiro e ofereceu a moto para várias pessoas para saber se elas tinham interesse em comprar, mas ninguém quis comprar a sua moto.

*Koot napyting [João tamoto vende]ty*  
 koot Ø-na-pyting-Ø [João ta-moto vende]-ty  
 ontem 3-DECL-querer-NFUT [João 3.ANAF-moto vender]-OBL  
 ‘João queria ter vendido a sua moto ontem.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.27) **Contexto:** A mãe de José morreu ano passado. Ele sente muito a falta dela e sempre pensa que se ela estivesse viva, eles poderiam ter aproveitado mais.

*Ipyting padni José [tati popoty] oti*  
 i-pyting padni José [ta-ti pop-o]-ty oti  
 3-querer NEG José 3.ANAF-mãe morrer-VE]-OBL mês  
*kokotop po-pip*  
 passado-em  
 ‘José não queria que sua mãe tivesse morrido mês passado.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.28) **Contexto:** O pai da Laura morreu. Ele sempre concertava quando quebrava algo dentro de casa. Agora, a geladeira dela quebrou e ela imaginou que se ele estivesse vivo, concertaria a geladeira para ela.

Taket	tasyp	akaty	napyting	Laura kabm
taket	ta-syp	aka-ty	∅-na-pyting-∅	Laura kabm
vivo	3.ANAF-pai	COP-OBL	3-DECL-querer-NFUT	Laura agora

‘Laura queria que seu pai estivesse vivo agora.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.29) **Contexto:** Teve uma viagem para Brasília ontem sobre educação e todos os professores das aldeias foram. Luiz Carlos não pode ir porque Maria de Fátima ficou doente. Ele ficou triste de não poder ter viajado junto com os outros professores.

<i>Koot</i>	<i>napyting</i>	<i>Luiz Carlos</i>	<i>[ta'iriso</i>	<i>tyyt</i>	<i>Brasilia pip</i>
Koot	∅-na-pyting-∅	Luiz Carlos	ta'iriso	tyyt	Brasilia pip
Ontem	3-DECL-querer-NFUT	Luiz Carlos	professores	com	Brasília para

*tatata]ty*  
*tatat-a]-ty*  
*ir-VE]-OBL*

‘Luiz Carlos queria ter ido para Brasília ontem com os outros professores.’

QEB.CK7.26.01.2022

A nossa proposta é que a diferença observada entre o português e o Karitiana é um reflexo de como essas línguas organizam a morfologia do seu sistema temporal. Como o português brasileiro é uma língua do sistema passado vs. não passado, marcar a distinção entre as orientações temporais de presente e passado é fundamental nessa língua. Sendo assim, quando a flexão de tempo não está disponível, o português usa o aspecto perfeito para que ainda seja possível fazer a distinção entre as orientações temporais de presente e passado. O Karitiana é uma língua que pertence ao sistema futuro vs. não-futuro. Sendo assim, marcar a distinção entre a orientação presente e passado não é relevante para essa língua, mesmo que

ela possua essas duas semânticas como vimos no capítulo 5. Sendo assim, o fato do Karitiana não diferenciar as orientações de presente e passado na subordinada é um reflexo na maneira geral como essa língua estrutura a marcação de tempo. Observe que o Karitiana opta pela não marcação mesmo possuindo um mecanismo disponível para fazê-la, a saber, o perfeito ‘*byyk*’.

O único morfema que consistentemente é empregado nesse tipo de oração é o morfema oblíquo *-ty* como pode ser observado de (8.26) a (8.28). Esse morfema é um marcador de caso oblíquo na língua que ocorre no sintagma nominal para marcar que o objeto não é um argumento do verbo. Ele ocorre nas orações com ‘*pyting*’ uma vez que esse verbo em Karitiana é um verbo intransitivo, ou seja, o sujeito é o único argumento. Sendo assim, o objeto seria um argumento na estrutura e isso desencadearia a marcação de caso oblíquo. Isso não se limita ao verbo ‘*pyting*’ e outros verbos dessa língua são intransitivos e seus objetos são marcados com caso oblíquo, mas quando traduzidos para o português, a tradução é de um verbo transitivo. Esse é o caso do verbo ‘*so’oot*’ que marca seus objetos com caso oblíquo como ilustrado em (8.30).

(8.30)	<i>Õwã</i>	<i>naakat</i>	<i>iso’oot</i>	<i>pikomty.</i>
	õwã	∅-na-aka-t	i-so’oot-∅	pikom-ty
	criança	3-DECL-COP-NFUT	3-ver-ADV	macaco-OBL
	‘A criança viu o macaco.’			

(ROCHA, 2017, p. 52)

Sendo assim, para além do caso oblíquo, não houve nenhum fenômeno morfossintático nas subordinadas das contrafactuais buléticas do Karitiana de interesse para esta tese uma vez que essas sentenças não possuem marcação modal e temporal e o aspecto não foi empregado para determinar a orientação temporal dessas sentenças. Partiremos agora para a descrição da oração matriz.

### 8.1.2 As orações matrizes das contrafactuais buléticas

Nas orações matrizes das contrafactuais buléticas, o verbo ‘*pyting*’ aparece com morfologia de tempo e modo. A morfologia modal em nossos dados foi sempre o modo declarativo *na-*, exceto nas construções de cópula com a cópula elidida e nas orações negativas como discutido no capítulo anterior. O tempo que ocorre nesse verbo pode ser tanto

o não-futuro com leitura de presente, como em (8.31), ou com leitura de passado, como em (8.32), quanto o futuro, como em (8.33).

(8.31) **Contexto:** Elivar está procurando um cachorro para proteger a casa em Porto Velho.

<i>Elivar naakat</i>	<i>ipyting</i>	<i>obaky by'ednaty</i>
Elivar Ø-na-aka-t	i-pyting	obaky by'ednaty
Elivar 3-DECL-COP-NFUT	3-querer	cachorro

'Elivar quer ter um cachorro.'

QEB.CK7.26.01.2022

(8.32) **Contexto:** Quando morava na aldeia, Elivar queria ter um cachorro. Mas agora que mora na cidade, não quer mais.

<i>Akam ta'a tyki'oot</i>	<i>napyting</i>	<i>Elivar obaky by'ednaty</i>
akam ta'a tyki'oot	Ø-na-pyting-Ø	Elivar obaky by'ednaty
aldeia viver quando	3-DECL-querer -NFUT	Elivar cachorro

'Elivar queria ter tido um cachorro quando morava na aldeia.'

QEB.CK7.26.01.2022

(8.33) **Contexto:** Você acha que Elivar deveria ter um cachorro para proteger a casa, mas Elivar diz que não quer ter um cachorro agora. Você acha que ele vai mudar de ideia depois que roubarem a casa dele.

<i>Taabi</i>	<i>pynpytadn</i>	<i>tykiri napytingi</i>	<i>Elivar</i>
ta-abi	pynpytadn	tykiri Ø-na-pyting-i	Elivar
3.ANAF-casa roubar		depois 3-DECL-querer -FUT	Elivar

*obaky by'ednaty*  
obaky by'ednaty  
cachorro

'Depois que roubarem a casa dele, Elivar vai querer ter um cachorro.'

QEB.CK7.26.01.2022

Como discutimos no capítulo 6, as línguas podem distinguir as contrafactuais buléticas em dois tipos: (i) as de desejos alcançáveis e (ii) as de desejo inalcançáveis. A nossa hipótese inicial era de que o Karitiana distinguiria esses dois tipos de construção, ou através de um verbo diferente, como ocorre com ‘*wish*’/‘*want*’ no inglês, ou através de morfologia verbal, como ocorre com ‘quer’/‘queria’ no português, ou até mesmo por meio de outro recurso gramatical específico da língua Karitiana. As nossas primeiras coletas revelaram que a língua Karitiana é semelhante ao português e ao Grego moderno porque ela usa o mesmo verbo para desejos alcançáveis e desejos inalcançáveis. Os consultores empregaram o verbo ‘*pyting*’ para expressar desejos alcançáveis como ilustrado em (8.31), (8.32) e (8.33) no qual é plenamente compatível com a realidade Elivar ter um cachorro. Esse mesmo verbo foi empregado para expressar desejos inalcançáveis como em (8.27) e (8.28) no qual os pais dos sujeitos já morreram e isso é algo que não se pode mudar de modo que os desejos expressos por essas sentenças são inalcançáveis. Da mesma forma, o sujeito tem o desejo em (8.29) de participar de uma viagem que já aconteceu, e não é possível voltar no tempo para mudar esse fato.

Como vimos nos capítulos 6 e 7, o português brasileiro e o grego moderno empregam o mesmo verbo e distinguem buléticas de desejos alcançáveis e inalcançáveis através de morfologia. Logo, a nossa expectativa foi de que o mesmo ocorresse em Karitiana. Em alguns contextos de desejos inalcançáveis, o verbo ‘*pyting*’ apareceu associado ao sufixo ‘*oom*’ como ilustrado em (8.34). O sufixo ‘*oom*’ é classificado por Storto (2002) como um morfema dubitativo. Segundo a autora, o morfema –‘*oom*’ que observamos em dados como (8.34) introduz o sentido de ‘fingir fazer x’ ou ‘fazer x com o objetivo de causar surpresa’ como ilustrado em (8.35).

(8.34) **Contexto:** Seus amigos te chamaram para ir para o bar ontem. Mas você não tinha dinheiro. Eles foram sem você e disseram que se divertiram muito. Você se sente mal por não ter podido ir. Como você diz “Eu queria ter tido dinheiro ontem”.

a.	Koot	ypyp	dinheiro	akaty	<b>ytapytingoom'</b>	yn
	koot	y-pyp	dinheiro	aka-ty	y-ta-pyting- <b>oom'</b>	yn
	ontem	1S-POS	dinheiro	COP-OBL	1S-DECL-querer-DUB	1S

‘Eu queria ter estado com dinheiro ontem.’

PTM.MK.10.07.2019

Mesmo contexto, como você diz “Eu queria ter bebido cerveja ontem.”

b.	Koot	cervejaty	yahyty	<b>ytapytingoom'</b>	yn
	koot	cerveja-ty	y-ahy-ty	y-ta-pyting- <b>oom'</b>	yn
	yesterday	cerveja-OBL	1S-beber-OBL	1S-DECL-querer-DUB	1S

‘Eu queria ter bebido cerveja ontem.’

PTM.MK.10.07.2019

(8.35) *Yn*    *ioky*            *yota*            *naka'a'oom*.  
 yn    i-oky            y-ota            Ø-naka-'a-'oom  
 1SG   3-matar            1SG-amigo    3-DECL-fazer-DUB

“‘Meu amigo me matou!’ Ele disse fingindo.’

(STORTO, 2002, p. 163)

Pela descrição de Storto (2002) e dados como (8.35), podemos assumir que a semântica de –‘oom parece indicar que a eventualidade não ocorreu. Desse modo, a presença desse morfema em dados como (8.34) era um indício de que –‘oom era usado na língua Karitiana para distinguir desejos alcançáveis e inalcançáveis. Para testar essa hipótese, elaboramos um questionário com contextos nos quais: (i) o desejo era alcançável; (ii) o desejo era inalcançável por ser incompatível com a realidade no presente e (iii) o desejo era inalcançável porque se referia a um acontecimento passado que não pode ser mudado e (iv) o

desejo era inalcançável por se referir a um acontecimento futuro que não pode ser mudado. Esses contextos estão ilustrados abaixo:<sup>74</sup>

(8.36) A. DESEJOS ALCANÇÁVEIS

**Contexto:** Elivar está procurando um cachorro para proteger a casa em Porto Velho. Como você diz ‘Elivar quer ter um cachorro’ em Karitiana?

**Contexto:** Quando morava na aldeia, Elivar queria ter um cachorro. Mas agora que mora na cidade, não quer mais. Como você diz ‘Elivar queria ter tido um cachorro quando morava na aldeia’ em Karitiana?

b. DESEJOS INALCANÇÁVEIS INCOMPATÍVEIS COM A REALIDADE NO PRESENTE

**Contexto:** Maria acha que se ela fosse uma onça, todos teriam medo dela. Como você diz ‘Maria queria ser uma onça’ em Karitiana?

**Contexto:** O pai da Laura morreu. Ele sempre concertava quando quebrava algo dentro de casa. Agora, a geladeira dela quebrou e ela imaginou que se ele estivesse vivo, concertaria a geladeira para ela. Como você diz ‘Laura queria que seu pai estivesse vivo agora’ em Karitiana?

c. DESEJOS INALCANÇÁVEIS DE UM PASSADO

**Contexto:** Não choveu ano passado e, por esse motivo, a plantação não foi boa. Milena torceu para chover, mas não choveu. Como você diz ‘Milena queria que tivesse chovido ano passado’ em Karitiana?

**Contexto:** Teve uma viagem para Brasília ontem sobre educação e todos os professores das aldeias foram. Luiz Carlos não pode ir porque Maria de Fátima ficou doente. Ele ficou triste de não poder ter viajado junto com os outros professores.

---

<sup>74</sup> O questionário completo e as sentenças coletadas estão disponíveis no Anexo F desta tese.

## d. DESEJOS INALCANÇÁVEIS DE UM FUTURO IMUTÁVEL

**Contexto:** Luiz Carlos ganhou uma viagem para Brasília em um evento indígena. Ela ganhou as passagens e o hotel. A viagem é amanhã. Maria de Fátima gostaria de ir, mas eles não deram a viagem para ela. Como você diz ‘Maria de Fátima queria ir para Brasília amanhã’ em Karitiana?

**Contexto 2:** Arnaldo, Antônio e José são amigos. Arnaldo e Antônio vão tomar cerveja em um bar amanhã. Eles chamaram José que gostaria de ir, mas ele está sem dinheiro nenhum. Então, José não vai. Como você diz ‘José queria ir tomar cerveja amanhã’ em Karitiana?

Se a nossa hipótese estivesse correta, os consultores usariam ‘*pyting*’ para os contextos alcançáveis em A e usariam ‘*pyting’oom*’ para os demais contextos. No entanto, essa hipótese não pareceu se confirmar em um primeiro momento porque o nosso consultor forneceu dados apenas com ‘*pyting*’. Ao ser perguntado posteriormente sobre o uso da forma ‘*pyting’oom*’ nos mesmos contextos, o consultor aceitava, mas dizia que não havia diferença no significado entre essas formas como ilustrado em (8.37), (8.38) e (8.39). O único contexto no qual o falante rejeitou o sufixo –‘*oom*’ foi quando o desejo estava orientado para o futuro como ilustrado em (8.40).

(8.37) a. **Contexto:** Elivar está procurando um cachorro para proteger a casa em Porto Velho.

Elivar	<i>naakat</i>	<i>ipyting</i>	<i>obaky by’ednaty</i> <sup>75</sup>
Elivar	∅-na-aka-t	i-pyting-∅	obaky by’ednaty
Elivar	3-DECL-COP-NFUT	3-querer-ADV	onça filho

‘Elivar quer ter um cachorro.’

QEB.CK7.26.01.2022

<sup>75</sup> Os Karitiana se referem a cachorro como ‘filho da onça’.



- b. **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Elivar naakat ipyting obaky by’ednaty*’ no contexto acima?

**Consultor:** Sim

**Linguista:** Qual a diferença entre ‘*ipyting*’ e ‘*ipyting’oom*’.

**Consultor:** Não tem diferença

<i>Elivar naakat</i>	<i>ipyting’oom obaky by’ednaty</i>
Elivar Ø-na-aka-t	i-pyting-’oom obaky by’ednaty
Elivar 3-DECL-COP-NFUT	3-querer-DUB onça filho

‘Elivar queria ter um cachorro.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.38) a. **Contexto:** Maria acha que se ela fosse uma onça, todos teriam medo dela.

<i>Obakyt</i>	<i>taakaty</i>	<i>napyting</i>	<i>Maria</i>
obaky-t	ta-aka-ty	Ø-na-pyting-Ø	Maria
onça-ADV	3.ANAF-COP-OBL	3-DECL-querer-ADV	Maria

‘Maria queria ser uma onça.’

QEB.CK7.26.01.2022

- b. **Linguista:** Você poderia dizer ‘*obakyt taakaty napyting’oom*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

<i>Obakyt</i>	<i>taakaty</i>	<i>napyting’oom</i>	<i>Maria</i>
obaky-t	ta-aka-ty	Ø-na-pyting-’oom	Maria
onça-ADV	3.ANAF-COP-OBL	3-DECL-querer-DUB	Maria

‘Maria queria ser uma onça.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.39) a. **Contexto:** João tem uma moto. Ontem, ele precisava de dinheiro e ofereceu a moto para várias pessoas para saber se elas tinham interesse em comprar, mas ninguém quis comprar a sua moto.

*Koot napyting* [João tamoto vende]ty  
 koot Ø-na-pyting-Ø [João ta-moto vende]-ty  
 ontem 3-DECL-querer-NFUT [João 3.ANAF-moto vender]-OBL  
 ‘João queria ter vendido a sua moto ontem.’

QEB.CK7.26.01.2022

- b. **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Koot napyting’oom João tamoto vendety*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

*Koot napyting’oom* [João tamoto vende]ty  
 koot Ø-na-pyting-’oom [João ta-moto vende]-ty  
 ontem 3-DECL-querer-DUB [João 3.ANAF-moto vender]-OBL  
 ‘João queria ter vendido a sua moto ontem.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (8.40) a. **Contexto:** Você acha que Elivar deveria ter um cachorro para proteger a casa, mas Elivar diz que não quer ter um cachorro agora. Você acha que ele vai mudar de ideia depois que roubarem a casa dele.

*Taabi pynpytadn tykiri napytingi Elivar*  
 ta-abi pynpytadn tykiri Ø-na-pyting-i Elivar  
 3.ANAF-casa roubar depois 3-DECL-querer-FUT Elivar  
*obaky by'ednaty*  
 obaky by'ednaty  
 cachorro

‘Depois que roubarem a casa dele, Elivar vai querer ter um cachorro.’

QEB.CK7.26.01.2022

- b. **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Taabi pynpytadn tykiri napytingi'oom* Elivar obaky by'ednaty’ no contexto acima?

**Consultor:** Não. ‘napytingi'oom’ não combina. Tem que ser ‘napyting'oom’.

\**Taabi pynpytadn tykiri napytingi'oom*  
 ta-abi pynpytadn tykiri Ø-na-pyting-i-'oom  
 3.ANAF-casa roubar depois 3-DECL-querer-FUT-DUB  
*Elivar obaky by'ednaty*  
 Elivar obaky by'ednaty  
 Elivar cachorro

‘Depois que roubarem a casa dele, Elivar ia querer ter um cachorro.’

QEB.CK7.31.01.2022

No entanto, suspeitamos que o consultor estava aceitando indistintamente os dados com ‘pyting’ e ‘pyting'oom’ por não estar considerando a adequação aos contextos de forma criteriosa. Como discutido no capítulo 2, é comum que os informantes ignorem os contextos e acabam se atentando apenas à gramaticalidade da sentença. Por esse motivo, marcamos uma elicitación com o mesmo consultor em outro dia e fizemos um teste de escolha. Quando duas sentenças possivelmente são aceitas em um mesmo contexto, podemos apresentá-las

simultaneamente para o informante e informa-lo que ele deve escolher aquela que mais se adequa ao contexto descrito. Em nosso caso, apresentamos uma sentença com ‘*pyting*’ e outra com ‘*pyting’oom*’ e perguntamos em qual delas era mais provável da eventualidade descrita pela oração subordinada acontecer como ilustrado em (8.41). Esse teste mostrou que há uma diferença semântica entre as sentenças com ‘*pyting*’ e ‘*pyting’oom*’ e que essa diferença, como previmos, está relacionada a viabilidade dos desejos expressos pela oração subordinada.

(8.41) **Linguista:** Suponha que você tenha as seguintes sentenças:

1. *Dibm cerveja yty napyting ’oom José*
2. *Dibm cerveja yty napyting José*

Em qual delas você teria mais certeza que o José vai tomar cerveja amanhã?

**Consultor:** Na segunda

**Linguista:** Você poderia explicar melhor.

**Consultor:** Na segunda, eu tenho quase certeza que ele vai tomar cerveja amanhã. Na segunda ele até quer, mas não é algo certo não. Parece que pode acontecer alguma coisa e ele não vai.

<i>[Dibm</i>	<i>cerveja</i>	<i>y]ty</i>	<i>napyting</i>	<i>José</i>
[dibm	cerveja	y]-ty	∅-na-pyting-∅	José
[amanhã	cerveja	ingerir]-OBL	3-DECL-querer-NFUT	José

‘José quer tomar cerveja amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

Se –‘*oom*’ indica que uma construção bulética expressa um desejo inalcançável, sua restrição com o futuro ilustrada em (8.40) parece indicar que não é possível expressar um desejo inalcançável com o verbo orientado para o futuro. No entanto, essa restrição não é exclusiva do Karitiana. No português brasileiro, as construções buléticas parecem ter a mesma restrição como ilustrado em (8.42).

- (8.42) a. Maria teve o desejo **alcançável no passado** de ter um carro  
 Maria quis ter um carro
- b. Maria tem o desejo **alcançável no presente** de ter um carro.  
 Maria quer ter um carro.
- c. Maria terá o desejo **alcançável no futuro** de ter um carro.  
 Maria vai querer ter o carro.
- d. Maria tinha o desejo **inalcançável no passado** de ter um carro.  
 ?Maria queria ter tido o carro.
- e. Maria tem o desejo **inalcançável no presente** de ter um carro.  
 Maria queria ter um carro.
- f. Maria terá o desejo **inalcançável no futuro** de ter um carro.  
 ?Maria ia querer ter um carro.

O exemplo acima nos mostra que o português brasileiro possui formas verbais para expressar quando o tempo no qual os desejos perduram estão no passado (8.42a), no presente (8.42b) e no futuro (8.42c) em relação ao momento da enunciação. Porém, os desejos inalcançáveis podem ser orientados para o presente (8.42e), mas não no presente ou no futuro. A leitura mais proeminente de (8.42d) é de desejos no presente em relação a algo imutável no passado. Há uma leitura de desejos no passado, mas, não fica claro que esses desejos são inalcançáveis. Da mesma forma, a paráfrase em (8.42f) não parece indicar que são desejos inalcançáveis e que o tempo no qual os desejos perduram está no futuro em relação ao momento da enunciação. Dessa forma, a restrição de *-oom* com o futuro observada no Karitiana parece ser um padrão que existe em outras línguas do mundo e isso corrobora a análise da morfologia –‘*oom* como indicativa de desejos inalcançáveis.

Sendo assim, as construções buléticas de desejos alcançáveis e inalcançáveis em Karitiana podem ser diferenciadas através de morfologia verbal, a saber, o sufixo dubitativo –‘*oom*. No entanto, isso é diferente do que vimos para o grego moderno no capítulo 6 e do português no capítulo 7. Enquanto essas línguas empregam morfologia falsa de tempo para

distinguir buléticas de desejos alcançáveis e inalcançáveis, o Karitiana empregou uma morfologia que não é um tempo falso, mas uma morfologia modal específica para indicar a não realização do evento. De qualquer forma, ela não parece acarretar em contrafactualidade uma vez que o consultor apenas aponta que parece que a eventualidade não vai acontecer, mas não descarta completamente a possibilidade. Sendo assim, acreditamos que –‘oom funciona da maneira semelhante ao tempo falso descrito no capítulo anterior, ampliando o domínio da quantificação para mundos possíveis diferentes do mundo real.

Esta seção descreveu as contrafactuais buléticas na língua Karitiana. A nossa pesquisa constatou que a expressão dos desejos se dá principalmente por ‘pyting’, -wak e ‘py’eeep’, sendo que a primeira parece ser o recurso mais comumente utilizado para veicular essa semântica. Em relação a contrafactualidade, assumimos que é uma implicatura gerada pela quantificação modal do verbo. Vimos que as subordinadas do Karitiana são orações nominalizadas e, por esse motivo, elas não possuem morfemas de tempo e modo. Diferente do que ocorre no português, o Karitiana não faz uso do aspecto perfeito para expressar orientação temporal de passado. Outra diferença que observamos é que o português brasileiro distingue orações buléticas alcançáveis e inalcançáveis por meio de morfologia de tempo falso e o Karitiana distingue as buléticas de desejos inalcançáveis por meio de um morfema dubitativo. A próxima seção discutirá as orações condicionais.

## 8.2 Contrafactuais condicionais em Karitiana

Esta seção discute as contrafactuais condicionais da língua Karitiana. Fizemos uma revisão da literatura em busca de dados de orações condicionais. Buscamos esses dados em onze textos sobre a língua, entre eles, artigos, capítulos, dissertações e teses sobre a língua Karitiana e encontramos dezoito dados.<sup>76</sup> Esses dados mostraram duas estruturas possíveis para as condicionais no Karitiana. Na primeira estrutura, os verbos das orações matrizes eram marcados pelo modo declarativo como ilustrado em (8.43), (8.44) e (8.45). Os verbos também apresentavam morfologia de tempo, que poderia ser não-futuro como (8.43) e (8.45) ou morfologia de futuro como (8.44). Os verbos da subordinada não apareciam marcados para tempo, mas sempre aparecem seguidos de um auxiliar aspectual sendo que a grande maioria

---

<sup>76</sup> A revisão completa da literatura contemplando os textos que foram consultados bem como os dados encontrados em cada um deles está descrito no Anexo A desta tese.

dos dados apareceu com o auxiliar aspectual ‘*tykiri*’ ilustrado em (8.39) e, mais raramente, apareceram outros aspectuais como ‘*tykit*’ ilustrado em (8.40) e ‘*tyki’oot*’ ilustrado em (8.41).

(8.43)	Yatahyt	yn	ypyt’y	tykiri
	y-ta-ahy-t	yn	y-pyt’y	tykiri
	1SG-DECL-beber-NFUT	1SG	1SG-comer	PERF
	‘Bebo, quando como.’			

(STORTO, 2012, p. 12)

(8.44)	AA	<i>pyt’y</i>	<i>tykit</i>	<i>y</i>	<i>takatory</i>
	a	<i>pyt’y</i>	<i>tykit</i>	<i>y</i>	$\emptyset$ - <i>taka-tat-i</i>
	2SG	Comer	se	1SG	3-DECL-correr-FUT
	‘Se você comer, eu vou.’				

(LANDIN, 1984, p. 13)

(8.45)	<i>aotyp</i>	<i>atat</i>	<i>tyki’oot</i>	<i>yta-so’oot</i>	<i>yn</i>	<i>anty</i>
	a-oty-p	a-tat	tyki-’oot	y-ta-so’oot- $\emptyset$	yn	an-ty
	2SG-banho-LOC	2SG-ir	IPFV-INCEP	1SG-DECL-ver-NFUT	1SG	2SG-OBL
	‘Quando você (sg.) estava indo banhar, eu te encontrei’					

(STORTO, 2014, p. 414)

Além dessa estrutura condicional, encontramos outra cujo uso era bem mais frequente. Nessa outra estrutura, o verbo da principal apareceu sempre marcado pelo morfema modal *jỹ-* e com o morfema de tempo não-futuro como ilustrado em (8.46) e (8.47). Além disso, as subordinadas nunca apareciam marcada por um auxiliar aspectual, mas pelos morfemas *-p/-m/-t* enquanto que *-m* aparece em Storto como um aspecto perfectivo como ilustrado em (8.46) e *-t* era glosado como oblíquo (8.47).

- (8.46) *Yn jỹsoko 'it eremby Aotamam*  
*Yn Ø-jy-soko'i-t eremby a-otam-am*  
 1SG 3-CF-amarrar-NFUT rede 2SG-chegar-PFV  
 'Eu amarraria a rede se você tivesse chegado.'  
 (STORTO, 2002, p. 158)

- (8.47) *Yn jỹpit yn 'ip anti'yt*  
*yn Ø-jỹ-pit-Ø yn 'ip an-ti'y-t*  
 1SG 3-CF-pegar-NFUT 1SG peixe 2SG-CFO-comer-OBL  
 'Eu pegaria o peixe para você comer.'  
 (STORTO, 2002, p. 158)

Sendo assim, podemos resumir as estruturas encontradas na língua Karitiana como apresentado em (8.48a-b). A primeira estrutura parecia ser usada quando a condicional expressava um sentido mais factual como ilustrado em (8.43) e (8.45) ou quando a verdade das sentenças era uma questão aberta como (8.44). Por outro lado, a segunda estrutura parecia ser usada quando a condicional expressava um sentido mais próximo do contrafactual como ilustrado em (8.46) e (8.47).

- (8.48) a. ESTRUTURA 1: Antecedente P (verbo + 'tykiri'/'tyki'oot'),  
 Consequente q (verbo-FUT ou verbo-NFUT)
- b. ESTRUTURA 2: Antecedente P (verbo + -p / -m / -t)  
 Consequente Q (jỹ-verbo-NFUT)

A nossa hipótese era de que a estrutura 1, ilustrado em (8.43), era reservada para condicionais nas quais a verdade da proposição estava em aberto e que a estrutura 2, ilustrada em (8.48), era reservada para orações com a implicatura contrafactual. Essas hipóteses foram testadas pelo autor na dissertação de mestrado (FERREIRA, 2017a) através da coleta de sessenta orações condicionais com dois consultores diferentes. Dessas sessenta, vinte tinham a verdade em aberto e quarenta tinham a implicatura contrafactual. Nas vinte sentenças cuja



verdade da proposição estava em aberto, os consultores empregaram a estrutura 1, como ilustrado em (8.49), (8.50) e (8.51).

- (8.49) Contexto: Você está ensinando seu filho a pescar, mas ele faz muito barulho e espanta todos os peixes. Então você fala “Meu filho, se você quiser pescar os peixes, você tem que ficar quieto”. Como você diz isso em Karitiana?

*Y'it, aohit tykiri Atakaj pongyp*  
*y-'it, a-ohit tykiri a-ta-aka-j pongyp*  
 1SG-filho 2SG-pescar Se 2SG-DECL-COP-FUT quieto  
 ‘Meu filho, se você pescar, ficará quieto.’

QC.CK6.09112015/ QC.CK5.09112015

- (8.50) Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se você planta uma semente, ela vira uma árvore”. Como você diz isso em Karitiana?

*Y'it, Kinda Sypo Anamang tykiri, nakatari 'ep*  
*Y-'it, Kinda Sypo a-amang Tykiri Ø-naka-tat-i 'ep*  
 1SG-filho Coisa Semente 2SG-plantar Se 3-DECL-ir-FUT árvore  
 ‘Meu filho, se você plantar uma semente, ela virará uma árvore.’

QC.CK6.09112015/QC.CK5.09112015

- (8.51) Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se chove, o rio enche”. Como você diz isso em Karitiana?

*Y'it, 'e Yryt tykiri, Nakakerewi ese*  
*Y-'it, 'e Yryt tykiri Ø-naka-kerep-i ese*  
 1SG-filho Chuva Chegar se 3-DECL-subir-FUT rio  
 ‘Meu filho, se a chuva chegar, o rio sobe.’

QC.CK6.09112015/QC.CK5.09112015

Os quarenta contextos restantes eram de condicionais contrafactuais. Em todas essas condicionais os consultores empregaram a estrutura 2 como ilustrado em (8.52), (8.53) e (8.54). Sendo assim, esse teste mostrou que a língua Karitiana de fato reserva a segunda estrutura para contextos contrafactuais.

- (8.52) Contexto: Seu amigo Antônio está indo da reserva para Porto Velho e te pede para você levar ele. Porém, você vendeu o carro e ele não sabe disso. Então você diz “Antônio, se eu tivesse um carro, eu te levaria”. Como você diz isso em Karitiana?

*Antônio, carro tyyt yakiip, Yn ajyratoot*  
 Antônio Carro tyyt y-aki-ip Yn a-jyt-atoot-Ø  
 Antônio Carro com 1SG-COP-LOC 1SG 2SG-CF-levar-NFUT  
 ‘Antônio, se eu estivesse com carro, te levaria.’

QC.CK6.09112015

- (8.53) Contexto: Seu filho te pede para ir no rio brincar, mas ele não sabe nadar então você não deixa. Você diz: “Meu filho, se você soubesse nadar, eu deixaria você brincar no rio”. Como você diz isso em Karitiana?

*Yit, Ataktangniip apypydnip Yjypyhit se*  
 y-it, a-taktag-ip a-pypyn-ip y-jy-py-hit-Ø se  
 1SG-filho 2SG-nadar-LOC 2SG-saber-LOC 1SG-CF-DEO-dar-NFUT rio

*Pip Apomãty*  
 Pip a-pom-ã-ty  
 No 2SG-brincar-VE-OBL

‘Meu filho, se você soubesse nadar, eu daria permissão para você brincar no rio.’

QC.CK6.09112015

- (8.54) Contexto: Seu filho te pede um celular, mas você não tem dinheiro. Então você diz: “Meu filho, se eu tivesse dinheiro, eu te daria um celular”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakiip</i>	<i>Yn</i>
y-it	dinheiro	tyyt	y-aki-ip	Yn
1SG-filho	dinheiro	com	1SG-COP-LOC	1SG

<i>atajyhit</i>	<i>Celula-ty</i>
a-ta-jy-hit-Ø	celula-ty
2SG-DECL-CF-dar- NFUT	celular-OBL

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, te daria um celular.’

QC.CK6.09112015

Em relação as condicionais da estrutura 1, a morfologia de tempo diz respeito a orientação temporal da sentença. Desse modo, esse é um tempo verdadeiro como ilustrado em (8.55) e (8.56). O fato de a morfologia de tempo ser verdadeira nas condicionais não-contrafactuais era o esperado visto que esse é o padrão observado nas línguas do mundo.

- (8.55) *Y'it,*      *aohit*      *Tykiri koot*      *Atakat*      *Pongyp*  
y-'it,      a-ohit      Tykiri koot      a-ta-aka-t      Pongyp  
1SG-filho 2SG-pescar Se      ontem 2SG-DECL-COP-NFUT      Quietos  
‘Meu filho, se você pescou ontem, ficou quieto.’

QGC.CK7.17012020

- (8.56) *Y'it,*      *aohit*      *tykiri atakaj*      *pongyp*  
y-'it,      a-ohit      tykiri a-ta-aka-j      pongyp  
1SG-filho 2SG-pescar Se      2SG-DECL-COP-FUT      quieto  
‘Meu filho, se você pescar, ficará quieto.’

QC.CK6.09112015/QC.CK5.09112015

As orações subordinadas das estruturas condicionais são sempre marcadas por um auxiliar aspectual com o prefixo *ty-*, sendo que ‘*tykiri*’ é o aspectual mais frequente. No capítulo 5, argumentamos que o morfema *ty-*, comum ao aspecto perfectivo e imperfectivo poderia ser responsável pelo fechamento existencial como ilustrado em (8.57).

$$(8.57) \llbracket ty - \rrbracket = \lambda P. \exists e [P(e)]$$

EM PALAVRAS:  $\llbracket ty - \rrbracket$  é uma função que toma uma propriedade de eventos *P* e retorna que existe um evento *e* ao qual essa propriedade se aplica.

Na seção anterior, mencionamos que seguiremos a análise de que as subordinadas em Karitiana são orações nominalizadas (VIVANCO, 2018). O fato de uma morfologia associada à aspecto ser usada em um verbo nominalizado não é algo incomum. Tanto no português brasileiro quanto no inglês, o gerúndio pode ser empregado para a forma nominal do verbo como ilustrado em (8.58a-b). Dessa forma, acreditamos que o *ty-* possa funcionar nominalizando o verbo.

(8.58) a. **Loving** her was hard.

b. Eu vi ela **cantando** na chuva.

Mas qual seria a contribuição semântica de um nominalizador? Um predicado verbal qualquer possui uma variável que se refere a eventos como ilustrado em (8.59). As nominalizações podem ser analisadas semanticamente como fechamento existencial dessa variável evento *e*. Por exemplo, Moulton (2014) analisa as nominalizações do inglês com o sufixo *-ment* como um fechamento existencial, como ilustrado em (8.60).

$$(8.59) \llbracket assign \rrbracket = \lambda x. \lambda e. assign(x)(e) \quad (\text{MOULTON, 2014, p. 8})$$

EM PALAVRAS:  $\llbracket assign \rrbracket$  é uma função que toma como argumentos um indivíduo  $x$  e um evento  $e$  e retorna o evento de designar  $x$ .

$$(8.60) \llbracket [n \exists] \rrbracket = \lambda P_{\langle e, s, t \rangle}. \lambda x. \exists e [P(x)(e)]$$

EM PALAVRAS: O fechamento existencial  $\llbracket [n \exists] \rrbracket$  é uma função que toma uma propriedade  $P$  e um indivíduo  $x$  e retornar que existe um evento  $e$  com a propriedade  $P$  aplicada a  $x$ .

$$(8.61) \text{ nP: } \lambda x. \exists e v \llbracket assign(x)(e) \rrbracket$$

(MOULTON, 2014, p. 9)

Se as nominalizações podem contribuir semanticamente com o fechamento existencial, isso é mais um argumento a favor da análise de *ty-* como um prefixo que denota fechamento existencial uma vez que explicaria tanto o porque ele pode ocorrer com o aspecto perfectivo e imperfectivo e também explica sua função em orações subordinadas, pois, nesses contextos, contribuiria para a nominalização do verbo. Uma dúvida então é se o aspecto perfectivo presente em ‘*tykiri*’ também possui uma contribuição semântica ou apenas o fechamento existencial promovido por *ty-* seria suficiente. Podemos assumir que a relação que se estabelece entre as duas orações de uma construção condicional não-contrafactual é uma relação temporal. Fizemos uma proposta semelhante ao analisar as condicionais com ‘quando,  $p$ ,  $q$ ’ do português brasileiro afirmando que ‘quando’ promovia uma quantificação de intervalos de tempo. No Karitiana, o aspecto perfectivo poderia contribuir de modo que a leitura que temos é que o tempo da eventualidade da subordinada está contido no tempo da eventualidade da oração principal. Assim, a leitura que uma sentença como (8.56) teria seria a ilustrada em (8.62).

(8.62) a. Meu filho, quando você pesca, você fica quieto.

b.  $\exists e$ . PESCAR( $e$ ) &  $\exists e'$ . FICAR QUIETO( $e'$ ) &  $t(e) \subseteq t(e')$

EM PALAVRAS: Existe um evento  $e$  o evento  $e$  é um evento de pescar e existe um evento  $e'$  e o evento  $e'$  é um evento de ficar quieto e o tempo do evento  $e$  está contido ou é igual ao evento do tempo  $e'$ .

O aspecto perfectivo localiza o tempo da eventualidade dentro do tempo do tópico. Nas condicionais não contrafactuais ele faria a mesma operação, só que o tempo do tópico da subordinada seria o tempo do evento da principal, ou seja, durante todo o momento da pescaria, você precisa ficar quieto. Quando outras relações são necessárias, a língua muda o auxiliar aspectual. Por exemplo, a leitura que (8.45) teria está ilustrada em (8.63).

(8.63) a. quando você estava indo banhar, eu te encontrei.

b.  $\exists e$ . BANHAR( $e$ ) &  $\exists e'$ . ENCONTRAR( $e'$ ) &  $t(e) \supseteq t(e')$

EM PALAVRAS: Existe um evento  $e$  o evento  $e$  é um evento de banhar e existe um evento  $e'$  e o evento  $e'$  é um evento de encontrar e o tempo do evento  $e$  contém ou é igual ao evento do tempo  $e'$ .

Lembramos que *ty-* é apenas parte do auxiliar aspectual que se compõe com outros morfemas e pode ser realizado de diferentes formas como '*tykiri*', '*tykit*' ou '*tyki'oot*'. Não sabemos explicar a contribuição da segunda parte do auxiliar aspectual. Acreditamos que uso dessas formas carregam informações aspectuais e temporais que ajudam a especificar a orientação temporal da oração subordinada, mas não dispomos de dados que mostrem como isso ocorre. Então, deixaremos essas questões para pesquisas futuras.

As diferentes marcações nas orações subordinadas das estruturas contrafactuais estão relacionadas ao estatuto dessas sentenças. As orações subordinadas das contrafactuais buléticas são marcadas pelo sufixo caso oblíquo *-ty* uma vez que essas sentenças funcionam como complemento do verbo. Já as orações subordinadas das estruturas condicionais não contrafactuais são marcadas pelo prefixo imperfectivo *ty-* que ocorre no auxiliar aspectual



(8.66)	<i>carro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakip</i>	<i>yn</i>	<i>aỹyatot</i>
	carro	tyyt	y-aki-p	yn	a-ỹy-atot-Ø
	carro	com	1SG-COP-ALL	1SG	2SG-CFT-levar-NFUT
	‘Se eu estivesse com um carro,			eu te levaria’	

QC.CK6.09112015

O sufixo *-t* é glosado por Storto (2002) como um oblíquo como ilustrado em (8.65). Acreditamos que essa análise não seja a mais adequada. Primeiramente, porque a forma *-t* é diferente da forma oblíqua *-ty* que discutimos na seção anterior. Além disso, não faz sentido que as orações subordinadas das condicionais sejam marcadas com caso oblíquo visto que esse caso é reservado para sintagmas que funcionam como argumento do verbo e a oração subordinada em (8.65) é uma adverbial. Sendo assim, acreditamos que *-t* no dado (8.65) seja o sufixo *-t* adverbializador na língua e ocorre porque essa sentença marca a finalidade da busca do peixe.<sup>77</sup> Desse modo, assumiremos que as orações subordinadas das condicionais contrafactuais são marcadas por *-p* ou *-m*.

O sufixo *-m* apareceu em nossas elicitções, mas foi usado raramente pelos nossos consultores como pode ser observado no Anexo D. Ele é glosado por Storto (2002) como um morfema perfectivo. No entanto, acreditamos que essa glosa não faça sentido, primeiramente, porque, como discutimos no capítulo 5, o Karitiana não possui uma marcação de perfectividade na matriz, logo, não acreditamos que ele possua uma marcação de perfectividade exclusiva para as subordinadas. Além disso, vimos também que o aspecto nessa língua é expresso através de auxiliares aspectuais e não através de morfologia verbal.

Acreditamos que *-p* e *-m* sejam o mesmo morfema. Primeiramente, porque eles parecem estar em distribuição complementar. O uso do morfema *-m* é raro, mas quando ele é usado, o morfema *-p* não está presente, como ilustrado em (8.64) e (8.67). Além disso, são morfemas próximos foneticamente uma vez que se tratam de consoantes bilábias sendo o [p] uma bilabial surda e [m] uma bilabial nasal. O processo de oralização das nasais é um processo comum na língua Karitiana (STORTO, 1999), logo, essa variação entre *-m* e *-p* é algo esperado. Observe que, sempre que *-m* é usado, a raiz verbal termina em uma consoante nasal, como ‘*otam*’ (chegar) ilustrado em (8.64) e ‘*pypyn*’ (saber) ilustrado em (8.67). Sendo

<sup>77</sup> Discutiremos esse morfema adverbializador mais a frente ao falarmos de *-p*.



assim, assumiremos que o sufixo *-p* se nasaliza quando a raiz verbal termina em uma consoante nasal.<sup>78</sup>

(8.67) Contexto: Seu filho te pediu para ir no rio brincar, mas ele não sabe nadar então você não deixou. Depois, sua mãe pergunta porque você não deixou ele brincar e você diz “minha mãe, se o menino soubesse nadar, eu teria deixado ele brincar no rio”. Como você diz isso em Karitiana?

<i>Yti,</i>	<i>tataktagngaty</i>	<i>õwã</i>	<i>pypynim</i>
y-ti,	ta-taktag-a-ty	õwã	pypyn-i-m
1SG-mãe	3ANAF-nadar-VE-OBL	criança	saber-VE-PFV
<i>yjypyhit</i>	<i>Sepip</i>	<i>õwã</i>	<i>pomaty</i>
y-jy-py-hit-∅	se-pip	õwã	põm-a-ty
1SG-CF-DEO-dar-NFUT	rio-em	criança	brincar-VE-OBL

‘Minha mãe, se a criança soubesse nadar, eu deixava a criança brincar no Rio.’

QC.CK6.09112015

Em relação a categoria do sufixo *-p*, ocorre no domínio nominal foi categorizado por Storto (1999) como um locativo e por Everett (2006) como sendo um caso alativo como ilustrado em (8.68). O caso alativo é uma marcação de caso que existente em línguas como o finlandês que expressa direção em sentido exterior.

(8.68) *Yn nakamtat him pisyp ambip*  
 yn ∅-naka-m-tat-∅ him pisyp ambi-p  
 1.SG 3-DECL-CAUS-ir-NFUT carne caça casa-ALL  
 ‘Eu enviei a carne de caça para casa’

(EVERETT, 2006)

<sup>78</sup> Poderia ser também que a forma do sufixo é *-m* e ele se oraliza diante de um contexto oral. O que importa para a discussão semântica desta tese é que *-m* e *-p* são alomorfes do mesmo morfema.

No entanto, Rocha (2016) observa que esse sufixo pode ocorrer em orações subordinadas indicando o propósito. Isso pode ser observado em (8.69) no qual a subordinada ‘irip okyp’ é interpretada como ‘para matar antas’, ou seja, com o propósito de matar antas. Essas subordinadas são chamadas de ‘purposivas’. O autor glosa *-p* como um morfema de infinitivo como ilustrado em (8.69). Rocha (2018) observou que esse tipo de oração também pode ocorrer com o sufixo adverbializador *-t* ilustrado em (8.70).

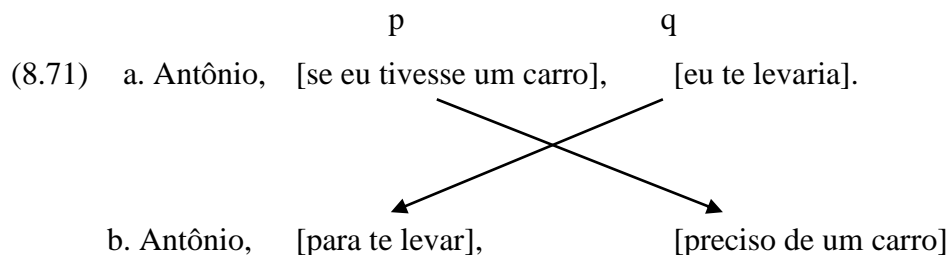
(8.69) <i>Inácio naakat</i>	<i>itat</i>	<i>akanpip</i>	<i>[irip oky]p</i>
Inácio $\emptyset$ -na-aka-t	i-tat- $\emptyset$	akan-pip	[irip oky]-p
Inácio 3-DECL-COP-NFUT	3-ir-ADV	aldeia-POSP	[anta matar]-LOC
‘Inácio foi para a aldeia para matar antas’			

(ROCHA, 2018, p. 199)

(8.70) <i>Inácio naakat</i>	<i>itat</i>	<i>akanpip</i>	<i>[irip oky]t</i>
Inácio $\emptyset$ -na-aka-t	i-tat- $\emptyset$	akan-pip	[irip oky]-t
Inácio 3-DECL-COP-NFUT	3-ir-ADV	aldeia-POSP	[anta matar]-ADV
‘Inácio foi para a aldeia para matar antas’			

(ROCHA, 2018, p. 199)

Ao investigar a diferença semântica entre (8.69) e (8.70), o autor notou que, quando a subordinada é marcada com o adverbializador *-t*, há o acarretamento de que a proposição denotada pela subordinada é verdadeira. Por outro lado, quando a subordinada é marcada pelo morfema *-p*, não há o acarretamento de que a proposição denotada pela subordinada seja verdadeira. Sendo assim, em (8.70) há o acarretamento de que Inácio matou onças enquanto que em (8.69) não temos esse acarretamento. Essa característica observada pelo autor é compatível com os nossos dados uma vez que, se *-p* ocorre em estruturas contrafactuais condicionais de maneira consistente, faz sentido que seu uso não acarrete na verdade da proposição denotada pela oração, ou sua semântica seria inconsistente com a implicatura contrafactual. No entanto, a análise de Rocha (2018) desse morfema como um infinitivo exemplificada em (8.69) poderia até fazer sentido uma vez que o infinitivo pode ser visto como uma forma nominal do verbo. No entanto, a semântica desse morfema como um ‘purposivo’, ou seja, um morfema que expressa o propósito/finalidade da ação, não faz sentido para os nossos dados. Podemos até parafrasear as duas orações de condicionais empregando uma relação de propósito entre elas como ilustrado em (8.71).



Se a motivação do uso de  $-p$  nas condicionais contrafactuais em Karitiana fosse uma interpretação ‘purposivo’ dessas orações, não faria sentido a sua ocorrência na subordinada  $p$  uma vez que é a principal que receberia a leitura de finalidade/propósito. Além do sentido de propósito/finalidade, Vivanco (2018) mostra que esse morfema pode ocorrer em subordinadas com um sentido locativo como ilustrado em (8.72) e (8.73). Por conta dessa semântica, a autora supõe que talvez seja esse sentido locativo que seja empregado de forma abstrata nas condicionais. Para a autora, uma condicional contrafactual poderia ser parafraseada como como ilustrado em (8.74).

(8.72) *Ana naakat*                      *isondypywak*                      *Maria akipity.*  
 Ana  $\emptyset$ -na-aka-t                      i-sondyp-y-wak                      Maria aki-p-i-ty  
 Ana 3-DECL-COP-NFUT                      3-saber-VE-DES                      Maria COP-LOC-VE-OBL  
 ‘A Ana quer saber onde a Maria estava.’  
 (VIVANCO, 2018, p. 57)

(8.73) *João naakat*                      *isondypywak ombaky*                      *Karin okypyty.*  
 João  $\emptyset$ -na-aka-t                      i-sondyp-y-wak ombaky                      Karin oky-p-y-ty  
 João 3-DECL-COP-NFUT 3-saber-VE-DES onça                      Karin matar-LOC-VE-OBL  
 (VIVANCO, 2018, p. 57)

(8.74) a. Se  $p, q$   
 b. **Em** ocorrendo  $p, q$  (VIVANCO, 2018, p. 168)

Acreditamos que a proposta da autora faça sentido à medida que explica os dois contextos nos quais o sufixo  $-p$  ocorre. Sendo assim, as construções contrafactuais condicionais nessa língua possuiriam uma leitura de ‘**onde**  $p$  (ocorre),  $q$ ’ na qual a semântica desse onde é uma abstração que deixa de indicar apenas um lugar físico para indicar possibilidades, ou seja, mundos possíveis. Desse modo, o morfema  $-p$  seria um subordinador

adverbial, semelhante a *-t*, e seu uso nas condicionais contrafactuais se justifica pelo fato de ele não acarretar na verdade da subordinada. O sufixo *-p* foi o único empregado nas construções contrafactuais condicionais. Não foi empregado nenhum auxiliar aspectual, como ocorreu nas estruturas condicionais não contrafactuais.

No capítulo 6, vimos a proposta de Arregui (2005) para as contrafactuais condicionais do inglês de que o tempo nas subordinadas e não possui nenhuma semântica. No capítulo 7, analisamos a morfologia do português brasileiro seguindo a proposta da autora. Neste capítulo, argumentamos que o Karitiana também corrobora essa proposta uma vez que essa língua dispensa de morfologia temporal nas subordinadas das contrafactuais.

Apesar do comportamento temporal estar de acordo com o esperado para essa língua, tanto pelas características gramaticais dessa língua na qual as orações subordinadas são nominalizadas, quanto pela previsão teórica de que morfologia temporal nesses ambientes não é relevante, a nossa previsão inicial era que o Karitiana usaria ao menos os auxiliares aspectuais nesses ambientes para fazer distinções temporais. Uma vez que essa língua possui o auxiliar *'byyk'* que denota o aspecto perfeito, esperávamos que a língua usaria esse auxiliar para diferenciar quando a oração subordinada fosse orientada para o passado. Os auxiliares aspectuais são empregados para determinar a orientação temporal da oração em vários contextos de subordinação. Por exemplo, (8.75) ilustra o auxiliar aspectual prospectivo *'passagn'* sendo empregado em uma oração complemento atribuindo a leitura de que o evento denotado pela subordinada está no futuro em relação a matriz. Já o exemplo (8.76) mostra esse auxiliar aspectual sendo empregado para atribuir a mesma leitura em uma oração subordinada relativa.

- (8.75) *Ypysondypyn yn [Inácio 'ep opi pasangã]ty*  
 Y-py-sondyp-yn yn [Inácio 'ep opi pasang-ã]-ty  
 1SG-ASS-saber-NFUT 1SG Inácio árvore cortar PROSP-VE-OBL  
 'I know that Inácio will cut the tree'

(STORTO, 2012, p. 75)

(8.76)	<i>Edelaine</i>	<i>naakat</i>	[ <i>jonso</i>	<i>goko</i>	<i>hyky</i>
	Edelaine	Ø-na-aka-t	[ <i>jonso</i>	<i>goko</i>	<i>hyky</i>
	Edelaine	3-DECL-COP-NFUT	mulher	mandioca	velha
	<i>‘yt</i>	<i>pasagngã]</i>			
	<i>‘y-t</i>	<i>pasagng-ã]</i>			
	comer-ADV	PROSP-VE			
	‘Edelaine é a mulher que vai comer a mandioca podre.’				

(STORTO, 2012, p. 75)

Além das relativas e completivas, esses auxiliares também são usados na língua para determinar a orientação temporal de subordinadas adverbiais. Temos o caso de ‘tykiri’ discutido na seção anterior e exemplificado em (8.77), mas outros auxiliares aspectuais também podem ser empregados como ‘byyk’ em (8.78).

(8.77)	[São Paulo	pip	yotam	tykiri]	nakapop	Maria
	[São Paulo	pip	y-otam	tykiri]	Ø-naka-pop-Ø	Maria
	São Paulo	em	1SG-chegar	PFV	3-DECL-morrer-NFUT	Maria
	‘Quando cheguei em São Paulo, Maria morreu.’					

(STORTO, 2012, p. 76)

(8.78)	[São Paulo	pip	yotam	byyk]	nakapop	Maria
	[São Paulo	pip	y-otam	byyk]	Ø-naka-pop-Ø	Maria
	São Paulo	em	1SG-chegar	PFT	3-DECL-morrer-NFUT	Maria
	‘Antes que cheguei em São Paulo, Maria morreu.’					

(STORTO, 2012, p. 76)

Tanto pelo padrão observado em outras línguas do mundo, como o português e o inglês, que usam o perfeito para determinar a orientação temporal da sentença, quanto pelo comportamento observado nas demais subordinadas, parecia apontar que o Karitiana faria uso do aspecto nas subordinadas das estruturas contrafactuais condicionais para determinar a orientação temporal dessas sentenças. No entanto, essa hipótese não se confirmou. Primeiramente, checamos os dados disponíveis na literatura e eles apontaram que essa hipótese não estava correta uma vez que os dados nos quais as traduções indicavam uma orientação temporal para o passado não traziam marcação aspectual nenhuma. Por exemplo,

(8.79) no qual a subordinada parece estar orientada para o passado e não há nenhuma marcação aspectual e (8.80) na qual ambos os eventos da subordinada e da matriz parecem estar orientados para o passado, porém, não há nenhuma marcação aspectual para especificar que a sentença possui essa leitura.

(8.79) yn jỹsoko'it eremby aotamam  
 [yn Ø-jỹ-soko'ĩ-t eremby] [a-otam-a-m ]  
 [1SG 3-CFT-amarrar-NFUT rede ] [2SG-chegar-VE-LOC ]  
 ['Eu amarraria a rede ] [se você tivesse chegado']  
 (STORTO, 2002, p. 158)

(8.80) João jỹso'oot saryt pikomty haka ikokotop  
 [João Ø-jỹ-so'oot saryt-Ø pikom-ty ] [haka i-kokot-o-p ]  
 [João 3-CFT-ver ev.rep-NFUT macaco-OBL] [aqui 3-passar- VE-LOC]  
 ['João teria visto o macaco ] [se tivesse passado aqui']  
 (ALEXANDRE, 2016, p. 57)

Para verificar se o padrão observado nos dados da literatura se confirmava, fizemos testes com estruturas contrafactuais condicionais em diversas orientações temporais com advérbios como 'koot' (ontem) a fim de garantir que a subordinada tinha a orientação temporal que desejávamos. Nossos testes mostraram que os falantes não empregam nenhum mecanismo para distinguir as leituras de presente e passado como ilustrado em (8.81).

- (8.81) **Contexto:** Imagine esse cenário – “Você não pode beber cerveja ontem porque você não teve dinheiro. Mas, se você tivesse tido dinheiro, você teria bebido cerveja com os seus amigos.” Como você diz “Se eu tivesse tido dinheiro ontem, eu teria bebido cerveja.”

Ypip	koot	dinheiro	akiip,	ytajyrähyt	yn
y-pip	koot	dinheiro	aki-(i)p,	y-ta-jyt-ahy-t	yn
1S-POP	ontem	dinheiro	COP-(VE)ALL	1SG-DECL-CF-beber-NFUT	1SG
cervejaty					
cerveja-ty					
cerveja-OBL					

‘Se eu tivesse tido dinheiro ontem, teria bebido cerveja.’

PTM.MK.10.07.2019

Desse modo, as condicionais contrafactuais vão na contramão das outras subordinadas e não empregam os auxiliares aspectuais para determinar a orientação temporal. Na seção anterior, quando descrevemos as subordinadas das sentenças buléticas, observamos que o mesmo ocorreu. Naquele contexto, assumimos que isso é um reflexo da língua da maneira como a língua organiza a expressão temporal. Uma vez que o Karitiana não distingue as leituras de presente e passado morfologicamente nas matrizes, a ausência de distinção nas subordinadas não caracteriza um problema uma vez que segue o padrão da gramática dessa língua. A nossa proposta é que os auxiliares aspectuais no Karitiana, quando usados, não determinam a orientação temporal da sentença em relação ao momento da enunciação, mas sim em relação a sentença matriz. Não é isso que ocorre nos dados do português. Pela própria tradução ‘Se eu **tivesse** tido dinheiro, eu **teria** bebido cerveja’ de (8.81), podemos observar que a marcação do aspecto perfeito nas duas orações indica que ambas estão no passado em relação ao momento da fala. Os auxiliares aspectuais do Karitiana não fazem uma relação direta com o momento da fala quando ocorrem na subordinada. Nesses contextos, a relação temporal é sempre estabelecida com o tempo da eventualidade matriz.

Essa subseção descreveu as orações subordinadas das construções contrafactuais condicionais da língua Karitiana. Discutimos o morfema *-p* e seu alomorfe *-m* que contribui para a sentença com uma interpretação locativa abstrata. Essas orações não possuem nenhuma morfologia de tempo e modo por serem nominalizadas, mas isso não constitui um problema

uma vez que, na nossa análise, a morfologia da subordinada nas contrafactuais é uma exigência sintática e não semântica. O Karitiana não usa aspecto para distinguir a orientação temporal presente/passado das subordinadas como ocorre no português e isso é um reflexo da gramática da língua que não faz essa distinção morfológica em outros ambientes. A próxima seção descreve o comportamento da morfologia nas orações matrizes.

### 8.2.2 A morfologia das matrizes nas contrafactuais condicionais

Esta seção descreve o comportamento da morfologia nas matrizes em Karitiana. Proporemos uma análise para o papel da morfologia modal, temporal e aspectual nas matrizes nessa língua. Em um estudo piloto (FERREIRA, 2017a), analisamos um pequeno *corpus* composto de seis contrafactuais condicionais obtidas nos trabalhos de outros autores. Todas as contrafactuais tinham em comum o fato de o verbo sempre ocorrer com o prefixo *jỹ-* e tempo não futuro como ilustrado em (8.82-8.84).

- (8.82) yn    **jỹsoko'ĩt**                    eremby            aotamam  
 [yn    Ø-**jỹ**-soko'ĩ-t                    eremby]            [a-otam-am                    ]  
 [1SG 3-CFT-amarrar-NFUT rede    ]            [2SG-chegar-PFV                    ]  
 ['Eu amarraria a rede                    ]            [se você tivesse chegado']  
 (STORTO, 2002, p. 158)

- (8.83) João **jỹso'oot**                    saryt                    pikomty            haka ikokotop  
 [João Ø-**jỹ**-so'oot                    saryt-Ø                    pikom-ty    ] [haka i-kokotop                    ]  
 [João 3-CFT-ver                    EV.REP-NFUT macaco-OBL] [aqui 3-passar                    ]  
 ['João teria visto o macaco                    ] [se tivesse passado aqui']  
 (ALEXANDRE, 2016, p. 57)

- (8.84) João **jỹpykynỹn**                    saryt                    ombakty            gopip            ta'akip  
 [João Ø-**jỹ**-pykynỹn saryt-Ø                    ombaky-ty] [gopip            ta-'akip                    ]  
 [João 3-CFT-correr                    EV.REP-NFUT onça-OBL    ] [floresta 3.ANA-COP                    ]  
 ['João correria da onça                    ] [se ela estivesse na floresta']  
 (ALEXANDRE, 2016, p. 58)



Através da análise dessas CFs condicionais em Karitiana, Ferreira (2017a) propôs que o uso do prefixo *jỹ-* e da morfologia de não futuro era obrigatório nas CFs condicionais. A hipótese foi testada coletando-se sessenta dados condicionais com falantes nativos que estão no Anexo D. Desses dados, todas as quarenta CFs condicionais tinham o verbo no conseqüente marcado pelo tempo não-futuro e pelo prefixo modal *jỹ-* como ilustrado abaixo em (8.85-8.86).

(8.85) CONTEXTO: O falante não tem um carro e não dará uma carona ao ouvinte.

carro	tyyt	yakip	yn	aỹyatot		
[carro	tyyt	y-aki-p	]	[yn	a-ỹy-atot-Ø	]
[carro	ter	1SG-COP-ALL]	[1SG	2SG-CFT-levar-NFUT]		
['Se eu tivesse um carro,	]	[Eu te levaria'	]			

(FERREIRA, 2017a, p. 40)

(8.86) CONTEXTO: O filho não sabe nadar e seu pai (o enunciador) não o deixará brincar no rio.

ataktagip	apypynp	yỹpyhit	sepip	
[a-taktagi-p	a-pypyn-p	]	[y-ỹy-pyhit-Ø	se-pip
[2SG-nadar-ALL	2SG-saber-ALL]	[1SG-CFT-deixar-NFUT	rio-POS	
Apomãty]				
a-pomã-ty]				
2SG-brincar-OBL]				
['Se você soubesse nadar,	]	[eu deixaria você brincar no rio']		

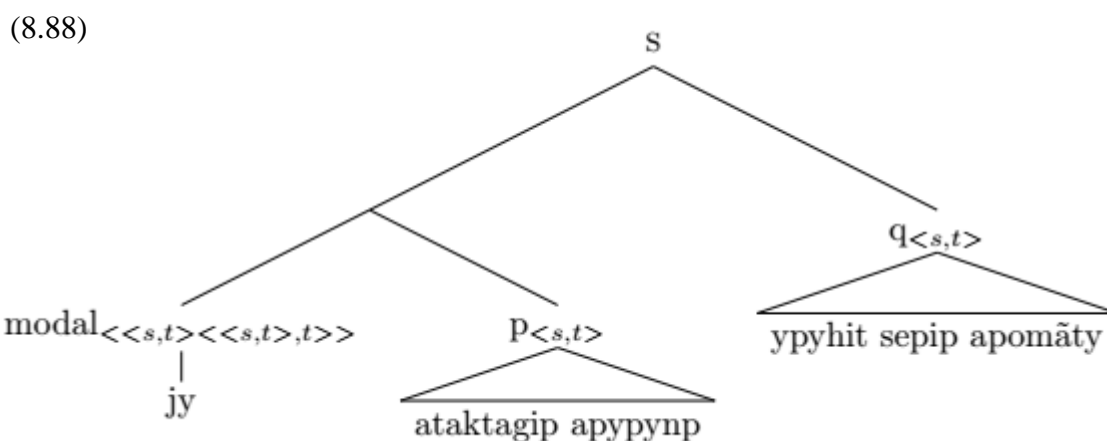
(FERREIRA, 2017a, p. 134)

Analisaremos o papel da morfologia modal *jỹ-* e tempo não-futuro -t nesses ambientes. Em relação ao prefixo modal *jỹ-*, Storto (2002) o analisa como modo condicional. Ferreira (2017a; 2017b) argumenta que ele não é um prefixo condicional porque ele não ocorre em todas as sentenças condicionais, mas está restrito apenas aos ambientes CFs. Assim, o autor analisa esse prefixo como o operador modal que ocorre nas sentenças contrafactuais. De

acordo com essa análise, esse morfema teria a mesma semântica que Arregui (2005) atribuiu para o operador modal presente nas contrafactuais como exemplificado em (8.87).

$$(8.87) \llbracket \text{jy} \rrbracket = \lambda P \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda Q \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda t. w [w \text{ semelhante a } wc \text{ até } t \ \& \ P(g(ti))(w) \rightarrow Q(g(ti))(w)]$$

De acordo com essa análise, o modal em contrafactuais responsável por relacionar as duas sentenças no Karitiana seria morfologicamente marcado. Por exemplo, a sentença (8.86) teria a estrutura ilustrada em (8.88). Assim, o papel da morfologia modal *jy*- seria relacionar os mundos possíveis denotados pelo antecedente *p* com os mundos possíveis denotados pelo conseqüente *q*. A morfologia temporal teria, nessa língua, um papel auxiliar para expressar contrafactualidade.



Em relação ao comportamento de tempo nas contrafactuais, Ferreira (2017a) observou que em todos os dados, tanto da literatura, quanto dos questionários, foi empregada a morfologia de não-futuro independente da orientação temporal da sentença. Esse fato era um forte indício de que o tempo das estruturas condicionais contrafactuais era um tempo falso, ou seja, não contribuiu semanticamente com a orientação temporal da sentença. Fosse esse o caso, teríamos no Karitiana um fenômeno de morfologia falsa de tempo, fenômeno esse paralelo ao que ocorre das contrafactuais do português discutidas no capítulo anterior.

A fim de testar essa hipótese, Ferreira & Müller (2019) analisaram o comportamento do morfema de não-futuro com advérbios. Os autores mostraram que, fora dos ambientes contrafactuais, o não-futuro deve ocorrer com advérbios cuja orientação temporal seja compatível com não-futuridade, ou seja, o presente ou o passado. Assim, uma sentença que

empregue simultaneamente um advérbio orientado para o futuro, como *dibm* ('amanhã'), e o tempo não-futuro *-t* não é considerada uma sentença boa pelos falantes como ilustrado pelo contraste entre (8.89) e (8.90).

(8.89) *yn atakahiri celulaty dibm*  
*yn a-taka-hit-i celula-ty dibm*  
 1SG 2SG-DECL-dar-FUT celular-OBL **amanhã**  
 'Eu vou te dar um celular amanhã.'

(FERREIRA & MÜLLER, 2019, p. 1079)

(8.90) \**yn atakahit celulaty dibm*  
*yn a-taka-hit-∅ celula-ty dibm*  
 1SG 2SG-DECL-dar-NFUT celular-OBL **amanhã**  
 'Eu te dei um celular amanhã.'  
 'Eu te dou um celular amanhã.'

(FERREIRA & MÜLLER, 2019, p. 1079)

A razão pela qual a sentença (8.86) não é bem formada é a incongruência semântica entre a morfologia de não-futuro e o advérbio *dibm*. No entanto, Ferreira & Müller (2019) mostram que em contrafactuais, o não-futuro pode ocorrer com advérbios orientados para o futuro como ilustrado em (8.91) abaixo.

(8.91) [*dinheiro tyyt yakiip* ]  
 [dinheiro tyyt y-akiip ]  
 [dinheiro ter 1SG-COP]  
 ['Se eu tivesse dinheiro,]  
  
 [*dibm yjxajytahyt yjxa cervejaty* ]  
 [*dibm yjxa-jyt-ahy-t yjxa cerveja-ty*]  
 [**amanhã** 1PL.INCL-CFT-beber-NFUT 1PL.INCL cerveja-OBL]  
 [beberíamos cerveja amanhã.']

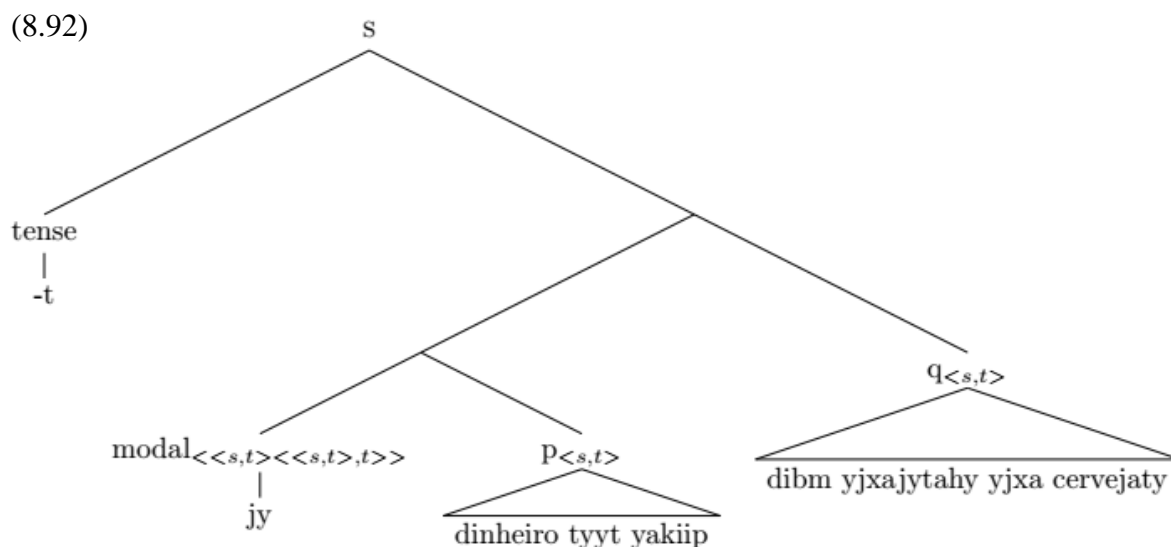
(FERREIRA & MÜLLER, 2019, p. 1080)

No capítulo anterior, mostramos que qualquer uma das propostas que explicam tempo em contrafactuais dão conta dos dados do PB. O mesmo não é válido para o Karitiana. A proposta de que a distância denotada pelo tempo do momento da enunciação é usada metaforicamente para expressar uma distância da realidade (JAMES, 1982; FLEISCHMAN, 1989) não se aplica no Karitiana porque, como explicamos no capítulo 5, a morfologia de tempo não-futuro nessa língua não denota uma distância em relação ao momento da fala. O tempo não-futuro *-t* é ambíguo entre uma leitura de presente (próximo ao momento da fala) e passado (distante do momento da fala) enquanto o tempo futuro *-i* possui apenas a leitura de tempo futuro (distante do momento da fala). Desse modo, se a distância fosse um fato relevante, faria mais sentido para o Karitiana usar o morfema de futuro *-i* nas contrafactuais e não o morfema de não-futuro *-t*.

Uma segunda proposta que apresentamos foi a de que o tempo empregado nas contrafactuais denota uma exclusão entre o tópico e a fala. Quando empregado para se referir a intervalos de tempo, o tempo do tópico exclui o tempo da fala denotando passado e quando empregado para se referir a mundos possíveis, o mundo do tópico exclui o mundo da fala denotando contrafactualidade (IATRIDOU, 2000). Essa segunda proposta também não daria conta para explicar os dados do Karitiana. Novamente, o tempo não-futuro *-t* é ambíguo entre uma leitura de presente (que não exclui o momento da fala) e passado (que exclui o momento da fala) enquanto o tempo futuro *-i* possui apenas a leitura de tempo futuro (que exclui o momento da fala). Desse modo, se a exclusão do momento da fala fosse o fato relevante, novamente faria mais sentido para o Karitiana usasse o morfema de futuro *-i* nas contrafactuais e não o morfema de não-futuro *-t*.

A última linha analítica que apresentamos foi a de que tempo é interpretado dentro do modal determinando o ponto no qual os mundos possíveis se diferenciam do atual (DUDMAN, 1983; DUDMAN, 1984a; DUDMAN, 1984b), sendo interpretado dentro da relação de acessibilidade (IPPOLITO, 2002; IPPOLITO, 2003) ou sendo interpretado na relação de similaridade (ARREGUI, 2005). Elas colocam a semântica de passado como essencial e, por esse motivo, elas fornecem uma explicação satisfatória tanto nas línguas para as quais foram desenvolvidas quanto para os dados do Karitiana. O Karitiana mostra que a morfologia falsa não precisa ser um morfema de passado, qualquer morfema que carregue a semântica de passado, como é o caso do não-futuro. Por esse motivo, o Karitiana teve uma relevância ímpar para essa pesquisa na hora de testar o poder explicativo das diferentes propostas apresentadas no capítulo 6.

Para explicar porque não-futuro ocorre com advérbios com orientação temporal futura, assumimos Arregui (ARREGUI, 2005) e o *não-futuro* é empregado com a leitura de passado nas contrafactuais para determinar a partir de qual ponto no passado os mundos possíveis sendo quantificados se diferenciam do mundo atual. Assim, a morfologia temporal de não-futuro no Karitiana teria o mesmo papel que o *pretérito imperfeito* do português discutido no capítulo anterior. A sentença (8.91) teria a estrutura ilustrada em (8.92). Observe que a contribuição semântica de ‘*dibm*’ se restringe a proposição denotada pela matriz *q* enquanto a contribuição semântica do não-futuro *-t* computada em outro ponto da estrutura. Por esse motivo, a incompatibilidade semântica observada entre ‘*dibm*’ e o não-futuro *-t* nas matrizes não está presente nas contrafactuais.



Nos capítulos anteriores, vimos que línguas como o português brasileiro e o grego moderno, o aspecto imperfectivo pode ocorrer sem a sua contribuição semântica, ou seja, como um aspecto imperfectivo falso. No Karitiana, não foi observada nenhuma interação semelhante dos auxiliares aspectuais que expressam imperfectividade com contrafactualidade. No entanto, esse resultado era o esperado. Como apresentamos no capítulo 5, o Karitiana possui dois auxiliares que expressam aspecto imperfectivo, a saber *tyka-* (e suas variações) e *andyk*. Esses auxiliares atribuem sempre uma leitura progressiva a sentença quando são empregados, ou seja, seriam aspecto *imperfectivo<sub>sg</sub>*. Imperfectivos singulares, ou seja, aqueles que expressam uma eventualidade em progresso, nunca ocorrem como morfologia de aspecto falso como discutindo em Iatridou (2000) e Ferreira (2014; 2016). A explicação de Ferreira (2014; 2016) para esse fato é que o aspecto imperfectivo com quantificação singular sobre

eventos não pode ter escopo sobre contrafactuais uma vez que contrafactuais são modais, modais são estativos e imperfectivo singular não pode ser empregado com estativos. Dessa forma, o aspecto imperfectivo em Karitiana *ty-* e *andyk* não poderiam ter escopo sobre o modal nas contrafactuais porque não podem ocorrer em ambientes estativos.

A previsão que fazemos é que, quando empregados em uma sentença contrafactual, esses auxiliares deveriam ser interpretados dentro da proposição, ou seja, sempre contribuiriam semanticamente para a proposição atribuindo uma leitura progressiva e nunca funcionaria como morfema falso da mesma forma que ocorre com o imperfectivo analítico no PB que é uma instancia de imperfectivo singular. No entanto, não conseguimos coletar nenhuma contrafactual no Karitiana com os auxiliares ‘*tyka*’/‘*andyk*’ de modo a verificar essa previsão.

### 8.3 O paralelo entre contrafactuais condicionais e buléticas

No capítulo 4, apresentamos um paralelo morfológico entre as construções contrafactuais buléticas de desejos inalcançáveis e as construções contrafactuais condicionais. De acordo com esse paralelo, repetido em (8.93), a morfologia das orações subordinadas era a mesma nessas duas construções e o mesmo ocorria com a morfologia da matriz.

(8.93) a. <b>CF-condicionais:</b>	verbo.M2	se... verbo.M1
b. <b>CF-buléticas inalcançáveis:</b>	querer.M2	que verbo.M1

O paralelo ilustrado em (8.89) não foi encontrado em Karitiana. Se olharmos apenas as subordinadas, poderíamos assumir que o paralelo se mantém visto que as subordinadas de ambas os tipos são nominalizadas não possuindo morfologia modal/temporal. Para além da morfologia modal/temporal, as orações subordinadas são marcadas por morfologia de caso oblíquo *-ty* no caso das buléticas e locativo *-p* no caso das condicionais contrafactuais, no entanto, essa diferença morfológica estaria relacionado a fatores sintáticos uma vez que a oração subordinada na estrutura bulética funciona como complemento e a oração subordinada na estrutura condicional funciona como uma adverbial. O mais importante seria verificar o paralelo da matriz visto que é nessas orações que a morfologia contribui semanticamente. A discussão dessas sentenças feita nas seções anteriores mostrou que esse não é o caso. A língua Karitiana distinguiu buléticas de desejos inalcançáveis através do sufixo dubitativo –‘*oom*,

mas nas contrafactuais condicionais empregou o morfema *jỹ-* e o *não-futuro* falso para as condicionais contrafactuais.

Como discutimos no capítulo sobre o português brasileiro, o paralelo não precisa ser perfeito. A ausência de *jỹ-* nas construções buléticas é compreensível visto que esse prefixo faz uma quantificação sobre mundos possíveis, como ilustrado em (8.83), relacionando os mundos do conseqüente e do antecedente. Nas contrafactuais buléticas, essa quantificação é feita pelo próprio verbo ‘*pyting*’. Sendo assim, a ausência desse morfema modal nas contrafactuais buléticas é algo esperado dado a semântica desse prefixo. No entanto, o Karitiana não empregou tempo falso nas contrafactuais buléticas de desejo inalcançável. Em vez disso, empregou o sufixo *-oom*. Sendo assim, o Karitiana mostra que fato de uma língua possuir o tempo falso em uma construção contrafactual condicional não implica em uma necessidade de que esse tempo falso ocorra outras construções contrafactuais da língua como as construções contrafactuais buléticas.

#### 8.4 Recapitulando

Este capítulo descreveu o papel da morfologia as construções buléticas e condicionais da língua Karitiana. As subordinadas dessas orações nunca são nominalizadas e nunca são marcadas para tempo ou modo. A língua não faz distinção entre desejos inalcançáveis e alcançáveis. Os desejos são marcados pelo caso oblíquo *-ty* que indica que o sintagma nominal ocupa a posição de argumento de um verbo intransitivo. As condicionais podem possuir duas estruturas, uma não-CF na qual a subordinada é marcada por um auxiliar aspectual, principalmente por ‘*tykiri*’ e outra CF na qual o a morfologia é um locativo *-p*. Os auxiliares aspectuais só foram empregados nas não-CF e seu uso relaciona o tempo do evento da subordinada com o tempo do evento da principal. Esses aspectos não são usados para indicar a orientação temporal da sentença como se observa em outras línguas. As contrafactuais são marcadas por um prefixo modal *jỹ-* e o sufixo de não-futuro *-t*. O modal *jỹ-* é responsável por relacionar os dois conjuntos de mundos possíveis em uma contrafactual e o não-futuro explicita a partir de qual ponto no passado os mundos possíveis se diferenciam do nosso. O próximo capítulo discute os resultados encontrados para o português e o Karitiana comparando com outras línguas e discutindo uma possível universalidade semântica em relação aos ingredientes que ocorrem em contrafactuais.





## CAPÍTULO 9 - UMA PROPOSTA UNIVERSAL PARA CONTRAFACTUAIS

---

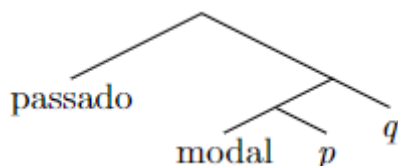
Neste penúltimo capítulo, gostaríamos de apresentar um balanço geral da tese. No capítulo 4, apresentamos as características gramaticais do português brasileiro enquanto que, no capítulo 5, apresentamos as características gramaticais do Karitiana. Essas línguas não são relacionadas sendo que o português brasileiro pertence ao tronco indo-europeu enquanto que o Karitiana pertence ao troco Tupi. Sendo assim, não é de se espantar que elas sejam bem diferentes entre si, tanto do ponto de vista semântico quanto do ponto de vista morfosintático como vimos nos capítulos 4, 5, 7 e 8.

Focando apenas nas categorias de tempo, aspecto e modo, uma diferença morfológica relevante é que o português brasileiro, como visto no capítulo 4, é uma língua flexional e a semântica de tempo, aspecto e modo é expressa através de um único morfema enquanto que o Karitiana, como visto no capítulo 5, é uma língua aglutinante expressando cada uma dessas categorias funcionais a partir de morfemas distintos. Também constatamos diferenças sintáticas relevantes como o fato de as subordinadas no português brasileiro terem projeções para as categorias de tempo, aspecto e modo enquanto que as subordinadas no Karitiana são orações nominalizadas e não possuem projeções para as categorias de tempo e modo. Há também diferenças semânticas em relação a como essas línguas organizam o seu sistema temporal sendo que o português brasileiro possui um sistema passado vs. não-passado enquanto que o Karitiana possui um sistema futuro vs. não-futuro.

Apesar de todas essas diferenças, vimos no capítulo 7, sobre as contrafactuais no português brasileiro e no capítulo 8, sobre as contrafactuais no Karitiana, que há um ponto de convergência nessas línguas quando olhamos para as contrafactuais. Ambas selecionam obrigatoriamente uma morfologia responsável por expressar a semântica de passado – o *futuro do pretérito* ou o *pretérito imperfeito* no caso do português brasileiro e o não-futuro no caso do Karitiana – a fim marcar orações contrafactuais condicionais.

Este capítulo, então, extrapola a análise dessas línguas e propõe que os paralelos observados entre elas se devem ao fato desses ingredientes serem universais semânticos. Nossa proposta assume que os ingredientes fundamentais sejam o modal e a semântica de passado como ilustrado em (9.01).

## (9.01) Contrafactuais condicionais



Nas contrafactuais condicionais, o modal quantifica universalmente sobre mundos possíveis e o passado atua na relação de similaridade restringindo o domínio de quantificação para mundos semelhantes ao mundo real  $w_0$ . Os paralelos estabelecidos acima não foram encontrados apenas no Português Brasileiro e no Karitiana. Paralelos semelhantes foram encontrados por diversos autores em inúmeras línguas. Para citar alguns exemplos, temos o Inglês, o Francês, o Grego Moderno, o Japonês, o Coreano, o Hua (Trans-Nova-Guiné), o Kree (Algoquiano), o Tonga (Bantu), o Haya (Bantu), o Chipewyan (Athabaskan), o Gaya (Tibeto-Burman), o Papagp (Uto-Asteca), o Hindi entre muitas outras. Sendo assim, esta tese adiciona o Português Brasileiro e o Karitiana a uma longa lista de línguas que se comportam de maneira semelhante.

Essa parece ser uma característica da grande maioria das línguas do mundo. Mencionamos no capítulo 6 que, no estudo translinguístico de James (1982), o passado aparecia nas 12 línguas analisadas e no estudo translinguístico de Van Linden & Verstraete (2008), o passado era obrigatório em 32 das 42 línguas analisadas (cerca de 76%). Sendo assim, não é de se espantar que tenhamos encontrado a mesma correlação no Português Brasileiro e no Karitiana, mesmo que elas não sejam relacionadas. Isso apenas mostra que essas línguas seguem uma mesma tendência quando se trata de marcação morfológica contrafactual.

Frente a esses dados, é impossível assumir que a relação entre passado e contrafactualidade seja acidental. Independente da proposta a ser assumida, é fato que há algo na semântica do passado que o torna necessário ou, ao menos, extremamente relevante para expressar contrafactualidade. Sendo assim, temos dois caminhos a seguir: (i) assumir que a semântica do passado é necessária para contrafactuais ou (ii) assumir que ela não é necessária, mas extremamente relevante por facilitar a expressão do sentido contrafactual.

Se assumirmos que a semântica do passado é necessária para expressar o sentido contrafactual, estamos diante de um universal semântico. Sendo assim, seria esperado que todas as línguas fizessem uso do passado nesses ambientes. No entanto, não é isso que acontece. Apesar do passado ser encontrado nas contrafactuais de grande parte das línguas,

haveria ainda, assumindo o estudo representativo de van Linden e Verstraete (2008), 24% das línguas que não fazem uso do passado em contrafactuais. Esse é o caso do Hua (Trans-Nova-Guiné) ilustrado abaixo:<sup>79</sup>

(9.02) Kosa k      hau-re-**hine**  
           cair    2.SG.O acontecer-PFT.3-CT  
           ‘Quase caí.’

(HAIMAN, 1980, p. 160)

O exemplo acima é uma contrafactual diferente das analisadas nesta tese. Ao dizer ‘quase caí’, subentende-se que o enunciador não caiu, ou seja, que o evento não ocorreu. Esse exemplo é empregado por van Linden e Verstraete (2008) para ilustrar línguas nas quais orações contrafactuais não empregam o passado em contrafactuais. Línguas assim, segundo os autores, fazem uso de um morfema que parece ser especializado no sentido contrafactual. No exemplo acima, tal morfema seria o sufixo ‘-hine’. Essas línguas seriam uma evidência contra a proposta de que a semântica do passado é necessária para a expressão da contrafactualidade.

O que queremos mostrar neste capítulo é que a proposta universal pode ser mantida mesmo com línguas nas quais o passado não pareça ser empregado como é o caso do Hua em (9.02). Primeiramente, o fato de uma língua expressar contrafactualidade a partir de um único morfema ou item lexical, não implica que esse item não codifica o passado de alguma forma. Há línguas que vão expressar o modal e o passado como ingredientes separados como é o caso do Karitiana ilustrado abaixo:

(9.03) Ingredientes contrafactuais do Karitiana

- a. jy- = modal
- b. -t/-∅ = não futuro

---

<sup>79</sup> É questionável se (9.02) estaria no escopo dessa pesquisa. A tradução da sentença parece indicar contrafactualidade visto que, ao se dizer ‘quase caí’, assume-se que o falante não caiu. No entanto, essa não foi uma contrafactual estrutura contrafactual que discutimos nesta tese. Aqui, nos restringimos apenas às contrafactuais condicionais buléticas (i.e., ‘eu queria...’) e às contrafactuais condicionais (i.e., ‘se p, q’). No Português Brasileiro, ‘quase caí’ ocorre no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, é uma contrafactual que não segue o paralelo morfológico observado nos outros dois tipos descritos nesta tese.

No entanto, há línguas nas quais o passado não ocorre com um morfema independente, mas aparece associado a outros ingredientes. Esse é o caso do inglês e do Português Brasileiro discutido nesta tese. Lembrando que as contrafactuais no inglês são marcadas com o item lexical ‘*would*’ que é analisado por Arregui (2005) como o *spell out* de modal e passado como ilustrado em (9.04). De forma semelhante, analisamos a morfologia de futuro do pretérito ‘-ria’ como *spell out* do futuro, que é um modal, com o passado como ilustrado em (9.05).

(9.04) Ingredientes contrafactuais do inglês

would = woll + past

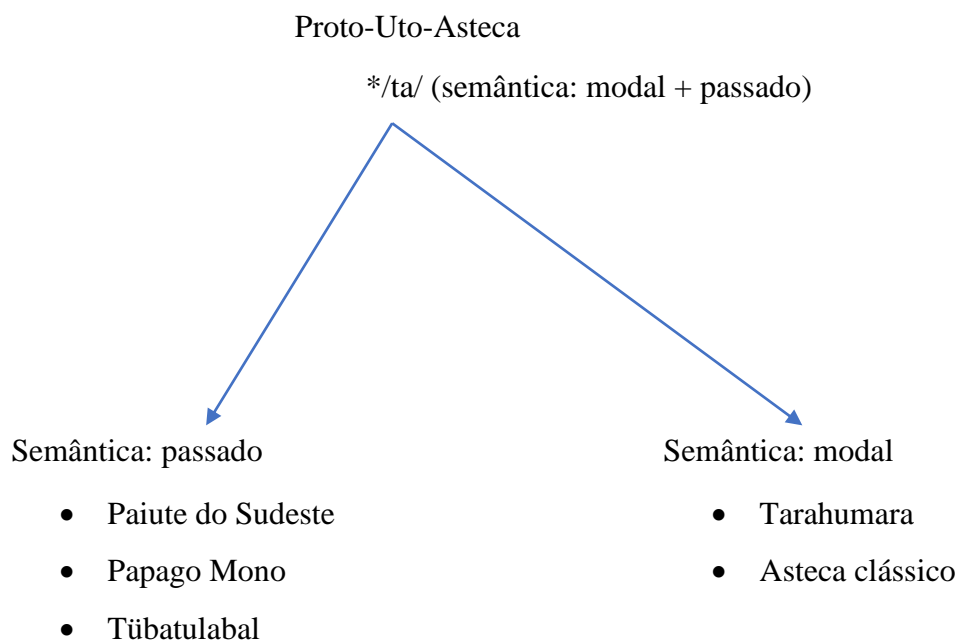
(9.05) Ingredientes contrafactuais do Português Brasileiro

-ria (futuro do pretérito) = modal + passado

Observe que o fato de o passado aparecer como um ingrediente separado ou não pode estar relacionado a características gramaticais da própria língua. Por exemplo, o não-futuro aparece como um ingrediente separado do modal no Karitiana, pois essa é uma língua aglutinante que naturalmente tende a reservar um sentido para cada morfema. Já o passado e modal no português brasileiro possuem um único *spell out* porque essa é uma língua flexional e, assim, naturalmente agrega diversos sentidos em um único morfema. Sendo assim, nada impede que o morfema ‘-hine’ não seja analisado como *spell out* de modal e passado. O próprio morfema re- glosado pelos autores como aspecto perfeito poderia atuar como uma camada de passado como vimos nos capítulos anteriores. É difícil afirmar que uma língua não usa o passado falso analisando apenas com dados de segunda mão como é o caso de van Linden & Verstraete (2008). A proposta que apresentaremos neste capítulo é de que as línguas que parecem não fazer uso do passado, na verdade, o fazem de uma forma encoberta. De acordo com essa proposta, o passado é um ingrediente necessário, ou seja, usado por todas as línguas com estruturas contrafactuais dos tipos discutidos nesta tese.

Dados diacrônicos parecem corroborar essa proposta visto que, marcas exclusivamente contrafactuais tendem a evoluir da reanálise de morfemas de passado. Primeiramente, gostaríamos de discutir o caso da línguas Uto-Astecas. Steele (1975) investiga diacronicamente a evolução do proto-morfema \*/ta/ nas línguas da família Uto-Asteca: Paiute do Sudeste, Papago Mono, Tarahumara e Tübatulabal. A autora nota que nas línguas Paiute do Sudeste, Papago Mono e Tübatulabal, esse morfema possui um sentido temporal de

passado e que nas línguas Tarahumara e Asteca Clássico, esse morfema tem um sentido modal de irrealis. A autora então reconstrói a semântica de \*/ta/ no Proto-Uto-Asteca, assumindo que ele codificava tanto modalidade quanto o passado. Essa proposta está apresentada no gráfico abaixo.



Steele (1975) argumenta em favor de uma relação universal entre passado e contrafactualidade. No entanto, a linha que ela assume é que o passado e irrealidade indicam distâncias, distância temporal do presente ou distância da realidade. Por esse motivo, eles aparecem frequentemente correlacionados nas línguas do mundo e, diacronicamente, um podem evoluir se tornando o outro como ilustrado no gráfico acima. Assumiremos também uma proposta universal, mas seguindo a análise de que o modal e o passado são ingredientes semânticos necessários que podem atuar de maneira independente ou não. Os dados das línguas Astecas ilustram que as línguas podem mudar nesse aspecto e, um morfema que costumava expressar ambas as noções podem acabar se especializando em apenas uma delas.

A relação diacrônica entre passado e modal não é exclusiva da família Uto-Asteca, mas parece ser consistentemente encontrada nas línguas do mundo. Por exemplo, no Germânico, marcas morfológicas de passado se gramaticalizaram e se especializaram na expressão de contrafactualidade (DAHL, 1997; YONG, 2018). O mesmo fenômeno foi observado nas línguas iranianas (YONG, 2018). No Germânico, havia um passado que costumava ser empregado para reforçar o sentido contrafactual. Essa flexão de passado só podia ocorrer em

contrafactuais quando elas fossem orientadas para o passado como ilustrado pelos verbos ‘veseis’ e ‘gadauþnodedi’ da matriz e da subordinada em (9.06). Com passar do tempo, essa flexão de passado deixa de ser usada exclusivamente em contrafactuais no passado e passa a ocorrer em condicionais no presente.

(9.06) Germânico

Frauja, iþ **veseis** her,  
 Lord if **thou.were** here,  
 ‘Lord if thou hadst been here’

ni þau **gadauþnodedi** broþar meins  
 not then **died** brother mine  
 ‘my brother had not died.’

(YONG, 2018, p. 192)

No inglês arcaico, o passado já era usado com contrafactuais no presente como ilustrado abaixo:

(9.07) Inglês Arcaico

He **nœere** na œelmihtig  
 He NEG.**were.SBJV** no almight  
 ‘He would not be almighty,’

gif him œenig gefadung earfoðe **wœere**  
 if him any order difficult **were**  
 if any order were difficult for him to maintain.’

(YONG, 2018, p. 192)

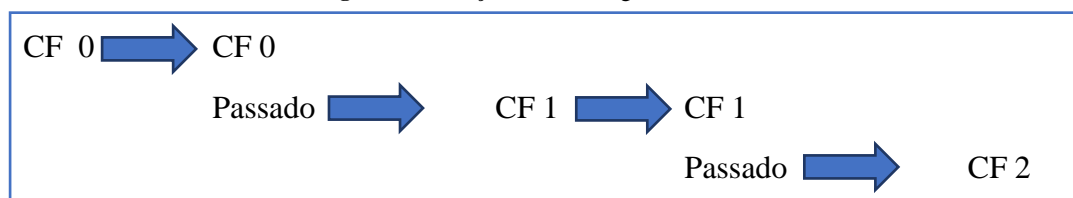
No entanto, essa não era apenas uma flexão de passado, era uma flexão de passado modo subjuntivo. No inglês moderno, o uso do subjuntivo desapareceu e o único contexto no qual um vestígio do subjuntivo foi preservado é em contrafactuais com a cópula como ilustrado em (9.08). Nos outros contextos, o passado se manteve.

## (9.08) Inglês Moderno

If I **were** there...

Comparando dados da evolução de contrafactuais no Germânico e nas línguas iranianas, Young (2018, p. 183) assume que existe um padrão evolutivo pelo qual as línguas passam. Segundo esse padrão, em um estágio inicial, uma marca contrafactual, representada abaixo por CF 0, seria sozinha responsável por exprimir contrafactualidade. Com o tempo, ela se associaria ao passado como ilustrado no segundo passo na figura abaixo. Esse passado seria usado primeiramente em contrafactuais no passado como no Germânico e, gradualmente, seu uso seria estendido para contrafactuais no presente como no inglês moderno. Depois de certo tempo, a primeira marca contrafactual desapareceria e o passado seria reanalisado como uma marca contrafactual, ilustrado abaixo por CF 1. Emergiria uma nova marca de passado na língua que, passaria a ser usada com a marca contrafactual para reforçar contrafactualidade. O mesmo processo ocorreria e o novo passado seria reanalisado como uma marca contrafactual como ilustrado em CF2. Esse é um ciclo que se repete indefinidamente.

**Figura 4:** Evolução da morfologia contrafactual



Fonte: Desenvolvida pelo autor a partir de Young (2018, p. 183)

Os dados diacrônicos mostram que, o fato de uma língua não usar o passado e ter uma marca exclusiva para contrafactualidade não é o suficiente para descartar o passado como um ingrediente necessário para a implicatura contrafactual emergir já que aquela marca pode ter evoluído a partir de um morfema que significava passado. A nossa proposta é que, de um estágio para o outro, o passado não é eliminado, mas sim incorporado na semântica do modal como é o caso de *'would'* no inglês e do *futuro do pretérito* do português brasileiro que reúnem, em uma único morfema/item lexical, a semântica modal e a semântica de contrafactualidade necessárias para que a implicatura de contrafactualidade surja.

No segundo estágio ilustrado na figura acima, a contrafactualidade é marcada por dois marcas: CF 0 e Passado. O passado teria o significado de passado que, como vimos no

capítulo 3, seria uma forma pronominal  $g(i)$  se referindo a um intervalo de tempo, e o CF0 teria a mesma semântica modal que Arregui (2005) propôs para o inglês ilustrada em (9.09).

- (9.09) a.  $[[CF\ 0]] = \lambda P\langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda Q\langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda t. w [w \text{ semelhante a } w_c \text{ até } t \ \& \ P(g(ti))(w) \rightarrow Q(g(ti))(w)]$
- b.  $[[passado]] = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t < TE;$   
 se definido, então  $[[passado]]^{g,c} = t$

Quando o passado é reanalisado como uma marca contrafactual e passa a atuar sozinho para expressar esse sentido, como ilustrado na figura no terceiro passo pela marca CF1, assumimos que ele assume a semântica do modal, mas a semântica do passado permanece incorporada como ilustrado abaixo:

- (9.10)  $[[CF\ 1]] = \lambda P\langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda Q\langle i, \langle s, t \rangle \rangle. w [w \text{ semelhante a } w_c \text{ até } [[passado]]^{g,c} \ \& \ P(g(ti))(w) \rightarrow Q(g(ti))(w)]$

Ou seja, não é porque a língua possui apenas uma marca usada em contrafactuals que significa que o passado deixou de ser um elemento necessário. A morfologia pode não ser mais aparentemente de passado, mas o ingrediente passado fica codificado lexicalmente sendo um vestígio de quando essa morfologia era um passado. Esse quadro evolutivo inclusive explica a mudança pela qual o português brasileiro está passando discutida nos capítulos 4 e 7. As contrafactuals no PB podem ocorrer tanto no futuro do pretérito quanto no pretérito imperfeito como ilustrado em (9.11). Vimos, no capítulo 7, que essa mudança não muda as condições de verdade da sentença.

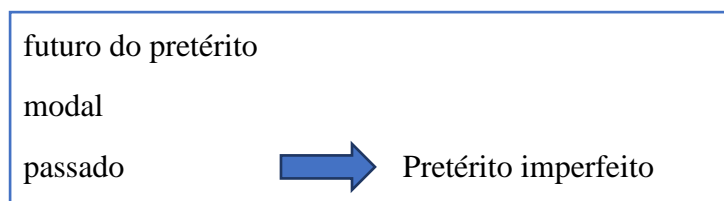
- (9.11) a. Se Maria tivesse espaço, **adotaria** um cachorro.  
 b. Se Maria tivesse espaço, **adotava** um cachorro.

A questão que tentamos responder foi, se o ingrediente futuro no tempo futuro do pretérito é um expoente do modal em (9.11a), por que o Português Brasileiro está trocando essa morfologia que por outra que é apenas passado como (9.11b)? O que efetuará o papel do modal na nova morfologia? Com a visão diacrônica discutida neste capítulo, temos uma resposta para esse problema. Na evolução linguística apresentada na figura 3, é o passado que



tende a ser reanalisado como elemento contrafactual e a marca modal costuma se perder nesse processo. Sendo assim, a eliminação do futuro e preservação do passado como ingrediente observada no PB ilustrado na figura 4 é uma tendência observada em várias línguas.

**Figura 5:** Evolução da morfologia contrafactual no PB



Fonte: Desenvolvida pelo autor a partir de Young (2018, p. 183)

A nossa análise para (9.11b) no capítulo 7 não é que o pretérito imperfeito se tornou uma marca contrafactual, mas que ele atua com um modal nulo fonologicamente como ilustrado em (9.12). Dentro do que trabalhamos neste capítulo, uma nova opção de análise seria assumir que o pretérito imperfeito é em si uma marca contrafactual e possui a semântica ilustrada em (9.13).

$$(9.12) \text{ a. } \llbracket \emptyset \rrbracket = \lambda P \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda Q \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda t. w [w \text{ semelhante a } wc \text{ até } t \ \& \ P(g(ti))(w) \rightarrow Q(g(ti))(w)]$$

$$\text{b. } \llbracket \textit{pretérito imperfeito} \rrbracket = \text{definido apenas se } c \text{ prover um intervalo de tempo } t < TE; \text{ se definido, então } \llbracket \textit{passado} \rrbracket^{g,c} = t$$

$$(9.13) \llbracket \textit{pretérito imperfeito} \rrbracket = \lambda P \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. \lambda Q \langle i, \langle s, t \rangle \rangle. w [w \text{ semelhante a } wc \text{ até } \llbracket \textit{passado} \rrbracket^{g,c} \ \& \ P(g(ti))(w) \rightarrow Q(g(ti))(w)]$$

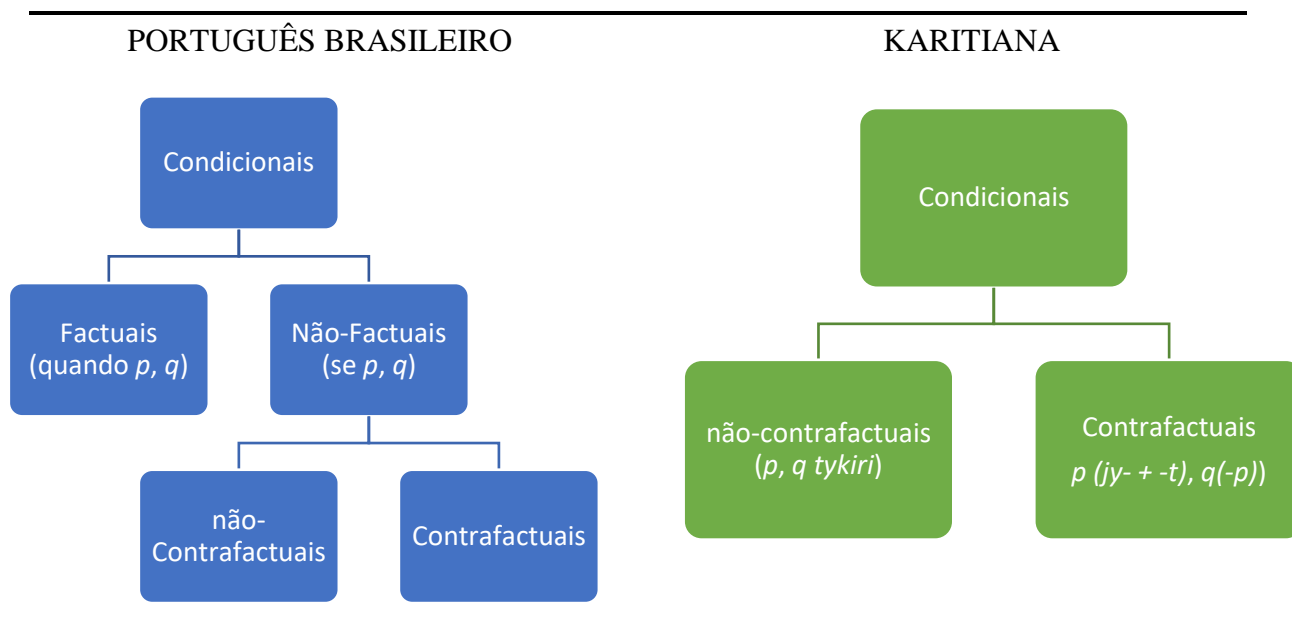
Mantermos a proposta que fizemos no Capítulo 7, ou seja, aquela ilustrada em (9.12). Isso porque o pretérito imperfeito só parece indicar ter esse sentido modal quando está em contrafactuais buléticas e contrafactuais condicionais. Fora desses contextos, esse morfema é produtivo com o sentido de passado como ilustrado em (9.14).

(9.14) a. Maria disse que **trabalhava**.

b. Maria **trabalhava** quando cheguei.

Isso pode ser um indício que, na evolução linguística ilustrada na Figura 3, o passado não é automaticamente analisado como contrafactual. Em um primeiro momento, o modal passa a ser fonologicamente nulo e o passado mantém a semântica de passado. Com o tempo, o morfema de passado é reanalisado e a semântica do modal passa atribuída ao passado de modo que ele se torna um marcador contrafactual.

O português brasileiro e o Karitiana também tiveram alguns pontos de divergência em relação às construções contrafactuais. O primeiro deles é em relação à tipologia das condicionais. No português brasileiro, as condicionais podem ser factuais, não-factuais e contrafactuais, como representado abaixo pelo diagrama azul à esquerda. O Karitiana, por outro lado, distingue apenas as contrafactuais dos outros tipos de condicionais.



A possibilidade de o português brasileiro distinguir factuais das não-factuais foi atrelado aos elementos subordinadores dessa língua, a saber, a conjunção ‘se’ e ‘quando’. Uma vez que na língua Karitiana não há elementos subordinadores como conjunções ou complementizadores, é possível a ausência na distinção observada em Karitiana esteja atrelada a ausência de elementos subordinadores. No entanto, vimos no capítulo anterior que o Karitiana consegue expressar a diferença entre factualidade e não-factualidade da oração subordinada através dos morfemas adverbializador *-t* e locativo *-p*. Sendo assim, a língua parece ter os mecanismos para distinguir as factuais uma vez que o morfema *-t* já parece carregar essa semântica. Independentemente das razões que levam o Karitiana a não distinguir

as factuais das demais, a comparação dessa língua com o português brasileiro mostra que a prioridade parece ser distinguir as contrafactuais condicionais dos outros tipos de condicionais, ou seja, devemos esperar ao menos dois tipos de condicionais ao estudar essas estruturas em alguma língua. A língua, no entanto, pode distinguir mais tipos a depender dos recursos que possui em sua gramática.

Ambos o Karitiana e o português empregam o mesmo verbo em buléticas de desejos alcançáveis e inalcançáveis, a saber, *'pyting'* e *'querer'*. Além disso, ambas as línguas distinguem esses dois tipos de construção contrafactual bulética através de morfologia no verbo bulético. No entanto, o português faz isso por meio da mesma morfologia de tempo falso das construções contrafactuais condicionais e o Karitiana não usa a morfologia de tempo falso das condicionais contrafactuais, mas usa outra morfologia. Sendo assim, vimos que, em uma língua, o tempo falso pode ser necessário em um ambiente contrafactual e dispensável em outro ambiente contrafactual. O ambiente prototípico para esse fenômeno parecem ser as contrafactuais condicionais. Talvez, a relação de similaridade nas condicionais seja mais facilmente modificada por um tempo aberto do que os outros tipos de orações contrafactuais. Desse modo, as investigações linguísticas cujo objetivo seja verificar se uma língua tem ou não tempo falso devem começar pelas estruturas contrafactuais condicionais.

Este capítulo discutiu as contrafactuais a partir de uma visão tipológica. A proposta que assumimos aqui é que os paralelos observados nas contrafactuais condicionais do português brasileiro e no Karitiana são reflexos de que o passado e o modal são universais linguísticos quando estamos nos referindo a expressão de contrafactualidade. O problema dessa proposta universal é que nem todas as línguas parecem usar passado, pois há línguas que possuem marcas contrafactuais que não precisam coocorrer com o passado.

A nossa solução a esse problema é que o passado é um ingrediente universal semântico que pode estar codificado lexicalmente nessa marca. Para corroborar essa proposta, discutimos como há uma relação diacrônica entre passado e contrafactual que é sistematicamente observado nas línguas do mundo como ilustrado na família Uto-Asteca, no Germânico e nas línguas Iranianas. Acreditamos que o passado ser colocado como ingrediente universal é atraente, pois explica porque a grande maioria das línguas faz uso desse tempo. Além disso, é importante pontuar que ele seria um universal semântico e essa é uma grande contribuição teórica visto que a identificação e descrição de universais semânticos é recente na gramática gerativa.



## CAPÍTULO 10 - CONCLUSÕES

---

Encerramos com este capítulo final no qual resumimos os pontos principais discutidos na tese. Vimos que a relação entre contrafactualidade e morfologia aspectual e temporal tem intrigado linguistas. Tanto a morfologia de tempo passado quanto as morfologias de aspecto imperfectivo e perfeito parecem ter uma semântica diferente quando comparamos sua contribuição nas contrafactuais e em outros ambientes. Esse fato motivou o surgimento de diversas propostas para explicar o porquê tempo e aspecto parecem ter uma contribuição diferente dentro e fora de estruturas contrafactuais. A maioria das propostas dão destaque ao tempo passado assumido que sua semântica é vital para expressar contrafactualidade, seja pelo fato dele mesmo um modal (IATRIDOU, 2000), ou pelo fato das construções contrafactuais precisarem aliar a semântica do passado à modalidade o que faz com que o passado seja interpretado em outro ponto na estrutura semântica (IPPOLITO, 2002; 2003; ARREGUI, 2005). Para o aspecto, é geralmente dado um papel secundário como expressar uma segunda camada de passado no caso do perfeito (IATRIDOU, 2000) ou é assumido que ele não possui papel nenhum como no caso do imperfectivo (IATRIDOU, 2000) ou que a sua contribuição semântica é anulada por alguma interação com a estrutura das contrafactuais (FERREIRA, 2014; 2016).

A maioria dessas propostas foi pensada tendo no horizonte o fenômeno da contrafactualidade em línguas do tronco indo-europeu como Francês, Grego Moderno e principalmente o inglês. No entanto, esse fenômeno foi observado por trabalhos tipológicos em línguas dos mais variados troncos e famílias linguísticas e de toda parte do mundo (JAMES, 1982; VAN LINDEN & VERSTRAETE, 2008). Desse modo, a nossa proposta foi um olhar mais aprofundado em duas línguas: o português brasileiro e o Karitiana. Esse é o primeiro trabalho mais detalhado sobre contrafactualidade a partir de uma perspectiva formal em ambas as línguas. Desse modo, a nossa primeira contribuição é fornecer uma descrição mais aprofundada de como os morfemas de tempo, aspecto e modo se comportam em cada uma delas quando comparamos estruturas contrafactuais e não-contrafactuais.

A escolha por essas línguas se deu por dois motivos: (i) o fácil acesso do linguista a dados de primeira mão de ambas as línguas e o (ii) o fato dessas línguas possuem sistemas temporais e aspectuais distintos. Em relação ao primeiro motivo, o fácil acesso às línguas é relevante pois a análise da contrafactualidade requer acesso a dados que sejam acompanhados

de contextos que atestem a interpretação contrafactual além de interação de morfologia com advérbios dentro e fora das contrafactuais a fim de atestar o caráter falso dessa morfologia. Dados de segunda mão permitem criar hipóteses, mas dificilmente possuem todas as características necessárias que permita uma análise mais aprofundada da contrafactualidade.

Além do acesso direto, outro fator relevante foi o fato dessas línguas terem sistemas temporais distintos. Enquanto o português é uma língua do sistema passado vs. não-passado, o Karitiana é uma língua do sistema futuro vs. não-futuro. Essa diferença é relevante pois nos permitiu comparar se a relação entre contrafactualidade e morfologia temporal aspectual geralmente observada em línguas como o português brasileiro se estendia de alguma forma para línguas como o Karitiana. Como discutimos no capítulo 8, a morfologia de passado falso pode ocorrer tanto em línguas que possuem morfologia de passado, como o português brasileiro, quanto em línguas que não possuem morfologia específica de passado, como o Karitiana que possui um não-futuro falso. Isso que a semântica de passado é o fator importante, independentemente de qual morfologia porta essa semântica. Outro ponto importante da inclusão dessas duas línguas foi testar o poder explicativo. Uma vez que assumimos que o fenômeno de tempo falso em contrafactuais nessas línguas é desencadeado pelos mesmos fatores, buscamos uma teoria que conseguisse dar conta dos dados de ambas as línguas. Nesse sentido, acreditamos que as propostas nas quais o passado é verdadeiro e sua contribuição nas contrafactuais não é aparente uma vez que ele é interpretado em outro ponto da estrutura semântica se saem melhor porque as outras escolhem traços como distância ou exclusão do momento da fala e isso não explica porque o futuro não poderia ser usado como um morfema falso. As propostas nas quais o passado é verdadeiro, justamente por colocar a relevância no passado, explicam os dados tanto do português brasileiro quanto do Karitiana, além motivar tendência observada na maioria das línguas do mundo de usar o passado em ambientes contrafactuais.

A nossa hipótese foi de que os paralelos de tempo falso associado a um modal observados no português brasileiro e no Karitiana são reflexos de que o passado e o modal são universais semânticos, ou seja, são os ingredientes que criem as condições necessárias para que a implicatura contrafactual emergir. O problema com essa proposta é que há línguas que não seguem esse padrão e parecem usar marcas contrafactuais sem auxílio de um passado falso. Para explicar as línguas que fogem dessa regra, assumimos que é possível manter o passado como um ingrediente essencial se o passado estiver codificado lexicalmente no elemento que essas línguas usam para marcar contrafactualidade. Essa proposta seria

corroborada tanto pelo ‘*would*’ no inglês quanto pelo *futuro do pretérito* no português, que englobam tanto o sentido modal quanto a semântica de passado em um único item lexical/morfema. Análises translinguísticas também corroboram essa proposta pois mostram que é comum que marcas contrafactuais se desenvolvam a partir de morfologia de passado. Sendo assim, seria natural que haja um ingrediente passado remanescente nessa marca contrafactual. Uma maneira de contestar essa proposta seria identificar línguas nas quais a morfologia contrafactual não se desenvolveu a partir de morfologia de passado. Para isso, precisamos olhar para a contrafactualidade nas línguas a partir de uma perspectiva diacrônica, mas isso será deixado para pesquisa futura.





## REFERÊNCIAS

---

- ALEXANDRE, T. C. **Os evidenciais em Karitiana**. São Paulo: Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.
- ANDERSON, A. R. A note on Subjunctive and Counterfactual Conditionals. **Analysis**, Oxford, v. 12, p. 35-38, 1951.
- ARREGUI, A. C. **On the accessibility of possible worlds: the role of tense and aspect**. Amherst: PhD Dissertation, UMass, 2005.
- ARREGUI, A. C. When aspect matters: the case of 'would' conditionals. **Natural Language Semantics**, p. 221-264, 2007.
- BOCHNAK, M. R.; MATTHEWSON, L. Introduction. In: BOCHNAK, M. R.; MATTHEWSON, L. **Methodologies in Semantic Fieldwork**. [S.l.]: Oxford University Press, 2015. p. 1-10.
- BORGES, P. R. Estrutura morfofonológica do futuro no Português Arcaico. **Estudos Linguísticos**, p. 191-199, 2007.
- BURTON, S.; MATTHEWSON, L. Targeted Construction Storyboards in Semantic Fieldwork. In: BOCHNAK, M. R.; MATTHEWSON, L. **Methodologies in Semantic Fieldwork**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Cap. 5.
- CABLE, S. **A Basic Introduction to the Semantics of Aspect (Class Handout)**. UMass. Amherst, p. 1-23. 2021.
- CARVALHO, A. M. O auxiliar aspectual tyka do Karitiana. **Revista Letras**, Curitiba, maio/ago 2009. 147-163.
- CARVALHO, A. M. **O auxiliar aspectual tyka do Karitiana**. São Paulo: Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.
- CHIERCHIA, G. Denotation, Truth, and meaning. In: \_\_\_\_\_ **Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics**. Tradução de Chierchia Genaro e Sally McConnell-Ginet. Cambridge: MIT Press, 2000. p. 53-112.
- COMRIE, B. **Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge university press, v. 2, 1976.

COMRIE, B.; HASPELMATH, M.; BICKEL, B. The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. **Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology**, 2015. Disponível em: <<https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>>.

CRAIN, S.; THORNTON, R. **Investigations in Universal Grammar - A guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics**. Cambridge: The MIT Press, 1998.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DAHL, O. The relation between past time reference and counterfactuality: a new look. In: ATHANASIADOU, A.; DIRVEN, R. **Amsterdam studies in the theory and history of linguistic sciences series 4**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p. 97-114.

DIAS, T. A. **As construções de cópula da língua Karitiana**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2019.

DOWTY, D. R. **Word Meaning and the Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.

DUDMAN, V. H. Tense and Time in English Verb Clusters of the Primary Pattern. **The Australian Journal of Linguistics**, 3, 1983. 25-44.

DUDMAN, V. H. Conditional Interpretations of 'If'-sentences. **The Australian Journal of Linguistics**, v. 4, p. 143-204, 1984a.

DUDMAN, V. H. Parsing 'if' - sentences. **Analysis**, v. 44, p. 145-153, 1984b.

EVERETT, C. **Patterns in Karitiana: Articulations, Perception and Grammar**. Ph.D. Dissertation. Houston: Rice University, 2006.

FARKAS, D. On the semantics of subjunctive complements. In: HIRSCHBÜHLER, P.; KOERNER, E. F. K. **Romance Languages and Modern Linguistic Theory**. Amsterdam: Benjamins, 1992. p. 69-104.

FERREIRA, L. F. **A expressão do modo no Karitiana**. Anais do 21º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo: [s.n.]. 2013. p. 1.

FERREIRA, L. F. **Modalidade Deôntica em Karitiana**. Anais do 22º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo: [s.n.]. 2014. p. 1-4.

- FERREIRA, L. F. **Modalidade deôntica em Karitiana**: Quantificadores universal e existencial. Anais do 23º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo: [s.n.]. 2015. p. 1.
- FERREIRA, L. F. **Modo em Karitiana**. São Paulo: Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017a.
- FERREIRA, L. F. Karitiana: Uma língua com dupla marcação de modo. **Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN**, Niterói, 2017b. 272-282.
- FERREIRA, L. F. Modalidade Bulética em Karitiana. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1-19, 2020. ISSN 2675-4916.
- FERREIRA, L. F.; MÜLLER, A. The relevance of future vs. non-future languages for the understanding of the role of tense in counterfactual sentences. **RELIN**, Belo Horizonte, p. 1051-1099, 2019.
- FERREIRA, L. F.; MÜLLER, A. Fieldwork techniques in semantics. In: \_\_\_\_\_ **Modality in Underdescribed Languages: Methods and Insights**. [S.l.]: de Gruyter, no prelo.
- FERREIRA, M. Displaced Aspect in Counterfactuals: Towards a More Unified Theory of Imperfectivity. In: CRNIC, L.; SAUERLAND, U. **The Art and Craft of Semantics: A Festschrift for Irene Heim**. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics 70, v. 1, 2014. p. 147-164.
- FERREIRA, M. The Semantics Ingredients of Imperfectivity in Progressives, Habituals, and Counterfactuals. **Natural Language Semantics**, v. 24, p. 353-397, 2016.
- FERREIRA, M. On the Indexicality of Portuguese Past Tenses. **Journal of Semantics**, v. 34, p. 633-657, 2017.
- FLEISCHMAN, S. Temporal distance: a basic linguistic metaphor. **Studies in Language** **13:1**, 1989. 1-50.
- GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect**: from Semantics to Morphosyntax. New York: Oxford University Press, 1997.
- GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect**: from Semantics to Morphosyntax. New York: Oxford University Press, 1997.
- HACQUARD, V. Modality. In: MAIENBORN, C.; VON HEUSINGER, K.; PORTNER, P. **Semantics: An international Handbook of Natural Language Meaning**. HSK 33.2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 1484-1515.

- HAIMAN, J. **A Papuan language of the eastern highlands of New Guinea**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, v. 5, 1980.
- HOCKETT, C. F. The origin of speech. **Scientific American**, v. 203, p. 88-97, 1960. ISSN 3.
- HORNSTEIN, N. **As Time Goes By: Tense and Universal Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1993.
- IATRIDOU, S. The Grammatical Ingredients of Counterfactuality. **Linguistic Inquiry**, v. 31, p. 231-270, 2000.
- IATRIDOU, S. **Some thoughts about the imperfective in counterfactuals**. [S.l.]: ms. MIT, 2010.
- IPPOLITO, M. **The Time of the Possibilities: Truth and Felicity of Subjunctive Conditionals**. [S.l.]: PhD dissertation, MIT, 2002.
- IPPOLITO, M. Presuppositions and implicatures in Counterfactuals. **Natural Language Semantics** 11, p. 145-186, 2003.
- IPPOLITO, M. **Subjunctive conditionals: A linguistic analysis**. Cambridge: MIT Press, 2013.
- JAMES, D. Past tense and the hypothetical. A crosslinguistic study. **Studies in Languages** 9, 1982. 375-403.
- KLEIN, W. **Time in Language**. London: Routledge, 1994.
- KRATZER, A. The notional category of modality. In: EIKMEYER, H.-J.; RIESER, H. **Words, Worlds and Contexts: New approaches in Word Semantics**. [S.l.]: de Gruyter, 1981.
- KRATZER, A. More Structural Analogies Between Pronouns and Tenses. **Proceedings of SALT 8**, Amherst, 1998. 92-110.
- KRATZER, A. **Modals and Conditionals**. New York: Oxford University Press, 2012.
- KRIPKE, S. **Naming and necessity**. Oxford: Blackwell, 1980.
- LANDIN, D. An outline of the syntactic structure of of Karitiana Sentences. In: DOOLEY, R. **Estudos sobre línguas Tupi do Brasil**. Brasília: [s.n.], 1984. p. 219-254.
- LEWIS, D. **Counterfactuals**. Cambridge: Harvard University Press, 1973.
- LIEBER, R. **Introducing morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LOUIE, M. The problem with NoNonsense Elicitation Plans for Semantic Fieldwork. In: BOCHNAK, M. R.; MATTHEWSON, L. **Methodologies in Semantic Fieldwork**. [S.l.]: Oxford University Press, 2015. Cap. 2, p. 47-71.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 2, 1977.

- MARQUES, R.; OLIVEIRA, R. P. D. Mood and modality. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. **The handbook of Portuguese Linguistics**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2016. p. 408-424.
- MARQUES, R.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Mood and Modality. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2016. p. 408-424.
- MATTHEWSON, L. On the methodology of semantic fieldwork. **International Journal of American linguistics**, 70, 2004. 369-415.
- MATTHEWSON, L. Temporal semantics in a superficially tenseless language. **Linguistics and Philosophy**, v. 29, p. 673-713, 2006.
- MOULTON, K. Simple Event Nominalization: roots and their interpretation. In: PAUL, I. **Cross-linguistic investigation of nominalization patterns**. [S.l.]: John Benjamins Publishing, 2014. p. 119-144.
- MÜLLER, A.; BERTUCCI, R. Sintagmas nominais nus expressam a distinção definido vs. indefinido? O caso do Karitiana. In: \_\_\_\_\_ **Nominais nus: um olhar através das línguas**. Tradução de Roberta Pired de Oliveira e Meiry Peruchi Mezari. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-184.
- MÜLLER, A.; FERREIRA, L. F. O sistema aspecto-temporal da língua Karitiana. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, p. 1-20, set. 2020a.
- MÜLLER, A.; FERREIRA, L. F. Modo - O caso do Karitiana. **Revista Letras**, Curitiba, p. 45-70, jan./jun. 2020b. ISSN 101.
- OGIHARA, T. Tense and aspect in truth-conditional semantics. **Lingua**, p. 392-418, 2005.
- PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- PARSONS, T. **Event in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PARTEE, B. Some structural analogies between tenses and pronouns in English. **The Journal of Philosophy**, 1973. 601-609.
- PORTNER, P. **Situation theory and the semantics of propositional expressions**. Amherst: PhD dissertation, University of Massachusetts, 1992.
- PORTNER, P. Verbal Mood. In: VON HEUSINGER, M.; PORTNER, P. **Semantics**. [S.l.]: de Gruyter, 2011. p. 1262-1291.
- PORTNER, P. **Mood**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

- PRIOR, A. **Time and modality**. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- PRIOR, A. **Past, Present and the Future**. Clarendon Press: Oxford, 1967.
- REICHENBACH, H. The tenses of verbs. In: \_\_\_\_\_ **Elements of symbolic Logic**. New York: The Macmillan Company, 1947. p. 287-298.
- ROCHA, I. **Não-finitude em Karitiana**: subordinação versus nominalização. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2016.
- ROCHA, I. **Léxico verbal da Língua Karitiana**. São Paulo: Paulistana, 2017.
- ROCHA, I. Interpretação temporal em orações não-finitas em Karitiana: a contribuição do aspecto. **Congresso da associação de linguística e filologia da américa latina - ALFALito**, 2018.
- ROTHSTEIN, S. Verb Classes and Aspectual Classification. In: \_\_\_\_\_ **Structuring events: A study in the semantics of lexical aspect**. [S.l.]: Blackwell, 2004. p. 1-35. Disponível em: <<http://tinyurl.com/rothsteinaktionsarten>>.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emílio; ou, Da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SANCHEZ-MENDES, L. Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal. **Revista Letras**, Curitiba, p. 277-293, 2014.
- SCHERRE, M. et al. Variação dos pronomes "Tu" e "Você". In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.
- SCHMIT, C. Cross-linguistic variation and the present perfect: The case of Portuguese. **Natural Language & Linguistics Theory**, v. 19, p. 403-453, 2001.
- SCHMITT, C. Cross-linguistic variation and the present perfect: The case of Portuguese. **Natural Language & Linguistics Theory**, v. 19, p. 403-453, 2001.
- SCHMITT, C.; MILLER, K. Using comprehension methods in language acquisition research. In: BLOM, E.; UNSWORTH, S. **Experimental methods in language acquisition research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. 27, 2010. Cap. 2, p. 35-56.
- STALNAKER, R. Indicative Conditionals. **Philosophia**, Cambridge, v. 5, p. 269-286, 1975.
- STEELE, S. Past and irrealis: just what does it all mean? **International journal of American linguistics**, Chicago, 41, 1975. 200-217. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1264541>>. Acesso em: 17 Fevereiro 2021.

- STORTO, L. R. Verb raising and word order variation in Karitiana. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística: Homenagem a Aryon Rodrigues**, Janeiro 1997. 106-132.
- STORTO, L. R. **Aspects of a Karitiana Grammar**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- STORTO, L. R. Algumas categorias funcionais em Karitiana. **Encontro internacional de grupos de trabalho sobre línguas indígenas. Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, gramática e história**, 2002. 151-164.
- STORTO, L. R. Subordination in Karitiana. **Ameríndia: Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne**, Paris, p. 183-203, 2012.
- STORTO, L. R. Temporal and Aspectual interpretation in non-finite clauses. In: \_\_\_\_\_ **Time and TAME in Language**. Newcastle: Cambridge Scholar Publishing, 2013.
- STORTO, L. R. Reduplication in Karitiana. In: GOMEZ, G. G.; VOORT, H. V. D. **Reduplication in the indigenous languages of South America**. Laiden/Boston: Brill, 2014. p. 401-426.
- STORTO, L. R.; FERREIRA, L. F. Complex structures in Karitiana. **manuscript**.
- STORTO, L. R.; THOMAS, G. **Universal Quantification in Karitiana**. Proceedings of the Sixth Conference on the Semantics of Under-represented Languages in the Americas and SULA-Bar. Amherst: GLSA/University of Massachusetts at Amherst. 2012.
- VAN LINDEN, A.; VERSTRAETE, J.-C. The nature and origins of counterfactuality. Cross-linguistic evidence. **Journal of Pragmatics** 40, 2008. 1865-1895.
- VANDER KLOK, J. Exploring modality and temporality interactions through the storyboard Bill vs. the weather. **Semantic Fieldwork Methods**, 1, 2019.
- VANDER KLOK, J.; CONNERS, T. J. Using questionnaires as a tool for comparative linguistic field research: two case studies on Javanese. **LD&C Special Publication No. 16: Methodological Tools for Linguistic Description and Typology**, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10125/24858>>.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. **The philosophical Review**, 66, 1957. 143-160.
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. D. S. Variação dos pronomes "nós" e "a gente". In: \_\_\_\_\_ **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. Tradução de Marco Antônio Martins e Jussara Abraçado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.
- VIVANCO, K. **Orações relativas em karitiana: um estudo experimental**. São Paulo: Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, 2014.

- VIVANCO, K. **Perguntas Qu-, orações subordinadas e ordem de palavras em Karitiana**. São Paulo: Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, 2018.
- VON FINTEL, K. **Restrictions on Quantifier Domains**. Cambridge: Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts, 1994.
- VON FINTEL, K. Conditionals. In: \_\_\_\_\_ **Semantics: an international Handbook of Meaning**. Tradução de von Heusinger Klaus; Claudia Maienborn e Paul Portner. Berlin; Boston: de Gruyter Mouton, 2011. p. 1515-1538.
- VON FINTEL, K.; IATRIDOU, S. Prolegomena to a theory of X-marking. **manuscript submitted to the journal Linguistic and Philosophy**, 2020.
- VON PRINCE, K. Counterfactuality and past. **Linguistic and Philosophy**, 42, 2019. 577-615.
- YONG, Q. Pathways of Counterfactual Marking: A Diachronic Typology. **International Journal of English Linguistics**, v. 8, p. 180-198, 2018.



## ANEXOS

---

Disponibilizamos nos anexos o *corpus* da língua Karitiana que elaboramos e que serviu de base para as análises feitas nesta tese. Durante a nossa pesquisa, coletamos mais de seiscentos dados e, dos dados que coletamos, 403 (quatrocentos e três) dados foram glosados e disponibilizados nos anexos. A grande maioria dos dados é de primeira mão e foram coletados em diferentes sessões de elicitación com onze consultores diferentes que eram falantes nativos da língua Karitiana. Esses consultores são identificados nos dados como CK1, CK2, CK3, CK4, CK5, CK6, CK7 e CK8, CK9, CK10 e CK11. Esses dados estão organizados em 6 anexos. Cada um desses anexos é referente a um questionário diferente que empregamos. Esperamos que esse banco de dados torne a leitura da tese mais produtiva uma vez que o leitor pode conferir os dados na íntegra. Além disso, o acesso aos dados que motivaram a análise é imprescindível para que outros pesquisadores possam conferir se dados de fato corroboram os resultados aos quais chegamos. Essa replicabilidade é essencial na ciência e contribui para tornar a pesquisa mais transparente e os resultados mais confiáveis.



## Anexo A – Dados referentes as coletas em textos sobre a língua Karitiana

OBJETIVO: Coletar orações em Karitiana que tenham uma tradução condicional e/ou tenham o morfema *jy-*

MÉTODO: Revisão da literatura

TEXTOS CONSULTADOS: 11

DADOS ENCONTRADOS: 18

TEXTO CONSULTADO: LANDIN, D. An outline of the syntactic structure of of Karitiana Sentences. In: DOOLEY, R. **Estudos sobre línguas Tupi do Brasil**. Brasília: [s.n.], 1984. p. 219-254.

DADOS COLETADOS: 2

(01) A *pyt'y tykit y takatary*  
 A *pyt'y tykit y Ø-taka-tat-i*  
 2SG comer PFV 1SG 3-DECL-correr-FUT  
 ‘Se você comer, eu vou.’

(LANDIN, 1984, p. 13)

(02) A *pyt'y ki tykit y takatary*  
 a *pyt'y ki tykit y Ø-taka-tat-i*  
 2SG comer NEG PFV 1SG 3-DECL-correr-FUT  
 ‘Se você não comer, eu vou.’

(LANDIN, 1984, p. 13)

TEXTO CONSULTADO: STORTO, L. Verb raising and word order variation in Karitiana.

**Boletim da Associação Brasileira de Linguística: homenagem a Aryon Rodrigues.** N° 20, 1997, p. 106-132

DADOS COLETADOS: 8

- (03) *Boroja taso oky tykiri nakahyryp ãwã*  
 boroja taso oky tykiri Ø-naka-hyryp-Ø ãwã  
 cobra homem matar PFV 3-DECL-chorar-NFUT criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (04) *Taso boroja oky tykiri nakahyryp ãwã*  
 taso boroja oky tykiri Ø-naka-hyryp-Ø ãwã  
 homem cobra matar PFV 3-DECL-chorar-NFUT criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (05) *\*Boroja taso ioky tykiri nakahyryp*  
 boroja taso i-oky tykiri Ø-naka-hyryp-Ø  
 cobra homem 3-matar PFV 3-DECL-chorar-NFUT  
 ãwã  
 ãwã  
 criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (06) *\*Taso boroja ioky tykiri nakahyryp ãwã*  
 taso boroja i-oky tykiri Ø-naka-hyryp-Ø ãwã  
 homem cobra 3-matar PFV 3-DECL-chorar-NFUT criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (07) *\*(i)oky*      *tasó*      *boroja tykiri nakahyryp*      *õwã*  
 (i)-oky      *tasó*      *boroja tykiri*       $\emptyset$ -naka-hyryp- $\emptyset$       *õwã*  
 3-matar      *homem*      *cobra*      PFV      3-DECL-chorar-NFUT      *criança*  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (08) *\*(i)oky*      *boroja tasó*      *tykiri nakahyryp*      *õwã*  
 (i)-oky      *boroja tasó*      *tykiri*       $\emptyset$ -naka-hyryp- $\emptyset$       *õwã*  
 3-matar      *cobra*      *homem*      PFV      3-DECL-chorar-NFUT      *criança*  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (09) *\*Boroja*      *(i)oky*      *tasó*      *tykiri nakahyryp*  
*boroja*      (i)-oky      *tasó*      *tykiri*       $\emptyset$ -naka-hyryp- $\emptyset$   
*cobra*      3-matar      *homem*      PFV      3-DECL-chorar-NFUT  
*õwã*  
*õwã*  
*criança*  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

- (10) *\*tasó*      *(i)oky*      *boroja tykiri nakahyryp*      *õwã*  
*tasó*      (i)-oky      *boroja tykiri*       $\emptyset$ -naka-hyryp- $\emptyset$       *õwã*  
*homem*      3-matar      *cobra*      PFV      3-DECL-chorar-NFUT      *criança*  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1997, p. 110)

TEXTO CONSULTADO: STORTO, L. **Aspects of a Karitiana grammar**. Ph.D. Dissertation. 1999.

DADOS COLETADOS: 1

- (11) *Aki*            *tykiri naka'at*                    *bypiitap*            *tyym*  
 a-ki            tykiri     $\emptyset$ -naka-'a-t            *bypiit-ap*            tyym  
 isso-NEG        PFV    3-DECL-fazer-NFUT    longe-LOC        então  
 'Se (a gente não fizer) isso, haverá morte então.'

(STORTO, 1999, p. 201)

TEXTO CONSULTADO: STORTO, L. Algumas categorias funcionais em Karitiana. **Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL**. 2002.

DADOS COLETADOS: 3

- (12) *Yn*    *jysoko 'it*                    *eremby*            *aotamam*  
 yn         $\emptyset$ -jy-soko'i-t            eremby            a-otam-am  
 1SG    3-CF-amarrar-NFUT    rede            2SG-chegar-LOC  
 'Eu amarraria a rede se você tivesse chegado.'

(STORTO, 2002, p. 158)

- (13) *Yn*    *jypit*                                    *yn*    'ip    *anti 'yt*  
 yn         $\emptyset$ -jy-pit- $\emptyset$                     yn    'ip    an-ti'y-t  
 1SG    3-CF-pegar-NFUT    1SG    peixe    2SG-CFO-comer-OBL  
 'Se você não comer, eu vou.'

(STORTO, 2002, p. 158)

- (14) *Ytakatat andyk ta'āt yn yti pop*  
 y-taka-tat andyk ta'ã-t yn y-ti pop  
 1SG-DECL-ir IPFV EVID.DIR-NFUT 1SG 1SG-mãe morrer  
*tykiri*  
 tykiri  
 PFV  
 'Quando minha mãe morreu, eu fui embora.'

(STORTO, 2002, p. 161)

TEXTO CONSULTADO: STORTO, L. The clausal Nature of Universally Quantified Phrases in Karitiana. In: **Proceedings of the Sixth Conference on the Semantics of Under-represented Languages in the Americas and SULA-Bar**. Bogel-Allbitten, E (ed.). Amherst: GLSA/University of Massachusetts at Amherst. 2012.

DADOS COLETADOS: 2

- (15) *ayry tyym yjxa naokyj*  
 a-yry tyym yjxa Ø-na-oky-j  
 2SG-chegar com 1PL.INCL 3-DECL-matar-FUT  
 'Quando você chegar, mataremos (a caça).'

(STORTO e THOMAS, 2012, p. 5)

- (16) *Ti'y Marcelo 'y tykiri napa'irat João*  
 Ti'y Marcelo 'y tykiri Ø-na-pa'ira-t João  
 comida Marcelo comer PFV 3-DECL-bravo-NFUT João  
 'Quando o Marcelo comeu a comida, João ficou bravo.'

(STORTO e THOMAS, 2012, p. 5)

TEXTO CONSULTADO: STORTO, L. Reduplication in Karitiana. In: **Reduplication in the indigenous languages of South America**. Goodwin Gómez & Hein van der Voort (eds.). Brill's studies in the Indigenous Languages of the Americas. 2014. 401-426.

DADOS COLETADOS: 2

(17)	<i>aotyp</i>	<i>atat</i>	<i>tyki'oot</i>	<i>ytaso'oot</i>	<i>yn</i>
	a-oty-p	a-tat	tyki-'oot	y-ta-so'oot-Ø	yn
	2SG-banho-LOC	2SG-ir	IPFV-INCEP	1SG-DECL-ver-NFUT	1SG
	<i>anty</i>				
	an-ty				
	2SG-OBL				

‘Quando você (sg.) estava indo banhar, eu te encontrei’

(STORTO, 2014, p. 414)

(18)	<i>ajtyp</i>	<i>ajhot</i>	<i>agi-'oot</i>	<i>ytaso'oot</i>	<i>yn</i>
	aj-oty-p	aj-hot	agi-'oot	y-ta-so'oot-Ø	yn
	2PL-banho-LOC	2PL-ir.PL	IPFV.PL-INCEP	1SG-DECL-ver-NFUT	1SG
	<i>ajxaty</i>				
	ajxa-ty				
	2PL-OBL				

‘Quando vocês estavam indo banhar, eu encontrei vocês’

(STORTO, 2014, p. 414)



## TEXTOS CONSULTADOS SEM DADOS CONDICIONAIS E/OU CONTRAFCTUAIS:

Abaixo estão listados os textos que foram consultados nos quais não foi encontrado nenhum dado de orações condicionais e/ou contrafactuais ou textos que tinham dados contrafactuais e/ou condicionais, mas esses dados já haviam sido citados em textos anteriores.

STORTO, L. Interactions between verb movement and agreement in Karitiana (Tupi stock). **Revista Letras 60**. 2003.

STORTO, L. Caso e Concordância nas Línguas Tupi. **Estudos Linguísticos**. Campinas. 2005.

STORTO, L. Para além da ergatividade morfológica: Marcação de concordância absoluta em algumas construções sintáticas em Karitiana. 2008.

STORTO, L. Marcação absoluta em algumas Construções Sintáticas em Karitiana. **Ameríndia (Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne) 32: La Structure des Langues Amazoniennes**. 2008.

STORTO, L. Copular Constructions in Karitiana: a case against case movement. In: **University of Massachusetts Occasional Pappers 41**. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts. 205-226. 2010.



## Anexo B – Dados referentes ao Questionário sobre Modos (QM)

OBJETIVO: coletar orações matrizes e subordinadas com diferentes modos na língua Karitiana.

MÉTODO: Tradução (Questionário)

CONSULTORES: CK1, CK2 e CK3.

LOCAL: São Paulo/SP

DATAS DA COLETA: 29 de julho de 2013

01 de agosto de 2013

DADOS COLETADOS: 20

COMANDO: ‘Traduza as seguintes sentenças para o Karitiana:’

Se o homem matasse a cobra, a cobra não morderia:

(01)	<i>Taso</i>	<i>boroja taso</i>	<i>tioky</i>	<i>yjkoroko</i>
	taso	boroja taso	ti-oky	yj-koroko
	homem	cobra homem	INV-matar	1SG-morder

‘Se o homem matasse a cobra, não me morderia.’

QM.CK2.29072013

(02)	<i>boroja</i>	<i>taso</i>	<i>okyyp</i>	<i>yjydn’y</i>	<i>padni</i>
	boroja	taso	oky-yp	yj-jyd-‘y	padni
	cobra	homem	matar-LOC	1SG-CF-morder	NEG

*boroja*

boroja

cobra

‘Se o homem matasse a cobra, não me morderia.’

QM.CK3.01082013

João disse que se o homem matasse a cobra, ela não morderia:

- (03) *Taso boroja tioky yjjo 'oko naka'at João*  
 taso boroja ti-oky yj-jo'yoko Ø-naka-'a-t João  
 homem cobra INV-matar 1SG-morder 3-DECL-dizer-NFUT João  
 “Se o homem matasse a cobra, não me morderia.” disse João’  
 QM.CK2.29072013

- (04) *Taso boroja 'okyyp yjydn'y padni 'i*  
 taso boroja 'oky-yp yj-jyd-'y padni 'i  
 homem cobra matar-LOC 1SG-CF-morder NEG 3  
 ‘Se o homem matasse a cobra, ela não me morderia.’  
 QM.CK3.01082013

Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria:

- (05) *Ti'yty Elivar taso hit tykiri i ga'y*  
 ti'y-ty Elivar taso hit tykiri i ga-'y  
 comida-OBL Elivar homem dar PFV 3 DECL-comer  
*akat*  
 aka-t  
 COP-NFUT  
 ‘Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria’  
 QM.CK3.01082013

- (06) *Ti'yty Elivar taso hit tykiri iydadn*  
 ti'y-ty Elivar taso hit tykiri i-y-dadn  
 comida-OBL Elivar homem dar PFV 3-comer-?  
 ‘Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria’  
 QM.CK1.????<sup>80</sup>

<sup>80</sup> Não trabalhamos diretamente com o consultor CK1. O nosso questionário foi aplicado por outro linguista e, por esse motivo, não sabemos a data exata na qual o dado foi coletado. Sendo assim, os dados do consultor CK1 não aparecem com identificação de data.

João disse que se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria:

- (07) *Ti'y*            *tasó*            *Elivar hitip*            *i*            *jydn'yt*  
*ti'y*            *tasó*            *Elivar hit-ip*            *i*             $\emptyset$ -jyn-'y-t  
 comida            homem            Elivar dar-LOC            3            3-CF-comer-NFUT  
*naka'a*            *João*  
 $\emptyset$ -naka-'a            João  
 3-DECL-dizer João

“Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria” disse João.’

QM.CK3.01082013

- (08) *Ti'yty*            *Eliva tasó*            *hit*            *tykiri iyi*  
*ti'y-ty*            *Elivar tasó*            *hit*            *tykiri i-y-i*  
 comida-OBL            Elivar homem            dar            PFV            3-comer-i  
*naka'at*            *João*  
 $\emptyset$ -naka'a-t            João  
 3-DECL-dizer-NFUT João

“Se o homem desse comida para o Elivar, ele comeria” disse João’

QM.CK1.????

Se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele a veria.

- (09) *'oomty*            *tasó*            *Elivar mso'ootop*            *jydns'oot*  
*'oom-ty*            *tasó*            *Elivar m-so'oot-op*             $\emptyset$ -jyn-s'oot- $\emptyset$   
 foto-OBL            homem            Elivar CAUS-ver-LOC 3-CF-ver-NFUT  
*Elivar 'oomty*  
 Elivar 'oom-ty  
 Elivar foto-OBL

‘Se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele veria’

QM.CK3.01082013

- (10) *onp'ty taso Eliva so'oty mynso'oty ja?*  
 'oom-ty taso Elivar so'ot-ty Ø-jy-m-s'oot-Ø ?  
 foto-OBL homem Elivar ver-OBL 3-ASS-CAUS-ver-NFUT ?  
 'Se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele veria?'

QM.CK1.????

João disse que se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele a veria:

- (11) *'oomty Elivar taso mso'ootop jydns'oot*  
 'oom-ty Elivar taso m-so'oot-op Ø-jyn-s'oot-Ø  
 foto-OBL Elivar homem CAUS-ver-LOC 3-CF-ver-NFUT  
*'oomty Elivar*  
 'oom-ty Elivar  
 foto-OBL Elivar

“Se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele veria” disse João’

QM.CK3.01082013

- (12) *onty Eliva taso so'oty mynso'oty*  
 'oom-ty Elivar taso so'ot-ty Ø-jy-m-s'oot-ty  
 foto-OBL Elivar homem ver-OBL 3-CF-CAUS-ver-OBL  
*ij naka'at João*  
 ? Ø-naka'a-t João  
 ? 3-DECL-dizer-NFUT João

“Se o homem mostrasse a foto para o Elivar, ele veria” disse João’

QM.CK1.????

Se o homem abrisse a porta, a mulher entraria:

- (13) *taso karamã kyndopop jymem jonso*  
*taso karamã kynop-op Ø-jy-mem jonso*  
 homem porta abrir-LOC 3-CF-entrar mulher  
 ‘Se o homem abrisse a porta, a mulher entraria.’

QM.CK3.01082013

- (14) *taso karamã topop myjmemp jonso*  
*taso karamã top-op Ø-jy-mem jonso*  
 homem porta abrir-LOC 3-CF-entrar mulher  
 ‘Se o homem abrisse a porta, a mulher entraria.’

QM.CK1.????

João disse que se o homem abrisse a porta, a mulher entraria

- (15) *Karamã taso kydwpopo jymym jonso*  
*karamã taso kynop-op Ø-jy-mem jonso*  
 porta homem abrir-LOC 3-CF-entrar mulher  
*naka'a João*  
 Ø-naka-’a João  
 3-DECL-dizer João  
 “‘Se o homem abrisse a porta, a mulher entraria” disse João.’

QM.CK3.01082013

- (16) *Taso karamã topop myenkokot jonso*  
*taso karamã top-op Ø-mem-oko-t jonso*  
 homem porta abrir-LOC 3-entrar-ITE-NFUT mulher  
*naka'a João*  
 Ø-naka-’a João  
 3-DECL-dizer João  
 “‘Se o homem abrisse a porta, a mulher entraria” disse João.’

QM.CK1.????

Se o homem comesse a banana, não sentiria fome:

- (17) *Asyryty*      *'yyp*      *gyropipydni*      *padni taso*  
*asyryty*      *'y-yp*       $\emptyset$ -jyt-opipyn-i      *padni taso*  
 banana      comer-LOC      3-CF-estar.com.fome-VE      NEG      homem  
 'Se comesse a banana, o homem não estaria com fome.'

QM.CK3.01082013

- (18) *Taso*      *asyryty*      *'yyp*      *myiopydni*      *padni*  
*taso*      *asyryty*      *'y-yp*       $\emptyset$ -my-opipyn-i      *padni*  
 homem      banana      comer-LOC      3-CF-estar.com.fome-VE      NEG  
 'Se comesse a banana, o homem não estaria com fome.'

QM.CK1.????

João disse que se o homem comesse a banana, não sentiria fome:

- (19) *Asyryty*      *'yyp*      *gyropipydni*      *padni taso*  
*asyryty*      *'y-yp*       $\emptyset$ -jyt-opipyn-i      *padni taso*  
 banana      comer-LOC      3-CF-estar.com.fome-VE      NEG      homem  
*naka'at*      *João*  
 $\emptyset$ -naka'a-t      *João*  
 3-DECL-dizer-NFUT      *João*  
 "Se comesse a banana, o homem não estaria com fome" disse João.'

QM.CK3.01082013

- (20) *Taso*      *asyryty*      *'yyp*      *myiopydni*      *padni*  
*taso*      *asyryty*      *'y-yp*       $\emptyset$ -my-opipyn-i      *padni*  
 homem      banana      comer-LOC      3-CF-estar.com.fome-VE      NEG  
*naka'at*      *João*  
 $\emptyset$ -naka'a-t      *João*  
 3-DECL-dizer-NFUT      *João*  
 "Se comesse a banana, o homem não estaria com fome" disse João.'

QM.CK1.????



### Anexo C – Dados referentes ao Questionário de sentenças buléticas (QB)

OBJETIVO:	Coletar orações buléticas em diferentes tempos na língua Karitiana.
MÉTODO:	Tradução Contextualizada por Storyboards. O questionário possuía sentenças verdadeiras e falsas de acordo com o <i>Storyboard</i> e, além da tradução, era pedido que o informante classificasse a sentença como verdadeira ou false de acordo com a história que ele tinha acabado de ouvir. Por esse motivo, há dados que contradizem a história apresentada pelo <i>Storyboard</i> . Além disso, há dados que recebemos que não consistentes com aquilo que sabemos da língua. Colocaremos esses dados nesse banco de dados por motivos de transparência, mas sinalizaremos quando o dado não parecer consistente e ele não será usado no corpo da tese.
CONSULTORES:	CK3, CK4 e CK5
LOCAL:	Porto Velho/RO
DATA DA COLETA:	05 de fevereiro de 2018 06 de fevereiro de 2018
DADOS COLETADOS:	44

#### *Storyboard 1:*<sup>81</sup>

1. Antônio tem 1 carro e 1 moto usados.
2. Ele quer vender a moto e conversa com seu amigo José.
3. José fica interessado e fala com a sua mulher Maria.
4. Ela não quer que ele compre porque acha que andar de moto é muito perigoso.
5. Ela diz que prefere que o José compre o carro.
6. José não quer comprar o carro porque acha que Antônio cobrará muito caro.
7. Maria vai falar com Antônio para ver quanto ele cobraria no carro.
8. Ele fala para ela que não quer vender o carro, apenas a moto.

---

<sup>81</sup> Para a elaboração dos *Storyboards* desse questionário, usamos imagens encontradas através de buscas no website *Google*. Como não temos os direitos autorais dessas imagens, elas não serão reproduzidas aqui. Para cada uma das sentenças abaixo, havia uma imagem representando a ação.

- (01) *Antônio navendewak goj José kyn*  
 Antônio Ø-na-vende-wak goj José kyn  
 Antônio 3-DECL-vender-DES carro José para  
 ‘Antônio quer vender o carro para José’

QB.CK4.05022018

- (02) *Antônio navendewak gojo José kyyt*  
 Antônio Ø-na-vende-wak goj-o José kyyt  
 Antônio 3-DECL-vender-DES carro-VE José para  
 ‘Antônio quer vender o carro para José’

QB.CK5.05022018

- (03) *Ivendewaka padni Antônio tahot tamoto*  
 i-vende-wak-a padni Antônio ta-hot ta-moto  
 3-vender-DES-VE NEG Antônio 3.ANAF-posse 3.ANAF-moto  
 ‘Antônio não quer vender sua moto.’

QB.CK4.05022018

- (04) *Ivendewaka padni moto Antônio José kyyt*  
 i-vende-wak-a padni moto Antônio José kyyt  
 3-vender-DES-VE NEG moto Antônio José para  
 ‘Antônio não quer vender a moto para José.’

QB.CK5.05022018

- (05) *José naakat iamywat Antônio mototy*  
 José Ø-na-aka-t i-amy-wat Antônio moto-ty  
 José 3-DECL-COP-NFUT 3-comprar-DES Antônio moto-OBL  
 ‘José quer comprar a moto de Antônio’

QB.CK4.05022018

- (06) *José naakat ijamywak Antônio mototy*  
*José Ø-na-aka-t i-amy-wak Antônio moto-ty*  
*José 3-DECL-COP-NFUT 3-comprar-DES Antônio moto-OBL*  
 ‘José quer comprar a moto de Antônio’

QB.CK5.05022018

- (07) *José naakat iamywat Antônio*  
*José Ø-na-aka-t i-amy-wat Antônio*  
*José 3-DECL-COP-NFUT 3-comprar-DES Antônio*  
*gojoty*  
*goj-o-ty*  
*carro-VE-OBL*  
 ‘José quer comprar o carro de Antônio’

QB.CK4.05022018

- (08) *Antônio gojoty namywa José*  
*Antônio goj-o-ty Ø-na-amy-wa José*  
*Antônio carro-VE-OBL 3-DECL-comprar-DES José*  
 ‘José quer comprar o carro de Antônio.’

QB.CK4.05022018

- (09) *Iamywaka padni Antônio mototy José*  
*i-amy-wak-a padni Antônio moto-ty José*  
*3-vender-DES NEG Antônio moto-OBL José*  
 ‘José não quer comprar a moto do Antônio’

QB.CK4.05022018

- (10) *Iamywaka padni Antônio carroty José*  
 i-amy-wak-a padni Antônio carro-ty José  
 3-vender-DES NEG Antônio carro-OBL José  
 ‘José não quer comprar o carro do Antônio’

QB.CK4.05022018

- (11) *Maria naakat ipyting gojoty José*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyting-Ø goj-o-ty José  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-NFUT carro-VE-OBL José  
*amynty*  
 amyn-ty  
 comprar-OBL  
 ‘Maria quer que José compre o carro.’

QB.CK4.05022018

- (12) *Maria naakat ipyting mototy José amynty*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyting-Ø moto-ty José amyn-ty  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-ADV moto-OBL José comprar-OBL  
*Antônio kyyn<sup>82</sup>*  
*Antônio kyyn*  
*Antônio do*  
 ‘Maria quer que José compre a moto do Antônio.’

QB.CK4.05022018

<sup>82</sup> Dado aparentemente inconsistente. ‘Kyyn’ é traduzido por ‘para’ e nesse dado ele aparece traduzido como um possessivo.

- (13) *Ipyting*                      *padni Maria gojoty*                      *José amyty*  
 i-pyting-∅                      padni Maria goj-o-ty                      José amy-ty  
 3-querer-NFUT                      NEG Maria carro-VE-OBL José comprar-OBL  
*Antônio*                      *kyyn*  
 Antônio                      kyyn  
 Antônio                      do

‘Maria não quer que José compre o carro do Antônio.’

QB.CK4.05022018

- (14) *Ipyting*                      *padni Maria*                      *mototy José amyty*  
 i-pyting                      padni Maria                      moto-ty José amy-ty  
 3-querer                      NEG Maria                      moto-OBL José comprar-OBL  
*Antônio*                      *kyyn*  
 Antônio                      kyyn  
 Antônio                      do

‘Maria não quer que José compre a moto do Antônio.’

QB.CK4.05022018

- (15) *Maria naakat*                      *ipytingkiit Antônio*                      *vendekiit José*  
 Maria ∅-na-aka-t                      i-pyting-kiit Antônio                      vende-kiit José  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT                      3-querer-NEG Antônio                      vender-NEG José  
*kyyn*  
 kyyn  
 para

‘Maria não quer que Antônio venda para José.’

QB.CK4.05022018

- (16) *ipyting padni tagoj vendety José kyyn*  
 i-pyting padni ta-goj vende-ty José kyyn  
 3-querer NEG 3.ANAF-carro vender-OBL José para  
 ‘Maria quer que José compre o carro.’

QB.CK4.05022018

- (17) *Ipyting padni mototy José amyty Maria Antônio*  
 i-pyting padni moto-ty José amy-ty Maria Antônio  
 3-querer NEG moto-OBL José comprar-OBL Maria Antônio  
*kyyn*  
*kyyn*  
*do*

‘Maria não quer que José compre a moto do Antônio.’

QB.CK4.05022018

- (18) *Maria naakat ipyting Antônio goj*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyting-Ø Antônio goj  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-NFUT Antônio carro  
*vendety José kyyn*  
*vende-ty José kyyn*  
*vender-OBL José para*

‘Maria quer que Antônio venda o carro para José.’

QB.CK4.06022018

- (19) *Ipyting padni Maria Antônio gojoty José amynty*  
 i-pyting padni Maria Antônio goj-o-ty José amy-ty  
 3-querer NEG Maria Antônio carro-VE-OBL José comprar-OBL  
 ‘Maria quer que José não compre o carro do Antônio.’

QB.CK4.06022018

- (20) *Ipyting padni Antônio moto José amynty Maria*  
*i-pyting padni Antônio moto José amy-ty Maria*  
 3-querer NEG Antônio moto José comprar-OBL Maria  
 ‘Maria quer que José não compre a moto do Antônio.’

QB.CK4.06022018

- (21) *Ipyting padni Maria Antônio tamoto avendety*  
*i-pyting padni Maria Antônio ta-moto a-vende-ty*  
 3-querer NEG Maria Antônio 3.ANAF-moto 2.SG-vender-OBL  
*José kyyn*  
*José kyyn*  
*José para*

‘Maria quer que Antônio não venda sua moto para José.’

QB.CK4.06022018

- (22) *Ipyting padni Maria Antônio tagoj avendety*  
*i-pyting padni Maria Antônio ta-goj a-vende-ty*  
 3-querer NEG Maria Antônio 3.ANAF-carro 2.SG-vender-OBL  
*José kyyn*  
*José kyyn*  
*José para*

‘Maria quer que Antônio não venda seu carro para José.’

QB.CK4.06022018

- (23) *Ipyting*      *padni Maria gojoty*      *José amynty*      *Antônio*  
*i-pyting*      *padni Maria goj-o-ty*      *José amy-ty*      *Antônio*  
 3-querer      NEG      *Maria carro-VE-OBL*      *José comprar-OBL*      *Antônio*  
*kyyn*<sup>83</sup>  
*kyyn*  
 do  
 ‘Maria não quer que José não compre o carro do Antônio.’

QB.CK4.06022018

- (24) *Ipyting*      *padni Maria mototy*      *José amynty*      *Antônio*  
*i-pyting*      *padni Maria moto-ty*      *José amy-ty*      *Antônio*  
 3-querer      NEG      *Maria moto-OBL*      *José comprar-OBL*      *Antônio*  
*kyyn*<sup>84</sup>  
*kyyn*  
 do  
 ‘Maria não quer que José não compre a moto do Antônio.’

QB.CK4.06022018

- (25) *Ipyhity*      *padni Maria Antônio*      *tagoj*      *avendety*  
*i-pyhity*      *padni Maria Antônio*      *ta-goj*      *a-vende-ty*  
 3-querer      NEG      *Maria Antônio*      *3.ANAF-carro*      *2.SG-vender-OBL*  
*José kyyn*<sup>85</sup>  
*José kyyn*  
*José para*  
 ‘Maria não quer que Antônio não venda seu carro do Antônio.’

QB.CK4.06022018

<sup>83</sup> Dado inconsistente. Há uma dupla negação na tradução em português que parece não estar presente na sentença em Karitiana. Além disso, ‘Kyyn’ é traduzido por ‘para’ e nesse dado ele aparece traduzido como um possessivo.

<sup>84</sup> Dado inconsistente. Há uma dupla negação na tradução em português que parece não estar presente na sentença em Karitiana. Além disso, ‘Kyyn’ é traduzido por ‘para’ e nesse dado ele aparece traduzido como um possessivo.

<sup>85</sup> Dado inconsistente. Há uma dupla negação na tradução em português que parece não estar presente na sentença em Karitiana.



- (26) Ipyhity padni Maria Antônio tamoto avendety  
 i-pyhity padni Maria Antônio ta-moto a-vende-ty  
 3-querer NEG Maria Antônio 3.ANAF-moto 2.SG-vender-OBL  
 José kyyn<sup>86</sup>  
 José kyyn  
 José para  
 ‘Maria não quer que Antônio não venda sua moto do Antônio.’

QB.CK4.06022018

- (27) José ipyting Antônio gojoty  
 José i-pyting-∅ Antônio goj-o-ty  
 José 3-querer-ADV Antônio carro-VE-OBL  
 ‘José quer o carro do Antônio’

QB.CK4.06022018

- (28) Ipyting padni José Antônio gojoty  
 i-pyting padni José Antônio goj-o-ty  
 3-querer NEG José Antônio carro-VE-OBL  
 ‘José não quer o carro do Antônio’

QB.CK4.06022018

- (29) Antônio naakat ipytingkiit tamoto  
 Antônio ∅-na-aka-t i-pyting-kiit ta-moto  
 Antônio 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-NEG 3.ANAF-moto  
 avendety José kyyn  
 a-vende-ty José kyyn  
 2.SG-vender-OBL José para  
 ‘Antônio não quer vender sua moto para José.’

QB.CK4.06022018

<sup>86</sup> Dado inconsistente. Há uma dupla negação na tradução em português que parece não estar presente na sentença em Karitiana.

- (30) *Maria naakat ipyting Antônio tagoj*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyting-Ø Antônio ta-goj  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-NFUT Antônio 3.ANAF-carro  
*avendety José kyyn*  
 a-vende-ty José kyyn  
 2SG-vender-OBL José para  
 ‘Maria quer que Antônio venda o carro para José.’

QB.CK4.06022018

- (31) *Maria naakat ipyting José kyy gooj*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyting José para gooj  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-querer José para carro  
 Antônio vendety  
 Antônio vende-ty  
 Antônio vender-OBL  
 ‘Maria quer que Antônio venda o carro para José.’

QB.CK3.06022018

- (32) *Antônio gojoty José amyty napyting*  
 Antônio gojo-ty José amy-ty Ø-na-pyting  
 Antônio carro-OBL José comprar-OBL 3-DECL-querer  
*Maria*  
 Maria  
 Maria  
 ‘Maria quer que José compre o carro do Antônio.’

QB.CK3.06022018

- (33) *Antônio mototy José amyty napyting*  
 Antônio moto-ty José amy-ty Ø-na-pyting-Ø  
 Antônio moto-OBL José comprar-OBL 3-DECL-querer  
*Maria*  
 Maria  
 Maria  
 ‘Maria quer que José compre a moto do Antônio.’  
 QB.CK3.06022018
- (34) *Ipyting padni Maria Antônio gojoty José amyty*  
 I-pyting padni Maria Antônio gojo-ty José amy-ty  
 3-querer NEG Maria Antônio carro-OBL José comprar-OBL  
 ‘Maria quer que José não compre o carro do Antônio.’  
 QB.CK3.06022018
- (35) *Ipyting padni Maria Antônio gojoty José amyty*  
 I-pyting padni Maria Antônio gojo-ty José amy-ty  
 3-querer NEG Maria Antônio gojo-OBL José comprar-OBL  
 ‘Maria não quer que José compra o carro do Antônio.’  
 QB.CK3.06022018
- (36) *Ipyting padni Maria Antônio mototy José amyty*  
 I-pyting padni Maria Antônio moto-ty José amy-ty  
 3-querer NEG Maria Antônio moto-OBL José comprar-OBL  
 ‘Maria não quer que José compre a moto do Antônio.’  
 QB.CK3.06022018

- (37) *Ipythiti*      *padni Maria José kyyt tamoto Antônio*  
 i-pythit-i      *padni Maria José kyyt ta-moto Antônio*  
 3-?-VE      NEG    *Maria José para 3ANAF-moto Antônio*  
*vende]ty*  
*vende-ty*  
*vender-OBL*

‘Maria quer que Antônio não venda a moto para José.’

QB.CK3.06022018

- (38) *Ipyhiti*      *padni Maria Antônio gojo vendety José kyyn*  
 i-pyhit-i      *padni Maria Antônio gojo vende-ty José kyyn*  
 3-?-VE      NEG    *Maria Antônio carro vender-OBL José para*

‘Maria não quer que Antônio venda o carro para José.’

QB.CK3.06022018

- (39) *Ivendewaka*      *padni Antônio gojo José kyyn*  
 i-vende-wak-a      *padni Antônio gojo José kyyn*  
 3-vender-DES-VE      NEG    *Antônio carro José para*

‘Antônio não quer vender o carro para José’

QB.CK3.06022018

- (40) *Maria naakat*      *pytingkit José tacarro Antônio*  
 Maria Ø-na-aka-t      *pyting-kit José ta-carro Antônio*  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT      *querer-NEG José 3ANAF-carro Antônio*  
*vendety*  
*vende]-ty*  
*vender]-OBL*

‘Maria quer que Antônio não venda o carro para José’

QB.CK3.06022018

- (41) *Maria naakat ipyhitkit Antônio moto vendety*  
 Maria Ø-na-aka-t i-pyhiti-kit Antônio moto vende-ty  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT 3-?-NEG Antônio moto vender-OBL  
*José kyyn*  
 José kyyn  
 José para

‘Maria não quer que o Antônio venda a moto para José.’

QB.CK3.06022018

- (42) *Maria ipy’eeep Antônio mototy José amyty*  
 Maria i-py’eeep Antônio moto-ty José amy-ty  
 Maria 3-não.querer Antônio moto-OBL José comprar-OBL

‘Maria quer que o José não compre a moto do Antônio.’

QB.CK3.06022018

- (43) *Maria naaka i-ky’owi Antônio gojoty José*  
 Maria Ø-na-aka i-ky’owi Antônio gojo-ty José  
 Maria 3-DECL-COP 3-? Antônio carro-OBL José  
*amyty*  
 amy-ty  
 comprar-OBL

‘Maria não quer que José não compre o carro do Antônio.’

QB.CK3.06022018

- (44) *Maria naakat*                      *i-ky'op*                      *Antônio*                      *moto vendety*  
 Maria  $\emptyset$ -na-aka-t                      i-ky'op                      Antônio                      moto vende-ty  
 Maria 3-DECL-COP-NFUT                      3-?                      Antônio                      moto vender-OBL  
*José kyyn*  
 José kyyn  
 José para  
 'Maria não quer que Antônio venda a moto para José.'

QB.CK3.06022018

## Anexo D – Dados referentes ao Questionário de Condicionais (QC)

OBJETIVO:	Coletar orações condicionais não contrafactuais e contrafactuais em diferentes tempos na língua Karitiana.
MÉTODO:	Tradução Contextualizada (Questionário)
CONSULTORES:	CK5 e CK6
LOCAL:	São Paulo/SP
DATA DA COLETA:	09 de novembro de 2015.
DADOS COLETADOS:	60

Contexto: Você está ensinando seu filho a pescar, mas ele faz muito barulho e espanta todos os peixes. Então você fala “Meu filho, se você quiser pescar os peixes, você tem que ficar quieto”. Como você diz isso em Karitiana?

(01)	<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri atakaj</i>	<i>pongyp</i>
	<i>y-'it,</i>	<i>a-ohit</i>	<i>tykiri a-ta-aka-j</i>	<i>pongyp</i>
	1SG-filho	2SG-pescar	PFV 2SG-DECL-COP-FUT	quieto
	'Meu filho, se você pescar, ficará quieto.'			
				QC.CK6.09112015
(02)	<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri atakaj</i>	<i>pongyp</i>
	<i>y-'it,</i>	<i>a-ohit</i>	<i>tykiri a-ta-aka-j</i>	<i>pongyp</i>
	1SG-filho	2SG-pescar	PFV 2SG-DECL-COP-FUT	quieto
	'Meu filho, se você pescar, ficará quieto.'			
				QC.CK5.09112015

Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se você planta uma semente, ela vira uma árvore”. Como você diz isso em Karitiana?

- (03) *Y'it,*            *kinda sypo*            *anamang*            *tykiri, nakatari*  
*Y-'it,*            *kinda sypo*            *a-amang*            *tykiri Ø-naka-tat-i*  
 1SG-filho        coisa semente        2SG-plantar    PFV    3-DECL-ir-FUT  
 ‘*ep*  
 ‘*ep*  
 árvore  
 ‘Meu filho, se você plantar uma semente, ela virará uma árvore.’

QC.CK6.09112015

- (04) *Y'it,*            *kinda sypo*            *anamang*            *tykiri, nakatari*  
*Y-'it,*            *kinda sypo*            *a-amang*            *tykiri Ø-naka-tat-i*  
 1SG-filho        coisa semente        2SG-plantar    PFV    3-DECL-ir-FUT  
 ‘*ep*  
 ‘*ep*  
 árvore  
 ‘Meu filho, se você plantar uma semente, ela virará uma árvore.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se chove, o rio enche”. Como você diz isso em Karitiana?

- (05) *Y'it,*            ‘*e*    *yryt*    *tykiri, nakakerewi*            *ese*  
*y-'it,*            ‘*e*    *yryt*    *tykiri Ø-naka-kerep-i*            *ese*  
 1SG-filho        chuva chegar PFV    3-DECL-subir-FUT        rio  
 ‘Meu filho, se a chuva chegar, o rio sobe.’

QC.CK6.09112015



- (06) *Y'it,*            *'e*    *yryt*    *tykiri, nakakerewi*            *ese*  
*y-'it,*            *'e*    *yryt*    *tykiri*    *Ø-naka-kerep-i*            *ese*  
 1SG-filho      chuva   chegar PFV      3-DECL-subir-FUT      rio  
 'Meu filho, se a chuva chegar, o rio sobe.'

QC.CK5.09112015

Contexto: Você está ensinando seu filho a caçar e fala “Meu filho, se você atira na cabeça do macaco, ele morre”. Como você diz isso em Karitiana?

- (07) *Y'it,*            *pikom*            *op*            *apon*            *tykiri,*  
*y-'it,*            *pikom*            *op*            *a-pon*            *tykiri*  
 1SG-filho      macaco      cabeça      2SG-flechar      PFV  
*nakapowi*  
*Ø-naka-pop-i*  
 3-DECL-morrer-FUT  
 'Meu filho, se você atirar na quando a chuva chega, o rio sobe.'

QC.CK6.09112015

- (08) *Y'it,*            *pikom*            *op*            *apon*            *tykiri,*  
*y-'it,*            *pikom*            *op*            *a-pon*            *tykiri*  
 1SG-filho      macaco      cabeça      2SG-flechar      PFV  
*nakapowi*  
*Ø-naka-pop-i*  
 3-DECL-morrer-FUT  
 'Meu filho, se você atirar na quando a chuva chega, o rio sobe.'

QC.CK5.09112015

Contexto: Você está ensinando seu filho sobre a natureza e fala “Meu filho, se você não molhar a sua plantação, ela morre”. Como você diz isso em Karitiana?

- (09) *Y'it,                kinda anapasegngãki                tykiri nakapowi*  
*y-'it,                kinda a-napasen-ki                tykiri Ø-naka-pop-i*  
 1SG-filho        coisa    2SG-aguar-NEG        PFV    3-DECL-morrer-FUT  
 ‘Meu filho, se você não regar a semente, ela morre.’

QC.CK6.09112015

- (10) *Y'it,                kinda antiamagna                anaseboki                tykiri*  
*y-'it,                kinda an-ti-amag-a                an-sebok-ki                tykiri*  
 1SG-filho        coisa    2SG-INV-plantar-NMLZ        2SG-molhar-NEG        PFV  
*nakapowi*  
*Ø-naka-pop-i*  
 3-DECL-morrer-FUT  
 ‘Meu filho, se você não molhar a coisa plantada, ela morre.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Você está ensinando seu filho sobre o que fazer quando encontrar uma onça na mata e fala “Meu filho, se você não atirar na onça primeiro, ela vai te matar”. Como você diz isso em Karitiana?

- (11) *Y'it,                ombaky                kyyn    apon'ootoki                tykiri,*  
*y-'it,                ombaky                kyyn    a-pon-'oot-o-ki                tykiri*  
 1SG-filho        onça                em    2SG-atirar- INCEP-VE-NEG        PFV  
*ombaky                ataokyji*  
*ombaky                a-ta-oky-j*  
 onça                3.SG-DECL-matar-FUT

‘Meu filho, se você não atirar na onça primeiro, ela vai te matar.’

QC.CK6.09112015

- (12) *Y'it,*            *ombaky*        *kyyn*    *apon'ootoki*            *tykiri,*  
*y-'it,*            *ombaky*        *kyyn*    *a-pon-'oot-o-ki*        *tykiri*  
 1SG-filho        onça            em        2SG-atirar-INCEP-VE-NEG    PFV  
*ombaky*        *ataokyji*                    *an*  
*ombaky*        *a-ta-oky-j*                    *an*  
 onça            2SG-DECL-matar-FUT    2SG

‘Meu filho, se você não atirar na onça primeiro, ela vai te matar.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Sua mãe cozinhou ontem e como ela colocou pouco sal na comida, a comida ficou ruim. Hoje sua mãe começou a cozinhar então você foi e disse para a sua mãe “Mãe, se você colocar pouco sal na comida, a comida vai ficar ruim”. Como você diz isso em Karitiana?

- (13) *Yti,*            *ti'y*            *ansubm*            *pymbyra*        *tykiri,*  
*y-ti*            *ti'y*            *a-na-sabm*        *pymbyra*        *tykiri*  
 1SG-mãe        comida        2SG-DECL-salgar    pouco            PFV  
*iseadni*        *padni ti'y*  
*i-se'at-i*        *padni ti'y*  
 3-ser.bom-VE NEG    comida

‘Minha mãe, se você salgar pouco a comida, a comida não fica boa.’

QC.CK6.09112015

- (14) *Yti,*            *ti'y*            *pip*    *sal*    *anama*        *pymbyra*  
*y-ti*            *ti'y*            *pip*    *sal*    *an-ama*        *pymbyra*  
 1SG-mãe        comida        em    sal    2SG-por        pouco  
*tykiri, nasarairi*  
*tykiri*     $\emptyset$ -na-sara'it-i  
 PFV    3-DECL-ruim-FUT

‘Minha mãe, se você por pouco sal na comida, a comida vai ficar ruim.’

QC.CK5.09112015



- (18) *Y'it, asojity apyting tykiri*  
*y-'it, a-sooj-i-ty a-pyting tykiri*  
 1SG-filho 2SG-esposa-VE-OBL 2SG-querer PFV  
*atapytim'adnaj an*  
*a-ta-pytim'an-a-j an*  
 2SG-DECL-trabalhar-VE-FUT 2SG  
 'Meu filho, se você quer casar, vai trabalhar.'

QC.CK5.09112015

Contexto: Sua filha mais nova começa a namorar com um rapaz. Você não gosta do homem e tem medo que ela fique grávida. Então, você diz “Minha filha, se você engravidar, você não vai mais morar comigo”. Como você diz isso em Karitiana?

- (19) *Y'it, a'edn tykiri, aakaoko padni ypityp*  
*y-'it a-'edn tykiri a-aka-oko padni y-pityp*  
 1SG-filha 2SG-engravidar PFV 2SG-COP-ITE NEG 1SG-com  
 'Minha filha, se você engravidar, não vai mais ficar comigo.'

QC.CK6.09112015

- (20) *Y'it, a'ient-a tykiri, Aakaoko padni ytyp*  
*y-'it a-'ient-a tykiri a-aka-oko padni y-tyt*  
 1SG-filha 2SG-engravidar-VE se 2SG-COP-ITE NEG 1SG-com  
 'Minha filha, se você engravidar, não vai mais ficar comigo.'

QC.CK5.09112015

Contexto: Um amigo seu chamado Antônio foi chamado para trabalhar ganhando pouco dinheiro e não sabe se aceita ou não a proposta. Então você diz para ele “Antônio, se eu fosse você, não aceitaria o trabalho”. Como você diz isso em Karitiana?

- (21) *Antônio, an yakiip, yjypyting padni*  
 Antônio an y-aki-ip y-jy-pyting-Ø padni  
 Antônio 2SG 1SG-COP-LOC 1SG-CF-querer-NFUT NEG  
*pytim’adnaty*  
 pytim’adn-a-ty  
 trabalhar-NMLZ-OBL  
 ‘Antônio, se eu fosse você, não ia querer o emprego.’

QC.CK6.09112015

- (22) *Antônio, an yakiip, yjypyting’adni padni*  
 Antônio an y-aki-ip y-jy-pytim’adn-i padni  
 Antônio 2SG 1SG-COP-LOC 1SG-CF-trabalhar-NEG NEG  
*an haka*  
 an haka  
 2SG aqui  
 ‘Antônio, se eu fosse você, não ia trabalhar aqui.’

QC.CK6.09112015

Contexto: Seu amigo Antônio está indo da reserva para Porto Velho e te pede para você levar ele. Porém, você vendeu o carro e ele não sabe disso. Então você diz “Antônio, se eu tivesse um carro, eu te levaria”. Como você diz isso em Karitiana?

- (23) *Antônio, carro tyyt yakiip, yn ajyratoot*  
 Antônio carro tyyt y-aki-ip yn a-jyt-atoot-Ø  
 Antônio carro com 1SG-COP-LOC 1SG 2SG-CF-levar-NFUT  
 ‘Antônio, se eu estivesse com carro, te levaria.’

QC.CK6.09112015

- (24) *Antônio, goyo tyyt yakiip, yn ajyratoot an*  
 Antônio goyo tyyt y-aki-ip yn a-jyt-atoot-∅ an  
 Antônio carro com 1SG-COP-LOC 1SG 2SG-CF-levar-NFUT 2SG  
 ‘Antônio, se eu estivesse com carro, te levaria.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Seu filho te pede para ir no rio brincar, mas ele não sabe nadar então você não deixa. Você diz: “Meu filho, se você soubesse nadar, eu deixaria você brincar no rio”. Como você diz isso em Karitiana?

- (25) *Yit, ataktangniip apypydnip*  
 y-it, a-taktag-ip a-pypyn-ip  
 1SG-filho 2SG-nadar-LOC 2SG-saber-LOC  
*yjypyhit se pip apomãty*  
 y-jy-py-hit-∅ se pip a-pom-ã-ty  
 1SG-CF-DEO-dar-NFUT rio em 2SG-brincar-VE-OBL  
 ‘Meu filho, se você soubesse nadar, eu daria permissão para você brincar no rio.’

QC.CK6.09112015

- (26) *Yit, atatangii apypydnip yjypyhit*  
 y-it, a-taktag-i a-pypyn-ip y-jy-py-hit-∅  
 1SG-filho 2SG-nadar-VE 2SG-saber-LOC 1SG-CF-DEO-dar-NFUT  
*yn apom se pip*  
 yn a-pom se pip  
 1SG 2SG-brincar rio em  
 ‘Meu filho, se você soubesse nadar, eu daria permissão para você brincar no rio.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Seu filho te pede um celular, mas você não tem dinheiro. Então você diz: “Meu filho, se eu tivesse dinheiro, eu te daria um celular”. Como você diz isso em Karitiana?

(27)	<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakiip</i>	<i>yn</i>
	y-it	dinheiro	tyyt	y-aki-ip	yn
	1SG-filho	dinheiro	com	1SG-COP-LOC	1SG
	<i>atajyhit</i>			<i>celulaty</i>	
	a-ta-jy-hit-∅			celula-ty	
	2SG-DECL-CF-dar- NFUT			celular-OBL	

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, te daria um celular.’

QC.CK6.09112015

(28)	<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>epesakep</i>	<i>yakiip</i>	<i>ajyhit</i>
	y-it	dinheiro	epesakep	y-aki-ip	a-jy-hit-∅
	1SG-filho	dinheiro	folha	1SG-COP-LOC	2SG-CF-dar- NFUT
	<i>celulaty</i>				
	celula-ty				
	celular-OBL				

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, te daria um celular.’

QC.CK5.09112015



Contexto: Você foi chamado para trabalhar ganhando bem, mas como era em outro estado você não vai aceitar. Antônio pergunta por que você recusou e você diz “Antônio, se eu aceitasse o trabalho, teria que mudar de Rondônia”. Como você diz isso em Karitiana?

- (29) *Antônio, pytim'adnaty ypytingim atajyta*  
 Antônio pytim'an-a-ty y-pyting-i-m a-ta-jy-ta  
 Antônio trabalhar-NMLZ-OBL 1SG-querer-VE-LOC 2SG-DECL-CF-go  
 yn *Rondônia pirip*  
 yn Rondônia pirip  
 1SG Rondônia para

‘Antônio, se eu fosse querer o trabalho, eu iria de Rondônia.’

QC.CK6.09112015

- (30) *Antônio, yn akiip yjypyhit*  
 Antônio yn aki-ip y-jy-py-hit-Ø  
 Antônio 1SG COP-LOC 1SG-CF-DEO-dar-NFUT  
*ypytinm'adna anakapygo akiip akapigo Rondônia*  
 y-pytim'adn-a anakapygo aki-ip ? Rondônia  
 1SG-trabalhar-NMLZ ? COP-LOC ? Rondônia  
 pip  
 pip  
 de

‘Antônio, se eu fosse você, eu iria de Rondônia.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Sua filha mais transou com um rapaz. Você não gosta do homem e está bravo com a sua filha. Então, você diz “Minha filha, se você tivesse engravidado, eu teria te expulsado de casa”. Como você diz isso em Karitiana?

- (31) *Y'it, a'edniip yn atajypyporyt*  
*y-'it a-'edn-ip yn a-ta-jy-pomporyt-∅*  
 1SG-filha 2SG-engravidar-LOC 1SG 2SG-DECL-CF-deixar-NFUT  
*ambirip*  
 ambi-rip  
 casa-de  
 ‘Minha filha, se você engravidar, não vai mais ficar comigo.’

QC.CK6.09112015

- (32) *Y'it, a'edniip yn jypyporyt abirip*  
*y-'it a-'edn-ip yn jy-pomporyt-∅ abi-rip*  
 1SG-filha 2SG-engravidar-LOC 1SG CF-deixar-NFUT casa-de  
 ‘Minha filha, se você engravidar, não vai mais ficar comigo.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Com o dinheiro que você conseguiu vendendo o carro, você comprou uma moto. Antônio pergunta por que você vendeu o carro e você diz “Antônio, se eu não tivesse vendido o carro, não teria comprado uma moto”. Como você diz isso em Karitiana?

- (33) *Antônio, carro yn namvendekiip*  
 Antônio carro yn na-m-vende-ki-ip  
 Antônio carro 1SG DECL-CAUS-vender-NEG-LOC  
*yjyramỹ padni yn mototy*  
*y-jyt-amỹ-∅ padni yn moto-ty*  
 1SG-CF-comprar-NFUT NEG 1SG moto-OBL  
 ‘Antônio, se eu não tivesse vendido o carro, não teria comprado a moto.’

QC.CK6.09112015

- (34) *Antônio, goi yn vende omakiip*  
 Antônio goi yn vende oma-ki-ip  
 Antônio carro 1SG vender ?-NEG-LOC

*yjycompra padni mototy*

*y-jyt-compra-∅ padni moto-ty*

1SG-CF-comprar-NFUT NEG moto-OBL

‘Antônio, se eu não tivesse vendido o carro, não teria comprado a moto.’

QC.CK6.09112015

Contexto: Sua mulher pediu para você passar na casa da mãe dela para entregar um recado e, como você não teve tempo, você não passou. Você chega em casa e sua mulher pergunta por que você não passou na casa da mãe dela e você diz “Se eu tivesse tido tempo, eu teria passado na casa da sua mãe”. Como você diz isso em Karitiana?

- (35) *Yaka horopop ytajyrakat ati*  
 y-aka horop-op y-ta-jyt-aka-t a-ti  
 1SG-COP tempo-LOC 1SG-DECL-CF-COP-NFUT 2SG-mãe

*ambip*

*ambi-p*

*casa-em*

‘Se eu tivesse com tempo, teria estado na casa da sua mãe.’

QC.CK6.09112015

- (36) *Ootyda yjykokyt an ati abip*  
 ootyda y-jy-kokyt-∅ an a-ti abi-p  
 ? 1SG-CF-passar-NFUT 2SG 2SG-mãe casa-em

‘?, teria passado na casa da sua mãe.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Você foi chamado para trabalhar ganhando bem, mas como era em outro estado você não aceitou. Antônio pergunta por que você recusou e você diz “Antônio, se eu tivesse aceitado o trabalho, eu teria me mudado de Rondônia”. Como você diz isso em Karitiana?

- (37) *Antônio, pytim'adnaty ypytingim*  
 Antônio pytim'an-a-ty y-pyting-im  
 Antônio trabalhar-NMLZ-OBL 1SG-querer-LOC  
*atajytat yn Rondônia pirip*  
 a-ta-jỹ-ta-t yn Rondônia pirip  
 2SG-DECL-CF-ir-NFUT 1SG Rondônia de

‘Antônio, se eu fosse querer o trabalho, eu iria de Rondônia.’

QC.CK6.09112015

- (38) *Antônio, yn akiip yjypy'it ypytim'adni*  
 Antônio yn aki-ip y-jỹ-py'it-∅ ypytim'an-i  
 Antônio 1SG COP-LOC 1SG-CF-deixar-NFUT trabalhar-?

*jyfapygoin Rondônia pip*

*jyfapygoin Rondônia pip*

? Rondônia to

‘Antônio, se fosse comigo, eu iria de Rondônia.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Ontem você comeu a comida da sua mãe e ela colocou pouco sal de novo e ficou ruim. Você vai reclamar e diz “Se você tivesse colocado mais sal na comida, ela teria ficado boa”. Como você diz isso em Karitiana?

- (39) *Koot ti'y pip sal anamyym, jỹse'adn*  
*koot ti'y pip sal a-na-my-ym Ø-jỹ-se'adn-Ø*  
 ontem comida em sal 2SG-DECL-CAUS-PFV 3-CF-ser.bom- NFUT  
*ti'y*  
*ti'y*  
 comida  
 ‘Se você tivesse colocado sal na comida ontem, ela teria ficado boa.’

QC.CK6.09112015

- (40) *yn akiip yjyramyym, koot sal ti'y*  
*yn aki-p y-jyt-a-my-ym koot sal ti'y*  
 1SG COP-LOC 1SG-CF-PASS-CAUS-PFV ontem sal comida  
*pip akiip jỹse'adn ti'y*  
*pip aki-ip Ø-jỹ-se'adn-Ø ti'y*  
 em COP-LOC 3-CF-ser.bom- NFUT comida

‘Se fosse comigo, eu teria colocado sal na comida ontem e ela teria ficado boa.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Você estava doente, mas foi no médico que te deu um remédio e você sarou. Como você diz “Se eu não tivesse ido no médico, eu ainda estaria doente”. Como você diz isso em Karitiana?

- (41) *Médico*      *kyynt ytatakiip*                      *ytajyrakat*  
 médico          kyynt y-tat-a-ki-ip                      y-ta-jyt-aka-t  
 médico          em      1SG-ir-VE-NEG-LOC      1SG-DECL-CF-COP-NFUT  
*andyk yn*      *kinda otit*  
 andyk yn      kinda oti-t  
 IPFV    1SG    coisa    dor-ADV

‘Se eu não tivesse ido no médico, eu ainda estaria com dor.’

QC.CK6.09112015

- (42) *Médico*      *kyynt ytatakiip yjyho’owyty*  
 médico          kyynt y-tat-a-ki-ip y-jy-ho’owt-y  
 médico no    1SG-ir-VE-NEG-LOC    1SG-?-NEG  
*padni yn*  
 padni yn  
 NEG 1SG

‘Se eu não tivesse ido no médico, eu não ?.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Com o dinheiro que você conseguiu vendendo o carro, você vai comprar uma moto amanhã. Antônio pergunta por que você vendeu o carro e você diz “Antônio, se eu não tivesse vendido o carro, eu não teria dinheiro para comprar uma moto”. Como você diz isso em Karitiana?

- (43) *Antônio*      *carro yn namvenderkiip*      *jỹbodni*  
 Antônio      carro yn      na-m-vender-ki-ip      jỹ-bodn-i  
 Antônio      carro 1SG      DECL-CAUS-vender-NEG-LOC CF-ajuntar-VE  
*padni dinheiro moto yamypat*  
 padni dinheiro      moto y-amy-pa-t  
 NEG dinheiro      moto 1SG-comprar-NMLZ-ADV  
 ‘Se eu não tivesse vendido o carro, eu não teria ajuntado dinheiro para a compra da moto.’

QC.CK6.09112015

- (44) *Antônio*      *goi yn vende omakiip*  
 Antônio      goi yn vende      oma-ki-ip  
 Antônio      carro 1SG      vender      ?-NEG-LOC  
*yjỹcompra padni mototy*  
 y-jỹ-compra      padni moto-ty  
 1SG-CF-comprar      NEG moto-OBL

‘Se eu não tivesse vendido o carro, eu não teria comprado a moto.’

QC.CK5.09112015





Contexto: Você foi chamado para trabalhar ganhando bem, mas como era em outro estado você não aceitou. Antônio pergunta por que você não quer o trabalho e você diz “Antônio, se eu tivesse aceitado o trabalho, eu teria que me mudar de Rondônia”. Como você diz isso em Karitiana?

- (47) *Antônio, pytim'adnaty ypytingimkiip*  
 Antônio pytim'an-a-ty y-pyting-i-m-ki-ip  
 Antônio trabalhar-NMLZ-OBL 1SG-querer-EV-PFV-NEG-LOC  
*ytajytatakit yn Rondônia pirip*  
 y-ta-jỹ-tat-a-ki-t yn Rondônia pirip  
 1SG-DECL-CF-ir-VE-NEG-FUT 1SG Rondônia de  
 ‘Antônio, se eu não quisesse o trabalho, eu não iria de Rondônia.’

QC.CK6.09112015

- (48) *Antônio, eygom ypytim'adni*  
 Antônio ? y-pytim'adn-i  
 Antônio ? 1SG-trabalhar-FUT  
*yjykapigo Rondônia pip*  
 y-jỹ-kapigo Rondônia pip  
 1SG-CF-? Rondônia de  
 ‘Antônio, se eu não quisesse o trabalho, eu não iria de Rondônia.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Sua mãe cozinhou hoje e como ela colocou pouco sal, a comida está ruim. Você vai reclamar e diz “Se você tivesse colocado mais sal na comida, ela estaria boa”. Como você diz isso em Karitiana?

- (49) *ti'y*            *pip*    *sal*    *anamykoop,*            *jỹse'adn*  
*ti'y*            *pip*    *sal*    *a-na-my-oko-op*             $\emptyset$ -*jỹ-se'adn*- $\emptyset$   
 comida        em    sal    2SG-DECL-CAUS-ITE-LOC    3-CF-ser.bom- NFUT  
*ti'y*  
*ti'y*  
 comida

‘Se você tivesse colocado sal de novo na comida, ela estaria boa.’

QC.CK6.09112015

- (50) *ti'y*            *pip*    *sal*    *anaamy*            *aranti jỹnse'adn*  
*ti'y*            *pip*    *sal*    *a-na-amy*            *aranti*  $\emptyset$ -*jỹ-se'adn*- $\emptyset$   
 comida        em    sal    2SG-DECL-CAUS        ?        3-CF-ser.bom- NFUT  
*ti'y*  
*ti'y*  
 comida

‘Se você tivesse colocado sal de novo na comida, ela estaria boa.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Alguns homens da tribo foram caçar, mas como você não gosta de carne de macaco você não foi. Depois sua mãe pergunta por que você não foi e você diz “Minha mãe, se eu gostasse de carne de macaco, eu teria ido caçar”. Como você diz isso em Karitiana?

- (51) *Yti, pikom pisipyty ysiki ‘yyp,*  
*y-ti, pikom pisip-y-ty y-siki‘y-yp*  
 1SG-mãe macaco carne-VE-OBL 1SG-querer.comer-LOC  
*ytaĵŷntat ypõn*  
*y-ta-jŷ-tat-∅ y-põn*  
 1SG-DECL-CF-ir- NFUT 1SG-caçar  
 ‘Minha mãe, se eu quisesse comer carne de macaco, eu teria ido caçar.’

QC.CK6.09112015

- (52) *Yti, pikom pisypyty ysiki ‘yyp,*  
*y-ti, pikom pisyp-y-ty y-siki‘y-yp*  
 1SG-mãe macaco carne-VE-OBL 1SG-querer.comer-LOC  
*ytaĵŷntat goopi ypõn*  
*y-ta-jŷ-tat-∅ goopi y-põn*  
 1SG-DECL-CF-ir- NFUT mata 1SG-caçar  
 ‘Minha mãe, se eu quisesse comer carne de macaco, eu teria ido na mata caçar.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Seu filho te pediu para ir no rio brincar, mas ele não sabe nadar então você não deixou. Depois, sua mãe pergunta porque você não deixou ele brincar e você diz “minha mãe, se o menino soubesse nadar, eu teria deixado ele brincar no rio”. Como você diz isso em Karitiana?

- (53) *Yti, tataktagngaty õwã pypydnim*  
*y-ti, ta-taktag-a-ty õwã pypyn-im*  
 1SG-mãe 3ANAF-nadar-VE-OBL criança saber-LOC  
*yjypyhit se pip õwã pomaty*  
*y-jy-py-hit-∅ se pip õwã pôm-a-ty*  
 1SG-CF-DEO-dar-NFUT rio em criança brincar-VE-OBL  
 ‘Minha mãe, se a criança soubesse nadar, eu deixava a criança brincar no Rio.’  
 QC.CK6.09112015

- (54) *Yjai, itatagn õwã tatagn*  
*yj-ai, i-tatagn õwã tatagn*  
 1SG-2SG 3-nadar criança nadar  
*yjypyhit sepip ypomaty*  
*y-jy-py-hit-∅ se-pip y-pôm-a-ty*  
 1SG-CF-DEO-dar-NFUT rio-em 1SG-brincar-VE-OBL  
 ‘Minha mãe, se a criança soubesse nadar, eu deixava a criança brincar no Rio.’  
 QC.CK5.09112015

Contexto: Você ia para Porto Velho e sua mãe pediu para você levar ela, mas ela está muito velha e fraca para ficar saindo da aldeia e você foi sozinho. Quando você volta sua mãe está brava e você fala para ela “Minha mãe, se você fosse mais nova, eu teria te levado para Porto Velho”. Como você diz isso em Karitiana?

- (55) *Yti,                   goot   pymbyrat    aakip*  
*y-ti,                   goot   pymbyra-t   a-aki-p*  
 1SG-mãe   nova   pouco-ADV   2SG-COP-LOC  
*yn   tajÿrãtoot                   Porto Velho   pip*  
*yn   ta-jyt-atoot-∅               Porto Velho   pip*  
 1SG   DECL-CF-levar-NFUT   Porto Velho   para  
 ‘Minha mãe, se você fosse um pouco mais nova, eu te levaria para Porto Velho.’

QC.CK6.09112015

- (56) *Yti,                   oi    aakip           yn   ajÿrãtoot           yn   tyyt*  
*y-ti,                   oi    a-aki-p       yn   a-jyt-atoot-∅       yn   tyyt*  
 1SG-mãe   nova   2SG-COP-LOC   1SG   2SG-CF-levar-NFUT   1SG   com  
*Porto Velho*  
*Porto Velho*  
*Porto Velho*  
 ‘Minha mãe, se você fosse nova, eu te levaria para Porto Velho.’

QC.CK5.09112015

Contexto: Sua filha mais nova transou com um rapaz. Você não gosta do homem e está bravo com a sua filha. Então, você diz “Minha filha, se você estivesse grávida, eu teria te expulsado de casa”. Como você diz isso em Karitiana?

- (57) *Y'it, a'edniip yn atajyboryt*  
*y-'it a-'edn-ip yn a-ta-jy-boryt-∅*  
 1SG-filha 2SG-engravidar-LOC 1SG 2SG-DECL-CF-sair-NFUT  
*ambirip*  
 ambi-rip  
 casa-de  
 ‘Minha filha, se você estivesse grávida, eu teria te expulsado de casa.’

QC.CK6.09112015

- (58) *Y'ti, jaa'aja ynjypynboryt abipirimat*  
*y-ti aaa'aja yn-jy-pyn-boryt-∅ ambi-pirimat*  
 1SG-mãe ? 1SG-CF-DEO-sair-NFUT casa-de  
 QC.CK6.09112015

Contexto: Ontem, seu filho te pediu um celular, mas você não tem dinheiro. Então você diz: “Meu filho, se eu tivesse dinheiro, eu teria te dado um celular ontem”. Como você diz isso em Karitiana?

- (59) *Yit, dinheiro tyyt yakiip yn*  
*y-it dinheiro tyyt y-aki-ip yn*  
 1SG-filho dinheiro com 1SG-COP-LOC 1SG  
*atajynhit celulaty koot*  
*a-ta-jyn-hit-∅ celula-ty koot*  
 2SG-DECL-CF-dar- NFUT celular-OBL ontem  
 ‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, teria te dado um celular ontem.’

QC.CK6.09112015

(60)	<i>Yit,</i>	<i>dinheiro</i>	<i>tyyt</i>	<i>yakiip</i>	<i>yn</i>
	y-it	dinheiro	tyyt	y-aki-ip	yn
	1SG-filho	dinheiro	com	1SG-COP-LOC	1SG
	<i>atajyphit</i>		<i>celulaty</i>		
	a- jyp-hit-∅		celula-ty		
	2SG-CF-dar- NFUT		celular-OBL		

‘Meu filho, se eu estivesse com dinheiro, teria te dado um celular.’

QC.CK5.09112015





## Anexo E – Dados referentes ao Questionário de verificação de Gramaticalidade de Contrafactuais (QGC)

**OBJETIVO:** Verificar a gramaticalidade de orações condicionais não contrafactuais e contrafactuais e buléticas.

**MÉTODO:** Julgamento de gramaticalidade -  
Apresentação de sentenças em Karitiana coletadas a partir dos questionários anteriores com pequenas mudanças. Essas mudanças eram a inserção de advérbios de tempo para marcar o tempo do tópico explicitamente ou a troca de morfologia de tempo do futuro pelo não-futuro e vice versa. Essas sentenças modificadas eram apresentadas perguntando se eram ou não boas.

Tradução –

Pedia-se que os consultores traduzissem as sentenças que eles considerassem boas do Karitiana para o Português.

**CONSULTORES:** CK7 e CK8

**LOCAL:** São Paulo/SP (Consultores)  
Sumerville/MA (Linguista)

**PLATAFORMA:** *Skype*

**DATA DA COLETA:** 15 de janeiro de 2020  
17 de janeiro de 2020.

**DADOS COLETADOS:** 40

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV 2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, quando você vai pescar, você fica quieto.’

(01) QGC.CK8.15012020

**Consultor:** A sentença é boa.

(02) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** A sentença é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, quando você pesca, você fica quieto.’

(03) QGC.CK8.15012020

**Consultor:** A sentença não é boa, precisa substituir *-t* por *-j*.

(04) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não sei. Acho que está boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>kabmat</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	kabmat	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	agora	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar agora, fica quieto.’

(05) QGC.CK8.15012020

**Consultor:** Dá para entender, mas não é muito usada

(06) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** A sentença não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>kabmat</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	kabmat	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	agora	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar agora, fica quieto.’

(07) QGC.CK8.15012020

**Consultor:** Esse ‘kabm’ não combina -

(08) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** A sentença não é boa -

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kabmat</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	kabmat	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	agora	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Agora, quando vai pescar meu filho, você fica quieto.’

(09) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kabmat</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	kabmat	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	agora	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar agora, ficará quieto.’

(10) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não sei, mas não parece boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>dibm</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	dibm	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	amanhã	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar, ficará quieto amanhã.’

(11) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>dibm</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	dibm	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	amanhã	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar, fica quieto amanhã.’

(12) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>dibm</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	dibm	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	amanhã	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar amanhã, ficará quieto.’

(13) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>dibm</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	dibm	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	amanhã	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, se você ir pescar amanhã, fique quieto.’

(14) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>koot</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	koot	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	ontem	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, se você pescar, ficará quieto ontem.’

(15) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa. Passado com futuro não tem como.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>koot</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	a-ohit	tykiri	koot	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	2SG-pescar	PFV	ontem	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, se ele pescou ontem, ficou quieto.’

(16) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>koot</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakaj</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	koot	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-j	pongyp
1SG-filho	ontem	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-FUT	quieto

‘Meu filho, se você pescou ontem, fica quieto.’

(17) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>koot</i>	<i>aohit</i>	<i>tykiri</i>	<i>atakat</i>	<i>pongyp</i>
y-'it,	koot	a-ohit	tykiri	a-ta-aka-t	pongyp
1SG-filho	ontem	2SG-pescar	PFV	2SG-DECL-COP-NFUT	quieto

‘Meu filho, quando ele pescou ontem, ficou quieto.’

(18) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como agramatical)

<i>Taso</i>	<i>naokyt</i>	<i>dibm</i>	<i>boroja</i>
taso	∅-na-oky-t	dibm	boroja
homem	3-DECL-matar-NFUT	amanhã	cobra

?‘O homem matou a cobra amanhã.’

(19) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como gramatical)

<i>Taso</i>	<i>naokyt</i>	<i>koot</i>	<i>boroja</i>
taso	∅-na-oky-t	koot	boroja
homem	3-DECL-matar-NFUT	ontem	cobra

‘O homem matou a cobra ontem.’

(20) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatari</i>	‘ep
y-'it,	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-i	‘ep
1SG-filho	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-FUT	árvore

‘Meu filho, se você plantar uma semente, vira uma árvore.’

(21) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatat</i>	‘ep
y-'it,	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-∅	‘ep
1SG-filho	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-NFUT	árvore

‘Meu filho, se você plantou uma semente, virou uma árvore.’

(22) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kabmat</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatari</i>
y-'it,	kabmat	kinda	sypo	a-namang	tykiri	Ø-naka-tat-i
1SG-filho	agora	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-FUT
'ep						
'ep						
árvore						

'Meu filho, agora quando você vai plantar uma semente, vai nascer uma árvore.'

(23) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>kabmat</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatat</i>
y-'it,	kabmat	kinda	sypo	a-namang	tykiri	Ø-naka-tat-Ø
1SG-filho	agora	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-NFUT
'epe	<i>hãraj</i>					
'ep-e	hãraj					
árvore- VE	bonita					

'Meu filho, se você plantar uma semente agora, virou uma árvore bonita.'

(24) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.



Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>dibm</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatari</i>
y-'it,	dibm	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-i
1SG-filho	amanhã	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-FUT
'epe hãraj						
'ep-e hãraj						
árvore- VE bonita						

'Meu filho, se você plantar uma semente amanhã, ela virará uma árvore bonita.'

(25) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>dibm</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatat</i>
y-'it,	dibm	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-∅
1SG-filho	amanhã	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-NFUT
'ep						
'ep						
árvore						

'Meu filho, se você plantar uma semente amanhã, virou uma árvore.'

(26) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Y'it,</i>	<i>koot</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatari</i>
y-'it,	koot	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-i
1SG-filho	ontem	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-FUT
'epe	<i>hãraj</i>					
'ep-e	<i>hãraj</i>					
árvore- VE	bonita					

'Meu filho, quando você plantou uma semente ontem, vai nascer árvore boa.'

(27) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não sei, parece boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Falante marcou como errada

<i>Y'it,</i>	<i>koot</i>	<i>kinda</i>	<i>sypo</i>	<i>anamang</i>	<i>tykiri</i>	<i>nakatat</i>
y-'it,	koot	kinda	sypo	a-namang	tykiri	∅-naka-tat-∅
1SG-filho	ontem	coisa	semente	2SG-plantar	PFV	3-DECL-tornar-NFUT
'epe	<i>hãraj</i>					
'ep-e	<i>hãraj</i>					
árvore-VE	bonita					

'Meu filho, se você plantou uma semente ontem, nasceu árvore boa.'

(28) QGC.CK7.17012020

**Consultor:**

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como agramatical)

<i>Jonso</i>	<i>naokyt</i>	<i>pykom</i>	<i>dibm</i>
jonso	∅-na-oky-t	pykom	dibm
mulher	3-DECL-matar-NFUT	macaco	amanhã

?‘A mulher matou o macaco amanhã.’

(29) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como gramatical)

<i>Jonso</i>	<i>naokyt</i>	<i>pykom</i>	<i>kabmat</i>
jonso	∅-na-oky-t	pykom	kabmat
mulher	3-DECL-matar-NFUT	macaco	agora

‘A mulher matou o macaco agora.’

(30) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria naakat</i>	<i>ipy'eep</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>
Maria Ø-na-aka-t	i-py'eep-Ø	Antônio	moto-ty	José
Maria 3-DECL-COP-NFUT	3-não.querer-ADV	Antônio	moto-OBL	José
<i>amyty</i>				
<i>amy-ty</i>				
<i>comprar-OBL</i>				

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(31) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria ipy'eep</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amykity</i>
Maria i-py'eep-Ø	Antônio	moto-ty	José	amy-ki-ty
Maria 3-não.querer-ADV	Antônio	moto-OBL	José	comprar-NEG-OBL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(32) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não sei, parece boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria ipy'eep</i>	<i>padni</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amyty</i>
Maria i-py'eep	padni	Antônio	moto-ty	José	amy-ty
Maria 3-não.querer	NEG	Antônio	moto-OBL	José	comprar-OBL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(33) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria ipy'eepkiit</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amykity</i>
Maria i-py'eep-kiit	Antônio	moto-ty	José	amy-ty
Maria 3-não.querer-NEG	Antônio	moto-OBL	José	comprar-OBL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(34) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria ipy'eep</i>	<i>padni Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amykity</i>
Maria i-py'eep	padni Antônio	moto-ty	José	amy-ki-ty
Maria 3-não.querer	NEG Antônio	moto-OBL	José	comprar-NEG-BL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(35) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria ipytingkiit</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amyty</i>
Maria i-pyting-kiit	Antônio	moto-ty	José	amy-ty
Maria 3-querer-NEG	Antônio	moto-OBL	José	comprar-OBL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(36) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amykity</i>	<i>napyting</i>	<i>Maria</i>
Antônio	moto-ty	José	amy-ki-ty	∅-na-pyting-∅	Maria
Antônio	moto-OBL	José	comprar-NEG-OBL	3-DECL-querer-NEG	Maria

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(37) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não sei, parece boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

<i>Maria napy'eep</i>	<i>Antônio</i>	<i>mototy</i>	<i>José</i>	<i>amyty</i>
Maria ∅-na-py'eep-∅	Antônio	moto-ty	José	amy-ty
Maria 3-DECL-não.querer-NFUT	Antônio	moto-OBL	José	comprar-OBL

‘Maria não quer que o José compre a moto do Antônio.’

(38) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** não é boa. A não ser que você fale “naakat ipy'eep”

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como gramatical)

<i>Ombaky</i>	<i>ioky</i>	<i>padni</i>	<i>õwã</i>
ombaky	i-oky	padni	õwã
onça	3-matar	NEG	criança

‘A onça não matou a criança.’

(39) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** É boa.

Olhe a sentença e diga se ela é boa em Karitiana.

Controle (o consultor deveria marcar como agramatical)

<i>Ombaky</i>	<i>naokyt</i>	<i>padni</i>	<i>õwã</i>
ombaky	∅-na-oky-t	padni	õwã
onça	3-DECL-matar-NFUT	NEG	criança

‘A onça não matou a criança.’

(40) QGC.CK7.17012020

**Consultor:** Não é boa.





**Anexo F – Dados referentes ao Questionário de estruturas buléticas (QEB)**

OBJETIVO:	Verificar as estruturas empregadas com desejos alcançáveis e inalcançáveis e verificar a contribuição semântica do frustrativo ‘oom para as estruturas buléticas.
MÉTODO:	Elicitação contextualizada – Apresentação de contextos com desejos alcançáveis e inalcançáveis e verificar se o consultor empregava estruturas diferentes. Teste de valor de verdade - Apresentação sentenças em Karitiana com o sufixo ‘oom em contextos com desejos alcançáveis e inalcançáveis e verificar se elas eram verdadeiras ou não nesses contextos. Teste de escolha – Apresentar um contexto ao consultor e pedir para ele escolher entre duas sentenças.
CONSULTOR:	CK7
LOCAL:	São Paulo/SP (Linguista) Porto Velho/RO (Consultor)
PLATAFORMA:	<i>Google Meets</i>
DATA DA COLETA:	26 de janeiro de 2021 31 de janeiro de 2021
DADOS COLETADOS:	24

- (01) **Contexto:** Elivar está procurando um cachorro para proteger a casa em Porto Velho.

*Elivar naakat ipyting obaky by'ednaty*<sup>87</sup>  
 Elivar Ø-na-aka-t i-pyting-Ø obaky by'ednaty  
 Elivar 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-ADV onça filho  
 'Elivar quer ter um cachorro.'

QEB.CK7.26.01.2022

- (02) **Linguista:** Você poderia dizer '*Elivar naakat ipyting obaky by'ednaty*' no contexto acima?

**Consultor:** Sim

**Linguista:** Qual a diferença entre '*ipyting*' e '*ipyting'oom*'.

**Consultor:** Não tem diferença

*Elivar naakat ipyting'oom obaky by'ednaty*  
 Elivar Ø-na-aka-t i-pyting-'oom obaky by'ednaty  
 Elivar 3-DECL-COP-NFUT 3-querer-DUB onça filho  
 'Elivar queria ter um cachorro.'

QEB.CK7.26.01.2022

- (03) **Contexto:** Quando morava na aldeia, Elivar queria ter um cachorro. Mas agora que mora na cidade, não quer mais.

*Akam ta'a tyki'oot napyting Elivar obaky by'ednaty*  
 akam ta'a tyki'oot Ø-na-pyting-Ø Elivar obaky by'ednaty  
 aldeia viver quando 3-DECL-querer -NFUT Elivar cachorro  
 'Elivar queria ter tido um cachorro quando morava na aldeia.'

QEB.CK7.26.01.2022

---

<sup>87</sup> Os Karitiana se referem a cachorro como 'filho da onça'.

- (04) **Contexto:** Você acha que Elivar deveria ter um cachorro para proteger a casa, mas Elivar diz que não quer ter um cachorro agora. Você acha que ele vai mudar de ideia depois que roubarem a casa dele.

*Taabi pynpytadn tykiri napytingi Elivar*

ta-abi pynpytadn tykiri Ø-na-pyting-i Elivar

3.ANAF-casa roubar depois 3-DECL-querer-FUT Elivar

*obaky by'ednaty*

obaky by'ednaty

cachorro

‘Depois que roubarem a casa dele, Elivar vai querer ter um cachorro.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (05) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Taabi pynpytadn tykiri napytingi'oom* Elivar obaky by'ednaty’ no contexto acima?

**Consultor:** Não. ‘napytingi'oom’ não combina. Tem que ser ‘*napyting'oom*’.

*\*Taabi pynpytadn tykiri napytingi'oom Elivar*

ta-abi pynpytadn tykiri Ø-na-pyting-i-'oom Elivar

3.ANAF-casa roubar depois 3-DECL-querer-FUT-DUB Elivar

*obaky by'ednaty*

obaky by'ednaty

cachorro

‘Depois que roubarem a casa dele, Elivar ia querer ter um cachorro.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (06) **Contexto:** Maria acha que se ela fosse uma onça, todos teriam medo dela.

*Obakyt taakaty napyting Maria*

obaky-t ta-aka-ty Ø-na-pyting-Ø Maria

onça-ADV 3.ANAF-COP-OBL 3-DECL-querer-ADV Maria

‘Maria queria ser uma onça.’

QEB.CK7.26.01.2022

(07) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*obakyt taakaty napyting’oom*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

<i>Obakyt</i>	<i>taakaty</i>	<i>napyting’oom</i>	<i>Maria</i>
obaky-t	ta-aka-ty	∅-na-pyting-‘oom	Maria
onça-ADV	3.ANAF-COP-OBL	3-DECL-querer-DUB	Maria

‘Maria queria ser uma onça.’

QEB.CK7.26.01.2022

(08) **Contexto:** Não choveu ano passado e, por esse motivo, a plantação não foi boa. Milena torceu para chover, mas não choveu.

<i>Go gōrong</i>	<i>kokotop</i>	<i>popip</i>	<i>napyting’oom</i>	<i>Milena</i>	<i>e</i>
Go gōrong	kokotop	popip	∅-na-pyting-‘oom	Milena	e
ano	passado	em	3-DECL-querer-DUB	Milena	chuva

*yrytyty*.  
*yryt-y-ty*.  
 chegar-VE-OBL  
 ‘Milena queria que tivesse chovido ano passado.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (09) **Contexto:** João tem uma moto. Ontem, ele precisava de dinheiro e ofereceu a moto para várias pessoas para saber se elas tinham interesse em comprar, mas ninguém quis comprar a sua moto.

*Koot napyting [João tamoto vende]ty*  
 koot Ø-na-pyting-Ø [João ta-moto vende]-ty  
 ontem 3-DECL-querer-NFUT [João 3.ANAF-moto vender]-OBL  
 ‘João queria ter vendido a sua moto ontem.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (10) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Koot napyting’oom João tamoto vendety*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

*Koot napyting’oom [João tamoto vende]ty*  
 koot Ø-na-pyting-’oom [João ta-moto vende]-ty  
 ontem 3-DECL-querer-DUB [João 3.ANAF-moto vender]-OBL  
 ‘João queria ter vendido a sua moto ontem.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (11) **Contexto:** Arnaldo sair para caçar e sempre torce para encontrar mais caça, mas sempre volta com pouca comida.

[*Kadat him ki]ty napyting Arnaldo*  
 [*Kadat him ki]-ty Ø-na-pyting-Ø Arnaldo*  
 mais caça COP-OBL 3-DECL-querer-NFUT Arnaldo  
 ‘Arnaldo queria que tivesse mais caça.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (12) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Kadat him kity napyting ‘oom Arnaldo*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

[*Kadat him ki*]ty      *napyting’oom*      *Arnaldo*

[*Kadat him ki*]-ty      Ø-na-pyting-‘oom      Arnaldo

mais      caça      COP-OBL      3-DECL-querer-DUB      Arnaldo

‘Arnaldo queria que tivesse mais caça.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (13) **Contexto:** A mãe de José morreu ano passado. Ele sente muito a falta dela e sempre pensa que se ela estivesse viva, eles poderiam ter aproveitado mais.

*Ipyting padni José [tati popoty] oti*

i-pyting padni José [ta-ti pop-o]-ty oti

3-querer NEG José 3.ANAF-mãe morrer-VE]-OBL mês

*kokotop po-pip*

passado-em

‘José não queria que sua mãe tivesse morrido mês passado.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (14) **Contexto:** O pai da Laura morreu. Ele sempre concertava quando quebrava algo dentro de casa. Agora, a geladeira dela quebrou e ela imaginou que se ele estivesse vivo, concertaria a geladeira para ela.

Taket	tasyp	akaty	napyting	Laura kabm
taket	ta-syp	aka-ty	∅-na-pyting-∅	Laura kabm
vivo	3.ANAF-pai	COP-OBL	3-DECL-querer-NFUT	Laura agora

‘Laura queria que seu pai estivesse vivo agora.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (15) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Taket tasyp akaty napyting Laura kabm*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

Taket	tasyp	akaty	napyting’oom	Laura kabm
taket	ta-syp	aka-ty	∅-na-pyting-’oom	Laura kabm
vivo	3.ANAF-pai	COP-OBL	3-DECL-querer-DUB	Laura agora

‘Laura queria que seu pai estivesse vivo agora.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (16) **Contexto:** Teve uma viagem para Brasília ontem sobre educação e todos os professores das aldeias foram. Luiz Carlos não pode ir porque Maria de Fátima ficou doente. Ele ficou triste de não poder ter viajado junto com os outros professores.

*Koot napyting'oom Luiz Carlos [ta'iriso tyyt Brasilia pip*  
*Koot Ø-na-pyting-'oom Luiz Carlos ta'iriso tyyt Brasilia pip*  
 Ontem 3-DECL-querer-DUB Luiz Carlos professores com Brasília para  
*tatata]ty*  
*tatat-a]-ty*  
*ir-VE]-OBL*

‘Luiz Carlos queria ter ido para Brasília ontem com os outros professores.’

QEB.CK7.26.01.2022

- (17) **Linguista:** Você poderia dizer ‘*Koot napyting Luiz Carlos ta'iriso tyyt Brasilia pip*’ no contexto acima?

**Consultor:** Poderia.

**Linguista:** Qual a diferença?

**Consultor:** Não tem diferença

*Koot napyting Luiz Carlos [ta'iriso tyyt Brasilia pip*  
*Koot Ø-na-pyting-Ø Luiz Carlos ta'iriso tyyt Brasilia pip*  
 Ontem 3-DECL-querer-NFUT Luiz Carlos professores com Brasília para  
*tatata]ty*  
*tatat-a]-ty*  
*ir-VE]-OBL*

‘Luiz Carlos queria ter ido para Brasília ontem com os outros professores.’

QEB.CK7.26.01.2022



- (18) **Contexto:** Luiz Carlos ganhou uma viagem para Brasília em um evento indígena. Ela ganhou as passagens e o hotel. A viagem é amanhã. Maria de Fátima gostaria de ir, mas eles não deram a viagem para ela.

Considerando o contexto acima, como você diria “*Luiz Carlos vai para Brasília amanhã.*” em Karitiana:

<i>Dibm</i>	<i>nakatari</i>	<i>Luiz Carlos</i>	<i>Brasilia</i>	<i>pip</i>
dibm	∅-naka-tat-i	Luiz Carlos	Brasilia	pip
amanhã	3-DECL-querer-FUT	Luiz Carlos	Brasilia	para

‘Luiz Carlos vai para Brasília amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (19) Considerando o contexto acima, como você diria “*Maria de Fátima não vai para Brasília amanhã.*” em Karitiana:

<i>Itata</i>	<i>padni</i>	<i>Brasilia</i>	<i>pip</i>	<i>dibm</i>	<i>Maria de Fátima.</i>
i-tat-a	padni	Brasilia	pip	dibm	Maria de Fátima
3-ir-VENEG	Brasília	para	amanhã		Maria de Fátima

‘Maria de Fátima não vai para Brasília amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (20) Considerando o contexto acima, como você diria “*Maria de Fátima queria ir para Brasília amanhã.*” em Karitiana:

<i>Dibm</i>	<i>napyting</i>	<i>'oom</i>	<i>Maria de Fátima</i>	<i>Brasília</i>	<i>pip</i>
dibm	∅-na-pyting-	'oom	Maria de Fátima	Brasília	pip
amanhã	3-DECL-querer-	DUB	Maria de Fátima	Brasília	para

*tatataty*

ta-tat-a-ty

3.ANAF-ir-VE-OBL

‘Maria de Fátima queria ir para Brasília amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (21) **Contexto 2:** Arnaldo, Antônio e José são amigos. Arnaldo e Antônio vão tomar cerveja em um bar amanhã. Eles chamaram José que gostaria de ir, mas ele está sem dinheiro nenhum. Então, José não vai.

Considerando o contexto acima, como você diria ‘*Arnaldo e Antônio vão tomar cerveja amanhã.*’ em Karitiana:

<i>Arnaldo</i>	<i>Antônio</i>	<i>naakaj</i>	<i>iahyt</i>
Arnaldo	Antônio	∅-na-aka-j	i-ahy-t
Arnaldo	Antônio	3-DECL-COP-FUT	3-beber-NFUT

*cervejaty*     *dibm*

cerveja-ty     dibm

cerveja-OBL     amanhã

‘Arnaldo e Antônio vão tomar cerveja amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (22) Considerando o contexto acima, como você diria ‘*José não vai tomar cerveja amanhã.*’ em Karitiana:

<i>I’y</i>	<i>padni</i>	<i>cerveja</i>	<i>dibm</i>	<i>José.</i>
i-’y	padni	cerveja	dibm	José
3-ingerir	NEG	cerveja	amanhã	José

‘José não vai tomar cerveja amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

- (23) Considerando o contexto acima, como você diria ‘*José queria tomar cerveja amanhã.*’ em Karitiana:

<i>[Dibm</i>	<i>cerveja</i>	<i>y]ty</i>	<i>napyting’oom</i>	<i>José</i>
[dibm	cerveja	y]-ty	∅-na-pyting-’oom	José
[amanhã	cerveja	ingerir]-OBL	3-DECL-querer-DUB	José

‘José queria tomar cerveja amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

(24) **Linguista:** Suponha que você tenha as seguintes sentenças:

3. *Dibm cerveja yty napyting 'oom José*

4. *Dibm cerveja yty napyting José*

Em qual delas você teria mais certeza que o José vai tomar cerveja amanhã?

**Consultor:** Na segunda

**Linguista:** Sérió?

**Consultor:** Na segunda, eu tenho quase certeza que ele vai tomar cerveja amanhã. Na segunda ele até quer, mas não é algo certo não. Parece que pode acontecer alguma coisa e ele não vai.

*[Dibm          cerveja          y]ty          napyting          José*

*[dibm          cerveja          y]-ty          Ø-na-pyting-Ø          José*

*[amanhã          cerveja          ingerir]-OBL 3-DECL-querer-NFUT José*

‘José quer tomar cerveja amanhã.’

QEB.CK7.31.01.2022

**Anexo G – Dados referentes ao Questionário temporal (QT)**

- OBJETIVO:** Verificar se o tempo não-futuro da língua Karitiana era ambíguo, ou seja, possui as leituras de presente e passado, ou se era não especificado.
- MÉTODO:** Tarefa de julgamento de valor de verdade –  
Apresentação de contextos com eventualidades no presente, no passado e simultaneamente no presente e no passado verificando se o consultor aceitava o uso do não futuro com eventualidades simultaneamente no presente e no passado.
- CONSULTOR:** CK3, CK5, CK9, CK10 e CK11
- LOCAL:** São Paulo/SP e Porto Velho/RO
- DATA DA COLETA:** 13 de julho de 2019  
15 de julho de 2019  
16 de julho de 2019  
17 de julho de 2019  
18 de julho de 2019
- DADOS COLETADOS:** 100

## SEÇÃO 1 (TREINAMENTO):

**Contexto 1:** Aparece uma cobra dentro de casa. Inácio vai e mata essa cobra. Você utilizaria a sentença "Inácio naokyt boroja" para descrever essa situação?

*Inácio naokyt*                      *boroja*

Inácio naokyt                      boroja

Inácio 3-DECL-matar-NFUT    cobra

‘Inácio mata/matou (a/uma) cobras’

RESPOSTA ESPERADA: Sim

(01) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(02) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *sim*

(03) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *sim*

(04) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *sim*

(05) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *sim*

**Contexto 2:** Uma criança vê Inácio matando a cobra e começa a chorar. Eu poderia utilizar a sentença "Ombaky Inácio oky tykiri, nakahyryp õwã" para descrever essa situação?

<i>Ombaky</i>	<i>Inácio oky</i>	<i>tykiri, nakahyryp</i>	<i>õwã</i>
ombaky	Inácio oky	tykiri Ø-naka-hyryp-Ø	õwã
onça	Inácio matar	PFV 3-DECL-chorar-NFUT	criança

‘Quando Inácio matou a onça, a criança chorou.’

RESPOSTA ESPERADA: Não. No contexto, Inácio mata uma cobra e na sentença diz que ele matou uma onça.

(06) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(07) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *não*

(08) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *sim*

(09) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *não*

(10) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *não*

**Contexto 3:** Elivar disse que está com vontade de comer sopa e que vai comer sopa amanhã. Eu poderia usar a sentença "Elivar naka'yt Sopa" nessa situação?

*Elivar naka'yt*                      *sopa*

Elivar Ø-naka-‘y-t                sopa

Elivar 3-DECL-ingerir-NFUT sopa

‘Elivar tomou sopa.’

RESPOSTA ESPERADA: Não. No contexto, Elivar vai tomar sopa amanhã, ou seja, no futuro e a sentença está com morfologia de não-futuro.

(11) QT.CK5.13072019

**Consultor:** **sim**

(12) QT.CK10.15072019

**Consultor:** **não**

(13) QT.CK9.16072019

**Consultor:** **não**

(14) QT.CK3.17072019

**Consultor:** **não**

(15) QT.CK11.18072019

**Consultor:** **não**



**Contexto 4:** Elivar diz para você "Koot ytaahyt cervejaty yn". A partir do que ele te disse é verdade que o Elivar tomou cerveja ontem?

Koot	ytaahyt	cervejaty	yn
koot	y-ta-ahy-t	cerveja-ty	yn
ontem	1SG-DECL-tomar-NFUT	cerveja-OBL	1SG

‘Ontem, tomei cerveja.’

RESPOSTA ESPERADA: Sim.

- (16) QT.CK5.13072019  
**Consultor:** *sim*
  
- (17) QT.CK10.15072019  
**Consultor:** *sim*
  
- (18) QT.CK9.16072019  
**Consultor:** *sim*
  
- (19) QT.CK3.17072019  
**Consultor:** *sim*
  
- (20) QT.CK11.18072019  
**Consultor:** *sim*

**Contexto 5:** Alguém passa na casa do índio para cobrar a dívida de um Karitiana e esse Karitiana responde "Dibm naakaj dinheiro yhot". É verdade que o Karitiana só vai ter dinheiro mês que vem?

<i>Dibm</i>	<i>naakaj</i>	<i>dinheiro</i>	<i>yhot</i>
dibm	∅-na-aka-j	dinheiro	yhot
amanhã	3-DECL-COP-FUT	dinheiro	y-dar

‘amanhã eu vou levar o dinheiro’

RESPOSTA ESPERADA: Não. O contexto diz mês que vem e a sentença diz amanhã.

(21) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(22) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *sim*

(23) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *não*

(24) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *não*

(25) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *não*

**Contexto 6:** Você comeu uma comida muito gostosa que te deram, mas não sabia quem cozinhou. Quando você pergunta quem cozinhou, te respondem "A Maria de Fátima cozinhou a comida". Você usaria a sentença "Pyrymhipyn ti'y Maria de Fátima" para falar isso?

Pyrymhipyn                      ti'y                      Maria de Fátima

∅-pyrymhip-yn                      ti'y                      Maria de Fátima

3-ASS-CAUS-cozido-NFUT      comida                      Maria de Fátima

‘Maria de Fátima cozinhou a comida’

Lit. ‘Maria de Fátima fez a comida ficar cozida’

RESPOSTA ESPERADA: Sim.

(26) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(27) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *sim*

(28) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *não*

(29) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *sim*

(30) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *sim*

**Contexto 7:** Luiz Carlos sai e não avisa onde vai. Ao perguntar para a Maria de Fátima onde ele foi, ela te responde "Luiz Carlos naakat iohit". O Luiz Carlos foi caçar macacos?

*Luiz Carlos*    *naakat*                      *iohit*  
 Luiz Carlos    Ø-na-aka-t                      *i-ohit-Ø*  
 Luiz Carlos    3-DECL-COP-FUT                      3-pescar-ADV  
 ‘Luiz Carlos foi pescar.’

RESPOSTA ESPERADA: Não. O contexto afirma que Maria de Fátima disse que ele foi caçar macacos e a sentença diz que ele foi pescar.

(31) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(32) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(33) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(34) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(35) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

**Contexto 8:** Uma mulher Karitiana está tendo um filho. Depois de algum tempo te falam a seguinte frase "Õwã naakat iyt". A mulher está grávida neste momento?

Õwã	naakat	iyt
õwã	∅-na-aka-t	i-yt-∅
criança	3-DECL-COP-FUT	3-nascer-ADV

‘A criança nasceu.’

RESPOSTA ESPERADA: Não.

(36) QT.CK5.13072019

**Consultor:** **sim**

(37) QT.CK10.15072019

**Consultor:** **não**

(38) QT.CK9.16072019

**Consultor:** **não**

(39) QT.CK3.17072019

**Consultor:** **não**

(40) QT.CK11.18072019

**Consultor:** **sim**

**Contexto 9:** Você está em Porto Velho na casa do Elivar. Como você precisa falar com o Cizino e está esperando ele chegar. Então alguém te liga da casa do índio e fala "Pyryrytyn Cizino". O Cizino está já chegou em Porto Velho?

*Pyryrytyn*                      *Cizino*

Ø-pyt-yryt-yn                Cizino

3-ASS-chegar-NFUT        Cizino

‘Cizino chegou.’

RESPOSTA ESPERADA: Sim.

(41) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(42) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *sim*

(43) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *sim*

(44) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *sim*

(45) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *sim*

**Contexto 10:** Você sai correndo da casa do Elivar, mas o ônibus demora passar e você demora para chegar na casa do índio. Quando você chega lá e pergunta pelo Cizino, te falam "Pyrytatyn Cizino". O Cizino está na casa do índio?

*Pyrytatyn*                      *Cizino*

Ø-pyt-tat-yn                Cizino

3-ASS-ir-NFUT Cizino

‘Cizino foi.’

RESPOSTA ESPERADA: Não.

(46) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(47) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(48) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(49) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(50) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

**Sumário do resultado da seção de treinamento:**

	CT1	CT2	CT3	CT4	CT5	CT6	CT7	CT8	CT9	CT10
<b>CK3</b>	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não
<b>CK5</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não
<b>CK9</b>	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Não
<b>CK10</b>	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não
<b>CK11</b>	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não

**Taxa de acerto na seção de treinamento:**

CK3: 100%

CK5: 60%

CK9: 80%

CK10: 90%

CK11: 90%

A seção de treinamento mostrou que alguns informantes estão familiarizados com a tarefa de julgamento de valor de verdade de uma sentença dentro de um contexto, como é o caso do consultor CK3, enquanto outros parecem ignorar os contextos, como é o caso de CK5 e apresentar um enviesamento para o sim. Desse modo, a seção de treinamento se mostrou relevante por mostrar o grau de dificuldade que os nossos consultores têm com esse tipo de tarefa e, conseqüentemente, quão confiável é o julgamento fornecido por aquele consultor.



## SEÇÃO 2:

**Contexto 11:** Você foi visitar a sua mãe ontem e come sopa na casa dela. Quando te perguntam o que você comeu na casa da sua mãe você responde "Eu comi sopa". Você pode usar a sentença "Yn naka'y-t sopa" para falar isso?

*Yn naka'y-t sopa*

yn Ø-naka-'y-t sopa

1SG 3-DECL-ingerir-NFUT sopa

✖ 'Eu tomei sopa.'

(51) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(52) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(53) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(54) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(55) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura de um evento que ocorreu em um momento específico no passado.

**Contexto 12:** Você gostava de ir para o bar e beber cerveja no passado. Hoje você parou de beber. Te perguntam o que você costuma beber quando você ia no bar. Você diz "Eu bebia cerveja". Você usaria a sentença "Yn naka'yt cerveja yn" para falar que você bebia cerveja?

<i>Yn</i>	<i>naka'yt</i>	<i>cerveja</i>	<i>yn</i>
yn	∅-naka-'y-t	cerveja	yn
1SG	3-DECL-ingerir-NFUT	cerveja	1SG

✓ 'Eu tomava cerveja.' (hábito passado)

(56) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(57) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(58) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(59) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(60) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ter uma leitura de hábito restrito ao passado. O julgamento do consultor CK5 foi desconsiderado visto que esse consultor tem um enviesamento para o sim como discutido na seção de treinamento.

**Contexto 13:** O Elivar e o Marcelo tomaram sopa ontem. Você usaria a sentença "Elivar Marcelo naka'yt Sopa" nessa situação?

*Elivar Marcelo*      *naka'yt*                      *sopa*

Elivar Marcelo      Ø-naka-'y-t                      sopa

Elivar Marcelo      3-DECL-ingerir-NFUT      sopa

✖      'Elivar e Marcelo tomaram sopa.'

(61)      QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(62)      QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(63)      QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(64)      QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(65)      QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro -t pode ter uma leitura de dois eventos que ocorreram em um momento específico no passado.

**Contexto 14:** A professora Luciana Storto chegará em Porto velho amanhã. Você usaria a sentença "Luciana Storto naakat iakat Porto Velho pip"?

<i>Luciana Storto</i>	<i>naakat</i>	<i>iakat</i>	<i>Porto Velho</i>	<i>pip</i>
Luciana Storto	Ø-na-aka-t	i-aka-t	Porto Velho	pip
Luciana Storto	3-DECL-COP-NFUT	3-COP-ADV	Porto Velho	em

‘Luciana Storto está em Porto Velho.’

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O sufixo de não-futuro não é compatível com leitura de futuro e nem com advérbios que expressam essa orientação temporal como ‘*dibm*’ (‘amanhã’).

(66) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(67) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *sim*

(68) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *não*

(69) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *não*

(70) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *não*

**Contexto 15:** O Mauro está bebendo cerveja nesse momento. Te perguntam o que onde está e o que ele está fazendo. Você usaria a sentença "Mauro naahyt cervejaty". Para falar que ele está tomando cerveja agora?

*Mauro naahyt*                      *cervejaty*

Mauro Ø-naka-ahy-t              cerveja-ty

Mauro 3-DECL-beber-NFUT      cerveja-OBL

✓ 'Mauro está bebendo cerveja'

(71) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(72) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(73) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(74) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(75) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro -t não pode ter uma leitura de um evento ocorrendo (progressivo) no presente. Consideramos o julgamento de CK10 como um lapso de atenção durante o questionário.

**Contexto 16:** Você gosta de ir para o bar. Te perguntam o que você costuma beber quando você está no bar. Você diz "Eu bebo cerveja". Você usaria a sentença "Yn naka'yt cerveja yn" para falar isso?

<i>Yn</i>	<i>naka'yt</i>	<i>cerveja</i>	<i>yn</i>
yn	∅-naka-'y-t	cerveja	yn
1SG	3-DECL-ingerir-NFUT	cerveja	1SG
✕	'Eu tomo cerveja.'		

(76) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(77) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(78) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(79) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(80) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura de hábito no presente.

**Contexto 17:** O Marcelo e o Mauro estão bebendo cerveja nesse momento. Te perguntam o que onde está Marcelo e Mauro e o que eles estão fazendo. Você usaria a sentença "Marcelo Mauro naahyt cervejaty". Para falar que eles estão tomando cerveja agora?

*Marcelo*      *Mauro naahyt*                      *cervejaty*

Marcelo      Mauro Ø-naka-ahy-t                      cerveja-ty

Marcelo      Mauro 3-DECL-beber-NFUT      cerveja-OBL

✓ ‘Marcelo e Mauro estão bebendo cerveja.’

(81) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(82) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(83) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(84) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(85) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos acima mostram que o sufixo de não-futuro -t não pode ter uma leitura de dois eventos ocorrendo (progressivo) no presente. Consideramos o julgamento de CK10 como um lapso de atenção durante o questionário.

**Contexto 18:** Vocês fizeram uma festa ontem e o Orlando veio e comeu macaxeira. Você usaria a sentença "Orlando naka'yj gok" para falar que ele comeu a macaxeira?

Orlando      *naka'yj*                      *gok*  
 Orlando      Ø-naka-'y-j                      gok  
 Orlando      3-DECL-ingerir-FUT      macaxeira  
 'Orlando comeu macaxeira.'

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O sufixo de futuro *-j* não é compatível com leitura de passado.

(86)      QT.CK5.13072019

**Consultor:** *não*

(87)      QT.CK10.15072019

**Consultor:** *não*

(88)      QT.CK9.16072019

**Consultor:** *não*

(89)      QT.CK3.17072019

**Consultor:** *não*

(90)      QT.CK11.18072019

**Consultor:** *não*



**Contexto 19:** O Arnaldo tomou cerveja pela primeira vez ontem e não gostou. Ele disse que nunca mais vai tomar cerveja. O Elivar está tomando cerveja neste momento. Você usaria a sentença "Arnaldo Elivar naahyt cervejaty" nesse cenário?

<i>Arnaldo</i>	<i>Elivar naahyt</i>	<i>cervejaty</i>
Arnaldo	Elivar Ø-naka-ahy-t	cerveja-ty
Arnaldo	Elivar 3-DECL-beber-NFUT	cerveja-OBL

✓ ‘Arnaldo tomou cerveja e Elivar está bebendo cerveja.’

(91) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(92) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(93) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(94) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(95) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos acima parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ter uma leitura de dois eventos nos quais um ocorreu no passado e outro está ocorrendo no presente. Consideramos os julgamentos de CK3 e CK10 como lapsos de atenção durante o questionário.

**Contexto 20:** A Mary comia macaxeira, mas depois que ela mudou para a cidade, ela parou de comer. A Milena ainda come macaxeira todos os dias. Você usaria a sentença "Mary Milena naka'yt gok" nessa situação?

Mary	Milena	<i>naka'yj</i>	<i>gok</i>
Mary	Milena	∅-naka-'y-j	gok
Mary	Milena	3-DECL-ingerir-FUT	macaxeira

?‘Mary comia macaxeira e Milena come macaxeira.’

(96) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(97) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(98) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(99) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(100) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos acima parecem sugerir que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ter uma leitura de dois hábitos, um que ocorreu no passado e outro que ocorre no presente. Esse julgamento é estranho visto que os consultores não aceitaram apenas a leitura de hábito passado para esse morfema. Acreditamos que os consultores não estão levando em consideração que a Mary parou de comer macaxeira.

### Sumário do resultado da seção 2:

Leituras do não-futuro -t	CK3	CK5	CK9	CK10	CK11	Conclusão
Um evento pontual no passado	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	SIM
Hábito passado	Não	Sim	Não	Não	Não	NÃO
Dois eventos pontuais no passado	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	SIM
Um evento progressivo no presente	Não	Não	Não	Sim	Não	NÃO
Hábito presente	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	SIM
Dois eventos progressivos no presente	Não	Não	Não	Sim	Não	NÃO
Um evento pontual no presente e um evento pontual no passado	Sim	Não	Não	Sim	Não	NÃO
Um hábito passado e outro hábito presente	Sim	Sim	Não	Sim	Não	NÃO
Controle 1	Não	Sim	Não	Sim	Não	-
Controle 2	Não	Não	Não	Não	Não	-

### Taxa de acerto no controle:

CK3: 100%

CK5: 50%

CK9: 100%

CK10: 50%

CK11: 100%

O sufixo de não-futuro pode expressar as leituras de um ou dois eventos pontuais no passado ou de hábito presente. Essa morfologia não expressa as leituras de um ou dois eventos progressivos no presente, de hábito passado. Ele também não expressa a leitura de dois eventos pontuais (um no presente e outro no passado) e nem de dois hábitos (um no presente e outro no passado).

## SEÇÃO 3 (ESTADOS):

**Contexto 21:** A professora Luciana Storto esteve na cidade de Porto Velho mês passado e você saiu da aldeia para trabalhar com ela. Luciana já foi embora para São Paulo e Você voltou para sua aldeia. Quando sua mãe te pergunta quem estava na cidade, você usaria a sentença "Luciana Storto naakat iakat Porto Velho pip" para falar que Luciana Storto estava na cidade?

<i>Luciana Storto</i>	<i>naakat</i>	<i>iakat</i>	<i>Porto Velho</i>	<i>pip</i>
Luciana Storto	∅-na-aka-t	i-aka-t	Porto Velho	pip
Luciana Storto	3-DECL-COP-NFUT	3-COP-ADV	Porto Velho	em

× 'Luciana Storto estava em Porto Velho.'

(101) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(102) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(103) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(104) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(105) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura com um estado que perdurou no passado. Consideramos os julgamentos de CK10 e CK11 como lapsos de atenção.

**Contexto 22:** As professoras Luciana e Ana estiveram na cidade de Porto Velho mês passado e você saiu da aldeia para trabalhar com elas. Elas já voltaram para São Paulo e Você voltou para sua aldeia. Quando sua mãe te pergunta quem estava na cidade, você usaria a sentença "Luciana Ana naakat iakat Porto Velho pip" para falar que Luciana e Ana estavam na cidade?

<i>Luciana</i>	<i>Ana</i>	<i>naakat</i>	<i>iakat</i>	<i>Porto Velho</i>	<i>pip</i>
Luciana	Ana	∅-na-aka-t	i-aka-t	Porto Velho	pip
Luciana	Ana	3-DECL-COP-NFUT	3-COP-ADV	Porto Velho	em

✱ ‘Luciana e Ana estavam em Porto Velho.’

(106) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(107) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(108) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(109) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(110) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura com dois estados que perduraram no passado. Consideramos o julgamento de CK10 como lapso de atenção.

**Contexto 23:** Você ficou sabendo que a professora Luciana Storto está em Porto velho. Então você arruma uma carona para ir até a cidade ver ela. Quando sua mãe te pergunta quem está na cidade, você usaria a sentença "Luciana Storto naakat iakat Porto Velho pip" para falar que Luciana está em Porto Velho?

*Luciana Storto*      *naakat*                      *iakat*                      *Porto Velho*    *pip*

Luciana Storto      Ø-na-aka-t                      i-aka-t                      Porto Velho    pip

Luciana Storto      3-DECL-COP-NFUT      3-COP-ADV      Porto Velho    em

✱      ‘Luciana Storto está em Porto Velho.’

(111) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(112) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(113) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(114) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(115) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura com um estado que perdura no presente. Consideramos o julgamento de CK3 como lapso de atenção.

**Contexto 24:** A Marlúcia está andando na casa do índio quando de repente ela vê um macaco que alguém trouxe da aldeia. Eu posso usar a sentença "Pikom naakat iso'oot Marluciaty?" para falar que a Marlúcia viu o Macaco.

<i>Pikom</i>	<i>naakat</i>	<i>iso'oot</i>	<i>Marluciaty</i>
Pikom	∅-na-aka-t	i-so'ot-∅	Marlucia-ty
macaco	3-DECL-COP-NFUT	3-ver-ADV	Marlucia-OBL

‘O macaco viu a Marlúcia.’

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O contexto afirma que a Marlúcia viu o macaco e na sentença é o macaco que vê a Marlúcia.

(116) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(117) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(118) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(119) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(120) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

**Contexto 25:** As professoras Luciana e Ana estão na cidade de Porto Velho agora. Então você consegue uma carona para a cidade e começa a se arrumar. Quando sua mãe te pergunta quem está na cidade, você usaria a sentença "Luciana Ana naakat iakat Porto Velho pip" para falar que Luciana e Ana estão na cidade?

*Luciana Ana naakat iakat Porto Velho pip*

Luciana Ana Ø-na-aka-t i-aka-t Porto Velho pip

Luciana Ana 3-DECL-COP-NFUT 3-COP-ADV Porto Velho em

✱ ‘Luciana e Ana estão em Porto Velho.’

(121) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(122) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(123) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(124) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(125) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ter uma leitura com dois estados que perduram no presente. Consideramos o julgamento de CK3 como lapsos de atenção.



**Contexto 26:** A professora Luciana estava na cidade mês passado, mas já foi embora. Depois que a Luciana foi embora, a Ana chegou e está na cidade agora. Nessa situação você usaria a sentença "Luciana Ana naakat iakat Porto Velho pip" ?

<i>Luciana</i>	<i>Ana</i>	<i>naakat</i>	<i>iakat</i>	<i>Porto Velho</i>	<i>pip</i>
Luciana	Ana	∅-na-aka-t	i-aka-t	Porto Velho	pip
Luciana	Ana	3-DECL-COP-NFUT	3-COP-ADV	Porto Velho	em

✖ 'Luciana estava e Ana está em Porto Velho.'

(126) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(127) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(128) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(129) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(130) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ter uma leitura com dois estados nos quais um perdura no presente e outro perdurou no passado.

**Contexto 27:** Um amigo seu diz que sempre que ele está com dinheiro, ele vai para o bar beber cerveja. Ele poderia te falar isso em Karitiana através dessa sentença "Ypyp dinheiro aka tykiri, ytahyt yn cervejaty"?

<i>Ypyp dinheiro</i>	<i>aka tykiri, ytahyt</i>	<i>yn cervejaty</i>
Y-pyp dinheiro	aka tykiri, y-ta-ahy-t	yn cerveja-ty
1-com dinheiro	COP PFV 1SG-DECL-beber-NFUT	1SG cerveja-OBL

✱ ‘Quando estou com dinheiro, bebo cerveja’

(131) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(132) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(133) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(134) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(135) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ser usado dentro de uma condicional não contrafactual para se referir a um hábito no presente.

**Contexto 28:** Seu pai vai para Porto Velho e lá conhece uma mulher nova. Quando você pergunta o que ele achou da mulher, ele diz "a mulher é bonita". Ele pode usar a sentença "Pyryse'adnan taso" para te falar que a mulher era bonita?

*Pyryse'adnan taso*

Ø-pyty-se'adn-an taso

3-ASS-bonito-NFUT homem

‘O homem é bonito.’

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O contexto afirma que o pai viu uma mulher, mas a sentença fala de um homem.

(136) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(137) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(138) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(139) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(140) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

**Contexto 29:** Seu amigo não bebe mais. Mas ele diz que antigamente, sempre que ele estava com dinheiro, ele ia para o bar beber cerveja. Ele poderia te falar isso em Karitiana através dessa sentença "Ypyp dinheiro aka tykiri, ytahyt yn cervejaty"?

<i>Ypyp dinheiro</i>	<i>aka</i>	<i>tykiri, ytahyt</i>	<i>yn</i>	<i>cervejaty</i>
Y-pyp dinheiro	aka	tykiri, y-ta-ahy-t	yn	cerveja-ty
1-com dinheiro	COP	PFV 1SG-DECL-beber-NFUT	1SG	cerveja-OBL

✓ ‘Quando estava com dinheiro, bebia cerveja’

(141) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(142) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(143) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(144) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(145) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado dentro de uma condicional não contrafactual para se referir a um hábito no passado.

**Contexto 30:** Seu amigo queria beber cerveja, mas ele não tem nenhum dinheiro. Ele vai vender artesanato nos próximos dias e disse "quando eu tiver dinheiro, eu bebo cerveja". Ele poderia te falar isso em Karitiana através dessa sentença "Ypyp dinheiro aka tykiri, ytahyt yn cervejaty"?

<i>Ypyp dinheiro</i>	<i>aka</i>	<i>tykiri, ytahyt</i>	<i>yn</i>	<i>cervejaty</i>
Y-pyp dinheiro	aka	tykiri, y-ta-ahy-t	yn	cerveja-ty
1-com dinheiro	COP	PFV 1SG-DECL-beber-NFUT	1SG	cerveja-OBL

✓ ‘Quando eu tiver dinheiro, bebo cerveja’

(146) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(147) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(148) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(149) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(150) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado dentro de uma condicional não contrafactual para se referir a um evento no futuro. No entanto, acreditamos que esse contexto não permita uma análise definitiva. A fim de garantir que a orientação é mesmo de futuro, deveríamos ter usado um advérbio como ‘*dibm*’ (amanhã). Sendo assim, não vamos considerar os dados desse contexto em nossa análise.

**Sumário do resultado da seção 3:**

Leituras do não-futuro <i>-t</i>	CK3	CK5	CK9	CK10	CK11	Conclusão
Um estado no passado	Sim	Sim	Sim	Não	Não	SIM
Dois estados no passado	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	SIM
Um estado no presente	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	SIM
Dois estados no presente	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	NÃO
Um estado no presente e outro no passado	Não	Não	Não	Não	Não	NÃO
Hábito presente em condicional não-CF	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	NÃO
Hábito passado em condicional não-CF	Não	Sim	Não	Sim	Não	NÃO
Futuro em condicional não-CF	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	-
Controle 1	Não	Não	Não	Não	Não	-
Controle 2	Não	Não	Não	Não	Não	-

**Taxa de acerto no controle:**

CK3: 100%

CK5: 100%

CK9: 100%

CK10: 100%

CK11: 100%

O sufixo de não-futuro *-t* pode expressar as leituras de um ou dois estados perdurando no passado ou no presente. No entanto, ele não pode expressar que um estado perdurou no passado enquanto o outro perdurou no presente. Dentro de condicionais não contrafactuais, o não-futuro pode expressar um hábito no presente, mas não um hábito no passado.

## SEÇÃO 4 (ACHIEVEMENTS):

**Contexto 31:** João acabou de chegar na associação. Você pode usar a sentença "João naakat iotam" para falar isso?

<i>João</i>	<i>naakat</i>	<i>iotam</i>
João	∅-na-aka-t	i-otam-∅
João	3-DECL-COP-NFUT	3-chegar-ADV
✕	'João chegou.'	

(151) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(152) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(153) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(154) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(155) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* pode ser usado com um *achievement* para se referir a um evento pontual no passado.

**Contexto 32:** Cizino saia para caçar atirava em macacos quando era jovem, mas agora ele sai para caçar, mas não atira mais por causa da idade. Se alguém te pergunta o que Cizino fazia quando era jovem, você usaria a sentença "Cizino naakat ipont pikom kyyt" para falar que Cizino atirava em macacos?

<i>Cizino naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
Cizino Ø-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
João	3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV macaco	em
✘	‘Cizino flechava macacos.’		

(156) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(157) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(158) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(159) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(160) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a um hábito passado.



**Contexto 33:** Inácio e Arnaldo saíram para caçar e atiraram em macaco ontem. Você usaria a sentença "Inácio Arnaldo naakat ipont pikom kyyt" nessa situação?

<i>Inácio</i>	<i>Arnaldo</i>	<i>naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
Inácio	Arnaldo	Ø-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
Inácio	Arnaldo	3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV macaco		em

✓ ‘Inácio e Arnaldo flecharam um macaco.’

(161) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(162) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(163) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(164) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(165) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos mostram que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a dois eventos pontuais no passado.

**Contexto 34:** Mauro tomou muita chicha na festa ontem e acabou vomitando. Você usaria a sentença "Mauro naakat iengyt kytopo" para descrever essa situação?

<i>Mauro naakat</i>	<i>iengyt</i>	<i>kytopo</i>
Mauro Ø-na-aka-t	i-engy-t	kytopo
Mauro 3-DECL-COP-NFUT	3-vomitar-ADV	chicha
✖	‘Mauro vomitou a chicha.’	

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O dado não é gramatical, pois ‘engy’ (vomitar) é um verbo intransitivo nessa língua e, por esse motivo, ‘kytopo’ (chicha) deveria estar marcado pelo caso oblíquo.

(166) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(167) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(168) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(169) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(170) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

**Contexto 35:** Inácio foi caçar macaco. De longe você ouve os tiros. Se eu te perguntar o que o Inácio está fazendo agora, você usaria a sentença "Inácio naakat ipont pikom kyyt para falar que Inácio está atirando no macaco neste momento?"

<i>Inácio</i>	<i>naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
Inácio	∅-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
Inácio	3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV macaco		em

? 'Inácio está fechando o macaco.'

(171) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(172) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(173) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(174) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(175) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a um evento ocorrendo no momento da fala (progressivo). No entanto, isso parece contradizer o que descobrimos na seção 2. Acreditamos que os consultores aceitaram neste contexto por pegarem uma leitura de presente de narrador de futebol, aquele que os eventos são narrados usando um presente logo depois do evento ter ocorrido.

**Contexto 36:** Um antropólogo visita a aldeia e, sabendo que Nelson é um bom caçador, pergunta em que Nelson costuma atirar nas caçadas. Você usaria a sentença ""Nelson naakat ipont pikom kyyt" para falar que Nelson atira em macacos?

<i>Nelson</i>	<i>naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
<i>Nelson</i>	∅-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
<i>Nelson</i>	3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV	macaco	em

✓ ‘Nelson atira em macacos.’

(176) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(177) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(178) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(179) QT.CK3.17072019

**Consultor:** sim

(180) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a um hábito no presente.

**Contexto 37:** Inácio e Arnaldo foram caçar macaco. Da aldeia eu começo a ouvir os tiros e pergunto o que Inácio e Arnaldo estão fazendo, você usaria a sentença "Inácio Arnaldo naakat ipont pikom kyyt" para me falar que Inácio e Arnaldo estão atirando em macaco agora?

<i>Inácio</i>	<i>Arnaldo</i>	<i>naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
Inácio	Arnaldo	∅-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
Inácio	Arnaldo	3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV	macaco	em

✕ ‘Inácio e Arnaldo estão flechando um macaco.’

(181) QT.CK5.13072019

**Consultor:** sim

(182) QT.CK10.15072019

**Consultor:** sim

(183) QT.CK9.16072019

**Consultor:** sim

(184) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(185) QT.CK11.18072019

**Consultor:** sim

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* pode ser usado com um *achievement* para se referir a um evento ocorrendo simultaneamente ao momento da enunciação (progressivo). No entanto, isso vai contra os que descobrimos na seção 2. Desse modo, consideraremos que os julgamentos de C5, C9, C10 e C11 é devido ao cansaço. C3 parecia ser o nosso consultor mais criterioso.

**Contexto 38:** Vocês fizeram uma festa ontem e o Orlando veio e comeu macaxeira. Você usaria a sentença "Elivar naka'yt gok" para falar que Orlando comeu a macaxeira?

*Elivar naka'yj*                      *gok*  
 Elivar Ø-naka-'y-j                gok  
 Elivar 3-DECL-ingerir-FUT    macaxeira  
 'Elivar comeu macaxeira.'

CONTROLE –

RESPOSTA ESPERADA: Não. O contexto afirma que Orlando comeu macaxeira e a sentença afirma que Elivar comeu macaxeira.

(186) QT.CK5.13072019

**Consultor:** *sim*

(187) QT.CK10.15072019

**Consultor:** *não*

(188) QT.CK9.16072019

**Consultor:** *não*

(189) QT.CK3.17072019

**Consultor:** *não*

(190) QT.CK11.18072019

**Consultor:** *não*

**Contexto 39:** Inácio atirava em macacos quando era mais novo, mas desde que virou professor, ele não atira mais em macacos. Arnaldo continua saindo para caçar macaco. Inclusive, Arnaldo está nesse momento caçando e atirando em um macaco para trazer para a aldeia. Você usaria a sentença "Inácio Arnaldo naokyt pikom" para nessa situação?

<i>Inácio</i>	<i>Arnaldo</i>	<i>naokyt</i>	<i>pikom</i>
Inácio	Arnaldo	∅-na-oky-t	pikom
Inácio	Arnaldo	3-DECL-matar-NFUT	macaco

✘ ‘Inácio matava macacos e Arnaldo está matando um macaco.’

(191) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(192) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(193) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(194) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(195) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a um evento ocorrendo no passado e outro evento ocorrendo simultaneamente ao momento da enunciação. No entanto, esse dado é questionável pois usamos o verbo ‘atirar’ no contexto e, na sentença apresentada, usamos o verbo ‘*oky*’ (matar) e essa poderia ser a razão da rejeição da sentença no contexto. No entanto, como os consultores não aceitaram eventualidades ocorrendo no presente e no passado, nem com atividades, como na seção 2, e nem com estados, como na seção 3, acreditamos que os julgamentos estão corretos neste caso.

**Contexto 40:** Elivar saiu para caçar e atirou em um macaco ontem. Ele matou um, mas não gostou de caçar e disse que nunca mais ia caçar macacos, que prefere fazer artesanato. O Mauro gosta de caçar macacos e está atirando em macaco neste momento. Você usaria a sentença "Elivar Mauro naakat ipont pikom kyyt" nessa situação?

<i>Elivar</i>	<i>Mauro naakat</i>	<i>ipont</i>	<i>pikom</i>	<i>kyyt</i>
Elivar	Mauro Ø-na-aka-t	i-pon-t	pikom	kyyt
Elivar	Mauro 3-DECL-COP-NFUT	3-flechar-ADV macaco		em

✘ ‘Elivar atirou no macaco e Mauro está atirando em macacos.’

(196) QT.CK5.13072019

**Consultor:** não

(197) QT.CK10.15072019

**Consultor:** não

(198) QT.CK9.16072019

**Consultor:** não

(199) QT.CK3.17072019

**Consultor:** não

(200) QT.CK11.18072019

**Consultor:** não

Os julgamentos parecem mostrar que o sufixo de não-futuro *-t* não pode ser usado com um *achievement* para se referir a um evento ocorrendo no passado e outro evento ocorrendo simultaneamente ao momento da enunciação.